



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

OBERDAN DA SILVA MEDEIROS

**A DIÁSPORA NEGRA NAS IMEDIAÇÕES DA TRASCAMETÁ, BAIXO
TOCANTINS: perspectivas de reinvenção de memória, educação e identidade cultural
afrodescendente**

BELÉM-PARÁ

2023

OBERDAN DA SILVA MEDEIROS

**A DIÁSPORA NEGRA NAS IMEDIAÇÕES DA TRASCAMETÁ, BAIXO
TOCANTINS: perspectivas de reinvenção de memória, educação e identidade cultural
afrodescendente**

Texto de defesa de Tese de Doutorado apresentado à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação do Instituto de Ciências da Educação, da Universidade Federal do Pará, como requisito para a obtenção do título Doutor em Educação, desenvolvido sob orientação do Prof. Dr. Carlos Paixão.

BELÉM-PARÁ

2023

FICHA DE CATALOGAÇÃO

OBERDAN DA SILVA MEDEIROS

**A DIÁSPORA NEGRA NAS IMEDIAÇÕES DA TRASCAMETÁ, BAIXO
TOCANTINS: perspectivas de reinvenção de memória, educação e identidade cultural
afrodescendente**

Banca Examinadora

Prof. Dr. Carlos Jorge Paixão
Universidade Federal do Pará
(Orientador)

Prof. Dr. João Colares da Mota Neto
Universidade do Estado do Pará
(Examinador Externo)

Prof. Dra. Lucélia de Moraes Braga Bassalo
Universidade do Estado do Pará
(Examinador Externo)

Profa. Dra. Lúcia Isabel da Conceição Silva
Universidade Federal do Pará
(Examinadora Interna)

Prof. Dr. Waldir Ferreira de Abreu
Universidade Federal do Pará
(Examinador Interno)

BELÉM-PARÁ

2023

Dedico este trabalho aos líderes das Associações Quilombolas da Transcarnata.

AGRADECIMENTOS

Foram muitos os esforços para a realização deste trabalho, assim como a contribuição de muitas pessoas, as quais reconheço e agradeço.

Em primeiro lugar nossa Ancestralidade Africana e a nossa reconhecida Afrodescendência que habita o Brasil e em especial a Amazônia.

Agradeço de modo especial a Diretoria da ARQUIB e toda a população quilombola do Baixo Tocantins estado do Pará, que se disponibilizaram a participar desta pesquisa, concedendo acolhida, companheirismo, amizade e entrevistas, me receberam em suas casas, em sua associação e em incontáveis contatos telefônicos.

Ao orientador, Prof. Dr. Carlos Paixão, que ao longo desse período de curso me conduziu no desenvolvimento desta Tese com parceria e respeito.

Às professoras e a todos os professores do PPGED/UFPA, pelo aprendizado e pela oportunidade de ter tido acesso aos ensinamentos a nós proporcionados. Minha admiração, gratidão e respeito.

À banca de qualificação e defesa pelas contribuições a este texto e, principalmente, pelas valorosas contribuições dadas à Tese na qualificação.

A minha mãe, Maria Esperança da Silva Medeiros, exemplo de pessoa amorosa, dedicação, personalidade e honestidade.

Ao meu pai, Antonio Campelo Medeiros (Acapu) por todo carinho e amor que sempre teve comigo, por nos ensinar o caminho do trabalho e a honra da batalha diária pela sobrevivência no mundo.

Aos meus filhos, Otávio e Suraya, que são sempre minha motivação para ir em frente.

Às minhas irmãs Dailma, Deise e Deuciani, assim como ao meu irmão Odirley pela vida em parceria sempre.

À minha companheira, Iglese Miranda, pela parceria, apoio, amizade e amor, que na finalização deste projeto fizeram muita diferença.

À coordenação do PPGED/UFPA, atualmente representada pelos professores Waldir Ferreira de Abreu e Lúcia Isabel da Conceição Silva.

Aos funcionários e aos bolsistas da secretaria do PPGED/UFPA, que são valiosos para que o programa funcione.

Meu muito obrigado a todos e todas!

A diáspora é a manifestação do triunfo dos africanos contra a força. A força da diáspora é a de um poder sem armas, (...). É o poder do povo africano refletido na nossa capacidade de resistir.

(Sidney Bartley)

RESUMO

Este estudo objetivou analisar, dar visibilidade e problematizar a educação das relações étnico-raciais no Brasil a partir da Região Amazônica, mais especificamente das Comunidades Quilombolas das Imediações da Transcarnetá, dialogando com lideranças quilombolas e suas experiências. Sob a ótica analítica do processo diaspórico africano, as falas, saberes e práticas compartilhados no decorrer das entrevistas e o enlace que esses elementos possuem com a própria trajetória de vida deste pesquisador, a tese reverberou conceitos, categorias e definições afeitas à decolonialidade e à afrodescendência para compreender em quais dimensões pode se compreender a Diáspora Negra vicejada naquela localidade. Parte do seguinte problema de investigação: de que modo as lideranças quilombolas, suas experiências, atitudes e práticas atuais devem ser consideradas como cruciais no fazer-se quilombola hoje e são resultantes da reinvenção da memória e da identidade cultural afrodescendente na diáspora? Caracteriza-se como estudo qualitativo que composto por teorias e elementos empíricos resultado de uma pesquisa de campo, que parte do diálogo entre a Perspectiva da Afrodescendência com aporte na Decolonialidade. Nossas fontes são referências bibliográficas que nos abastecem o suficiente para irmos ao encontro das narrativas dos nossos sujeitos da pesquisa. Para tanto, lançou-se esforços no sentido de compreender o Estado do Conhecimento em que o campo analítico decolonial se materializou em cada fonte de pesquisa utilizada. A nosso ver a perspectiva decolonial nos tem sido muito próspera em sentido biográfico e epistemológico, assim como nos sentimos contemplados sob o aspecto metodológico com a proposta de Grupo Focal de Líderes Quilombolas interpretados a partir da Perspectiva da Afrodescendência. Nossos resultados convergem com nossa trajetória e que são guiados pelas seguintes questões norteadoras: 1) Tendo as lideranças quilombolas relações e experiências com outros sujeitos quilombolas num universo empírico, como as concepções (conceitos e pressupostos) decoloniais nos auxiliam na compreensão das relações étnico-raciais advindas do movimento de diáspora? 2) Como as histórias de vida dos afrodescendentes líderes quilombolas da região tocantina constituem sua formação identitária enquanto comunidade local, e até que ponto toma como norte a memória das práticas da comunidade? 3) Como se deu o processo de constituição das Comunidades Quilombolas das imediações da Transcarnetá, margem esquerda do rio Tocantins, no que tange aos seus líderes e seus elementos culturais, étnico-raciais e políticos e como isso está para a relação com a educação não formal (Pedagogia Própria)? Sustentamos a Tese de que, no *lócus* onde estamos inseridos, ocorre aquilo que a Literatura Decolonial tem afirmado, o processo de colonização fadou nossos povos tradicionais às distorções negativas do que funda o capitalismo em sua natureza exploratória, refletido pelo profundo silenciamento e sub-representatividade do povo negro, cuja possibilidade de ruptura se renova e se reinventa na atuação organizada das Comunidades Quilombolas das Imediações da Transcarnetá e que estas populações têm reexistido a este processo.

Palavras-chave: Educação. Decolonialidade. Relações Raciais. Quilombo. Amazônia.

ABSTRACT

This study aimed to analyze, give visibility and problematize the education of ethnic-racial relations in Brazil from the Amazon region, more specifically the Quilombola Communities in the vicinity of Transcarnetá, dialoguing with quilombola leaders and their experiences. From the analytical perspective of the African diasporic process, the speeches, knowledge and practices shared during the interviews and the link that these elements have with the researcher's own life trajectory, the thesis reverberated concepts, categories and definitions related to decoloniality and afro-descendancy to understand in which dimensions the Black Diaspora thrives in that locality. It starts from the following research problem: how quilombola leaders, their experiences, attitudes and current practices be considered crucial in becoming a quilombola today and are the result of the reinvention of memory and Afro-descendant cultural identity in the diaspora? It is characterized as a qualitative study composed of theories and empirical elements resulting from field research, which starts from the dialogue between the Perspective of Afro-descendence with a contribution to Decoloniality. Our sources are bibliographic references that provide us with enough to meet the narratives of our research subjects. For this purpose, efforts were made to understand the State of Knowledge in which the decolonial analytical field materialized in each source of research used. In our view, the decolonial perspective has been very successful for us in a biographical and epistemological sense, as well as we feel contemplated from a methodological perspective with the proposal of a Focus Group of Quilombola Leaders interpreted from the Perspective of Afrodescendence. Our results converge with our trajectory and are guided by the following guiding questions: 1) The quilombola Leaders, having relationships and experiences with other quilombola subjects in an empirical universe, how do decolonial conceptions (concepts and assumptions) help us to understand ethnic-racial relations from the diaspora movement? 2) How do the life stories of Afro-descendant quilombola leaders in the Tocantins region constitute their identity formation as a local community, and to what extent do they take the memory of community practices as their guide? 3) How did the process of constitution of the Quilombola Communities in the vicinity of Transcarnetá, on the left bank of the Tocantins River, take place, in terms of their leaders and their cultural, ethnic-racial and political elements and how this relates to non-profit education formal (Own Pedagogy)? We support the Thesis that, in the locus where we are inserted, what the Decolonial Literature has affirmed occurs, the colonization process doomed our traditional peoples to the negative distortions of what founds capitalism in its exploratory nature, reflected by the deep silencing and under-representation of the black people, whose possibility of rupture is renewed and reinvented in the organized action of the Quilombola Communities in the vicinity of Transcarnetá and that these populations have re-existed to this process.

Keywords: Education. Decoloniality. Race Relations. Quilombo. Amazon.

RÉSUMÉ

Cette étude visait à analyser, rendre visibles et problématiser l'éducation des relations ethniques-raciales au Brésil depuis de la région amazonienne, plus spécifiquement des communautés de Marrons (quilombolas) des environs de Transcarnatá, en dialoguant avec les dirigeants Marrons et leurs expériences. Du point de vue analytique du processus diasporique africain, des lignes, connaissances et pratiques partagées au cours des entretiens et du lien que ces éléments ont avec la propre trajectoire de vie du chercheur, la thèse a fait répercuté aux concepts, catégories et définitions liés à la décolonialité et aux Afro-descendants pour comprendre dans quelles dimensions la diaspora noire produite dans cette localité peut être comprise. Une partie du problème de la recherche suivante: comment les dirigeants marrons, leurs expériences, attitudes et pratiques actuelles devraient être considérées comme cruciales dans la pratiquesi Marron aujourd'hui et sont le résultat de la réinvention de la mémoire et de l'identité culturelle d'origine africaine dans la diaspora? Il se caractérise comme une étude qualitative composée de théories et d'éléments empiriques issus de recherches sur le terrain, qui part du dialogue entre la perspective de l'ascendance africaine avec une contribution à la décolonialité. Notre sources sont des références bibliographiques qui nous fournissent suffisamment de ressources pour répondre aux récits de nos sujets de recherche. À cette fin, des efforts ont été déployés pour comprendre l'état de la connaissance dans lequel le champ analytique décolonial est matérialisé dans chaque source de recherche utilisée. Selon nous, la perspective decoloniale a été très prospère au sens biographique et épistémologique, tout comme nous nous sommes sentis envisagés sous l'aspect méthodologique avec la proposition du Groupe Focal d'élites Quilombolas interprétés depuis la perspective d'Afrodéscendance. Nos résultats convergent avec notre trajectoire et sont guidés par les questions directrices suivantes: 1) Le fait que les dirigeants quilombolas aient des relations et des expériences avec d'autres sujets quilombolas dans un univers empirique, comment les conceptions décoloniales (concepts et hypothèses) nous aident-elles à comprendre les relations ethniques et raciaux du mouvement de la diáspora? 2) Comment les récits de vie des leaders afrodescendants Marrons de la région des Tocantins constituent-ils leur formation identitaire en tant que communauté locale, et dans quelle mesure prennent-ils pour guide la mémoire des pratiques communautaires? 3) Comment s'est déroulé le processus de constitution des Communautés de Marrons dans les environs de Transcarnatá, sur la rive gauche du fleuve Tocantins, en termes de leurs dirigeants et de leurs éléments culturels, ethnico-raciaux et politiques et comment cela se rapporte à éducation formelle à but non lucratif (Pédagogie propre)? Nous soutenons la Thèse selon laquelle, dans le lieu où nous sommes insérés, ce que la Littérature Décoloniale a affirmé se produit, le processus de colonisation a condamné nos peuples traditionnels aux déformations négatives de ce qui fonde le capitalisme dans sa nature exploratoire, reflétée par le profond silence et la sous-représentation du peuple noir, dont la possibilité de rupture est renouvelée et réinventée dans l'action organisée des Communautés Quilombolas dans les environs de Transcarnatá et que ces populations ont réexisté à ce processus.

Mots-clés: Éducation. Décolonialité. relations raciales. Quilombo. Amazone.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Área de abrangência do objeto da pesquisa.....	23
Figura 2: Rabeta em momento de travessia de passageiros e balsa da empresa Camila Navegações em momento de travessia de veículos e passageiros.....	24
Figura 3: Localização da Vila de Umarizal e distância de Belém.	25
Figura 4: Mapa Climático do Estado do Pará	26
Figura 5: Mapa de Solos do Estado do Pará	27
Figura 6: Mapa Geológico do Estado do Pará.....	28
Figura 7: Vista aérea da Br 422.....	29
Figura 8: Mapa de Bacias Hidrográficas do Estado do Pará.....	29
Figura 9: Mapa de Vegetação do Estado do Pará.....	30
Figura 10: Dona Marciana e Jane.....	31
Figura 11: Pescadores das Imediações da Transcametá Associados da Colônia Z-34	32
Figura 12: Plantio da mandioca (a), a pimenta-do-reino (b), o açaí nativo (c) e o açaí cultivado (d).....	33
Figura 13: Dona Jane colhendo açaí a esquerda e a direita na colheita da mandioca.....	34
Figura 14: Registros do Grupo Focal de líderes das imediações da Transcametá.	42
Figura 15: Dona marciana (A) e Seu Narciso (B) em tarde de diálogo e acolhimento em sua residência.....	51
Figura 16: Registro da Reunião com o Grupo Focal de Líderes, momento de diálogo em um café da manhã (2022).	55
Figura 17: Localização dos vários quilombos existentes ao longo do rio Tocantins, assim como a de outras comunidades tradicionais.	66
Figura 18: Culminância do Projeto de Consciência Negra promovido na Escola Municipal de Igarapé Preto.....	69
Figuras 19: Seu Manoel Rodrigues e crianças do quilombo batucando os tambores da roda de samba.....	81
Figura 20: Emanuele Rodrigues acompanhadas de damas do samba e grupo de samba da ARQIB em momento de apresentação no quilombo de igarapé preto, respectivamente.	82
Figura 21: Médicos quilombolas que adentraram na universidade por via do vestibular especial quilombola.	85
Figura 22: Reunião do Grupo Focal de Líderes.	139
Figura 23: Reunião da ARQIB em momento de decisão sobre os protocolos da Covid 19.	141

Figuras 24: Reunião das lideranças quilombolas da ARQUIB com profissionais da saúde.	147
Figuras 25: Reunião de pesquisadores da UFPA e carnaval de rua em Igarapé Preto, respectivamente.	153
Figura 26: Divulgação da culminância do projeto de Consciência Negra da Escola Municipal de Igarapé Preto	156
Figura 27: Nilva Arnoud em discurso onde enfatiza a necessidade de se preservar os laços comunitários no quilombo.....	158
Figura 28: Logo da ARQUIB, destaque para o mapa do continente africano.	163
Figura 29: Reunião de formação com professores da área de abrangência da ARQUIB	177
Figura 30: Fisioterapeuta Emanuele Rodrigues a esquerda em momento de diálogo na pesquisa, a direita em dia de atendimento.	178
Figura 31: Turma de educação infantil (à esquerda) e cartaz da ARQUIB sobre o processo seletivo especial quilombola (à direita)	179
Figura 32: Emanuele Rodrigues assumindo a secretaria da ARQUIB (à esquerda), e sua declaração de gratidão com a comunidade (à direita).	179
Figura 33: Da esquerda para a direita, figuras a, b c e d.	180
Figura 34: Estudo de projeto de site para a ARQUIB.....	182
Figura 35: Imagem de um igarapé localizado na região do projeto.	183
Figura 36: Trilha em Igarapé Preto.	183
Figura 37: Imagem de um Igarapé com vitória régia.	184
Figura 38: Equipe do Projeto no dia da nossa participação	184
Figura 39: Oficina de artesanato realizada no espaço físico da ARQBI.....	185

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ABA	Associação Brasileira de Antropologia
AIB	Ação Integralista Brasileira
ARQIB	Associação Quilombola de Igarapé Preto e Baixinha
CF	Constituição Federal
CNE	Conselho Nacional de Educação
CUP	Conselho Ultramarino Português
DNA	Ácido Desoxirribonucleico
ERER	Educação das Relações Étnico-Raciais
FNB	Frente Negra Brasileira
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICMbio	Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade
IFPA	Instituto Federal do Pará - Campus Tucuruí
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
IPEAFRO	Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros
LDB	Lei de Diretrizes Bases da Educação Nacional
LGBTQIA+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer, Intersexuais, Assexuais
MAN	Museu da Arte Negra
MNU	Movimentos Nacionais e Internacionais
NEABI	Núcleo de Estudos Afro-brasileiro e Indígena
ONGs	Organizações Não-Governamentais
ONU	Organização das Nações Unidas
OUA	Organização da Unidade Africana
PBQ	Programa Brasil Quilombola
PPGED	Programa de Pós-Graduação em Educação
PUC-SP	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
TEN	Teatro Experimental Negro
UEBA	Universidade do Estado da Bahia
UEMG	Universidade do Estado de Minas Gerais
UESBA	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
UFAL	Universidade Federal de Alagoas
UFCE	Universidade Federal do Ceará
UFES	Universidade Federal do Espírito Santo

UFGO	Universidade Federal de Goiás
UFMG	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFMT	Universidade Federal do Mato Grosso
UFPA	Universidade Federal do Pará
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFPI	Universidade Federal do Piauí
UFPR	Universidade Federal do Paraná
UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UnB	Universidade do Estado do Bahia
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
1 CAMINHOS E SABERES COMPARTILHADOS.....	21
1.1 Aspectos geográficos e socioambientais do lugar	22
1.2 Origem do interesse e alicerces para a cultura acadêmica	35
1.3 Problema de pesquisa/problematização	40
1.4 Formulação dos objetivos e do problema de investigação	48
1.5 Aplicação	50
2 DECOLONIALIDADE E AFRODESCENDÊNCIA: um olhar para dentro de nós	54
2.1 A Perspectiva Decolonial na formação de um professor/pesquisador afrodescendente amazônica.....	54
2.2 O campo de pesquisa	56
2.3 Perspectiva afrodescendente.....	60
2.4 Miradas sobre o Fenômeno do Racismo.....	65
3 DIÁSPORA COMO CONSTITUIÇÃO DA RESISTÊNCIA	80
3.1 Educação Quilombola: estado do conhecimento	93
3.1.1 <i>Quilombo como Vida Total</i>	95
3.2 Educação escolar quilombola: o que já se quis responder?	103
3.2.1 <i>Descrição Básica das Pesquisas</i>	124
4 SABERES TRADICIONAIS PRESENTES NAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS NA CONSTRUÇÃO DE UMA PEDAGOGIA PRÓPRIA	138
5 DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DAS IMEDIAÇÕES DA TRANSCAMETÁ À EDUCAÇÃO	173
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	187
REFERÊNCIAS	192
APÊNDICES	210

INTRODUÇÃO

Esta Tese é fruto da tessitura de saberes individuais e coletivos oriundos de processos herdados da cultura de indivíduos que são parte da massa humana que herda a condição de serem consequência de desdobramentos históricos que levaram ao estabelecimento dos quilombos enquanto territórios de resistência. O território quilombola das imediações da Transcarnetá é compreendido como possibilidade de entendermos os espaços geográficos enquanto espaço histórico e social. A pesquisa aqui apresentada trata de uma população detentora de cultura e história particular. O Território do Baixo Tocantins, Pará, Amazônia e seus sujeitos são atores de amplo processo de estudo e reflexão.

A vivência nesta microrregião desde a infância, crescer junto e de maneira similar aos sujeitos aos quais me aproximei em sentido acadêmico, a busca de desenvolvimento intelectual pela via destes estudos me levou a muitos momentos de tomada de decisão. Estes momentos demarcam escolhas que aparentemente não estão sob nosso controle, mas que me levam a revisitar o passado vivido ao longo da minha trajetória de vida. Inicialmente por ter feito a graduação em Ciências Sociais e posteriormente por ter tido contato com o mundo da Educação para as Relações Étnico-raciais, este mundo me escolheu. Projeto, metodologia, objetivos, elementos que na maioria das vezes se mostram difíceis de serem definidos, nos colocam na posição de insegurança, que são superados pelo afã de contribuir com o mundo em que sempre vivi.

Por outro lado, encontrei a possibilidade de dialogar com meus pares, no ensino, na pesquisa e na extensão, ações que desenvolvo nesta mesma região, me levando ao movimento de troca de experiências, seja com os sujeitos mais próximos, moradores da região, membros das associações quilombolas, professores de instituições que atuam na região, lideranças e/ou os autores que elegemos como capazes de corroborar, dialogar e problematizar nosso objeto de análise. Este movimento nos tem ajudado a refletir e justificar nossas escolhas e argumentos.

O estudo das relações étnico-raciais no Brasil, a partir da Região Amazônica, nos situa no *locus* de estudo e nos leva a dialogar com as Comunidades Quilombolas das Imediações da Transcarnetá a partir das experiências de suas lideranças. Procuramos problematizar o modo as experiências, saberes e práticas destes sujeitos devem ser consideradas cruciais no fazer-se quilombola e que elementos são resultantes da reinvenção da memória e da identidade cultural afrodescendente na diáspora.

Oportunamente anunciamos que a categoria diáspora aqui será abordada a partir de uma definição que se aproxima bastante da feita em Lopes (2004, p. 237), na “Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana”. Diferenciamos a nossa abordagem da acepção grega do conceito de diáspora, definida como dispersão espontânea, aqui trataremos como desagregação compulsória que, “por força do tráfico de escravos, espalhou negros africanos por todos os continentes”.

Neste intuito, o *corpus* para análise foram os sujeitos que nos levam a confrontar suas narrativas que valorizam suas experiências, que como povo tradicional, estão reexistindo¹ à subalternização a qual estão submetidos, diante de uma literatura que corrobore com nossa compreensão do que adiante definimos como Pedagogia Própria², o diálogo reflete suas vivências, histórias e saberes. Alguns destes sujeitos compuseram um Grupo Focal de Líderes das Imediações da Transcarnetá sob a mediação da Associação Quilombola de Igarapé Preto e Baixinha – ARQIB.

A perspectiva teórica por nós assumida tem por base o *Pensamento Decolonial*, ancorado na produção do grupo de intelectuais constituintes da *Rede Modernidade/Colonialidade*: Aníbal Quijano, Catherine Walsh, Enrique Dussel, Maldonado-Torres, Walter Dignolo, Joaze Bernardino-Costa, Ramón Grosfoguel, Luciana Ballestrin dentre outras/os.

No que diz respeito à questão metodológica, as memórias das lideranças foram apreendidas através das narrativas coletadas a partir do Método de Grupo Focal. O Grupo Focal é uma metodologia utilizada em pesquisa social, principalmente nas áreas de sociologia, antropologia, psicologia, marketing e comunicação. Uma técnica qualitativa de pesquisa que envolve a realização de uma discussão em grupo, no nosso caso contamos com cerca de 6 participantes, moderada por um facilitador. Nosso intuito foi explorar e compreender as perspectivas, crenças, atitudes e comportamentos dos participantes em relação ao nosso tema/problema de pesquisa. Para nosso estudo utilizamos o grupo focal assim como orienta Gatti (2005), para “subsidiar a elaboração de um instrumento que viria a se constituir o meio principal de coleta de dados” (GATTI, 2005, p. 64). Aqui ele foi usado em campo e, após a revisão de literatura, gerou a possibilidade de aplicarmos questionamentos aos nossos sujeitos.

¹Para fins deste texto entendemos que "reexistir" indica uma ideia de existir novamente como uma ação de voltar a existir ou de existir novamente após ter deixado de existir por um tempo e irá complementar-se a ideia de que após o movimento diaspórico (este conceito dera definido de forma detalhada adiante).

²Este termo, neste trabalho, está relacionado à definição de situações vivenciada pela comunidade quilombola, no que concerne a vida cotidiana e a relação com a educação tratada como Pedagogia específica do movimento quilombola se mostra desenvolvida por seus membros e apresenta traços de aproximação que vão ao encontro da atuação dos seus líderes no desdobramento dos processos de resistência desenvolvidos por estes sujeitos, tal como demonstrado em Medeiros (2017, p. 129).

Utilizamos este método para obter insights acerca da compreensão política dos sujeitos envolvidos no que diz respeito à problemática abordada. Esta metodologia se mostrou útil porque nos permitiu obter informações mais ricas e complexas do que seriam possíveis com técnicas de pesquisa quantitativas ou pela simples aplicação de questionário, o que poderia nos levar a mera reprodução de preconceitos, estigmas e subalternizações.

Realizamos uma reflexão sobre conhecimentos socializados nas comunidades quilombolas que compõem a ARQIB tomamos por base as memórias dos líderes que se interessaram em participar do Grupo Focal de Líderes e junto conosco refletir acerca do que constitui estes sujeitos. Nesta direção, entendemos que as lideranças quilombolas buscam amparo naquilo que chamamos de Pedagogia Própria para a socialização de saberes e práticas que compõem seu repertório cultural. A partir disso, a Tese pode ser apresentada como:

No lócus onde estamos inseridos ocorre aquilo que a Literatura Decolonial tem sustentado, o processo de colonização fadou nossos povos tradicionais às distorções negativas do que funda o capitalismo em sua natureza exploratória e que estas populações têm reexistido a este processo a partir de uma Pedagogia Própria.

Neste intuito esta Tese estrutura-se em 05 seções, além das Considerações Finais, sendo que logo na Seção 1, após a Introdução, tratamos dos **Caminhos e Saberes Compartilhados**, onde abordamos aspectos geográficos e socioambientais do lugar, perfazendo uma explanação sobre a origem do interesse, expondo de que forma este nos trouxe a tratar este tema de forma acadêmica. Apresentamos, ainda, o problema de pesquisa e problematizamos a temática. Além disso, expusemos a formulação dos objetivos e do problema de investigação, e a forma como aplicamos a técnica de Grupo Focal junto aos nossos sujeitos com diálogo estabelecido acerca da temática do racismo.

Na Seção 2, “**DECOLONIALIDADE E AFRODESCENDÊNCIA: um olhar para dentro de nós**”, neste fizemos uma explanação acerca da perspectiva dentro da decolonialidade, com a qual nos identificamos, e a Afrodescendência, a partir da maneira que esta nos leva a dialogar, sempre entrelaçada com a base na Decolonialidade, trazendo sentido ao que temos de proposta sob o viés da subjetividade dos nossos sujeitos e da nossa própria.

Ancorados na Decolonialidade e na Perspectiva Afrodescendente, percorremos narrativas extraídas do Grupo Focal de Líderes Quilombolas constituído pelas lideranças da ARQIB já apresentadas acima levando em conta seus relatos biográficos e autobiográficos, o uso dos recursos disponíveis para transformar nossos “tropeços” em caminhos sólidos de pesquisa. Neste tópico traçamos um paralelo conceitual entre a Decolonialidade e a Perspectiva Afrodescendente, além de justificar os caminhos da pesquisa.

Na Seção 3, **“DIÁSPORA COMO CONSTITUIÇÃO DA RESISTÊNCIA”**, realizamos um debate a respeito da categoria diáspora que assume um papel de categoria transversal neste trabalho de Tese, não como mera definição de deslocamento de massas populacionais originárias de um local a outro, mas verificando as possibilidades de ver a Amazônia como áreas de acolhimento do povo negro, nos ajudando a compreender como esta dispersão tem gerado frutos e quais são estes. Perfazemos o Estado do Conhecimento, dialogamos sobre o conceito de quilombo e procuramos delimitar a lacuna que contribuimos para preencher. Enumeramos a produção ao longo dos últimos 20 anos, em análise nos definimos dentro desta seara buscando a compreensão da nossa temática que por analogia nos coloca lado a lado.

Os estudos enumerados versam sobre política, educação, história, cultura, religião, educação, saúde, nas mais diversas regiões do país, da Amazônia ao Extremo Sul, os esforços dispensados buscam a compreensão dos elementos próprios do povo afrodescendente e contribuindo para a compreensão no contexto nacional no qual se insere nosso povo. Este campo epistemológico cumpre o papel de sinalizar para preocupações antes negligenciadas como a participação da população africana e afrodescendente na formação da cultura nacional, perpassando pelo recorte da condição humana na senzala, o rural, o quilombo e apontando para lugares outros, lugares onde não se registrava a presença/ausência desta população. Neste capítulo buscamos, além disso, registrar que também estamos contribuindo para a constituição da Afrodescendência como alternativa epistemológica de pesquisa no Brasil.

A Seção 4, **“SABERES TRADICIONAIS PRESENTES NAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS NA CONSTRUÇÃO DE UMA PEDAGOGIA PRÓPRIA”**, percorremos pela história de vida dos sujeitos da pesquisa, tratando da trajetória da formação das lideranças pesquisadas, levamos em conta que esta escrita irrompe a lógica que estrutura o racismo que não dá a devida importância às vidas dos sujeitos envolvidos, e trajetórias do povo negro e em especial dos quilombolas da região tocantina. Esta lógica gera sistematicamente a invisibilização dessa população no mundo. Neste capítulo, partimos da memória, da literatura negra na tentativa de ter como fio condutor o que faz a emergência recente do movimento quilombola, tendo como marco o ano de 1999, fundação das associações quilombolas da região, ao passo que fazendo um apanhado mais apurado à população negra da região num geral nos remete a tempos remotos. Por que há tão pouco tempo essa identidade se firma? O contexto nacional que nos envolve é o mesmo e nos ajuda a compreender o racismo como elemento que influencia na constituição de nossa identidade.

A Seção 5, “**DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DAS IMEDIAÇÕES DA TRANSCAMETÁ À EDUCAÇÃO**”, procuramos situar a população afrodescendente no tempo e espaço ao longo da história local, tendo como fio condutor eventos tidos como determinantes para constituição das lideranças numa anterioridade da alteração do campo jurídico e normativo da década de 2000, desde a promulgação da Constituição Federal de 1988 e a fundação da primeira associação quilombola em Umarizal Beira, Baião Pará em 1999, revisando assim a historiografia da cidade de Baião e sua circunvizinhança, o que nos ajuda a pontuar a fixação da população afrodescendente na região. Buscamos revisar a noção de segregação rural e racial que sistematicamente nos marginaliza nas periferias da cidade, destaque para a ideia de que nossa periferia vivencia o processo de exclusão frente aos bens sociais que é o grande desafio a nossa cidadania.

Nossa abordagem historiográfica se ancora na Decolonialidade ou o pensamento Decolonial, esta escola de pensamento alicerçada pelo movimento latino-americano que emerge com o objetivo de “libertar” a produção filosófica e científica de conhecimento do “monopólio” epistêmico de matriz eurocêntrica. Ocorre, para tanto, a crítica da suposta universalidade que há séculos vem sendo atribuída ao predomínio do conhecimento e cultura ocidental. A perspectiva decolonial vê essa hegemonia como elemento que embasa o imperialismo ocidental, temos nesta a possibilidade de fazer referência a uma realidade histórica, como dito no caso afrodescendente, negligenciada, que tem existido conforme os colonizadores do saber/poder e sua visão de mundo que, no limite, chega ao nível da ficção literária. Vivenciamos como um todo na América latina um momento em que as metanarrativas europeias como verdade universal passam a perder a credibilidade e somos introduzidos a um “novo” ambiente cultural e acadêmico que é influenciado pelo que alguns autores denominam de “pós-modernidade” e focando na importância da micro-história.

Retomamos o olhar para o trajeto ao qual nos dispusemos ao longo da pesquisa ao ponto de chegada que nos possibilitou enxergar, de forma qualitativa, os processos de reexistência material e imaterial das comunidades das imediações da Transcametá, sob a ótica dos fazeres culturais, população, patrimônio cultural, modo de vida e pensamentos ali manifestados. Por fim, apresento nossas considerações finais e referências.

Saliento que esta pesquisa é o ápice da minha trajetória pessoal, ressalto que os diálogos que tenho travado com os sujeitos com os quais venho conhecendo pela via da pesquisa vem influenciando positivamente o que me constitui como profissional. Espero poder contribuir para a compreensão do mundo ao qual fazemos parte e que possamos fazer do processo de decolonização a soma para uma sociedade menos hierarquizada.

1 CAMINHOS E SABERES COMPARTILHADOS

Chegar ao nível de Doutorado exige de qualquer pessoa um esforço que influencia no que compõe de seu perfil profissional, proporcionando paradoxalmente momentos de satisfação e de sofrimento, elementos facilmente percebidos por quem se aventura por este caminho.

As incertezas e preocupações presentes em minha trajetória foram aliadas da necessidade de atingir a maturidade intelectual para tratar de um “objeto” em torno do qual gira minha atuação profissional e que diz muito a meu respeito, posto que faço parte da categoria de afro-brasileiros, sendo assim, ao mesmo tempo, sujeito e objeto deste mundo desigual.

Parte da explicação sobre o processo de análise de experiência de vida e formação guarda ressonância com as incursões teóricas de Josso (2010), quando identificamos que minha história de vida é o ponto de partida para minha a formação ou constituição como sujeito no circuito da minha atuação no transcurso da pesquisa e no mundo acadêmico. No meu caso, este mundo está circunscrito pelas relações raciais advindas do racismo, mais especificamente o antinegro³, enraizado historicamente no nosso país. Partir para a produção sob a perspectivada minha formação enquanto pessoa, levar em conta minha própria história de vida, conforme Josso (2004; 2010), significa tratar o sujeito de forma única. Quero exercitar a ideia de que sou um sujeito que direciona meu processo de desenvolvimento enquanto ator social, dando ênfase a aspectos profissional e social nos quais estou inserido e interajo cotidianamente.

Meu olhar de pesquisador visa compreender a realidade que tem como ponto de partida o referencial da minha experiência pessoal, visto que fui criado na região e junto aos sujeitos da minha pesquisa, assim como a superação dos desafios que o mundo nos proporciona, a partir de reflexões que faço na interação com pessoas que vivem realidades muito próximas ao que vivi ao longo de toda minha vida, a exemplo dos sujeitos desta pesquisa, como se apresentará no decorrer desta escrita.

Percebo que minhas reflexões tendem a me aproximar mais dos sujeitos da minha pesquisa posto que abordo a vivência/experiência destes, a partir do prisma da Educação

³ Partimos desta noção em Moore (2007), ideia de que a razão para as interdições, impedimentos, ofensas e esculachos sofridos por grande parte da nossa população são consequência do racismo antinegro presente no dia-dia dos afrodescendentes no mundo todo, essas pessoas que são vítimas do racismo, sejam mais ou menos pigmentadas, são negras. Portanto, ainda que isso seja incômodo para algumas leitoras e alguns leitores, a questão é racial. O racismo antinegro é uma definição também cunhada na obra *Tornar-se negro*(1983) de Neusa Santos Souza.

Quilombola⁴, mesmo não se tratando de uma escrita (auto)biográfica, cabe situar que o que nos constitui, aos meus sujeitos e a mim, é a história da população negra do Brasil, nosso ponto de partida. No meu caso, sociólogo, professor, pesquisador em Educação para as Relações Étnico-raciais, negro amazônida.

A busca por uma ideia original que tangencie a problemática, que apesar de ser campo vasto, não nos conforta, mas nos deixa inseguros diante da necessidade de nos pormos em pé de igualdade a debatedores e pesquisadores de escrita fluida acerca da vivência e contribuição com as várias vertentes de educação popular que, se observado o repositório do PPGED/UFPA, por exemplo, nos damos conta do quão hercúlea é esta tão nobre tarefa. Se ampliamos o olhar para o continente latino-americano como um todo, mas ainda podemos evidenciar que são inúmeras as possibilidades, bases e paradigmas que tem nos ajudado na construção da crítica. O breve retrospecto nos ajuda a perceber os avanços e as lacunas ainda por serem preenchidas.

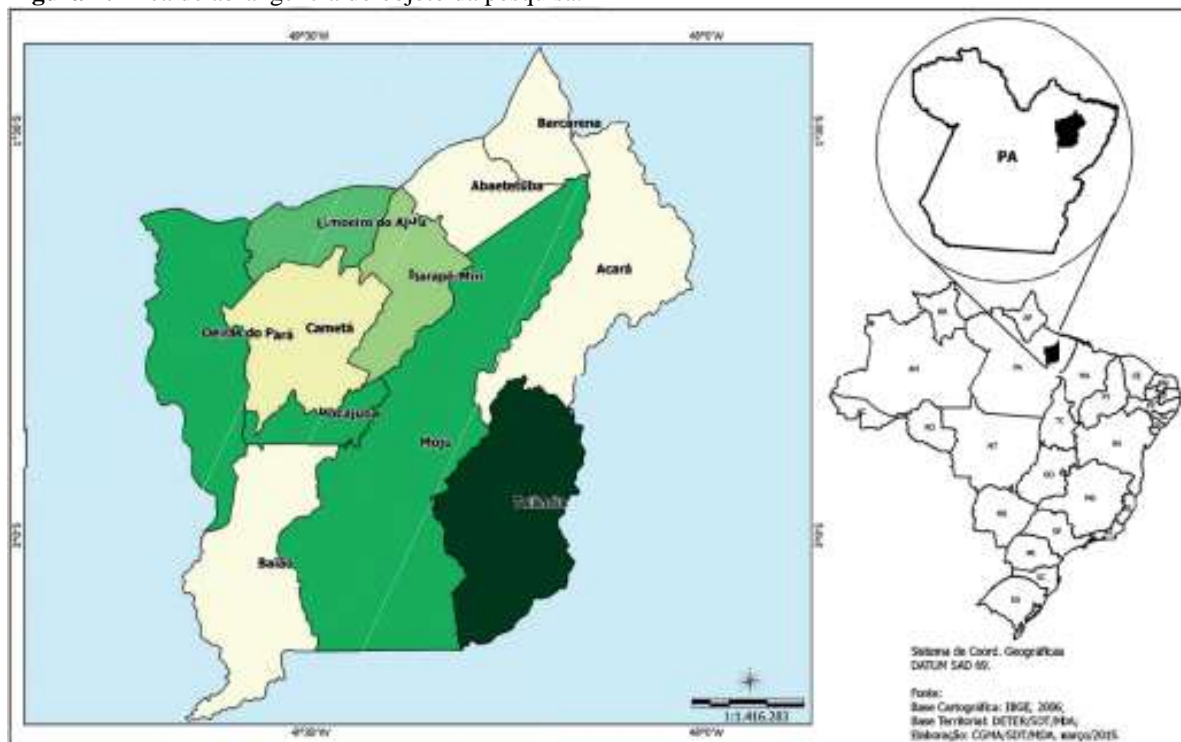
1.1 Aspectos geográficos e socioambientais do lugar⁵

As comunidades quilombolas do *lócus* desta pesquisa se situam no Baixo Tocantins à margem esquerda do Rio Tocantins. Ao tomarmos como ponto de referência a Barragem de Tucuruí, ficam situadas, mais especificamente na altura do km 130 da rodovia BR-422 Rodovia Transcarnatá que liga Tucuruí à cidade de Carnatá, estado do Pará, Brasil. Um local de convergência entre os municípios de Carnatá a Norte, Baião a Leste e Oeiras do Pará a Oeste. O território do Baixo Tocantins (Figura 1) tem uma área de 36.024,20 km², composto por 11 municípios, dentre eles: Abaetetuba; Acará; Baião; Barcarena; Carnatá; Igarapé-Miri; Limoeiro do Ajuru; Mocajuba; Moju; Oeiras do Pará e Tailândia (IBGE, 2010).

⁴ Em Caldart (2002) a educação quilombola é uma das vertentes de educação do campo se situada em uma plataforma mais abrangente, alvo de um direito pensado a partir do seu lugar e com contribuição (participação) popular, vinculada à cultura e às necessidades coletivas. Ainda na definição desta autora “*no campo estão milhões de brasileiras e brasileiros, da infância até a terceira idade, que vivem e trabalham no campo como: pequenos agricultores, quilombolas, povos indígenas pescadores, camponeses*” (p.11). Na Educação Quilombola a questão do trabalho é precedente à educação ou a pedagogia do educar por um trabalho desalienado. Aqui o indivíduo é educado pela via de uma fundamentação que abarca a necessidade de se pensar a produção ladeada às outras dimensões e necessidades humanas, tomando isto, dentro de uma ordem de prioridades, à frente das necessidades de mercado.

⁵ Para melhor situar nosso leitor, retratamos os aspectos geográficos partindo do mais geral que é o Estado do Pará para a microrregião do Baixo Tocantins e enfim ao *lócus* da pesquisa, esta escolha gera a possibilidade de comparação com outras microrregiões.

Figura 1: Área de abrangência do objeto da pesquisa.



Fonte: IBGE (2006).

Integra a Bacia do Tocantins, a segunda mais importante do país, superada apenas pela Bacia do Rio Amazonas. É indicada como a de maior potencial para a geração de energia hidrelétrica. Do ponto de vista do seu potencial econômico é um dos eixos de planejamento do governo federal, no que diz respeito à área do transporte e geração de energia, o que prenuncia outros impactos sociais e ambientais para as populações locais (COSTA, 2006, p.21).

Para se ter acesso a estas comunidades, por terra deve se direcionar por meio da rodovia BR-422, principal via de ligação das comunidades às cidades de Cametá, Oeiras e Tucuruí. Por via fluvial, o deslocamento ocorre pelo rio Tocantins, que corta toda a região e as liga ao centro urbano de Baião através do uso de barcos de linha, particulares e por balsa.

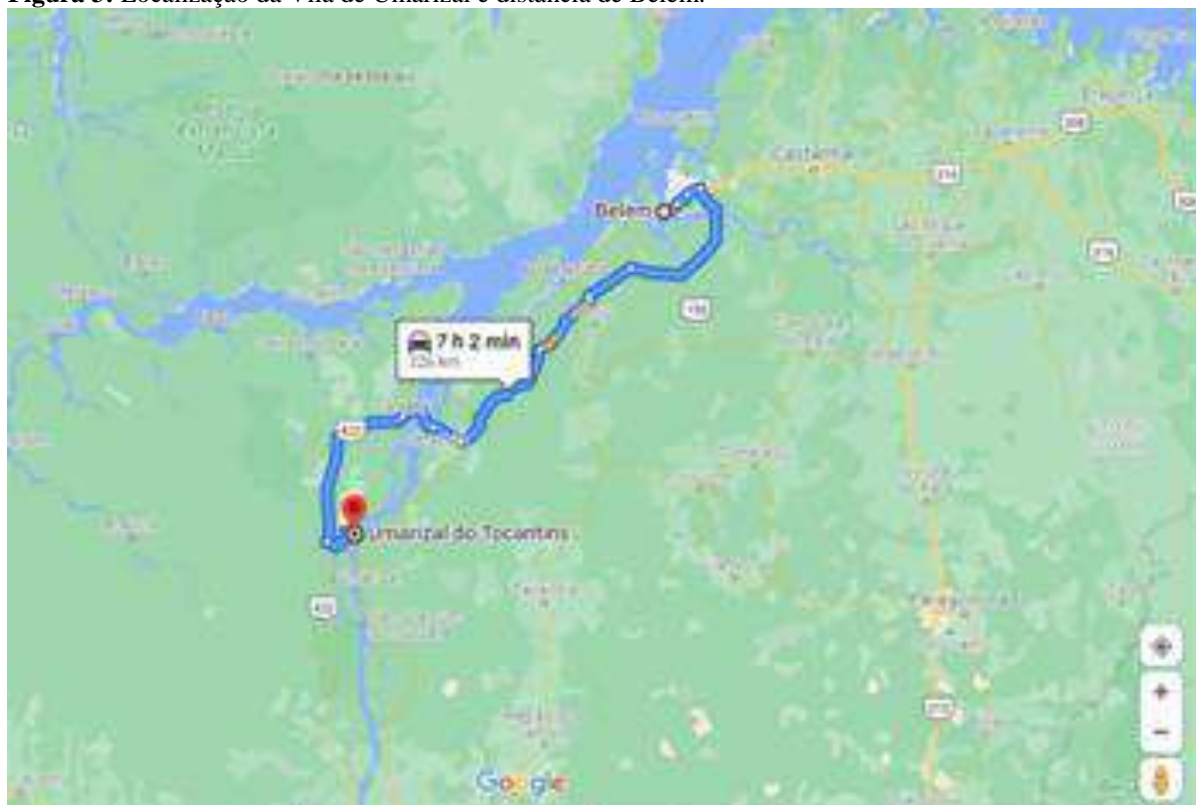
Figura 2: Rabeta em momento de travessia de passageiros (A) e balsa da empresa Camila Navegações em momento de travessia de veículos e passageiros (B).



Fonte: Acervo do autor (2021).

As informações sobre as comunidades giram em torno da vivência junto ao rio Tocantins, na literatura, na poesia, nas canções o rio é definido como o principal “caminho” de trânsito no território Amazônico, no entanto ainda temos dificuldade em encontrar referências cartográficas sobre as comunidades locais. Como nosso Programa de Pós-graduação e Campus da UFPA fica em Belém, buscamos situar nosso leitor sobre o deslocamento da capital para a comunidade de Umarizal-Beira, que é a mais conhecida dentre elas. Como chegar?

Figura 3: Localização da Vila de Umarizal e distância de Belém.



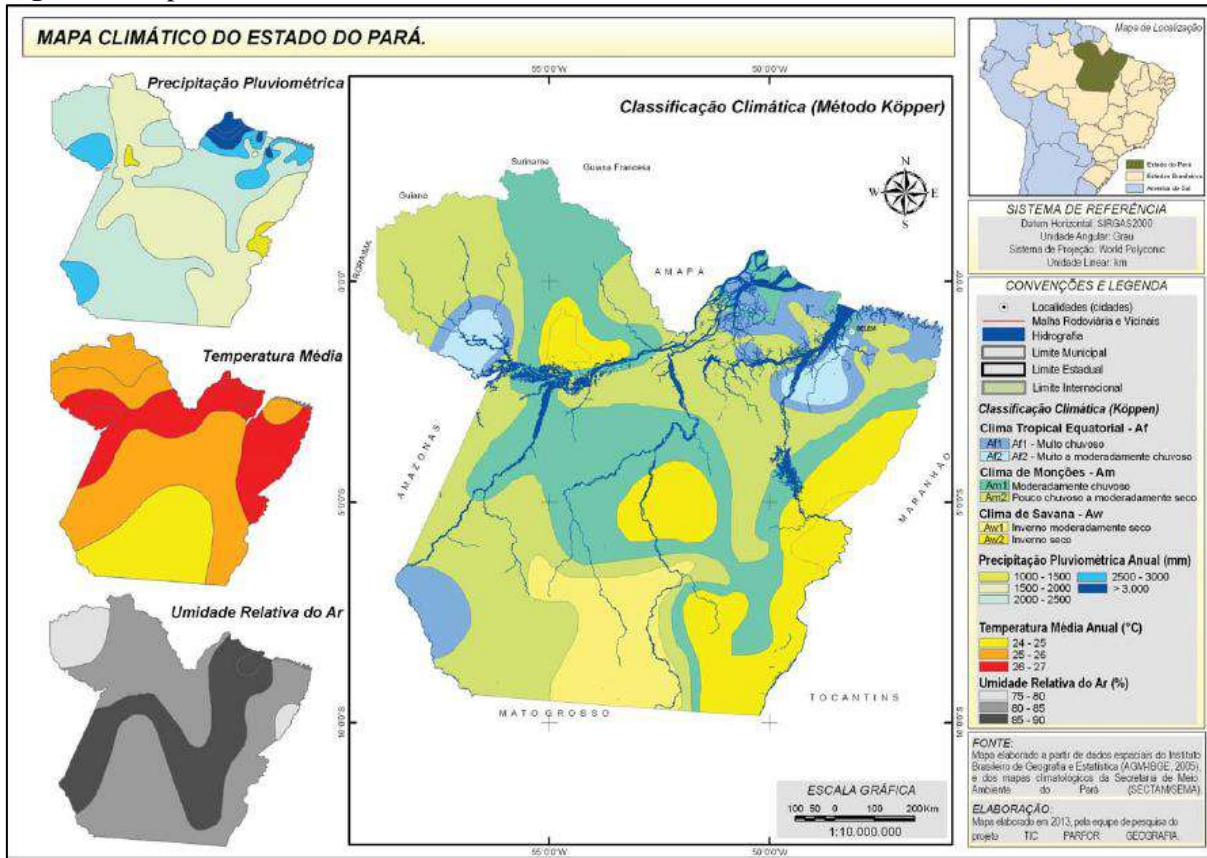
Fonte: Imagem do *Google Maps* (2021).

O clima do local é caracterizado por duas estações distintas: uma estação chuvosa e uma estação seca (COEHN; SILVA DIAS; NOBRE, 1989). A estação chuvosa ocorre entre os meses de dezembro a maio, sendo que o período mais chuvoso se concentra entre janeiro e março. Durante essa época, as temperaturas médias ficam em torno de 24 a 30°C, com umidade relativa do ar elevada, podendo chegar a 90%. A estação seca ocorre entre os meses de junho a novembro, com temperaturas médias que variam entre 22 e 33°C e umidade relativa do ar mais baixa, em torno de 50%.

O clima da região do Baixo Tocantins, assim como na Amazônia de forma geral, é caracterizado como quente e úmido, com chuvas frequentes durante boa parte do ano.

O relevo da região é, predominantemente, plano e baixo, com altitudes que variam entre 0 e 200 metros acima do nível do mar, de acordo com estudos sobre a localidade (BRASIL, 1974). Essa região é marcada pela presença de várzeas e terras de cultivo, que são muito utilizadas para a produção de arroz, milho, feijão, mandioca e outros produtos agrícolas. Além disso, a região também é cortada por vários rios, destaque para o rio Tocantins, que é responsável por grande parte da economia local, como a pesca e o transporte de cargas. Há também a presença de diversas ilhas que abrigam uma rica biodiversidade.

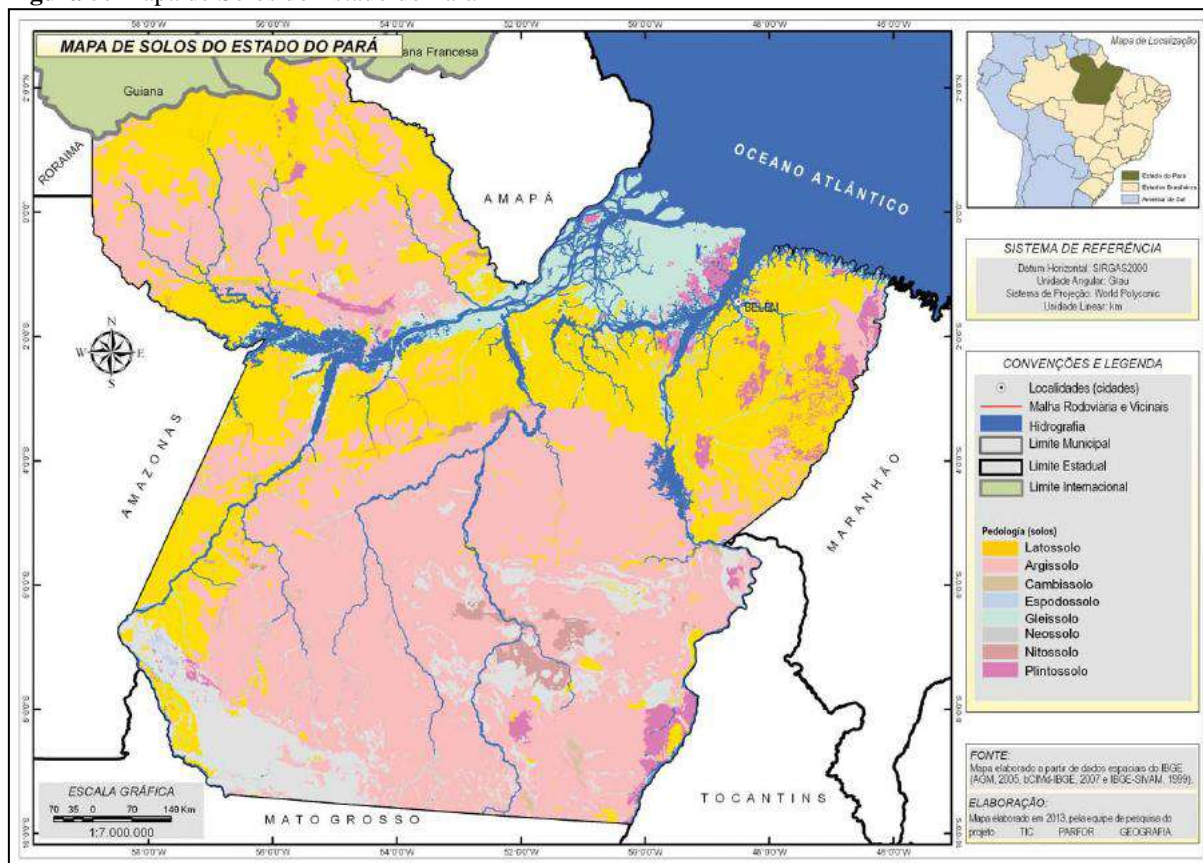
Figura 4: Mapa Climático do Estado do Pará



Fonte: Atlas Geográfico escolar do Estado do Pará (2013).

A grande diversidade de solos da região ocorre em função da origem geológica e da influência dos processos de sedimentação e intemperismo, conforme apontam alguns estudos (BRASIL, 1974). De maneira geral, a região é composta por solos aluviais, que são formados pela deposição de sedimentos transportados pelo Rio Tocantins. Esses solos são geralmente férteis, apresentando boa capacidade de retenção de água e nutrientes, o que os torna adequados para a agricultura.

Embora em menor frequência, também é possível encontrar solos do tipo podzólico, que são ácidos e pouco férteis, apresentando baixa capacidade de retenção de nutrientes. Os solos do tipo latossolos também estão presentes na região, sendo mais profundos e ricos em minerais, mas requerem técnicas adequadas de manejo para se tornarem produtivos (BRASIL, 1974).

Figura 5: Mapa de Solos do Estado do Pará

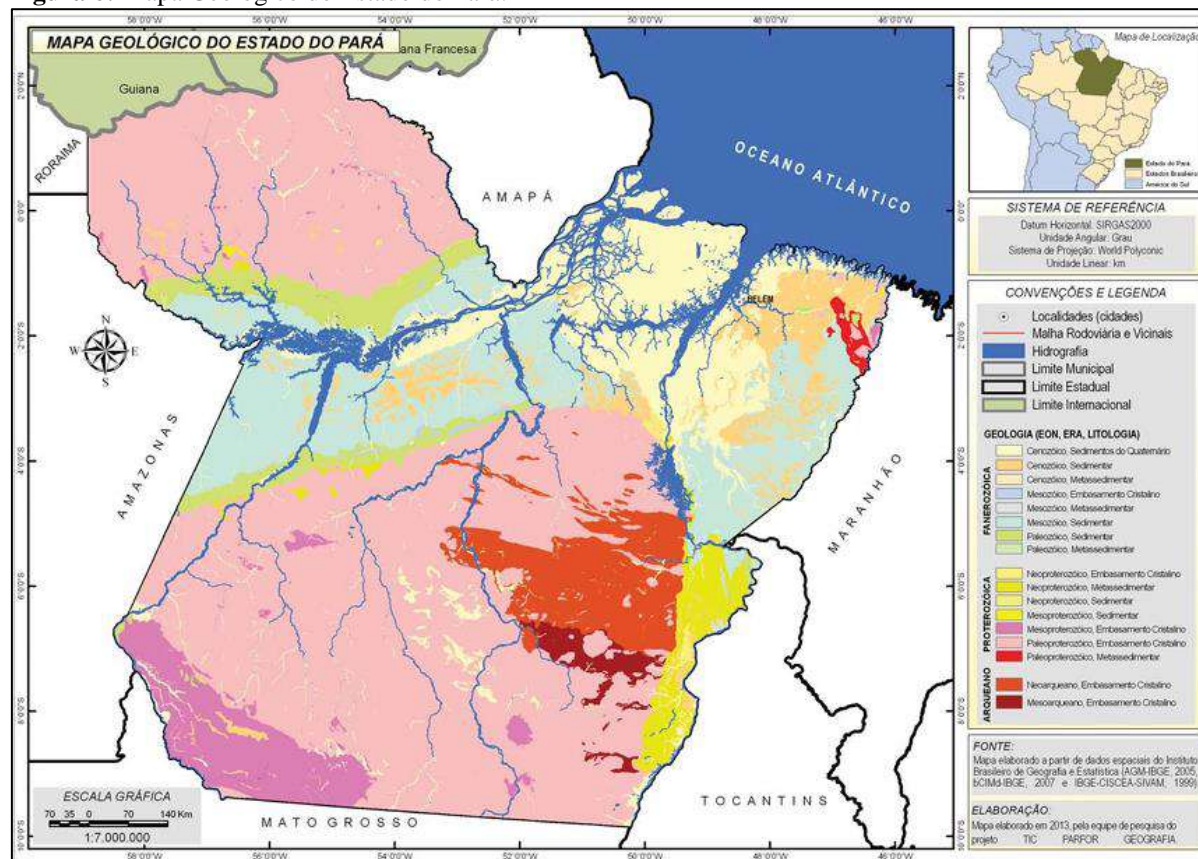
Fonte: Atlas Geográfico escolar do Estado do Pará (2013).

Outros tipos de solos que podem ser encontrados na região incluem os solos gleissolos, que se caracterizam como hidromórficos, por apresentar excesso de água, e os litólicos, que são pouco profundos e com baixa fertilidade.

A descrição da geologia, com base nos trabalhos existentes sobre a região (BRASIL, 1974) é identificada dentro de dois períodos geológicos, o Quaternário e o Terciário. A região é composta por rochas sedimentares, como arenitos, argilitos e calcários, que foram formadas a partir da deposição de sedimentos em antigas bacias sedimentares. Essas rochas são comuns em áreas próximas ao Rio Tocantins, onde foram depositadas camadas espessas de sedimentos durante milhões de anos. Além das rochas sedimentares, a região do Baixo Tocantins também possui rochas ígneas, como granitos e dioritos, que foram formadas a partir do resfriamento e solidificação de magma em profundidade. Essas rochas são comuns em áreas mais elevadas da região, como as serras do Acará e da Lagoa Grande.

Outro tipo de rocha presente na região são as rochas metamórficas, como xistos e gnaisses, que foram formadas a partir da transformação de rochas pré-existentes sob condições de temperatura e pressão elevadas. Essas rochas são comuns em áreas mais distantes do Rio Tocantins, onde a ação dos processos de metamorfismo foi mais intensa.

Figura 6: Mapa Geológico do Estado do Pará.



Fonte: Atlas geográfico escolar do Estado do Pará (2013).

A geologia da região do Baixo Tocantins é importante para a compreensão da distribuição de recursos minerais na região amazônica, como ouro, cobre, ferro e calcário, que são explorados comercialmente. Além disso, a geologia também influencia a topografia e a hidrologia da região, que são fatores importantes para a ocupação e uso da terra.

De acordo com Almeida (2010), no que tange a hidrografia, o rio Tocantins é a via mais importante para a região, vindo a seguir as rodovias que se encontram em estado precário, e, por onde de forma principal é feito o escoamento do que se produz e o traslado de mercadorias em pequenas, médias e grandes embarcações. Esta rede hidrográfica é composta por inúmeros igarapés que mesmo tendo menor volume de água que são importantes para pesca, à pecuária e à agricultura da região. O rio Tocantins serve de meio de ligação entre as cidades da região, a principal rodovia que corta a área é a BR-422 que não é asfaltada.

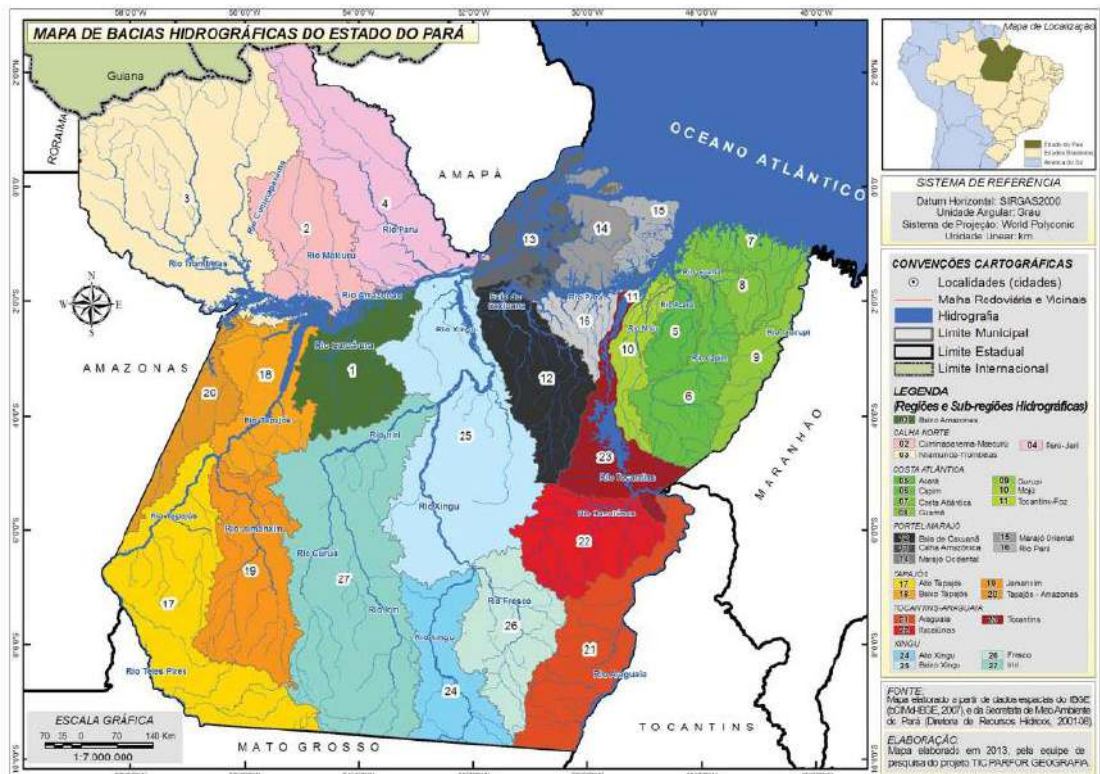
Figura 7: Vista aérea da BR-422.



Fonte: Acervo do autor (2021).

O Rio Tocantins é um dos maiores rios do Brasil, com uma extensão de mais de 2.500 km, atravessa diversos estados do país. Na região do Baixo Tocantins, o rio é bastante largo e profundo, com uma largura média de cerca de 1 km e uma profundidade média de 10 metros. Entre os seus principais afluentes estão o Rio Acará, o Rio Moju e o Rio Capim.

Figura 8: Mapa de Bacias Hidrográficas do Estado do Pará.

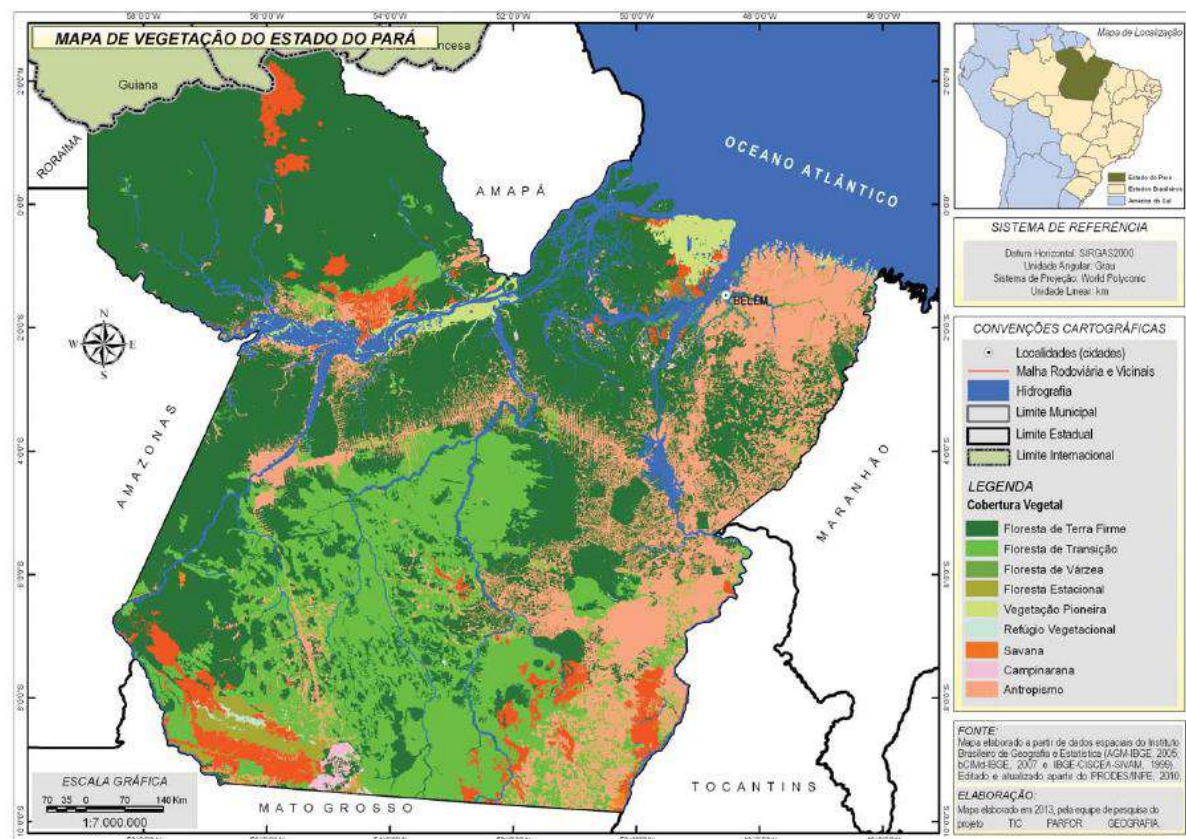


Fonte: Atlas geográfico escolar do Estado do Pará (2013).

Conforme define Almeida (2010), a hidrografia da região do Baixo Tocantins é muito importante para a economia paraense, principalmente para a pesca, a navegação e a geração de energia elétrica. A Usina Hidrelétrica de Tucuruí, uma das maiores do Brasil, está localizada na região, aproveitando a força de suas águas para a geração de energia elétrica.

A vegetação local, de acordo com o ICMbio (2018), é predominantemente formada por floresta tropical úmida, a mesma da Floresta Amazônica. A região possui grande diversidade de espécies vegetais, muitas das quais encontradas apenas nesta área. Dentro da Floresta Amazônica, existem diferentes tipos de vegetação, que variam de acordo com a altitude, a topografia e a disponibilidade de água no solo. Nas áreas mais baixas, próximas ao Rio Tocantins, a vegetação é mais densa e exuberante, com árvores altas e muitas epífitas (plantas que crescem sobre outras plantas). Já nas áreas mais elevadas a vegetação é um pouco diferente, com a presença de áreas de transição entre a floresta tropical úmida e a vegetação de cerrado. Nessas áreas, é comum encontrar árvores menores e mais esparsas, além de plantas adaptadas a solos mais secos.

Figura 9: Mapa de Vegetação do Estado do Pará



Fonte: Atlas geográfico escolar do Estado do Pará (2013).

A vegetação é importante para a regulação do clima local e para a manutenção da biodiversidade da região, além de ser uma fonte de recursos naturais para as comunidades

locais, proporcionando coleta de frutos, caça e pesca. A flora inclui árvores de grande porte, como a castanheira (*Bertholletia excelsa*), o cedro (*Cedrela odorata*), o mogno (*Swietenia macrophylla*) e a seringueira (*Hevea brasiliensis*), além de palmeiras como a açazeiro (*Euterpe oleracea*) e o buriti (*Mauritia flexuosa*).

Com base no referido levantamento do ICMbio (2020), outras espécies comuns na região incluem o cupuaçuzeiro (*Theobroma grandiflorum*), a pupunheira (*Bactris gasipaes*) e a andiroba (*Carapa guianensis*). A região também é rica em plantas medicinais, como a unha de gato (*Uncaria tomentosa*) e o jatobá (*Hymenaea courbaril*).

A cura pelas plantas é uma atividade tradicional na região. Na fotografia abaixo temos Dona Marciana e Dona Jane, mulheres quilombolas do Grupo Marí, habilidosas na arte da cura pelas ervas, sendo esta, para Dona Marciana, a principal atividade, dentre outras a agricultura da mandioca, a produção de farinha, além de atuar na pesca artesanal, sempre que possível.

Figura 10: Dona Marciana e Jane.



Fonte: Acervo do autor (2021).

A flora da região do Baixo Tocantins desempenha um papel fundamental no equilíbrio ecológico, fornecendo alimento, remédio e abrigo para uma grande variedade de espécies animais, além de contribuir para a regulação do clima e do ciclo hidrológico.

Pelos apontamentos do ICMbio (2018), a fauna da região apresenta grande diversidade de espécies animais típicas da Amazônia, dentre elas podemos destacar mamíferos como a onça-pintada (*Panthera onca*), a anta (*Tapirus terrestris*), a ariranha (*Pteronura brasiliensis*), o macaco-prego (*Cebus apella*), a preguiça (*Bradypus variegatus*), o tamanduá-bandeira (*Myrmecophaga tridactyla*), o caititu (*Pecari tajacu*), o veado-mateiro (*Mazama americana*) e o porco-do-mato (*Tayassu tajacu*).

No que diz respeito às aves, destacamos espécies como o tucano (*Ramphastos spp.*), a arara-azul (*Anodorhynchus hyacinthinus*), o gavião-real (*Harpia harpyja*), o urubu-rei (*Sarcoramphus papa*), o beija-flor (*Chlorostilbon spp.*), o martim-pescador (*Megaceryle torquata*) e o jacu (*Penelope spp.*).

No ambiente aquático, dentre os peixes, o destaque vai para o pirarucu (*Arapaima gigas*), o tambaqui (*Colossoma macropomum*), o tucunaré (*Cichla spp.*), além de jacarés (*Caiman spp.*) e botos (*Inia geoffrensis*). Cabe destacar que a degradação ambiental e o desmatamento comprometem a sobrevivência dessas espécies e afetar todo o ecossistema da região (ICMBIO, 2018).

As atividades econômicas levam a necessidade de ampliação das instituições de classe outras que estão para além do movimento quilombola, é o caso da colônia de pescadores.

Figura 11: Pescadores das Imediações da Transcametá Associados da Colônia Z-34



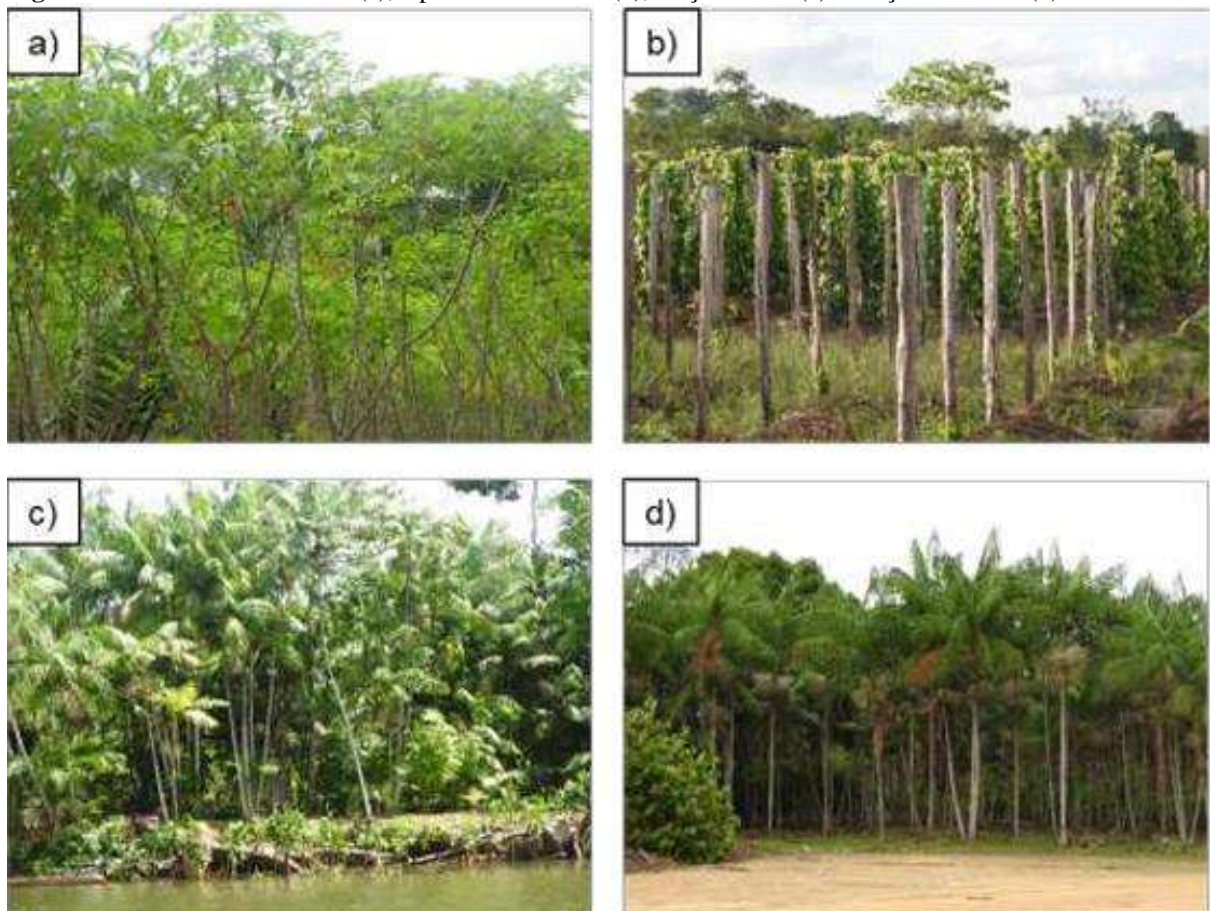
Fonte: Acervo do autor (2021).

As atividades econômicas têm um enraizamento histórico, seu modo de vida e práticas culturais norteiam suas práticas econômicas, grande parte dos cidadãos procura de alguma

forma conciliar seu tempo dentre outras atividades entre o trabalho na agricultura, na pesca, extrativismo como um todo e na pecuária.

De acordo com Barros (2015), as comunidades da região vivem basicamente da agricultura de subsistência, esta satisfaz as necessidades básicas da sua alimentação. As práticas se valem de técnicas tradicionais e limitam o cultivo de pequenas áreas. A limpeza das áreas de cultivo é feita pela derrubada e queimada, o preparo do solo é feito basicamente com enxadas, o que leva ao mau aproveitamento da riqueza do solo que se esgota em pouco tempo. O cultivo varia entre alimentos, como mandioca, a pimenta-do-reino, milho, feijão, arroz, frutas e hortaliças (Figura 12).

Figura 12: Plantio da mandioca (a), a pimenta-do-reino (b), o açaí nativo (c) e o açaí cultivado (d)



Fonte: Acervo do autor (2021).

Segundo Barros (2015), o sistema agroflorestal utilizado pelos quilombolas do Baixo Tocantins consiste em uma combinação de cultivos agrícolas com árvores e outras espécies vegetais, que proporcionam diversos benefícios, como aumento da biodiversidade, proteção do solo e melhoria da qualidade dos alimentos produzidos. Além disso, esses sistemas permitem que as comunidades utilizem os recursos naturais de forma sustentável e garantam a

segurança alimentar e nutricional de suas famílias. No entanto, há o enfrentamento de desafios significativos em relação à agricultura, como a falta de acesso a políticas públicas de apoio à produção agroecológica e a ameaça da expansão do agronegócio na região. Apesar disso, as comunidades continuam lutando pela valorização de seus conhecimentos e práticas tradicionais e pela garantia de seus direitos territoriais e culturais.

Figura 13: Dona Jane colhendo açaí (A) e na colheita da mandioca (B)



Fonte: Acervo do autor (2021)

A pecuária nesta área é predominantemente extensiva, com animais criados em pastos naturais e com pouca intervenção humana. As principais espécies de animais criados na região são o gado de corte, como o Nelore e o Gir, e o gado de leite, como o Holandês e o Jersey. Além disso, afirma Barros (2015), a região possui um grande potencial para a produção de gado de elite, ou seja, animais com alto valor genético, que são utilizados para melhorar a qualidade dos rebanhos de todo o país, o que atraiu o agronegócio para a região. O reflexo disso, nos últimos nove anos, é a especulação imobiliária que aumentou significativamente.

É importante ressaltar que a pecuária na região do Baixo Tocantins enfrenta desafios relacionados à gestão ambiental e ao manejo dos recursos naturais, como o uso sustentável da água e a conservação das áreas de mata nativa.

Nesta região o extrativismo é praticado, em grande parte, para subsistência e comercialização, nos casos de excedentes de produção. A coleta de açaí é uma das atividades mais importantes da região, com grande demanda tanto no mercado interno como externo.

Além disso, outras frutas como cupuaçu, bacuri e pupunha também são coletadas e comercializadas.

De acordo com o ICMbio (2018), o extrativismo de madeira também é praticado na região, principalmente de espécies como o ipê, jatobá e cedro, que possuem alto valor comercial. No entanto, a exploração predatória e ilegal de madeira tem causado danos ambientais e sociais na região, além de ser um crime ambiental. Outra atividade extrativista importante é a pesca. No entanto, a pesca predatória e a contaminação dos rios por atividades industriais e agropecuárias têm causado a diminuição da quantidade e qualidade dos peixes na região.

1.2 Origem do interesse e alicerces para a cultura acadêmica

As lutas que menciono dizem respeito a acontecimento que vão além da minha subjetividade, é fato que a educação a nós destinada, desde os primeiros anos da República brasileira não tem satisfeito as necessidades da população negra, não houve um processo que pudesse nos incluir de forma satisfatória a uma vida cidadã. Foi necessário que os próprios movimentos negros avançassem rumo a uma espécie de “segunda abolição”. Nossa nação não criou subsídios jurídicos suficientes para que as condições socioculturais do povo negro recém liberto tivessem acesso à realização plena dos direitos humanos.

Estas lutas não terminam com o regime escravocrata, muito menos com o advento da Primeira República. Para muitos estudiosos é a fundação da República que inaugura nosso ideal de luta, visto que a Lei Áurea, assim como outras normas não asseguraram direitos à população recém liberta e à sua descendência. Para Cunha Junior (2008), “a abolição foi realizada sem ampla revisão de direitos e necessidades da população negra. Ao contrário, as políticas republicanas sempre foram da ‘negação do Brasil e da europeização do país’” (CUNHA JUNIOR, 2008, p. 7).

Minha trajetória de vida contribui para que a sistematização dos dados empíricos com os quais tenho contato possam materializar as práticas educativas formais e não formais as quais somos submetidos ao longo da vida escolar e não escolar, e, dentro do possível, demarcar suas nuances com a educação escolar quilombola, ou sua ausência, já que muitos dos meus colegas e professores nas escolas de ensino fundamental e médio que frequentei em Baião eram oriundos das Comunidades Quilombolas, com as quais tenho tido contato enquanto pesquisador, ativista do movimento negro e educador, no Instituto Federal do Pará no Campus Tucuruí- IFPA.

Minha infância foi vivida até os sete anos de idade em Tucuruí-Pa. Meus irmãos e eu nascemos em meio ao movimento de construção de Hidrelétrica de Tucuruí, meu pai era funcionário da Camargo Correa e minha mãe professora naquele município. Vivíamos uma vida relativamente boa para a média da população da região já que estávamos assistidos por muitas situações proporcionadas às famílias dos trabalhadores da implantação do “grande projeto”. Morávamos na Vila Tropical em casas de segundo escalão, mas com bastante conforto e qualidade de vida se compararmos ao restante dos municípios, pois a Vila da Eletronorte foi projetada para proporcionar “bem-estar” para os profissionais envolvidos na obra.

Em 1989, com o término da primeira etapa mudamos para Baião-PA, município do qual meus pais eram oriundos. Minha mãe e sua família eram do bairro São Francisco uma periferia do município de Baião, pertencente a zona urbana, meu pai e sua família eram da Vila de Calados⁶, vila que fica a 15 km da sede do município. Desde esta fase me encontro neste território no qual o Estado não vem garantindo educação, saúde, artes, esportes e lazer para a sua população. A população local com suas festividades, em sua grande maioria vinculada a fé católica desenvolviam ações que garantiam entretenimento para a população.

As recordações desse período são rodeadas de uma vida humilde, de aventuras que aconteciam no rio Tocantins e no Igarapé da Encanação. Minha história de trabalho começa aos 11 anos, na cidade de Baião minha mãe continuava sendo professora e meu pai como autônomo desenvolvia muitas atividades e eu já comecei a ajudar nas despesas de casa, neste momento fazendo frete em uma carroça de tração animal. Meu pai (Seu Acapu) relembra até hoje, quando de vez em quando fala com orgulho aos seus amigos que apesar do trabalho duro não perdi o foco dos estudos e sou “o carroceiro que virou mestre”.

Meu companheiro de trabalho por mais de 5 anos foi um burro andaluz chamado Lambari. Meu primeiro baque advindo do preconceito e do racismo foi relacionado a minha atividade diária de carroceiro que era transcrita pelo apelido de “cheira peido” e a identidade negra veio de forma bastante agressiva pois de forma alguma eu era percebido como alguém privilegiado, pois fazia um trabalho braçal. Mais próximo da minha identidade estavam os meninos do interior, em sua maioria negros das comunidades interioranas que iniciaram seu processo de autodeclaração enquanto quilombolas por volta de 1999, como já retratado em minha dissertação de mestrado (MEDEIROS, 2017).

⁶ Comunidade declarada remanescente de quilombo que passa pelo processo de reconhecimento junto à Fundação Palmares.

Meu ensino médio foi no antigo segundo grau em magistério, minha identificação com o curso veio automaticamente, como se fosse algo que nasci para fazer. Recordo com muita saudade dos professores, dos colegas dos conhecimentos aprendidos. Lá adiante percebi que faltava a Educação para as Relações Étnico-raciais. Era perceptível o racismo nas escolas, como estudante, como trabalhador, como estagiário, como jovem do interior. Apesar disso, era também de se referir que a educação local não nos deixou muito a desejar, visto que muitos de nós daquela localidade conseguimos sair e fazer faculdade. No meu caso, em 2002 entrei para o curso de Ciências Sociais na UFPA no Campus Marabá.

Minha vida na graduação me fez professor. Com dois meses de curso consegui iniciar na docência como profissional contratado da prefeitura municipal de Marabá e em escolas particulares daquele município. Anos de muito aprendizado, me tornei independente de meus pais financeira e moralmente falando. Morei durante alguns anos com colegas universitários com os quais dividíamos as despesas e os aprendizados que a vida nos proporcionava.

Esta fase mudaria a minha vida. Recordo da alegria do primeiro salário, dos espaços que frequentava com os amigos, festas na Universidade, Shows, viagens e, já no ano seguinte a responsabilidade de ser pai. Meu primeiro filho, Otávio, nasceu em 2006. Foi muito bom! Eu nunca vou esquecer!

Os dias foram passando e fui me organizando melhor em sentido profissional, de contratado em 2003 fui aprovado num concurso de nível médio para professor de séries iniciais, da Secretaria de Educação da Prefeitura Municipal de Marabá no ano de 2006. Em 2008 fui aprovado no concurso da Secretaria de Educação do Estado do Pará na Região do Lago, nesta ocasião fui morar novamente em Tucuruí.

Um fato crucial para o que viria a seguir foi o convite para que eu organizasse a “Semana da Consciência Negra” na Escola Estadual Ribeiro de Souza. Por coincidência, ou não, minha diretora nesta ocasião era a professora Benedita Pinto Borges, que num futuro não tão distante também iria pesquisar Educação Quilombola. Organizei a atividade com meus alunos e foi algo bastante prazeroso, mesmo que nesta ocasião fizéssemos de forma um tanto folclórica.

Chamo novamente atenção para o fato de no ano de 2008 ser promulgada a lei 11.645/08 que atualizou a 10.639/03⁷ e unificadas as frentes de ensino da história e cultura

⁷Lei 11.645/08 altera a 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei n o 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Esta última, estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.

afro-brasileira e indígenas na educação básica. No ano de 2009 fiz concurso para professor substituto de sociologia do IFPA Campus Tucuruí, ano em que definitivamente fui apresentado para a minha razão de ser como professor e pesquisador. Neste outro desafio fui convidado pela então diretora de ensino Neusa Fernandes a fundar um Núcleo de Estudos Afro-brasileiro e Indígena - NEABI. A partir de então me apropriei das referidas leis, fiz muitas leituras que me aproximaram do debate acerca do racismo e comecei a ministrar disciplinas de Educação para as Relações Étnico-raciais na graduação, adaptamos os projetos de curso e ementas de disciplinas do ensino médio e nos aproximamos das comunidades quilombolas das Imediações da Transcarnetá.

Existem no nosso ambiente acadêmico algumas iniciativas que abrem as portas para que sejam fomentadas vinculações institucionais que nos abrem os olhos para a necessidade de nos agregarmos a processos formativos como os que venho experienciando nos últimos 15 anos. Cabe a menção de que o interesse neste tema está relacionado com a minha vivência no NEABI, o qual tive a oportunidade de, junto a outros colegas professores, discentes e técnicos administrativos, estar à frente gente de várias atividades vinculadas a este debate.

Ao longo deste tempo estamos trazendo para o espaço acadêmico e comunitário este debate e buscando contribuir para a discussão sobre as relações raciais e a educação formal e não formal, além de auxiliar a aplicabilidade da Lei 10.639/03 nos vários âmbitos em que convivemos. Somos fruto em especial da militância do Movimento Negro no Brasil, e a referência a esta se dá por conta de que ela é tida como um marco que é resultado dos vários processos de resistência do movimento que culmina por via deste dispositivo e outros dispositivos legais, como a lei 11.645/08.

A formação como educador e cidadão, que ainda está em curso, me leva a frequentar uma área comprometida com uma educação antirracista⁸ e perceber que nossa sociedade não pode prescindir da produção teórica sobre as relações raciais no Brasil, o que se justifica pela minha origem social, étnica, formativa e pelo histórico de escravização negra e suas consequências para a nossa população. Por último, e não menos importante tento apontar o

⁸ Esta forma de educação nos aproxima da definição das orientações teóricas das ações antirracistas em D'Adesky (2001), a educação antirracista deve ser entendida o pressuposto "indivíduo-universalista" conceituado da seguinte forma: [...] se baseia nos princípios de igualdade e liberdade, os quais exprimem a ideia de que a democracia é o local privilegiado do universal, da cidadania. [...] A pessoa humana é identificada como um indivíduo abstrato, independentemente da origem, da raça, do sexo. O essencial nessa política é que a ideia de igualdade de todos os homens é pensada pelo prisma do universal e significa que estes são considerados iguais e tratados como tal. Pouco importa que existam desigualdades multidimensionais, trata-se de eliminá-las ou corrigi-las mediante um tratamento igualitário (p. 230).

“giro⁹” que foi me perceber como numa relação esquizofrênica que é despertar adulto para o debate das relações raciais no Brasil e entender que o meu ponto de partida não é o “outro”, um objeto constituído fora de mim. As teorias das quais me abasteço podem ter como ponto de partida as memórias da minha infância no interior da Amazônia e que minha chegada à formação profissional é a chegada daquilo que podemos chamar de aproximação da maturidade intelectual, por estar frequentando cursos de pós-graduação *stricto sensu*, além de ter compromisso com esta bandeira política.

Do ponto de vista das leituras que desenvolvi ao longo da formação superior, merecem destaque os Fundadores da Sociologia e seus conceitos básicos, em especial Marx e as classes sociais, Durkheim e os fatos sociais e Weber e a ação social, leitura obrigatória nas formações básicas em Ciências Sociais na UFPA, momento em que fiz minha formação a partir do ano de 2002; os Pós-Modernos, com destaque maior a Stuart Hall, Taylor, Derrida e Lyotard; os não menos importantes Pós-Coloniais, com destaque para Homi Bhabha, Aimé Césaire, Frantz Fanon, Albert Memmi e Edward Said; e, finalmente, a Decolonialidade¹⁰ onde posso enumerar Bernardino-Costa, Grosfoguel, Dussel, Walsh, Mignolo, dentre outros.

Minhas influências mais recentes e que têm me levado a dialogar sobre a constatação de que o ponto de chegada deste professor negro é a Decolonialidade. Mesmo que positivista, acredito não ser inválida afirmação de que “somos fruto do meio em que vivemos” e sendo assim, não posso deixar de fazer menção à minha formação básica na graduação em Ciências Sociais, Mestrado em Educação e minha imersão no Doutorado em Educação, todos na UFPA, lugares onde tive contato com leituras/teorias, vivências, ensinamentos para a vida, frustrações e felicidades, além de mestres que se fazem presentes em tudo o que faço e penso, artifícios que me trouxeram até aqui. O debate acerca das relações étnico-raciais, com base nas perspectivas pelas quais gradativamente trilhei e que por fim elegi, dentre as quais os reflexos da minha história de vida na minha prática formativa e profissional e que foram muito caros para os que vieram antes de mim e que pavimentaram o “lugar” por onde hoje passo e arrisco deixar alguma contribuição, se origina no processo de diáspora africana, que não deslocou apenas pessoas, houve nela um deslocamento considerável de uma imensa

⁹ No sentido de virada, fazendo alusão ao Giro Decolonial. O Grupo Modernidade/Colonialidade (M/C), tem como ponto de partida a ruptura com os estudos subalternos - latino-americanos e indianos, culturais e pós-coloniais, no final dos anos 1990. Este movimento epistemológico fundamenta a renovação crítica das ciências sociais na América Latina no século XXI através do que se denomina "Giro Decolonial".

¹⁰ Em Santos (2002) o entendimento do processo de Decolonialidade se dá a partir de “um conjunto de práticas e discursos que desconstruem a narrativa colonial como foi escrita pelo colonizador, e tenta substituí-la por narrativas escritas do ponto de vista do colonizado” (SANTOS, 2002, p. 13). Então podemos entender que para que se tenham práticas educativas decoloniais é necessário o mínimo de liberdade desde o existir, perpassando pela forma de pensar, as vivências, o credo, o mundo das ideias, os fatores culturais, as formas de linguagem e saberes como um todo gerando um movimento de transgressão à proposta de pensamento único eurocentrado.

diversidade de cultura e saberes. A partir de Davison (1981), podemos definir diáspora como movimento de dispersão dos povos africanos pela Europa, Ásia e América em escala massiva no período do tráfico de escravos a partir dos séculos XV e XIX. Os povos, assim como as culturas africanas arrancadas da África em direção a América pouco são levadas em conta no que se trata da contribuição com a produção de conhecimentos ocidentais. Por outro lado, a interação entre africanos e europeus era secular e foi intensificada com o processo de colonização que perdurou por muitos séculos e tem seus ecos até nossos dias.

1.3 Problema de pesquisa/problematização

O racismo antinegro como ideologia de inferioridade de uma grande parcela da nossa população brasileira distorce, por um lado, nossa compreensão de nós mesmos na sociedade, e por outro, incita movimentos a se contrapor às ideologias e a sociedade hegemônica. Ideologias estas construídas na lógica eurocêntrica colonial, dentre outras coisas, especialmente no que se trata da população quilombola, comunidade foco desta pesquisa.

Em suas práticas de resistência, estes sujeitos se constituem nas/pelas experiências de enfrentamento que influenciam sua tomada de consciência de mundo e de sociedade em diversos aspectos. Não obstante, estes sujeitos são agentes políticos que desenvolvem e proporcionam para si mudanças nas suas condições de vida pela influência de tais práticas e diversos setores da comunidade em geral como nas instituições de educação, serviços de saúde, dominialidade do território, atividades econômicas etc. Logo, agem como sujeitos do seu processo de transformação, evidenciam pensamentos desenraizados¹¹ da cultura colonialista, com o intuito de romper com o ciclo de inferiorização da população negra (HALL, 2009).

No contexto das Comunidades Quilombolas das Imediações Transcarnetá podemos perceber um distanciamento do que se configura como poder autoritário dos valores universais eurocêntricos, como uma receita a ser seguida. Este ponto se afasta do dogmatismo definido em Figueiredo (2012), visões totalizantes fruto do “descompromisso das classes cultas com o conjunto da sociedade” que resulta de uma ação de autorreferência, uma espécie de egoísmo de grupo, de um distanciamento da dor do outro. Ao contrário, estas comunidades somam às outras frentes de resistência. O desenraizamento reforça a ideia de sujeitos que mantêm a devida distância de tudo, não é este o caso aqui.

¹¹ HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Organizado por Liv Sovik. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

Para fins de interesse dessa pesquisa, elencamos a educação informal e não formal¹² na constituição desses sujeitos, com ênfase nas suas histórias de vida, de tal forma a analisar as forças políticas, culturais, sociais e a memória que constroem esses sujeitos. Não temos o afã de decolonizar a educação formal, este movimento está em curso e de forma muito presente na história dos movimentos sociais latino-americanos há várias décadas. Decolonizar aqui é empregado no sentido do projeto de transgressão histórica da colonialidade. Esta noção parte da ideia de que não há como desfazer ou gerar a reversão da estrutura de poder colonial, o que se tem como possibilidade é desafiá-la continuamente e romper com ela. No Brasil, os movimentos negro, quilombola e indígena, têm reivindicado e conquistado formas distintas de educação que têm correspondência às suas expectativas.

O contexto histórico retratado neste trabalho visibiliza o aspecto social e cultural que circunda as relações étnico-raciais atuais e seus desafios, além dos impactos na percepção e performances dos sujeitos pertencentes às Comunidades Quilombolas alvo da pesquisa. Optamos, neste sentido, em realizar um recorte entre líderes dando ênfase à memória, na forma como percebem a sua própria constituição enquanto sujeitos, suas práticas sociais nos mais importantes aspectos, de forma a perceber o que necessariamente influencia e potencializa a valorização da sua própria história e cultura enquanto afrodescendentes a partir das suas lideranças. Esta investigação realiza um estudo que possibilita identificar e analisar de modo mais profundo o objeto em pauta, a liderança quilombola arquitetada por uma Pedagogia Própria da comunidade. De acordo com a dissertação de Medeiros (2017), num estudo sobre a constituição de lideranças em Umarizal Beira, Baião-PA, na percepção de seu Narciso Vieira:

A própria política do movimento se apresenta como uma Pedagogia que ensina o sujeito sobre como ser uma liderança e mesmo Senhor Narciso que nos surpreende com tanta experiência e saber reconhece que aprendeu com outra liderança o que é ser uma liderança de movimento quilombola. (MEDEIROS, 2017, p.90)

Naquele momento e para aquela pesquisa a Pedagogia a qual nos referíamos é a manifestação de práticas que se elaboram “como a principal arma para combater um inimigo histórico que o movimento negro como um todo enfrenta cotidianamente: o racismo” (MEDEIROS, 2017, p. 93).

¹² A título de definição por educação informal entendemos ser os saberes adquiridos por meio da socialização com os outros e com o mundo através de ações educativas não planejadas e sem intenção pré-definida, é o que aprendemos no ambiente familiar originário, no convívio social, com amigos etc. (GOHN, 2011, p.346). No que tange a não formal podemos definir como práticas que se dão nas organizações e nos movimentos sociais (GOHN, 2020, p. 13), que tem origem nesses próprios movimentos como expressão sociopolítica de questionamentos dos modelos vigentes de educação sendo úteis na monopolização de saberes e reprodução do poder (MARANDINO, 2020).

Abaixo apresento os sujeitos da pesquisa. Devido o amparo na Decolonialidade gostaríamos de ressaltar a importância da ênfase na construção de narrativas que valorizam as experiências dos nossos sujeitos, que como povo tradicional, estão reexistindo à subalternização sistemática, às desigualdades e opressões sociais, abrindo um diálogo que traga para o centro das nossas reflexões suas vivências, histórias e saberes. Neste sentido elegemos os sujeitos abaixo para fazerem parte do Grupo Focal de Líderes das Imediações da Transcmetá que fazem parte da diretoria da Associação Quilombola de Igarapé Preto e Baixinha – ARQIB. São eles:

Figura 14: Registros fotográficos do Grupo Focal de líderes das imediações da Transcmetá.



Antonio Vieira Teixeira (Pastor) - Morador do Quilombo de Igarapé Preto, líder e diretor na associação de Igarapé Preto, coordenador da ARQIB.



Emanuele de Cássia Rodrigues (Manu) - Moradora do Quilombo de Teófilo, líder e diretora na associação de Cupu, Secretária da ARQIB. Fisioterapeuta (UFPA) - política de cotas para Quilombolas.



Diogo Baia Machado - Morador do Quilombo de Igarapé Preto, líder e vice coordenador da Associação de Igarapé Preto, coordenador da ARQIB. Pedagogo, professor da educação básica.



José Estelito Gonçalves - Morador do Quilombo de CUPU, trabalhador rural aposentado, líder e cofundador da ARQIB desde 1999. Um dos moradores mais antigos da sua comunidade.



Laurença Arnoud - Moradora do Quilombo de Igarapé Preto, trabalhadora rural aposentada, líder e cofundadora da ARQIB desde 1999. Uma das moradoras mais antigas da comunidade, mãe de Marinilva Arnoud e avó de Márcia dos Santos Martins.



Marinilva Arnoud Martins (Nilva) - Moradora do Quilombo de Igarapé Preto, líder, Presidente da ARQIB. Coordenadora de Mulheres dos Quilombos do Baixo Tocantins.



Manoel Rodrigues - Morador do Quilombo de Teófilo, trabalhador rural aposentado, líder e cofundador da ARQIB desde 1999. Pai da Manu.



Claudilene Sacramento da Rocha - Liderança na Comunidade Quilombola de França, Oeiras do Pará. Coordenadora da ARQIB, líder das artesãs da comunidade de França.



Márcia dos Santos Martins - Moradora do Quilombo de Igarapé Preto, líder e diretora na associação de Igarapé Preto, Coordenadora do Samba de Cacete, Coordenadora da ARQIB.

Fonte: Acervo do autor (2022)

Nos vários contatos que tivemos com estes sujeitos sempre é frisada a ideia de questão submetidos a processos educativos diversos pensados como intercultural que, no entanto, em alguns momentos, quando feitos de forma autoritária, destroem seus modos de pensar e de se pensar o/no mundo. Em muitos momentos, neste processo incessante de colonização, ocorrem

práticas “educativas” onde não há troca nem diálogos interculturais, onde estes desprezam seus saberes.

O *locus* deste estudo é a confluência de territórios que se interseccionam em sentido espacial, são Comunidades Remanescentes de Quilombo no Baixo Tocantins. Localizadas entre as margens da BR 422, Rodovia Transcarnetá, e a margem esquerda do Rio Tocantins, na circunvizinhança da vila de Umarizal Beira, município de Baião-Pa. Uma terra de jovens, crianças e adultos que são herdeiros da condição humana deixada pelos seus ascendentes, que foram vítimas de uma migração forçada e tiveram, como definido em Canclini (1997), sua cultura deslocada. Por conta da sua resistência produziram processos educativos que a fizeram fluir por rotas impossíveis de se prever de antemão, tendo que reconstruir no local uma nova realidade, baseada na submissão e na exploração de sua força de trabalho.

O não reconhecimento de sua cultura, identidade e memória, impulsiona ao não reconhecimento destes como detentores de história, de produção de saberes e, por consequência, “destituídos de cultura”. A relação entre fronteiras físicas e simbólicas é inerente as relações humanas e se faz presente na educação intercultural. Por interculturalidade compreendem-se processos que têm por base o reconhecimento do direito à diferença e a luta contra todas as formas de discriminação e desigualdade social. Esta promove relações dialógicas e igualitárias entre pessoas e grupos que pertencem a universos diferentes, trabalhando conflitos inerentes a esta realidade. Não ignora as relações de poder presentes nas relações sociais e interpessoais. Reconhece e assume os conflitos procurando as estratégias mais adequadas para enfrentá-los. (CANDAUI, 2003, p. 19).

O diálogo que desenvolvemos aqui busca enlaçar as narrativas destes sujeitos, seus saberes, suas práticas indo ao encontro de narrativas presentes nos mais diversos trabalhos de outros pesquisadores que se ocupam desta temática a exemplo de Silva (2011), André (2007), Souza (2013), Castilho (2008), Andrade (2007). Dentre outros, os desafios e as perspectivas da realidade abordada, a busca por liberdade, justiça, reconhecimento de suas peculiaridades diante da sociedade e, em escala maior, a valorização dos processos educativos desses sujeitos.

Ao longo da história, a população quilombola não teve acesso a políticas públicas que viessem a contemplá-los como cidadãos de direitos, apontando para a reversão da percepção que se tinha destes como atrasados e destituídos de aspectos positivos. Tal situação começa a ser superada através de várias frentes de luta que se somam às do movimento negro, em especial o quilombola pela afirmação da sua identidade. A aprovação de leis recentes leva estes sujeitos a ter acesso a direitos o que é resultado destas batalhas. De acordo com os

últimos censos do Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE) vem acontecendo um aumento da população autodeclarada negra no Brasil, isto está relacionado ao “orgulho” de ser negro, consequência de um movimento iniciado nos anos 1970 (GUIMARÃES, 2002). Destaque para a promulgação do Estatuto da Igualdade Racial, Lei nº 12.288/2010, Lei 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira nas escolas e Lei 7.716/1989, que prevê pena de reclusão para crimes de discriminação racial.

A educação, e aqui falamos de todas as suas formas, permite ao indivíduo a possibilidade de aquisição de um futuro equitativo, tendo como base os conhecimentos adquiridos a partir de seus antepassados, de suas lutas constantes por igualdade. Dessa forma, sua realidade atual, inserida no contexto educacional, deve ser compreendida pelos espaços de socialização, impedindo que os ideais de uma cultura hegemônica possam se sobrepor aos conhecimentos pertinentes de sua história (SAVIANI, 2013). O conceito de educação prescinde das impressões dos nossos sujeitos para assim definirmos melhor, para Emanuele Rodrigues existe uma precariedade na educação local,

nós não vemos por parte das gestões a nível municipal, estadual a questão do investimento, nas zonas rurais, principalmente nas comunidades quilombolas, falando do nosso território. A educação pra gente é esse fator importante, onde o ser humano desenvolve suas habilidades, suas competências, sua formação. Isso é de suma importância aqui pra nós quilombolas, e claro, pode sim ser melhorada, trabalhando as particularidades que nossas comunidades têm, e nossas dificuldades, nossas competências, que são particulares, que são peculiares dos quilombolas, seu modo de vida e a sua forma de ver o mundo. Creio que a melhora só vai acontecer a partir de maiores investimentos da parte dos responsáveis políticos, dos responsáveis pela gestão, da forma que a gente foi incluído nos planejamentos, no âmbito da educação, enquanto isso a gente vai ficando sempre na margem, gente tem escolas aqui bastante precárias, onde a gente não tem climatização, espaços apropriados, a falta da educação, da implantação quilombola, falta esse olhar de importância pras comunidades quilombolas pra poder ser melhorado. (Emanuele Rodrigues, 2021).

Podemos notar uma visão bastante crítica da realidade pela qual passa a população local no que se trata da educação escolar, nossa interlocutora chama atenção para uma diferença perceptível entre o que é a educação nas cidades e o que vem a ser a educação do campo e sublinha a educação escolar quilombola como sendo tratada com certo descaso pelo Estado. É chamada atenção para a possibilidade de se potencializar o que se aprende quando citados os conceitos de competências e habilidades, entretanto não é esquecida a referência às particularidades de suas comunidades, seu modo de vida e sua cosmovisão. O processo de marginalização citado, a nosso ver, ocorre por conta do trato dado a estes povos ao longo de toda a história de colonização a qual são submetidos, situação percebida e reivindicada na fala em destaque.

As impressões de Márcia Martins não são diferentes, para ela a educação começa dentro de casa, *“é o que aprendemos lá dentro e o que mostramos fora dela. Hoje em dia a educação é tudo na vida, a pessoa que tem educação ganha o mundo”* (Marcia Martins, 2021). É notável entre os nossos sujeitos que as famílias quilombolas locais, buscam uma forma de preservar suas tradições e valores culturais, bem como garantir uma educação de qualidade para seus filhos. No contexto das comunidades quilombolas, a educação em casa tem um sentido informal, baseada na transmissão oral de conhecimentos e saberes, valorizando a cultura e a história dos seus pensamentos.

Para teóricos decoloniais, como Kilomba (2008) e Mbembe (2014), a valorização da cultura e da história são fundamentais para a formação da identidade das comunidades, devido a história de marginalização e subalternização passada. Nesse sentido, a educação informal se mostra uma alternativa viável para manter viva a tradição e o legado dos quilombos, que foram importantes espaços de resistência e luta contra a opressão colonial.

Além disso, a educação informal pode ser uma forma de combater o racismo estrutural, muito evidente na postura combativa de Márcia Martins. O racismo está muito presente nas escolas, que muitas vezes não valoriza a história e a cultura dos povos quilombolas, e que reproduzem padrões de discriminação e exclusão. Ao assumirem a responsabilidade pela educação de seus filhos, as associações quilombolas podem garantir uma formação que respeite suas especificidades culturais e que contribua para o fortalecimento de sua identidade e autoestima dentro dos seus próprios espaços de convívio comunitário.

Em Freire (1991) a educação é definida como um processo de conscientização e libertação, em que o educador e o educando são agentes ativos na construção do conhecimento e na transformação social.

Nas considerações de Paulo Freire

Você, eu, um sem-número de educadores sabemos todos que a educação não é a chave das transformações do mundo, mas sabemos também que as mudanças do mundo são um quefazer educativo em si mesmas. Sabemos que a educação não pode tudo, mas pode alguma coisa. Sua força reside exatamente na sua fraqueza. Cabe a nós pôr sua força a serviço de nossos sonhos (FREIRE, 1991, p. 126).

Segundo este teórico, a educação deve ser crítica, dialógica e problematizadora, buscando a superação das desigualdades e a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Esta definição quando pensada do ponto de vista do local onde nos encontramos soma-se às contribuições de Fanon (1968) discute o papel da educação na construção das identidades coloniais e na resistência à opressão, ele enfatiza a necessidade de uma educação

que ajude a descolonizar a mente e a rejeitar as ideologias opressivas impostas pelas potências coloniais. Este posicionamento para nós está traduzido na obra *Pele negra, máscaras brancas*, quando Fanon diz: “Desperto um belo dia no mundo e me atribuo um único direito: exigir do outro um comportamento humano.” (FANON, 2008, p. 240). Aqui percebemos a possibilidade de um humanismo e uma crítica marcante à violência colonial que é sustentada pelo racismo. Fanon acredita que a educação deve ser uma ferramenta para a libertação e para a construção de uma nova sociedade livre de dominação, aqui notamos uma convergência entre ele e Freire.

Na educação brasileira, percebe-se um aumento do número de reflexões sobre as relações raciais em vários âmbitos. Evidencia-se a tentativa de superação do silêncio que sempre foi o grande obstáculo à promoção de relações interpessoais respeitáveis e que promovam a igualdade entre os agentes sociais que integram nossa sociedade.

A crença na “democracia racial”, a negação do racismo como estruturante na sociedade brasileira o comodismo diante da discussão sobre preconceito, sobre discriminação racial nas mais diversas instituições sociais, em especial na escola, contribui para que as diferenças entre negros e não negros sejam entendidas como desigualdades naturais inerentes de uma sociedade de classe. Cabe ressaltar que um dos grandes desafios do movimento negro brasileiro, principalmente após 1970, foi o enfrentamento do “mito da democracia racial”, que é lastreado pela obra *Casa grande & senzala*, de Gilberto Freyre, em 1933. Esse mito sustenta a ideia de que as relações raciais no Brasil eram harmoniosas e a miscigenação a contribuição do Brasil ao planeta. Nesta linha de raciocínio não haveria racismo no Brasil, a condição humana do negro é devida à escravidão e não ao racismo. Isso faz com que nossas instituições aceitem tal realidade como se fosse algo natural. De maneira natural a escola apenas reproduz o que a sociedade impõe e de forma alguma queremos transparecer que a escola tem responsabilidade exacerbada na superação de problemas sociais. A sociedade capitalista usa a escola para impor formas de pensamento e modelos de educação, se constituindo em espaço de disputas (SAVIANI, 2013).

Enfrentar a injustiça do racismo estrutural do Brasil e superá-la é um desafio que requer um envolvimento de agentes políticos sensíveis às causas da população negra, mas, sobretudo temos que viabilizar participação direta da população negra em nossos projetos decisórios. É para este campo que voltamos nossa atenção, as práticas educativas locais e sua interface com a educação no quilombo, a partir uma perspectiva educacional antirracista, contemplada na Lei nº 11.645/08, a partir do conhecimento da organização, cultura e percepções destes sujeitos sobre os processos educativos formal e não formal. Apesar de ser

destinada ao circuito escolar os debates sobre a lei têm influenciado processos de educação não-formais, e, sobretudo permeia debates entre de líderes quilombolas desta microrregião.

Nossa problematização destaca um aspecto desta história, o tema das Comunidades Quilombolas e sua proposta de educação, neste caso, não formal no sentido de cotejar atitudes políticas e os desafios enfrentados por esta comunidade das instituições que atuam no seu território. Portanto, este estudo se coloca como uma contribuição à área da educação, tônica do curso de Doutorado do Programa de Pós-graduação em Educação vinculado ao Instituto de Ciências da Educação da Universidade Federal do Pará, através da discussão acerca desta região a partir de reflexões acadêmicas.

1.4 Formulação dos objetivos e do problema de investigação

Nossa temática decorre antes de tudo do intuito de dar visibilidade e problematizar a educação das relações étnico-raciais no Brasil a partir da Região Amazônica, mais especificamente das Comunidades Quilombolas das Imediações da Transcarnetá, dialogando com lideranças e suas experiências. Neste sentido, compreendemos que questões como educação, cultura, política de inclusão, políticas de ações afirmativas, políticas de diversidade e políticas de diferença acabam sendo contempladas, posto que compõem o universo das relações raciais e nos levam a refletir que fazem parte da dinâmica diaspórica que é o pano de fundo da vivência das Comunidades Quilombolas da Amazônia. Tal percepção nos exige um olhar especial sobre a tessitura dos fatores educativos próprios que de toda maneira norteiam a atuação destas comunidades na sociedade atual.

Em nosso estudo focamos no movimento diaspórico como algo que constitui o quilombo como espaço e como processo de resistência visando abordar o que propriamente pode ser considerado como constituinte da identidade cultural das Comunidades do Baixo Tocantins. Para nós, com base na literatura especializada, o quilombo não é um fenômeno ligado ao processo de escravização negra ou ao processo de diáspora, trata-se de organização social africana que tem anterioridade a este processo (NASCIMENTO, 2021, p. 153). Procuramos vislumbrar, dentro do possível, nos mais variados momentos comunitários o que necessariamente é guardado na memória dos sujeitos que se dispuseram a contribuir com a escrita deste trabalho de Tese. Aquilo que funda sua vida total, como se constituem como lideranças, dando destaque ao âmbito dos seus processos políticos. Percebendo como estas questões são entendidas pela comunidade, e mais ainda, o que guia este processo de constituição do quilombo, pautamos isto a partir da noção de que existe uma proposta de

organização e de Pedagogia Própria, que veio a culminar com a fundação de inúmeras associações quilombolas a partir do final da década de 1990.

Para a concretização do processo de pesquisa um dos recursos necessários e que marca nossos procedimentos de reflexão é a utilização da Decolonialidade e suas categorias analíticas em consonância com a Metodologia de Grupo Focal em auxiliar na compreensão das relações étnico-raciais ali presentes. Categorias analíticas, escolha da metodologia analítica e suas importâncias serão abordadas de forma mais detalhada adiante.

A título de exemplificação, as lideranças quilombolas da região, como em Umarizal Beira, de acordo com Medeiros (2017) se constituem em contextos repletos de conflitos existenciais, atitudes e práticas, políticos e econômicos. Com base no estudo que fizemos no mestrado, inferimos para título exploratório que essas tensões e enfrentamentos influenciam para o desenvolvimento de uma Pedagogia Própria, que por sua vez contribui para os desdobramentos de visões de mundo críticas da realidade e estratégias de negociação e valorização das suas tradições culturais. Por este viés, reafirmamos a Tese de que o *lócus* onde estamos inseridos ocorre aquilo que a literatura decolonial tem sustentado, o processo de colonização fadou nossos povos tradicionais às distorções negativas do que funda o capitalismo em sua natureza exploratória e que estas populações têm reexistido a este processo.

Dessa forma perguntamos: de que modo as lideranças quilombolas, suas experiências, atitudes e práticas atuais devem ser consideradas como cruciais no fazer-se quilombola hoje e são resultantes da reinvenção da memória e da identidade cultural afrodescendente na diáspora?

Esta questão inicial será combinada com mais três outras, no sentido de se apreender na Comunidade Quilombola a discussão educacional em seu compromisso no debate das relações raciais. Assim, as questões norteadoras aqui apresentadas surgem do trabalho de observação empírica, bem como do acúmulo de leituras referentes à temática em questão.

1) Tendo as lideranças quilombolas relações e experiências com outros sujeitos quilombolas num universo empírico, como as concepções (conceitos e pressupostos) decoloniais nos auxiliam na compreensão das relações étnico-raciais advindas do movimento de diáspora?

2) Como as histórias de vida dos afrodescendentes líderes quilombolas da região tocantina constituem sua formação identitária enquanto comunidade local, e até que ponto toma como norte a memória das práticas da comunidade?

3) Como se deu o processo de constituição das Comunidades Quilombolas das imediações da Transcarnata, margem esquerda do rio Tocantins, no que tange aos seus líderes e seus elementos culturais, étnico-raciais e políticos e como isso está para a relação com a educação não formal (Pedagogia Própria)?

Isto significa que são necessários procedimentos teóricos e metodológicos, que possam ampliar o conhecimento sobre a temática em tela e o conhecimento mais amplo do processo de constituição destes sujeitos quilombolas nesta região do Pará. Entendemos que as identidades são constituídas no processo de experiência da vida, nos embates, nas lutas, nas formas de se posicionar, escolher e acreditar nos valores impregnados de significados ou na ausência daquilo que se busca no processo de completude humana, cuja memória é um recurso muito importante.

[...] a memória é depósito de dados, naturalmente estática, pois configura um princípio de conservação, uma simples reprodução dos sucessos anteriores existentes na vida animal superior; a Tradição é o respeito à continuidade dos hábitos, costumes e ideias, é também estática e contém contra si muitos aspectos negativos, ao lado de alguns positivos; só a história é a análise crítica, dinâmica, dialética, julgadora do processo de mudanças e desenvolvimento da sociedade (RODRIGUES, 1981, p.48).

Na mesma linha, Bosi (1994) discute a memória como algo que a cada evocação é reconstruída, refeita e repensada, não como evidência pura de como o fato aconteceu, mas é uma nova configuração das experiências vividas; ressalta ainda que “a memória não é sonho, é trabalho”, trabalho esse que se realiza continuamente, mas não modifica totalmente os fatos, sim alguns fatores, haja vista que trechos são adicionados ou simplesmente esquecidos nos relatos.

Por isso, promovemos rodas de conversa com os sujeitos através de um Grupo Focal de Líderes para que os conhecimentos que possuem avivados por suas memórias pudessem se tornar eloquentes na nossa experiência de pesquisa.

1.5 Aplicação

Realizei a aplicação a partir de Grupo Focal de Líderes com os sujeitos da pesquisa.

Aplicação de um roteiro semiestruturado em grupo, observação e a realização de encontros que começaram em 2021 ainda na durante a Pandemia da Covid 19, naquelas condições sanitárias respeitamos os protocolos de distanciamento, além de uma entrevistas com Sr. Narciso e D. Marcianavisto que estes direta ou indiretamente estão envolvidos em

atividades sistematizadas e/ou atreladas aos fazeres político sociais da Comunidade Quilombola, além de interagir com os líderes de toda a região.

E de volta a Umarizal-Beira em visita e busca de colaboração de seu Narciso e dona Marciana Vieira, casal amigo que muito tem me ensinado sobre a vida. Ao longo destes anos de anos de pesquisas, que datam desde 2013 a residência deles foi sempre meu ponto apoio, não só para a pesquisa em si, mas para as horas de lazer, conselhos, remédios caseiros para o corpo e para a alma. A identidade local se traduz na leveza com a qual eles se revelam em nossa vivência. Imprimem muita influência e recebem o respeito da população de toda a região.

Figura 15: Dona Marciana (A) e Seu Narciso (B) em tarde de diálogo e acolhimento em sua residência.



Fonte: Acervo do autor (2021).

Conhecê-los foi uma experiência transformadora. Acessar sua experiência de vida através dos relatos de suas memórias me ensinou muito sobre suas tradições, modo de vida e identidade. Desde o primeiro momento em que os conheci, fiquei impressionado com sua sabedoria e conhecimento profundo da natureza. Eles me encantaram com ensinamentos de como viver em harmonia com a floresta e os animais, em nossas conversas sempre tocam a respeito das técnicas para cultivar plantas e pescar no rio.

Além disso, venho aprendendo muito com suas histórias de vida. Eles falam muito sobre a luta pela preservação de suas terras e tradições, e como a cultura quilombola tem sido mantida viva através das gerações. Mas o que mais me impressiona é a sua humildade e simplicidade. Apesar de todas as dificuldades que enfrentam, eles suportam uma atitude positiva e amorosa em relação à vida e às pessoas ao seu redor. Eu os admiro, pois mesmo em um mundo cada vez mais complexo e tecnológico, é possível encontrar a felicidade na simplicidade e nas relações humanas.

Sou imensamente grato por ter conhecido esse casal de amigos. Eles me ensinaram que o conhecimento mais valioso muitas vezes vem daqueles que são menos ouvidos, e que é importante sempre estar aberto a novas perspectivas e formas de pensar. Por este motivo estão inseridos como contribuintes do nosso diálogo na Tese.

Souza (1999) comenta sobre os conhecimentos obtidos no decorrer dos tempos e que necessitam de pesquisas, estudos, para não se perderem:

Relembrar o passado é uma ocorrência natural da vida de cada um que parece se acentuar à medida que envelhecemos. Com o passar dos anos, as pessoas vão registrando na memória fatos de toda natureza, o que constitui um verdadeiro patrimônio de informações e de valores culturais que, se não for registrado, será perdido, causando grande prejuízo às novas gerações. (SOUZA, 1999, p. 104)

A memória assume um relevante papel no meio social que sem ela não seria possível o acesso a conhecimentos fundamentais para o progresso social. É preciso compreender que as futuras gerações necessitam de informações e experiências passadas, sem as quais, poderão até dominar a tecnologia, mas muito raramente conseguirão perceber o real significado de culturas e tradições, que sem a memória poderão até se perder. Sendo assim, reforçamos a relevância do casal acima mencionado para o diálogo.

Nesse sentido Bosi (1994) destaca que a memória “lança uma ponte entre o mundo dos vivos e o do além, ao qual retorna tudo o que deixou à luz do sol. Realiza uma evocação: o apelo dos vivos, a vinda à luz do sol, por um momento” (p.89). Isso quer dizer que a memória, através do seu caráter evocativo, possibilita aos sujeitos a ascensão de situações que foram vividas e que poderiam se perder no inconsciente. Ela realiza a função de que, ao reconstruir as lembranças, o sujeito consiga aprender algo para o seu presente e compreender que o passado é relevante para a sua formação tanto identitária quanto de sujeito ativo na sociedade.

No que tange à identidade, Hall (2006, p. 13) afirma que “O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções”.

O que isso sugere é que a identidade emerge não tanto de um centro interior, de um verdadeiro e único, mas do diálogo entre os conceitos e definições que são representados para nós pelos discursos de uma cultura e pelo nosso desejo consciente e inconsciente de responder aos apelos feitos por estes significados de sermos interpelados por eles, de assumirmos as posições de sujeito construídas para nós por alguns discursos (HALL, 2006, p. 18).

As identidades são emergentes e descentradas de acordo com as configurações do cotidiano, pois à medida que os sujeitos são interpelados, eles se posicionam. Nesse sentido, as identidades, são “politizadas” e sustentadas a partir das representações e processos que os

sujeitos criam. Por isto, nunca estão prontas, são processos. E não é uma invenção do eu interior, pois aquilo que se parece sedimentado, nada mais é do que diferentes modos de pensar e agir que escolhemos para nós. Mas as identidades são construídas e reconstruídas no interior dos sentidos e dos significados que a cultura e a sociedade favorecem.

A partir da técnica do Grupo Focal buscamos apreender identidade cultural dessas comunidades. E conseguimos a partir das nossas idas a campo vislumbrar tradições, costumes e formas de vida que são únicas e distintas de outras culturas. Tivemos a oportunidade de explorar a sua identidade cultural “flagrar” práticas que são significativas para eles. Os participantes compartilharam histórias sobre suas origens, tradições, valores e crenças, e apontaram como esses elementos moldam suas vidas e relacionamentos.

A identidade cultural é um aspecto fundamental da vida das comunidades quilombolas. Ela está intrinsecamente ligada à sua história, luta e resistência, e é uma fonte de orgulho e resiliência para estes sujeitos. Sua compreensão pode nos ajudar a valorizar sua cultura, além de promover o respeito e a tolerância com relação a ela. O conhecimento acerca da identidade cultural dessas comunidades pode influenciar na elaboração de políticas públicas, projetos de desenvolvimento e iniciativas que buscam apoiar e fortalecer essas comunidades.

Ainda seguindo o raciocínio de Hall (2006), as pessoas em condições diaspóricas são obrigadas a adotar posições de identificação deslocadas, múltiplas e hifenizadas. Dessa forma, as Comunidades Quilombolas constituem um grupo diaspórico uma vez que são remanescentes da diáspora africana, pois lutam contra o racismo, o preconceito e a discriminação racial, além do racismo institucional enraizado no Estado brasileiro.

A partir do exposto, é perceptível que buscamos evidenciar ações vislumbradas como uma Pedagogia Própria, ações advindas do repertório cultural e étnico dos sujeitos envolvidos, dando ênfase na memória como mecanismo que possibilita a reinvenção no sentido de proporcionar melhores condições para o enfrentamento das desigualdades existentes no cenário sociocultural amazônico.

2 DECOLONIALIDADE E AFRODESCENDÊNCIA¹³: um olhar para dentro de nós

2.1 A Perspectiva Decolonial na formação de um professor/pesquisador afrodescendente amazônida

Neste ponto procuro dialogar acerca da Metodologia da Pesquisa. Minha ideia inicial ainda na entrada do programa era realizar um debate pautado na reflexão que leva em consideração a interrelação entre diferentes áreas de conhecimento na compreensão de determinado fenômeno social, como perspectiva de “amenizar a fragmentação existente no ensino e estabelecer um diálogo entre as várias formas de conhecimento” (SANTA CATARINA, 2014, p.03), que se manifesta desde sempre no cenário da educação brasileira.

A comunidade com a qual inicialmente começo essa aproximação foi o quilombo de Umarizal Beira, Baião-PA onde conheci o Sr Narciso Vieira, lugar que tenho frequentado há aproximadamente uma década, é lá onde me encontro com minha afrodescendência em sentido mais profundo. Os laços que criamos trazem como essência o respeito mútuo. A convivência com as comunidades quilombolas das imediações da Transcarnetá é boa e, apesar do distanciamento social que atravessamos durante a pesquisa por conta do Novo Corona Vírus, acabou por nos aproximar mais nos últimos anos.

Como objetivávamos naquele momento evidenciar ações que podem ser vislumbradas como Pedagogia Própria advinda do repertório cultural e étnico da comunidade quilombola de Umarizal Beira, Baião-Pa, a ênfase aqui recai na memória como mecanismo que possibilita a reinvenção no sentido de proporcionar melhores condições para o enfrentamento das desigualdades existentes no cenário sociocultural e educacional amazônico, surge então a necessidade de se realizar uma pesquisa de campo, para termos uma precisão de como as relações se desenvolvem na comunidade, a partir das especificidades da cultura dos sujeitos da pesquisa.

No entanto, ao revisitar a comunidade em outubro de 2020, após a troca de orientação, momento em que sou acolhido no grupo do Prof. Dr. Carlos Paixão, em um diálogo com o Sr. Narciso Vieira (Líder da comunidade de Umarizal), que sempre se mostrou solícito às minhas propostas de pesquisa desde o mestrado, sou apresentado à amplitude de possibilidades que

¹³ Queremos distinguir nosso lugar epistêmico e social. Nos colocamos socialmente no lado oprimido das relações de poder, mas isso não garante que significa automaticamente que estejamos epistemicamente no lugar epistêmico subalterno. O êxito do sistema-mundo moderno/colonial nos levou a nos situarmos no lado oprimido da diferença colonial e a pensarmos epistemicamente como os que estão em posição dominante. Nos colocamos a pensar a partir da perspectiva subalterna como nosso compromisso ético-político e elaborar um conhecimento contra hegemônico (GROSFUGUEL, 2009)

alargando meu olhar para outros líderes da região que aceitaram participar da pesquisa desta Tese. Encontro-me com a Sra. Nilva Arnold, liderança da comunidade de Igarapé Preto e Presidente da ARQIB.

Ao longo da conversa em que aponto para Nilva e seu Narciso os rumos que quero seguir eles inferem que eu deveria conhecer outros indivíduos, seus amigos e companheiros de lutas naquela área mais ampliada de comunidades e sujeitos, a confluência de comunidades é a ARQIB que se torna o novo *locus* de pesquisa. Os sujeitos por nós eleitos para o Grupo Focal de Líderes passam a ser: José Estelito Gonçalves (Quilombo de Cupu), Antônio Vieira Teixeira (Quilombo de Igarapé Preto), Márcia Dos Santos Martins (Quilombo de Igarapé preto), Emanuele De Cássia Rodrigues (Quilombo de Teófilo), Manoel Rodrigues (Quilombo de Teófilo), Diogo Baia Machado (Quilombo de Igarapé preto), Laurença Arnaud (Quilombo de Igarapé Preto), Marinilva Arnaud Martins (Quilombo de Igarapé Preto) e Claudilene Sacramento Da Rocha (Quilombo de França).

Figura 16: Registro da Reunião com o Grupo Focal de Líderes, momento de diálogo em um café da manhã (2022).



Fonte: Arquivo do autor (2022).

Esta conversa foi definitiva para que eu decidisse, de forma mais segura, elaborar uma pesquisa que se colocasse como descritiva e analítica, visando amplificar a visão dos sujeitos que transitaram e ainda transitam nas várias comunidades quilombolas das imediações da Transcarnetá ligadas à margem esquerda do rio Tocantins.

Buscamos conhecer o perfil dos sujeitos da pesquisa, seus fazeres cotidianos, relações sociais, práticas de resistência, pretensões de futuro em relação à educação e de como isso fica

exposto nas práticas cotidianas, no que tange à diversidade e, principalmente, ao entendimento sobre as relações raciais.

A abordagem decolonial é uma perspectiva crítica que busca desconstruir as formas de opressão que viveram grupos historicamente marginalizados, como as comunidades quilombolas. Já temos definido que a colonização deixou marcas profundas na cultura, na identidade e nas relações sociais das comunidades colonizadas.

De acordo com Quijano (2005), a opressão e a desigualdade são resultado direto do processo de colonização e essas estruturas ainda estão presentes na sociedade atual, perpetuando a marginalização e a exclusão de certos grupos. Fanon (2008) também argumenta que a colonização deixou cicatrizes profundas na subjetividade das pessoas colonizadas, levando a uma internalização da opressão e da inferioridade.

Seguindo essa perspectiva, é fundamental que os pesquisadores e estudiosos envolvidos na pesquisa com comunidades quilombolas sejam sensíveis às dinâmicas de poder e de opressão que permeiam essas relações. Mignolo (2014) e Dussel (2010) defendem a importância da interculturalidade e da valorização das diferenças culturais como forma de superar as barreiras impostas pela colonização e construir um mundo mais justo e igualitário.

Abordagem decolonial reconhece a agência e a subjetividade dos sujeitos de pesquisa, valorizando suas perspectivas e saberes. Buscamos conduzir a pesquisa em conjunto com os sujeitos, promovendo um diálogo intercultural e horizontal. É uma abordagem que busca promover a autonomia e a emancipação dos sujeitos, levando em conta a sua diversidade e pluralidade cultural.

Nossa concepção acadêmica nos proporciona um olhar para a necessidade de compreensão de como estas lideranças e as instituições onde convivem convergem em termos de objetivos de vida, contribuindo para a resistência e expansão das culturas de origem afro em as práticas cotidianas frente às outras práticas culturais, tanto no âmbito da educação formal, no circuito da crítica ao colonialismo, assim como vislumbrar os pressupostos das relações sociais advindas desta influência.

2.2 O campo de pesquisa

Nos últimos anos vemos um número marcante de indivíduos pesquisadores demonstrando interesse pela história dos povos da Amazônia. Como demonstrado mais adiante no Estado do Conhecimento, há uma grande quantidade de pesquisadores da área das humanidades e afins buscando qualificação e fazendo suas pesquisas em programas de

mestrado e doutorado na seara das relações raciais. Destaque para o interior e das capitais dos Estados da Região Amazônica. Estes intelectuais têm vislumbrado a história dos povos tradicionais da Amazônia e buscam como ponto de partida a valorização dos seus saberes somados à suas práticas culturais, o que em nosso trabalho procuramos definir como Pedagogia Própria, processo de resistência, em sentido da contribuição do que resgatamos da memória dos seus “mais velhos” e conseqüentemente da sua ancestralidade.

Estudar a memória afrodescendente no Brasil, assim como em outros países de fortes raízes africanas, torna-se inadmissível fazer essa variação de debate sobre etnicidade sem levar em consideração o trabalho de Franz Fanon, pelo menos as obras *Pele Negra, Mascaras Brancas* (2008) e *Os Condenados da Terra* (1979), que embasam a análise e a discussão das dificuldades enfrentadas por africanos e afrodescendentes na busca do respeito da sua identidade, em meio a um processo de constituição de um mundo colonizado por europeus.

Aqui cabem as considerações da obra de Neuza Santos Souza, *Tornar-se Negro* (1983), assim como os estudos de Marilena Paré sobre a autoestima de crianças negras (1991), Ademil Lopes (1994), Consuelo Silva (1995) sobre o processo de socialização da criança negra na escola.

A Economia, a Sociologia, as Artes, a Literatura, a Educação e um sem-fim de ciências e suas perspectivas teórico-metodológicas passam a ter estes processos de compreensão da etnicidade como o ponto de convergência entre estas pesquisas na busca por “contar esta história”, no anseio de busca pela compreensão do povo local. Dentre outras coisas surgem seus personagens, que não são heróis, não são da elite e em muitos casos ainda estão na “travessia¹⁴” ou na “encruzilhada” de suas identidades, ainda estamos construindo o momento histórico de autoafirmação no que podemos definir como contramão da História Nacional, oficial e excludente.

No nosso caso buscamos nos ancorar nossa perspectiva no Projeto Decolonial nos aproximamos do que é definido em Bernardino-Costa e Grosfoguel, (2019) “as fronteiras não são somente este espaço onde as diferenças são reinventadas, são também lóci enunciativo de onde são formulados conhecimentos a partir das perspectivas, cosmo visões ou experiências dos sujeitos subalternos” (p. 19). O que buscamos definir com base nesta afirmação é que há uma conexão lugar-pensamento dos sujeitos da pesquisa.

¹⁴ Os termos travessia e encruzilhada tem relação com a abordagem poética com a qual lidamos com alguns aspectos epistemológicos no seminário da pesquisa sob orientação do Prof. Dr. Carlos Paixão. Estas reflexões têm nos inspirado muito e a elas reservamos lugar especial a diante.

Nosso percurso, ainda que tímido, e não pouco difícil, no que diz respeito à carreira acadêmica, tem nos aproximado a uma perspectiva de pesquisa denominada Afrodescendente. Partimos da necessidade de nos situar como sujeitos capazes de produzir história. Estamos na periferia do mundo enquanto Brasil e na periferia do Brasil enquanto nação, na periferia enquanto região, na periferia como unidade federativa e na periferia dos nossos municípios.

Grande parte da população amazônica tem sido classificada, mesmo que de forma positiva, como “povos da floresta”. Esta população é formada por tipos variados de processos de subalternização (escravismo e servidão) e, já no enfrentamento, quando aqui falamos de povos da floresta reconhecemos em sentido positivo a imensa diversidade ambiental e social da região. Dentre estes povos estão inclusos indígenas, seringueiros, castanheiros, quebradeiras de coco, caboclos ribeirinhos, beiradeiros, dentre outros, mas para nós o destaque aqui vai para os quilombolas.

Em meio a tanta diversidade há certa dificuldade em se especificar de maneira imediata o que difere cada uma destas categorias sociais presentes na nossa região. No que se trata dos afrodescendentes, mesmo não sendo única a definição, a comunidade quilombola tem suas especificidades definidas numa relação com uma ascendência social que perpassa pelo processo de resistência política e relação estreita com a ocupação territorial.

Para Cunha Jr (2005), nossa ascendência afrodescendente é o que impõe uma especificidade a todos os nossos aspectos sociais, no entanto sua reconstrução histórica aponta para o desvelamento do processo que culminou com as várias práticas de resistência que vêm sendo o que impulsiona os processos de avanço mais recente que podemos emblematicamente destacar dentre vários a transformação do nosso quadro jurídico e normativo nas últimas duas décadas.

Ainda segundo o mesmo autor, não podemos perder de vista que estes os resultados são consequência da insistência e processos de resistência já seculares dos movimentos negros para a correta incorporação da história e cultura afro-brasileira e afrodescendentes à nossa história geral humana e brasileira que inicia a se concretizar a partir da promulgação da lei 10.639/03. Nossa principal necessidade, dentre outras não menos importantes, era ter nosso conhecimento, história e cultura expressos na educação nacional.

A perspectiva que perseguimos nesta Tese nos leva a caracterização de um trabalho que se desenrola sob a relação Colonialidade x Decolonialidade, visando se estruturar no contexto de um país que se alicerça no processo de escravização negra que perdurou oficialmente quase quatro séculos e que, após sua falsa abolição, relega sua população negra a papel de “objeto” de inúmeras pesquisas que visam compreender suas distorções.

Por Colonialidade podemos aqui definir como um processo visto como o “lado obscuro e necessário da Modernidade” (BALLESTRIN, 2013), sendo a forma de controlar recursos de toda ordem (trabalho, capital, conhecimento, corpos etc.) esta relação de poder é a engrenagem do capitalista moderno. Deparamo-nos com a Colonialidade em suas diversas formas de produção e reprodução da nossa sociedade. Em Ballestrin (2013), a Colonialidade é o eco do pensamento colonial, é a matriz das relações de dominação de *poder, saber e ser* (BALLESTRIN, 2013).

A Decolonialidade, por sua vez, ocorre como proposta capaz de imprimir resistência à Colonialidade e seus reflexos no pensamento moderno, aqui nos aproximamos da perspectiva do grupo Modernidade, Colonialidade e Decolonialidade dentre seus teóricos damos destaque para Quijano (2005), Walsh (2005), Lander (2005), Dussel (2000), Maldonado-Torres (2017) e Mignolo (2003). A Decolonialidade é definida como caminho para a desconstrução dos padrões, conceitos e perspectivas sistematicamente impostos aos povos subalternizados, além de aplacar uma severa crítica à modernidade.

Este debate, na nossa concepção, dialoga com a abordagem da Afrodescendência, definida aqui como possibilidade analítica, que exige dos pesquisadores adentrar e compreender a situação, os valores sociais e as formas culturais das comunidades afrodescendentes. Para tanto, se faz necessário reconhecer o pensamento de base africana como um dos elementos importantes para compreender a constituição da sociedade brasileira sob uma perspectiva dialógica e analítica capaz de identificar sujeitos que promoveram a nova perspectiva nacional. (CUNHA JÚNIOR, 2005).

Nossa linha na Educação como grande área de conhecimento é Cultura, nos concentramos num olhar fixo em uma espécie de “onda” de um imenso mar de possibilidade que é a Educação Quilombola, e estamos numa imensa praia, como o Sr. Palomar na Paria de Calvino (1994), que para nós é um mundo. Os espaços institucionais, a exemplo do PPGED/UFPA, vêm nos proporcionando à possibilidade de dialogar com vários pares que nos ajudam, a encontrar contribuições e epistemologias que vêm dando conta de formatar, dentre muitas outras, o que aqui fazemos o exercício de definir como a nossa própria “onda” amparados pelos instrumentos da Decolonialidade a partir da nossa perspectiva enquanto afrodescendente. E nos sentimos assim:

O senhor Palomar está procurando agora limitar seu campo de observação; se tem presente um quadrado de, digamos, dez metros de praia por dez metros de mar, pode levantar um inventário de todos os movimentos de ondas que ali se repetem com frequência variada dentro de um dado intervalo de tempo. A dificuldade está em fixar os limites desse quadrado, porque, por exemplo, se ele considera como o lado

mais distante de si a linha em relevo de uma onda que avança, essa linha ao aproximar-se dele irá, erguendo-se ocultar de sua vista tudo o que está atrás; e eis que o espaço tomado para exame se destaca e ao mesmo tempo se comprime. (CALVINO, 1994, p.8)

O estudo acerca da população negra no Brasil, com dito anteriormente, vem tomando corpo e se mostrando cada vez mais diversos. As reflexões fruto destes esforços vão desde a tentativa de compreender os espaços urbanos e/ou rurais ocupados pelas populações negras à definição teórica do que aflige esta população, a exemplo do racismo antinegro no Brasil.

Racismo antinegro definido como uma ideologia de dominação e, como toda ideologia, camuflando as suas práticas, decorrendo do processo de encobrimento da realidade a dificuldade da população em reconhecer a existência de racismo no Brasil. O racismo antinegro é um problema estrutural das relações sociais brasileiras e as situações dos bairros negros são, em parte, consequência da forma de operação do racismo antinegro nas instituições e nas relações sociais. Parte significativa das vidas das populações negras é gerada pelo racismo estrutural e pelas condições da cidade produzida pelo mesmo racismo estrutural antinegro (CUNHA JR., 2019, p.4).

Esta definição nos ajuda a compreender que o pluriverso¹⁵ destes trabalhos trata do entendimento a respeito da população afrodescendente e é desta que temos falado. Encarar nosso campo de pesquisa como pluriverso nos permite apontar para a ideia de que comungamos de um posicionamento epistêmico-político que leva em conta que a modernidade eurocentrada e sua universalidade são colocadas sob questionamento, e o processo de resistências aponta para aquilo que é pluri, que nos ajuda a perceber a coexistência de uma diversidade de mundos sócio-naturais (ESCOBAR, 2012). Neste sentido, afirmamos que existem muitas afrodescendências, são diversos mundos, há vários movimentos políticos, a luta por direitos é uma constante, somos sujeitos sociológicos como em Hall (2006), sujeitos da história, sociais, somos diversos numa unidade, marcados por nossas individualidades.

2.3 Perspectiva afrodescendente

Esta perspectiva se debruça sobre elementos como a Cultura, a Política, a História, a Matemática, a Saúde da população negra e vem nos permitindo contribuir para a construção de conhecimentos que de todo modo influenciam na construção de uma sociedade mais equânime.

¹⁵ Partimos da noção de Latour (1994), que define que o pluriverso é a composição de vários saberes e “seres”, sinalizando que a humanidade não está em um universo e sim em um pluriverso.

Esta perspectiva tem sido importante para jogar luz nos espaços sociais outros criados e/ou ocupados a partir da influência da população africana e afrodescendente, desde a senzala, ao rural, o quilombo, passando pelas cidades.

A Perspectiva da Afrodescendência debate, sobretudo, Educação, Territorialidade, Tempos, Lugares, Infância, Juventude, Gênero, Religião, Festividades, Instituições, Política, Legislação, Estado, Resistência.

O “olho do furacão” desta perspectiva tem sido o Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará e pesquisadores a exemplo do Prof. Dr. Henrique Cunha Jr que tem se dedicado há algumas décadas às questões ligadas às pautas da cultura afro-brasileira e seus processos históricos e suas memórias como um todo.

A Educação, sob a perspectiva da Afrodescendência, é uma categoria muito abrangente enquanto campo, seu prisma é definido com capacidade de entender dimensões continentais, nacionais e locais. Este aspecto nos ajuda a reforçar a ideia de que a população negra ocupa uma diversidade de espaços sociais, diferentes matizes culturais e mais variados níveis de cultura.

Os vários estudos já desenvolvidos sob esta perspectiva apresentam a educação como um significativo número de processos que ocorrem em vários espaços e dotados de pluralidade de sujeitos educadores e educandos, seja essa educação sistemática ou assistemática.

Sua tônica principal vem sendo abordar o fenômeno do racismo na educação brasileira e apontando para a possibilidade de construção de alternativas para esse problema.

Em inúmeros trabalhos, a exemplo de Silva (2008), a escola, a comunidade, a associação quilombola, o grupo cultural ou terreiro, como ambiente em que nós indivíduos frequentamos cotidianamente, possuem funções educativas e têm como pano de fundo a possibilidade de diminuir a exclusão social imposta ao negro. As práticas educativas afrodescendentes suas Pedagogias Próprias, a saber, seus ritos, mitos e tradições, vêm protagonizando alvos centrais de pesquisas diversas. Estes estudos têm a capacidade de nos ajudar a dar visibilidade a legados muito importantes e caros para a população negra que merecem ampla divulgação.

Como demonstrado em nosso Estado do Conhecimento as pesquisas que tratam da questão negra tem contribuído para a divulgação e ampliam o respeito aos processos históricos de reexistência da população negra, seja ela urbana ou rural, desde o que se desencadeia pela influência direta dos africanos capturados e escravizados no Brasil, assim como no que resulta da contribuição dos seus descendentes ao longo da história mais recente.

São influências que devem ser notadas nas suas formas individuais e coletivas, que perpassa desde a tradição e avança para situações mais específicas, como é o caso das pesquisas que focam nos currículos escolares, na diversidade em termos de cultura, raça, e seus aspectos social e econômico.

A Perspectiva da Afrodescendência tem influenciado no empreendimento da análise de “intervenções pedagógicas” que a própria população negra vem desenvolvendo, seja pelo Movimento Social Negro organizado, podemos definir as várias iniciativas mais recentes adotando uma perspectiva multiculturalistas, em outros uma Pedagogia Interétnica e em outros uma Pedagogia Multirracial. Este multiculturalismo é o que definimos aqui como multiculturalismo emancipatório, como em Santos (2000), de caráter pós-colonial, que se desenvolve a partir de uma tensão entre política de igualdade e política da diferença. A política da igualdade tem base no enfrentamento das diferenciações de classe, que tem como consequência outras formas de discriminação quais sejam estas por questões étnicas, de gênero, por orientação sexual, etárias, dentre outras. Destas lutas ocorre o instituto de políticas da diferença. Este multiculturalismo tem caráter progressista e propõe equacionar as fricções entre políticas de igualdade e políticas da diferença.

Nossa vivência nas comunidades quilombolas das imediações da Transcarnetá nos leva a inferir que ali ocorre uma dada introdução e participação do movimento quilombola nas escolas via a participação dos agentes da associação que fazem parte do corpo seu corpo de profissionais. Algumas transformações são bastante perceptíveis no que diz respeito àquilo que são as relações interétnicas, além de um processo de reafirmação da identidade cultural afrodescendente em sentido da autoestima dos sujeitos que frequentam o ambiente escolar. Compreendemos que a participação direta dos sujeitos ligados às associações quilombolas no espaço escolar, proporciona a realização de processos de ensino-aprendizagem ligados aos aspectos étnicos e socioculturais da realidade dos educandos e seus educadores.

A Perspectiva da Afrodescendência dialoga com a necessidade de se valorizar um repertório de atitudes que liga seus sujeitos a uma relação direta com a África e a milenar produção de conhecimento, este elemento quando destacado é tido como fator primordial para a autoestima do ser negro e sua cultura.

Essa questão da autoestima é compreendida como um embate que se dá contra os habituais processos de invisibilização negra e o racismo presente na mídia, isso desemboca num ganho social para esta categoria social que ecoa para as demais camadas populacionais soma-se às suas reflexões e influencia positivamente para a compreensão da identidade brasileira como um todo.

Este método proporciona a possibilidade de se perceber população afrodescendente inserida na cidade, no Campo e em toda a realidade de forma apreender os aspectos que são fundamentais em suas vivências, vislumbrando situações como moradia, trabalho, educação, por exemplo.

Merece nossa atenção o deslocamento desumano, forçado e criminoso pelo qual esta categoria passou e sobreviveu. Nossa preocupação em abordar essas comunidades como *lóci* de estudo resolve o que se trata do ambiente em que se deve assentar o ambiente real da pesquisa e em especial o ambiente natural da afrodescendência na Região Amazônica.

Este perímetro onde nos encontramos com esta população nos reserva muitos espaços onde podemos desenvolver a observação da população afrodescendente, as vilas desta microrregião são percebidas como espaço que nos permite ter acesso a uma visão específica do que é nossa sociedade em muitos dos seus aspectos. A especificidade do movimento de afrodescendência tem nos ajudado a compreender o fenômeno do racismo e a desconstruir noções como as de mito da democracia racial. O processo de subalternidade comunga com a noção de democracia racial, a população afrodescendente sistematicamente vem sendo deixada às margens de vários processos socioeconômicos. Nossas periferias, onde se concretizam nossas pesquisas é onde estão localizadas as populações afrodescendentes e onde se encontra a história de exclusão e manutenção das desigualdades sociais advindas do processo de escravização da população negra.

As pessoas deste território são fruto da diáspora em dois momentos distintos, da África ao Brasil e de suas senzalas originárias para o quilombo. É fato em diversas narrativas constatarmos que as condições impostas a esta população na primeira ou na segunda ocasião eram extremamente fora de qualquer senso de humanidade. Os quilombos das imediações da Transcarnata são vistos como a possibilidade de esperança de dias melhores e como local em que houve condições de se modificar a situação antes vivida.

A Decolonialidade identifica que a sociedade brasileira se constituiu de formas inorgânicas, coloca em evidência a mudança do status colonial para o nacional a partir da contribuição das lutas de diversos grupos sociais que se articulam politicamente. Essa abordagem nos ajuda a responder às questões levantadas nesta pesquisa, trabalhando com um pluriverso de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais aprofundado das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. Também assume características da perspectiva interpretativa de pesquisa, que valoriza a história e a cultura do lugar e das comunidades do

local, sem perder de vista a história e a cultura de matriz africana, que considera a sucessão de gerações e de grupos ancestrais (CUNHA JÚNIOR, 2005).

Com isso, pressupomos também a compreensão do aporte teórico e filosófico apresentado pelos decoloniais, como base na busca de apreensão dos processos de subjetivação da comunidade pesquisada. Alçamos um voo rumo a um viés interpretativo, procurando levantar e discutir questionamentos que considere as categorias universalismo e relativismo para a compreensão das consequências do trato das questões étnico-raciais no processo de entendimento do papel das práticas educativas na trajetória da população negra.

Procuraremos inserir uma perspectiva qualitativa para este estudo, proposta para a compreensão dos sujeitos da pesquisa a partir da análise das respostas de membros de comunidades quilombolas amazônicas, as questões levantadas num instrumento geral e em questões específicas que são foco deste. Optar pelos Estudos Decolonial, como fundamentação teórica, traz necessariamente formas de estruturar e compreender o sujeito como um ser social, e ainda mais importante, possibilita a construção de medidas efetivas no sentido de rompimento com a opressão histórica dos seres humanos sobre outros.

O empenho epistemológico decolonial, a nosso ver, coincide com a natureza da metodologia da afrodescendência e do nosso objeto, que do ponto de vista da atuação de seus autores nasce de uma variante do pensamento pós-moderno no seu movimento teórico contra regulatório de “descentramento do sujeito iluminista”. Este processo não se dá de forma inconsequente politicamente. Os estudos decoloniais pretendem desconstruir os discursos proferidos no âmbito dos pensamentos coloniais e neocoloniais, empreendendo críticas à forma negligente de como se dá a percepção da diferença cultural, limitadora da compreensão da humanidade.

Neste ponto, definimos uma metodologia investigativa decolonial, que tem por objeto a linguagem das Ciências Sociais, que é o que constitui sua metateoria. Nestes termos, a proposta pós-colonial andina, a exemplo de Walter D. Mignolo (2003), defende a importância de vislumbrar a América Latina como *locus* de enunciação incorporado de seus conhecimentos e saberes, ao longo do tempo subestimado. Ousamos, neste trabalho, convergir à crítica decolonial ao empenho das questões calcadas na “etnicidade”, buscando abordar o desenvolvimento do objeto real a partir do “Terceiro Mundo”, considerando este sem qualquer complexo de inferioridade, desde que se atente aos processos diaspóricos que compõem suas histórias.

O processo de estudo no decolonial e a construção da etnicidade como objeto de estudo é um elemento bastante evidente. O método e categoria científica etnicidade no

decolonial busca revelá-lo como mecanismo de controle. Essa crítica de longe se associa ao pensamento de Foucault, alinhando-se à filosofia pós-estruturalista inspirada na desconstrução do discurso colonial.

Para esta Tese não abandonamos os procedimentos teóricos e metodológicos que se bem observado nosso trabalho de pesquisa já o testamos anteriormente, mas aqui de forma mais incisiva pautamos a concepção Decolonial, buscando identificar a forma como a sociedade brasileira se constituiu, dando ênfase à transformação do status colonial para o nacional com a atuação de diferentes grupos sociais. Nos articulamos com uma abordagem *qualitativa*, esta se propõe responder às questões particulares das Ciências Sociais (Aplicadas), trabalhando com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, correspondendo a um espaço aprofundado das relações, processos e fenômenos que não se reduzem à operacionalização de variáveis.

Não podemos deixar de mencionar que assumimos a perspectiva interpretativa de pesquisa, valorizando a história e a cultura do lugar e das comunidades do local, sem prejuízo ao que diz respeito à história e a cultura de matriz africana, considerando a sucessão das gerações e grupos ancestrais (CUNHA JÚNIOR, 2005).

Esta posicionamento em diálogo com a abordagem da afrodescendência, exige do pesquisador a penetração e compreensão da situação, valores sociais e as formas culturais das comunidades afrodescendentes. Neste sentido, se faz necessário reconhecer o pensamento de base africana como elemento importante para compreender como se constitui a sociedade brasileira sob a perspectiva dialógica e analítica capaz de identificar sujeitos que promoveram a nova perspectiva nacional. (CUNHA JÚNIOR, 2005).

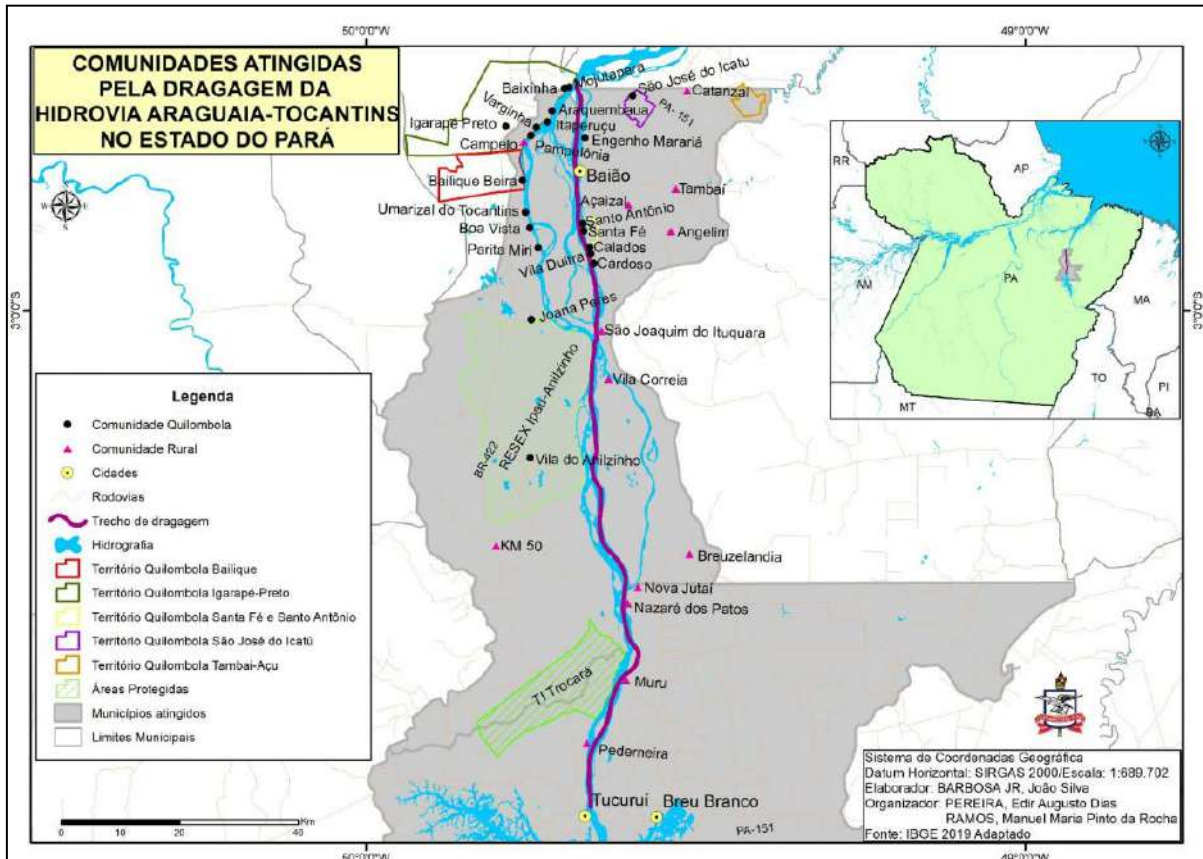
Este processo de definição do aporte teórico-metodológico do estudo contribui com a necessidade de visibilizar a população negra quilombola daquela região.

2.4 Miradas sobre o Fenômeno do Racismo

A política desenvolvimentista da produção energética potencializada com a construção da Hidrelétrica de Tucuruí e subsequentemente com a proposta da Hidrovia Araguaia-Tocantins causou e continua causando impactos nesta região, o que serve de exemplo concreto da questão racial atrelada às consequências sociais negativas em áreas de barragem relaciona-se as comunidades quilombolas que possuem uma relação ancestral e cultural com a terra. Essas comunidades enfrentaram o de deslocamento forçado, a perda de terras, interrupção de atividades, além de danos ao meio ambiente e aos seus modos de vida

tradicionais. As comunidades quilombolas da região são sub-representadas nas decisões que mataram suas vidas e seus territórios, e podem ter menos acesso a informações e recursos para se defender. Como demonstrado na figura abaixo, as comunidades quilombolas estão alinhadas ao curso do rio Tocantins e seus afluentes sofrendo todos os impactos aos quais este está suscetível.

Figura 17: Localização dos vários quilombos existentes ao longo do rio Tocantins, assim como a de outras comunidades tradicionais.



Fonte: João Silva Barbosa Jr., Edir Augusto Dias Pereira e Manuel Maria Pinto da Rocha Ramos (orgs.) (2019).

A vivência nesta região me trouxe uma carga de experiências subjetivas e formativas do que são características do “indivíduo negro” da Amazônia, que quando enfoco o Baixo Tocantins, vejo o reflexo de uma sociedade racista que produz eventos de cunho racial violentos, física e simbolicamente, que compromete em especial a produção acadêmica, levando-nos à constatação de que o racismo não dá trégua. O racismo não tira folga!¹⁶

Temos a preocupação em não nos anteciparmos ou quebramos o protocolo antecipando as impressões, noções e saberes dos nossos sujeitos, que como coletivo iremos apresentar mais adiante, mas ao tocar no conceito de racismo somos obrigados a defini-lo e como se trata de um debate entre sujeitos da pesquisa, teóricos que nos embasam e

¹⁶ São inúmeras as notícias associadas a atos racistas que adiante irão servir de elementos para o diálogo com os sujeitos da nossa pesquisa.

pesquisador iremos fazer a definição deste conceito e no decorrer da escrita iremos apresentando aquilo que corrobora com o que tentamos capturar enquanto Tese.

Para Emanuele Rodrigues, racismo

é essa forma discriminatória, preconceituosa de ver o próximo, de julgar alguém pela cor da pele, principalmente falando do racismo pela população negra, a gente sente isso na pele, como comandante quilombola onde a maioria é da raça negra, tem raízes negras e a gente vê isso como um mal da sociedade, porque isso impede com que essa parcela significativa da população possa alcançar melhores condições de vida, melhores direitos e acaba sendo um fator prejudicial para que a igualdade aconteça. (Emanuele Rodrigues, 2021).

No tocante ao processo de discriminação, preconceito ou racismo há no convívio cotidiano de nós sujeitos destas localidades uma certa familiaridade. O que inicialmente tratamos como motivação, em muitos momentos causa aversão ao nos depararmos com esta problemática tão cara para crianças e adolescentes em idade escolar, por exemplo. Minha geração em momento algum esteve protegida por atitudes das nossas escolas de ensino fundamental ou médio em seu fazer didático.

Diante da colocação da nossa interlocutora acima firmamos ainda maios a necessidade de desenvolvermos coletivamente estudos e aplicações práticas acerca das histórias e culturas afro-brasileiras e africanas tendo como ponto de partida nossas localidades, em especial as comunidades quilombolas.

Para Márcia Martins (2021), o racismo

é uma coisa muito cruel, que ela mesma já sofreu. E que não admite isso com ela e nem ninguém. E ela percebe que hoje em dia ainda temos muitas pessoas que chamam pessoas de preto de forma pejorativa. E que se um dia ela puder entrar em uma faculdade ela irá se apresentar com uma mulher preta que veio da comunidade.

Na comunidade observamos crianças trocarem entre si xingamentos do tipo: *“tu és um macaco”, “preto feio”, “guariba”, “cunana”, “sai pra lá preto”, “cabelo bombril”*. Em tempos anteriores por toda região a troca de ofensas verbais de cunho racista entre as pessoas na minha opinião são manifestações do racismo estrutural que é vulgar ao extremo. É perceptível o comportamento hostil e de menosprezo pelos traços étnicos, estéticos e corpóreos das pessoas negras. Em contrapartida quem tem a pele mais clara tem a possibilidade de exercer poder e, aparentemente, se é colocada acima de quem tem a pele mais escura. Facilmente se percebe a inferência da nossa interlocutora acima ao que é o espaço da Universidade, lugar que também convivi em um momento anterior a política de cotas, mas não menos racista ou excludente.

Na fala de Claudialene da Rocha, *“Na maioria das vezes as pessoas não percebem que cometeu racismo, já são práticas cotidianas”*. Já para Nilva Arnoud, *“o racismo é a desigualdade, por que vemos bastante diferença entre as pessoas brancas e pretas em questão de emprego e oportunidades”*.

Embora o racismo seja prática constante no Brasil podemos perceber que há pessoas e comunidades que encontram formas próprias de combate à discriminação racial. Em muitos momentos em nossas idas a campo era comum perceber através da educação e da conscientização os sujeitos das comunidades da Transcarnetá desenvolverem atitudes educativas. Muitas pessoas têm procurado se informar melhor sobre a história e a cultura afrodescendente local, a fim de entender a importância da diversidade ali encontrada e combater o preconceito.

Além disso, diversas campanhas educativas têm sido desenvolvidas nas escolas, nas redes sociais e nos eventos das associações, como forma de promover a reflexão e o debate sobre o tema. Outra forma encontrada para combater o racismo é através do diálogo e da empatia. Muitas pessoas têm procurado se colocar no lugar do outro, buscando entender as dificuldades e as discriminações enfrentadas pela população negra. Essa postura de empatia e respeito tem sido fundamental para a promoção de um ambiente mais inclusivo e diverso.

Para Munanga no prefácio de *Racismo e Sociedade* de Carlos Moore corrobora com a análise deste autor que:

Embora aceite a tese de Benjamim Isaac que situa as raízes do racismo moderno na Antiguidade greco-romana (*The invention of Racism in Classical Antiquity*), Carlos Moore recua ainda às origens do racismo a partir da tese de Gervásio Fournier-González e Cheikh Anta Diop, emitindo a hipótese de que "teria ocorrido em épocas longínquas, graves conflitos entre povos melanodérmicos (negros) e leucodérmicos (brancos) nas regiões onde eles conviveram". Postula ele que teriam sido esses conflitos, hoje apagados da memória ativa da Humanidade e que brotaram sempre em torno de acirradas e sangrentas disputas pela posse dos recursos básicos de sustentação, os incubadores de vários "proto-racismos" surgidos independentemente em diversas partes do mundo antigo (Mesopotâmia, Irã elamita, Índia dravidiana, Oriente Médio semita, Mediterrâneo greco-romano...) (MOORE, 2007, P. 17).

É importante destacar que estes sujeitos vêm encontrando formas próprias de combater o racismo através da valorização da cultura e das tradições afrodescendentes, como demonstrado não é uma problemática exclusivamente sua, muito menos dos nossos tempos, observe na figura a seguir.

Figura 18: Culminância do Projeto de Consciência Negra promovido na Escola Municipal de Igarapé Preto.



Fonte: Página da ARQUIB no Facebook¹⁷ (2022).

Na literatura decolonial temos inúmeras definições que nos ajudam a constatar que os sujeitos com os quais dialogamos têm uma noção coerente do que lhes aflinge, em Fanon (1969) o racismo é definido como um fenômeno social que cria hierarquias entre as raças, baseado em estereótipos e preconceitos, e que é utilizado para justificar a opressão e a exploração de grupos considerados inferiores. Aqui entendido como “produto”, ou processo ao qual grupo dominante lança mão no intuito de desarticular as possibilidades de força de

¹⁷ Disponível em: <https://www.facebook.com/arqib.quilombola.7?mibextid=LQQJ4d>

resistência do dominado, destruindo assim “valores, sistemas de referência e panorama social”, assim como, após “desmoronadas, as linhas de força já não ordenam. Frente a elas, um novo conjunto, imposto, não proposto, mas afirmado, com todo o seu peso de canhões e de sabres”. (FANON, 1969, p. 38). Segundo Fanon, o racismo não é apenas uma questão individual, mas sim um sistema de poder que permeia todas as estruturas sociais e que deve ser combatido através da luta coletiva e da descolonização.

Já para Hooks (1984) o racismo é “qualquer movimento que tenha como objetivo transformar uma estrutura de poder que esteja em desacordo com nossas necessidades e interesses” (HOOKS, 1984, p. 25). Esta pensadora enfatiza a necessidade de se engajar em movimentos sociais que buscam a transformação das relações de poder existentes, a fim de atender às necessidades e interesses dos grupos marginalizados.

Pelo que se percebe na fala das nossas interlocutoras, o racismo é definido em sua forma mais clássica, como forma de opressão que tem afetado diretamente as comunidades quilombolas, que historicamente foram subjugadas e marginalizadas pelo sistema escravista. É fundamental reconhecer a existência do racismo e trabalhar ativamente para combatê-lo, garantindo o acesso pleno dos quilombolas a seus direitos fundamentais e à igualdade de oportunidades. O modo como as lideranças definem o racismo por si só já afloram no seu discurso suas experiências de vida, e são uma mostra das suas atitudes e nos fazem perceber que a simples fala já se insinua como práticas atuais no convívio comunitário do quilombo. Não podemos perder de vista que são reflexos da influência do muito e de outros agentes sobre estes sujeitos.

Para Decolonialidade, de forma ampla, o racismo é uma das principais formas de opressão que sustentam as estruturas coloniais presentes na sociedade atual. O racismo é compreendido como atravessador de processos de subjetivação e socialização que engendram e atualizam desigualdades (ZAMORA, 2012; SCHUCMAN, 2010). Ele afeta de forma desproporcional os grupos marginalizados, como os povos originários, os negros, as mulheres e a população LGBTQIA+. É fundamental reconhecer a existência do racismo e a necessidade de se trabalhar ativamente para combatê-lo, por meio de políticas públicas afirmativas e do empoderamento das comunidades quilombolas. Temos muito bem definido que o combate ao racismo é uma luta coletiva, que requer o envolvimento de todos os setores da sociedade.

Gostaríamos de ressaltar que ao longo desta escrita estivemos imersos em uma pandemia que atravessamos ao longo desse nosso momento acadêmico, momento em que o debate racial aflorou mundialmente, muito bem descrito pelo grito: “Eu não consigo

respirar!¹⁸” é o estímulo que nos leva a necessidade de pensar nossas relações raciais. As características previamente apontadas colocam o racismo como um dos conceitos mais relevantes e nossas histórias de vida nos levam a definir o racismo a partir de nossas experiências. Neste sentido, merece destaque a narrativa do aparecimento do “objeto” real da minha análise, meu percurso de formação, perpassando pela ênfase na dinâmica de vida, minha e dos sujeitos que comigo dialogam, privilegiando o espaço, o tempo e as demais dimensões onde atuamos na busca por conhecimento acerca da vida (JOSSO, 2010).

Numa leitura bem atualizada acerca do fenômeno do racismo podemos encontrar em Almeida (1989) a compreensão de que o racismo é o mecanismo que opera, dentre todas as suas formas manifestações, de forma ideológica. Neste sentido, a ideologia¹⁹ pode ser apreendida como mecanismo que se efetiva como prática social que podemos perceber em todas as nossas relações sociais (especialmente, as étnico-raciais) que nos destroem e nos constroem. No entanto, as representações às quais somos expostos, e que ajudam a construir nosso imaginário de mundo, se mostram como a realidade, estas elaborações são constituídas por um processo de normatização e padronização que excluem vários grupos do mundo concreto. A partir da perspectiva do autor:

[...] uma pessoa não nasce branca ou negra, mas torna-se a partir do momento em que seu corpo e sua mente são conectados a toda uma rede de sentidos compartilhados coletivamente, cuja existência antecede à formação de sua consciência e de seus efeitos (ALMEIDA, 1989, p. 53).

A vida cotidiana no interior da Amazônia reproduz esta “racionalidade” que molda nossas relações sociais e são consequência do processo de colonização ao qual fomos submetidos. No Brasil as classes sociais, as escolas, as igrejas, as faculdades, as polícias e as diversas instituições as quais frequentamos são organizadas estruturalmente por este sistema de ideias baseado na raça/cor. Segundo Seyferth (1995), o aspecto dessa ideologia, segue a lógica higienista e das elites, sustentando a ideia de que os mestiços são melhores que a massa da população nacional, que era pensada como destinada ao desaparecimento por sua natural incapacidade adaptação à civilizada, vítimas da seleção natural, em contraponto aos, os brancos “superiores”, encarregados pelo ‘desaparecer’ das pessoas de raça/cor indesejadas aos olhos do projeto de civilização.

¹⁸ Refiro-me ao episódio de Floyd e seus impactos no Brasil e no mundo, isso nos faz reviver a memória dos mais de 300 anos, dos mais 4,8 milhões de africanos desembarcados na condição humana de escravizados no Brasil e no imaginário da nossa sociedade, uma das mais desiguais do globo terrestre.

¹⁹ Em Walsh (2009) o processo de subalternidade, colonialidade e a modernidade foram e continuam sendo as principais ideologias. Os dois últimos são consequência da primeira. Percebemos aqui a necessidade de buscar auxílio em uma epistemologia pluriversal que questione a hegemonia da ciência colonial/moderna e todos os seus elementos opressores, a fim de superá-los.

Embora tenhamos avançado no nosso campo jurídico-normativo com a elaboração de leis como a Lei de Racismo²⁰ ou a lei 10.639/03, há que se convir que ocorra sistematicamente a produção e reprodução cada vez mais aprimorada, seja por um viés violento ou “sutil” que agride a possibilidade de pertencimento aos grupos subalternizados ao longo dos nossos processos históricos. Passamos ao longo destes séculos de história brasileira pelo enraizamento do racismo que imputa aos sujeitos desta história a discriminação e o controle pela sua condição de herdeiros das consequências da escravização moderna.

A abordagem da Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER) enquanto luta coletiva e combate aos racismos instituídos socialmente e principalmente por estar imerso no âmbito da escola e, devido também, à formação acadêmica na área das ciências sociais e humanas. Na fase de instituição da lei 10.639/03²¹, e, posteriormente, na fase de elaboração das Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana, em 2004, ocorre o que constitui a norma mais atualizada para orientar o tratamento deste tema no âmbito da política educacional brasileira.

Há um mundo de informação que passou a subsidiar o que são nossas concepções baseadas nos preconceitos aos quais somos submetidos e, a partir deles, construir ações que pudessem contribuir para a construção de uma sociedade que se faça respeitosa, e mais ainda devemos considerar a transformação da própria sociedade, do sistema excludente que determina preconceitos e o racismo, para todos, independente das suas características particulares, em especial a raça/cor.

Queremos lembrar que o debate não deve ser somente de raça, mas também de classe. O racismo é uma questão complexa e multifacetada que afeta pessoas de diferentes classes sociais, mas, como muitos autores decoloniais afirmam, a questão racial e a questão de classe estão profundamente interconectadas. Uma das principais contribuições dos autores para o debate sobre o racismo e a classe social é a compreensão de que a construção da raça está enraizada nas estruturas econômicas e sociais do capitalismo colonial, que por sua vez, gerou desigualdades profundas entre as classes sociais.

²⁰ Lei Nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989, que define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor.

²¹ O Conselho Nacional de Educação aprova o Parecer CNE/CP 3/2004, instituindo Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-Raciais, assim como o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileiras e Africanas, que passariam a ser executadas nos estabelecimentos de ensino nos diferentes níveis e modalidades, cabe aos sistemas de ensino, dentro de sua jurisdição, orientar e promover formação de professores, supervisionando o cumprimento deste dispositivo.

Teóricos como Fanon (1979), Césaire (2010) e Rodney (1972) discutem a maneira como o racismo está entrelaçado com a história do colonialismo e do imperialismo, que exploraram os países econômicos colonizados e subjugarão os colonizados considerados. Segundo esses autores, o racismo é utilizado como uma ferramenta para manter a dominação e a exploração, criando uma autoridade racial que beneficia a classe dominante.

Da mesma forma, autores como Hooks (1981), Davis (1983) e Crenshaw (1991) argumentam que o racismo é uma questão de classe porque a raça é usada para justificar a opressão e a exploração de certos grupos sociais. Eles afirmam que o capitalismo se alimenta do racismo para manter uma classe trabalhadora dividida e desunida, permitindo que a classe dominante continue acumulando riqueza e poder.

Além disso, autores como Quijano (1992), Grosfoguel (2016) e Santos (2006) enfatizam que o racismo faz parte de um sistema global de poder, que inclui a exploração do trabalho e dos recursos naturais dos países colonizados, bem como a imposição de uma visão de mundo ocidental e eurocêntrica. Esses autores argumentam que a luta contra o racismo deve ser compreendida como uma luta contra o sistema de dominação global e por uma redefinição das relações entre as nações.

Com efeito, o racismo não pode ser compreendido separadamente da questão de classe, pois ele é profundamente interligado às estruturas sociais e encorajadoras do capitalismo colonial e do sistema de dominação global. Para superar o racismo, é necessário entender como ele funciona como uma ferramenta de opressão e como ele serve para manter uma classe trabalhadora dividida e subjugada. Somente através de uma compreensão mais profunda das relações entre raça e classe é possível construir uma sociedade mais justa e igualitária para todos.

O conhecimento dos povos africanos nas mais variadas áreas passou a ser evidenciado e apropriado pelos seus colonizadores de forma mais marcante com o advento da colonização europeia na América. A África, assim como seus vários povos e culturas passaram a representar os Outros na base da política e da economia empreendida na colônia que se instalou a partir de 1492 e cujos resultados possibilitaram o desenvolvimento do capitalismo como sistema mundial. Esta data representa a transmutação em os sujeitos subalternizados no continente americano, estes passam a ser identificados de forma violenta por meio do Eu europeu, que assume a centralidade do discurso e conduz o mundo a partir da sua racionalidade, o eurocentrismo. As teorias latino-americanas sobre a colonialidade apontam para o entendimento de que ocorre a formação de um padrão de poder eurocêntrico, a modernidade é entendida através de uma relação dialética com a América Latina posto que

coloca esta como identidade “outra” da Europa. A categoria Outro de Enrique Dussel (1993.), é fundamental para se analisar o processo de colonialidade, assim como suas consequências, o pensamento de Aníbal Quijano (2005) e Walter Mignolo (2007) a respeito do conceito de colonialidade do poder, sua formação estrutural e eurocentrismo e do capitalismo corroboram para tal.

Padroniza-se o poder forjando uma identidade latino-americana a partir de um modo de dominação social que marca historicamente o processo de colonialidade. Eixos como a classificação social da população a partir da ideia de raça, a ideologia de superioridade europeia calcada em “diferenças” biológicas inferiorizando o não europeu, além do controle e exploração sobre as formas de produção material alicerçaram a colonialidade como poder estrutural que operacionalizou a América Latina.

O sistema de exploração da escravidão dos povos africanos proporcionou as condições “viáveis” para o pleno desenvolvimento da colonização europeia. É neste sentido que a história da população afrodescendente deve ser compreendida, pelo viés de um discurso político e cultural que tem a seu favor o domínio do “conhecimento último”, ou mesmo a ideia de “verdade científica” que neste processo de dominação esteve nas mãos do colonizador.

Neste sentido, nossa preocupação foi desenvolver uma proposta de trabalho que não se deixe levar pela imposição de uma racionalidade que parte de pré-noções que descartem possibilidades outras de análise. No olhar embasado em Oliveira Filho (1997), a racionalidade científica se desenvolve tendo como ponto de partida a interação entre os vários níveis de conhecimento, tais como o universo da pesquisa, o sistema tecnológico, métodos, técnicas de pesquisa, sistema teórico ancorado por hipóteses, esquemas conceituais e matriz metateórica²² envolta de seus fundamentos lógicos, epistemológicos e ontológicos da ciência social. Não podemos deixar de mencionar que as metanarrativas europeias, de forma bastante incisiva, contribuíram sobremaneira para a sistematização e ampliação dos conhecimentos científicos acerca dos estudos sobre cultura que se configurou como o que se define no que podemos denominar como ontologia das sociedades humanas, embasadas na definição da racionalidade científica, e não, não queremos nos desfazer da contribuição dos europeus para a racionalidade no mundo. Isso pode se dar de forma segura até o limite apontado pelas crítica

²² Em Lyotard (1989), a matriz metateórica se assemelha à metanarrativas ou grande narrativa, que em sua filosofia significa uma narrativa contida dentro ou além da própria narrativa. Este termo se tornou o centro dos debates no fim do século XX onde se estabelecia o fim das grandes narrativas. Dentre estas grandes narrativas podemos enquadrar o iluminismo, o idealismo e o marxismo. O prefixo meta, neste sentido, significa "além de"; "no meio de", "entre"; "atrás", "em seguida", "depois".

pós-colonial apontando para a possibilidade de um novo paradigma que nas ciências sociais sofre influências de Frantz Fanon (1979) e Aimé Césaire (2010). Tais críticas consistem denunciar o processo de dominação e exploração aos quais os impérios europeus submeteram o continente africano, o que impulsionou os processos de independência ocorridos nos domínios franceses e ingleses naquele continente.

No caso brasileiro este debate é inaugurado a partir da década de 1930, momento em que há pressupostos políticos que corroboram com as contribuições científicas a respeito da identidade de mestiçagem brasileira, este processo contribui de certa forma para a valorização das diferenças culturais. O processo de análise da estrutura de miscigenação é percebido como a base sociocultural do Brasil, através destes ocorre à interpelação das raças negras, indígenas e branca como constituintes da população nacional. Destaque para Gilberto Freyre (1957, 1969 e 1990) que com sua obra nos ajuda a construir uma visão do passado do Brasil frente a este debate e, por extensão, nosso presente e quem sabe nosso futuro, obra bastante atraente para o momento por ele vivido. O racismo na sua forma científica se mostrou muito eficiente com a Tese do branqueamento²³, apesar de considerar as atrocidades da escravidão e o processo de miscigenação do Brasil posto como legado negativo, visto como entrave a ser superados se o Brasil quisesse ter acesso ao rol das nações civilizadas. Gilberto Freyre, como já mencionado, passou a ser a grande referência para a nova ideologia que passou a ser propagada em escolas, universidades, e na mídia nacional.

A partir deste momento os próprios grupos marginalizados dos processos socioculturais passam a impulsionar suas performances políticas. A exemplo disto temos as ações do Teatro Experimental Negro (TEN), o Museu da Arte Negra (MAN), o Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros (IPEAFRO), o Memorial Zumbi e do Movimento Negro Unificado (MNU), além de movimentos nacionais e internacionais como a Ação Integralista Brasileira (AIB) e a Frente Negra Brasileira (FNB) que em suas ações promoveram processos emancipatórios da cultura negra em âmbito nacional. A frente destas ações destacamos a figura de Abdias do Nascimento²⁴ e indivíduos de outros vários setores sociais. Na década de 1950 do século XX, o movimento negro direciona seus esforços para o processo de inclusão da contribuição negra no que diz respeito à produção de conhecimentos científicos.

²³ Era conveniente para as elites brasileiras acreditar nas teorias racistas da Europa e Estados Unidos, pois naturalizavam as hierarquias sociais existentes no Brasil. A superação deste obstáculo seria possível através da formulação de uma reinterpretação dessas teorias: a tese de branqueamento. De acordo com Lilia M. Schwarcz: “A saída foi imaginar uma redescoberta da mesma nação, selecionar e digerir certas partes da mesma teoria, com a evidente obliteração de outras; enfim, prever ‘um modelo racial particular’” (SCHWARCZ, 1996, p. 89).

²⁴ Abdias do Nascimento nasceu em Franca, no dia 14 de março de 1914. Foi poeta, ator, escritor, dramaturgo, artista plástico, professor universitário, político e ativista dos direitos civis e humanos das populações negras. Referência: <https://unifei.edu.br/personalidades-do-muro/extensao/abdias-do-nascimento>

[...] era necessário lutar para que, enquanto não for gratuito o ensino em todos os graus, sejam admitidos estudantes negros, como pensionistas do Estado, em todos os estabelecimentos particulares e oficiais de ensino secundário e superior do País, inclusive nos estabelecimentos militares (QUILOMBO, 2003).

Dentre as várias reivindicações, o que se queria era pôr em prática os princípios, com destaque para escritores e intelectuais que já debatiam a democracia racial desde as duas últimas décadas do século XIX, a exemplo de Lívio de Castro (1864-1890) que antecipava a proposta “impulso democrático natural” e o “espírito democrático” de Freyre quando se referia à questão racial brasileira, os quais eram defendidos na Lei de Diretrizes Bases da Educação Nacional nº. 4024/61 que salvaguardava os princípios de liberdade e os ideais de solidariedade humana. Em sua previsão ocorre a condenação de tratamento desigual por qualquer motivação filosófica, política ou religiosa, bem como a preconceitos de classe ou de raça (SILVA JUNIOR, 1998).

Em paralelo, eclodem no Brasil pressupostos políticos que apontam ao Estado o dever de garantir a todas as categorias étnicas o exercício dos seus direitos culturais, além do acesso às fontes da cultura brasileira. Ao Estado coube o papel de apoiar e incentivar a valorização e a difusão das manifestações culturais das minorias étnicas por via de ações afirmativas. No Artigo 216 da Constituição Federal Brasileira podemos constatar a importância em se definir o que seria a contribuição destes povos no que tange a contribuição como o patrimônio cultural que aparecem como “os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira”. Esta postura desejada abre um precedente para que se superem as disparidades entre as diferenças culturais. O art. 5º inciso XLII, da CF “a prática do racismo constitui crime inafiançável e imprescritível, sujeito à pena de reclusão, nos termos da lei” (BRASIL 1988). Cabe destacar que nossa legislação prevê as ações afirmativas que a partir de 1988 podem ser vistas como o bater das asas da borboleta que culminará em 2014 na Lei nº 12.990/2014. Adiante buscaremos problematizar melhor o princípio constitucional da igualdade, previsto no artigo 5º da CF/1988 e que determina que todos somos iguais perante a lei.

São relevantes também as pressões advindas das frentes humanista e multiculturalista, constituídas por programas e legislações que amparam e valorizam tanto a história quanto a cultura das diferenças étnicas. Os resultados deste processo podem ser percebidos pelas manifestações de debates travados na década de 1990 que “aprofundaram os conceitos de diversidade cultural, desenvolveram o conceito de nação multiétnica e Estado pluricultural e

reconheceram o pluralismo jurídico, assim como reconheceram novos direitos étnicos” (FRANCO, 2012, p.43).

Para Piovesan (2007), as ações afirmativas são adotadas para aliviar e/ou remediar os resultados da discriminação histórica e sua finalidade é decisiva para que se pratique a democracia, é necessário assegurar a diversidade e a pluralidade social. As medidas concretas viabilizam o direito à igualdade, moldando o respeito à diferença e à diversidade. As políticas afirmativas são o mecanismo através do qual se transita da igualdade formal para a igualdade material, chamo atenção para o fato de que a simples existência de uma lei ou de uma determinada política não garante efetiva transformação social.

Não menos fruto da militância negra de 31 de agosto a 7 de setembro de 2001 ocorreu a Conferência das Nações Unidas Contra o Racismo em Durban, África do Sul. No Artigo 113 da seção 5 do evento temos:

Encoraja os Estados a adotarem estratégias, programas e políticas, incluindo, ações afirmativas ou medidas positivas e estratégias ou ações, para possibilitar que as vítimas de racismo, discriminação racial, xenofobia e intolerância correlata exerçam plenamente seus direitos civis, culturais, econômicos, políticos e sociais, incluindo o melhor acesso a instituições políticas, judiciais e administrativas, e concedendo aos mesmos maior oportunidade de participarem totalmente em todas as esferas de vida das sociedades nas quais elas vivem (ONU, 2001).

Um exemplo, que pode ser visto como uma postura ética e comprometida com tal postura são as Diretrizes Curriculares da Educação das Relações Étnico-Raciais que apontam para a implementação do ensino de história e cultura dos povos afro-brasileiros e africanos nas instituições escolares de diferentes níveis e modalidades. Neste sentido os sistemas educacionais, no âmbito do seu campo de atuação, devem orientar o trabalho pedagógico ao cumprimento de tais Diretrizes deixando esta necessidade bastante evidente. Destaque para o seu art. 1º:

A presente Resolução institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, a serem observadas pelas instituições de ensino de Educação Básica, nos níveis de Educação Infantil, Ensino Fundamental, Educação Média, Educação de Jovens e Adultos, bem como na Educação Superior, em especial no que se refere à formação inicial e continuada de professores, necessariamente quanto à Educação das Relações Étnico-Raciais; e por aquelas de Educação Básica, nos termos da Lei 9394/96, reformulada por forma da Lei 10639/2003, no que diz respeito ao ensino sistemático de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, em especial em conteúdos de Educação Artística, Literatura e História do Brasil.(BRASIL, 2004).

O ponto alto da busca por direitos vem a ser as Diretrizes Nacionais da Educação Quilombola, não podemos deixar de definir que antes de tudo a questão da terra se apresenta como principal entrave para a implementação de políticas que se destinem às comunidades

remanescentes de quilombos²⁵ que vivem envoltas em conflitos pela posse e uso da terra, o que é o caso das comunidades que assim se definem na microrregião do Baixo Tocantins. Um número muito expressivo destas comunidades não usufrui de uma educação escolar quilombola no seu território. As escolas estão situadas física e simbolicamente longe das comunidades, com difícil acesso, transporte insuficiente, quando não, inadequados, e com um currículo também distante realidade histórico-cultural destes sujeitos (MEDEIROS, 2017).

As especificidades educacionais, sociais, políticas e culturais, além dos contextos geográfico e histórico brasileiro, nos levaram à necessidade do reconhecimento da necessidade em se elaborar uma política específica para a comunidade quilombola como um todo. Estas levaram à homologação da Resolução CNE 08/2012 que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica. As referidas Diretrizes definem a necessidade de se requerer uma Pedagogia Própria, o respeito à especificidade étnico-racial e cultural de cada comunidade, formação adequada de quadro docente que atue com materiais didáticos e paradidáticos também adequados, que observem os princípios estipulados na nossa carta magna, em consonância com a base nacional comum, assim como com os princípios que orientam a Educação Básica Nacional. Estes princípios norteadores devem ser praticados tanto nas escolas nas escolas quilombolas quanto nas escolas que recebem alunos quilombolas originários de outras comunidades.

Apesar de não serem suficientes, posto que não há um cumprimento universal destas diretrizes devido ao desmonte pelo qual passamos na educação em âmbito nacional, consequência de uma política educacional desastrosa, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola, devem ser entendidas como representa uma grande conquista dos movimentos sociais, devido às mesmas nascerem a partir da militância da população negra e do movimento quilombola. Seu intuito fim é orientar para uma educação que valoriza saberes, tradições e o patrimônio cultural das comunidades remanescente de quilombos.

O universo dos discursos políticos almeja num ponto de chegada aos direitos humanos e o respeito à liberdade étnica. Entretanto, poucas praticam alternativas palpáveis de políticas

²⁵ Gomes (2015) aponta que desde o início do período colonial, estas comunidades ficaram eram denominadas de mocambos e depois quilombos. Eram termos da África Central que designavam os acampamentos improvisados, usados para guerras ou para aprisionamentos de escravizados. No século XVII, a palavra quilombo passa a ser associada aos guerreiros imbangalas (jagas) e seus rituais de iniciação. Mocambo, ou mukambu ditas em kimbundu e em kicongo, línguas oriundas da África Central, significava pau de feira, suportes com forquilhas usadas para erguer choupanas nos acampamentos. Inúmeros estudos entre os quais os de Nina Rodrigues, Arthur Ramos, Edison Carneiro, Gilberto Freyre, Décio Freitas e depois Kabengele Munanga abordaram a etimologia da palavra quilombo e seu uso.

horizontais das diferenças culturais nos parâmetros capitalistas. A questão negra encontra-se às margens das políticas neoliberais e da lógica do mercado ocidental.

Os direitos humanos e pluriétnicos são instrumentos de manipulação ideológica com fins econômicos e/ou mercadológicos. A defesa do patrimônio cultural negro contribui para o desenvolvimento de posturas que valorizam as diferenças étnicas. A partir disso, podemos perceber que é o próprio Estado o destribalizador da cultura negra. No Brasil e no mundo vem sistematicamente ocorrendo um processo de remanejamento das minorias e suas problemáticas em função de um “progresso civilizacional” que implicava em perdas territoriais e, sobretudo, nas de valores culturais (HALL, 2006).

Não temos um momento zero de contemplação total de direitos da população negra, haja vista o capitalismo ser um sistema excludente. Assim como nós temos uma dívida com os que vêm lutando para avançarmos nas conquistas de direitos, devemos levantar outras perguntas que nos forcem a levantar as limitações que vêm fazendo destas conquistas promessas não cumpridas. Queremos aqui amplificar nossa compreensão de uma problemática que tem se mostrado a causa primeira desta nossa trajetória. Não estamos satisfeitos, chegamos ao limiar da busca de transcender para operar naquilo que nos move. A estrutura de conceitos cunhados e as reflexões postas são a estrutura que nos faz ir além. O que pode ser feito? Que perguntas ainda precisamos fazer para avançar no debate racial pela via da Educação? Nosso objeto não é este, mas nos preocupamos adiante em dialogar com trabalhos que nos levam de todo modo a responder a estas questões no que chamaremos de Estado do Conhecimento. A certeza é que queremos avançar, apesar dos limites e imperfeições que sempre estão ao nosso alcance.

3 DIÁSPORA COMO CONSTITUIÇÃO DA RESISTÊNCIA

Este item é um constructo necessário no sentido de refletirmos as incertezas do processo diaspórico do povo negro. Das certezas apenas uma, pessoas são arrancadas ou se obrigam a caminhar em busca de um rumo (in)certo. Inicialmente, partiremos da concepção que tal processo representa inúmeras situações que nos remetem à cultura local manifestada entre os populares das Imediações da Transcarnetá nos levam a refletir que se trata do resultado de séculos da busca por recriação das várias culturas africanas deslocadas para a América e o para o mundo. A obra de Hall (2006; 2009), contribui para o olhar crítico que destacamos sobre a efetivação do deslocamento da “estória da modernidade do centro europeu para a periferia”. Analogamente, houve um processo de deslocamento de inúmeras culturas africanas para vários pontos do mundo. Fica evidente que o da existência de culturas de origem africana na Amazônia é algo que se faz marcante de norte a sul do Brasil, nossa cultura popular fora e ainda é influenciada pela África.

Numa definição sistemática da diáspora africana, podemos nos remeter à obra de Palmer (2000):

Uma revisão histórica do conceito diáspora africana nos permite tentar uma definição sistemática do termo. A diáspora africana pré-moderna (início da humanidade e correntes diaspóricas dentro e fora da África) juntamente com a diáspora africana moderna (fluxo associado com o tráfico transatlântico de escravos), e os movimentos pós-escravidão e reassentamento de pessoas constituem as correntes da diáspora africana, entendida como sendo o movimento de pessoas para vários lugares de uma vez ou durante diferentes períodos de tempo. (PALMER, 2000, p. 17)

Dentre outras coisas, dedicar um espaço do nosso estudo à diáspora e suas consequências nos leva ao encontro da percepção sobre nossa capacidade de reexistência que vem se dando há séculos contra opressão vivenciada pelos povos negros por conta da nossa origem étnica e cultural. Para Santos (2002), é necessário que se faça uma crítica a razão ocidental e seus ideais de pureza. Se nos reportarmos a Rousseau quanto as indagações sobre a virtude na ciência, somos levados a refletir sobre o conceito de emancipação e o que inevitavelmente nos faria deparar com o paradigma de uma ciência que implica no desenvolvimento de um mundo melhor: “conhecimento prudente para uma vida decente”.

As histórias e temporalidades têm múltiplas conexões culturais descentradas que fornecem o tom à interpretação do mundo. O mundo passa a ser percebido como tendo fronteiras dissolvidas e continuamente rompidas, o destaque dado à diferença e à fragmentação contrapõe a hegemonia de um discurso que homogeneiza e centraliza as

experiências históricas no ocidente, dando visibilidade à produção de identidades que enfrentam a globalização hegemônica de forma desafiadora alargando o conhecimento dos fenômenos humanos. Dessa forma, temos um ambiente propício para a crítica à grande narrativa historiográfica que, na historiografia liberal em Weber, nas tradições do marxismo ocidental, reserva a essa dimensão global uma subordinação histórica contada a partir dos parâmetros europeus (HALL, 2009).

Para exemplificarmos a ocorrência destes traços culturais associados à diáspora, presentes nesta região, poderíamos citar várias situações que saltam aos olhos, como por exemplo, as letras das músicas do Samba de Cacete que fazem alusão aos reinos da África, as relações de companheirismo, os romances que retratam uma vivência comunitária com aspecto de saudosismo marcante como demonstrado nos trechos das letras e reflexões em anexo.

o samba de cacete é uma festa de origem afro praticada nesta e em outras comunidades onde utiliza-se de dois tambores grandes feitos de troncos de árvores e tendo uma de suas extremidades tampadas com um pedaço de couro esticado e fixo para servir de percussão. Cada tambor é manuseado por dois batedores (tamborineiros) que se sentam um de costas para o outro. De um lado batuca-se o couro e do outro batuca-se a madeira com cacetes. Nas danças as mulheres vestem saias longas e rodadas, os homens usam calças curtas. As músicas retratam a realidade vivida e presente da comunidade e da cultura afrodescendente. (COSTA; MEDEIROS, 2021, P. 16)

Para nós a educação é este processo que rompe as fronteiras e a diáspora não deixou que se perdesse essa tradição que como se percebe na figura abaixo continua a ser passada para as gerações mais jovens.

Figura 19: Seu Manoel Rodrigues e crianças do quilombo batucando os tambores da roda de samba.



Fonte: Acervo do autor (2022).

A tradição quilombola do Samba de Cacete, segundo Márcia Martins “*embalava os mutirões na comunidade, sempre regados a muita cachaça*”. Hoje é uma atividade ativa nas comunidades da região e é apresentado em ocasiões das festas locais ou a convite, não havendo data específica para as apresentações. Esta modalidade de samba lembra um pouco os repentes nordestinos, suas letras e a participação das mulheres que cantam refrãos que respondem às provocações dos homens, rodeando graciosamente suas coloridas saias em movimentos circulares pelo terreiro. Os aspectos da tradição são perceptíveis por que percebemos a participação de sujeitos tanto bastante idosos como da juventude em torno da prática do samba. Como demonstram a figuras abaixo:

Figura 20: Emanuele Rodrigues acompanhadas de damas do samba (A) e grupo de samba da ARQIB em momento de apresentação no quilombo de Igarapé Preto (B).



Fonte: Acervo do autor (2022).

O samba nos remete à diáspora porque em nossa interpretação, quando relatado que ele fazia parte de “*mutirões*”, nos quais os “*companheiros*” se dirigiam até as roças das famílias para fazer o plantio coletivo pela manhã, cuja noite anterior o samba “*corria solto*”. É perceptível que o trabalho não era visto no sentido degradante como no trabalho forçado ao qual os escravos eram submetidos. Aqui havia uma notável alegria em se produzir o sustento do grupo. E as histórias narradas nas letras em seus refrãos narravam elementos, a nosso entender, diaspóricos:

Eu vi Manué, eu vi/Eu vi roncar no mar/A barca suspendeu a bandeira Manué/A maré da preia-mar/Eu não sou mestre de samba,/Nem também sou professor,/Agora que estou sentando na cara deste tambor/Vomimbora, Vomimbora segunda-feira que vem/Quem não me conhece chora seu manduca,/será que me quer bem? (Preia-mar, Grupo de Samba de Cacete da ARQIB).

O luar da meia noite onde a gente vai buscar, raiando o dia/O luar da meia noite onde a gente vai buscar, raiando o dia/Tu deixaste de me amar, para amar, para amar

quem tu queria/Tu deixaste de me amar, para amar, para amar quem tu queria/O luar da meia noite onde a gente vai buscar, raiando o dia/O luar da meia noite onde a gente vai buscar, raiando o dia. (O Luar da Meia Noite, Grupo de Samba de Cacete da ARQIB).

O Samba de Cacete é uma manifestação bastante cultivada no *locus* da pesquisa e envolve música, canto e dança, seus elementos de batuque são entendidos como tipicamente afro-brasileiros. As variadas melodias e as letras são antigas e algumas autorias são incertas, é o caso da letra em destaque. De acordo com Márcia Martins o grupo da ARQIB vem resistindo há pelo menos quatro gerações entre os quilombolas da região.

A reflexão sobre a diáspora onde possamos representar o ponto de entrada para uma discussão intensa acerca da contemporaneidade destes povos no que tange a suas linhas de fuga no processo de reexistência. Acreditamos que neste sentido poderemos ajudar a mapear movimentos de aproximação entre o que acreditamos ser a definição das “*Outras Áfricas*” presentes no discurso de Odair Varela²⁶ na ocasião da defesa de minha Dissertação de Mestrado²⁷ em 2017, que versa sobre o mesmo tema na mesma região.

Quando nos referimos a tais linhas de fuga apontamos para aquilo que é definido em Deleuze e Parnet (1998) como vetores de desorganização ou de desterritorialização, a fuga aqui é entendida em dois sentidos, o de perder a estagnidade ou a clausura, esquivar e escapar. Não significa sair da situação e ir embora, ou simplesmente mudar de vida, implica na redistribuição, no que desemboca em uma transformação no mínimo parcial, ligada à imprevisibilidade da criação de novos espaços-tempos, novos agenciamentos institucionais.

Percebo a possibilidade de observarmos as muitas Áfricas, entendidas de forma comparativa dentro da vertente da diáspora e da noção de Pan-africanismo. Cabe ressaltar que o pan-africanismo trabalha com a noção de uma África para os africanos, privilegiando e difundindo a ideia de que ela é sinônimo de negro, formada em povo uno, os africanos. Dispomos, nesta definição, da ideia de que os negros da diáspora são parte do continente africano, daí o nascimento dos movimentos de “retorno” dos negros emancipados, ou livres, e dos que vivem há algumas gerações fora da África para o continente africano (HARRIS; ZEGHIDOUR, 2010; M'BOKOLO, 2007).

Nossa perspectiva de estudo nos liga diretamente ao debate sobre a diáspora, buscamos a possibilidade de inversão da lógica autoritária de produção do conhecimento, que

²⁶ Professor da Universidade Pública de Cabo Verde Licenciado em Relações Internacionais, Mestre e Doutor em Sociologia pelo Centro de Estudos Sociais (CES) e Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra (FEUC). Investigador Integrado do Centro de Estudos sobre África, Ásia e América Latina (CEsA-Portugal).

²⁷ EDUCAÇÃO QUILOMBOLA Constituição de Lideranças e Práticas de Resistências na Comunidade Quilombola de Umarizal Beira, Baião-Pará <https://www.ppgeduc.prosp.ufpa.br/index.php/br/teses-e-dissertacoes/dissertacoes/209-banca-de-qualificacao-adriana-baia-amaral>.

vem sistematicamente nos empurrando para a periferia. Esta postura, como já definimos, vem alicerçada em dicotomias como civilizados estudando bárbaros, os superiores dominando e investigando inferiores, em um infinito processo de colonização. A dispersão dos povos e culturas africanos pela América, Europa e Ásia ocorreu de forma marcante durante o período do tráfico negreiro entre os séculos XV e XIX.

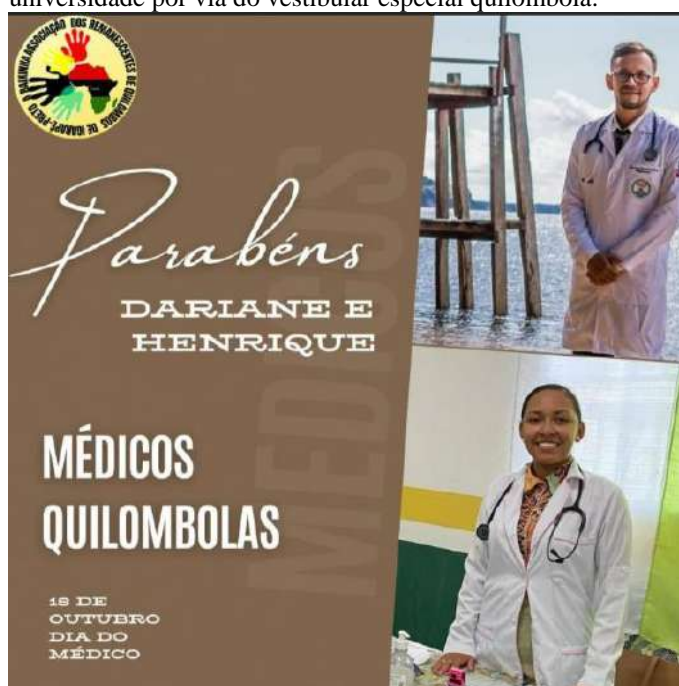
Este movimento de migração forçada é estimado em cerca de dez a cinco milhões de pessoas trazidas da África para as Américas. As consequências são inúmeras e ecoam até os dias de hoje. Do ponto de vista da diversidade cultural trazida neste processo os gestos, as formas de vida, a estética nos levam a reconhecer nossas populações brasileiras integralmente ligadas à África. As comidas, danças, tradições, formas de produção, música, vocabulário e fazeres cotidianos sugerem o dia-a-dia africano. Neste sentido, o afro-brasileiro reúne contribuições do continente africano, assim como sua ressignificação dentro dos seus contextos diferentes, acrescentando elementos diversos advindos de contatos com os europeus, os indígenas ou oriundos de outros povos. Partindo disso, é necessário compreender a história e a diáspora africanas, pela contribuição dos intelectuais negros, assim como dos estudiosos decoloniais, mas também buscar a aproximação dos africanos, suas agendas próprias e sólidas bibliografias. (KI-ZERBO, 2010).

Passamos a entender a diáspora como movimento “exercitado nas culturas e movimentos de resistência e de transformação e outros processos políticos que não são visíveis em escala maior” (GILROY, 2012, p. 20), é o que percebemos aqui. Lopes (2004), alerta para a compreensão da diáspora em dois momentos, o primeiro é “gerado pelo comércio escravo, ocasionou a dispersão de povos africanos tanto através do Atlântico, quanto através do oceano Índico e do mar Vermelho caracterizando um verdadeiro genocídio, a partir do século XV - quando talvez mais de 10 milhões de indivíduos foram levados, por traficantes europeus” (LOPES, 2004, p. 237). Num segundo momento ocasionado a partir do século XX, com o movimento migratório para as metrópoles coloniais.

Vamos mais adiante, a partir de nossa percepção. Para nós como este fenômeno é o resultado das “culturas em movimento”, ainda estamos no fluxo diaspórico, pois as populações quilombolas estão em pleno movimento organizativo pela via de suas associações, estão em maior número frequentando às universidades em diversos cursos e áreas do conhecimento, assim como estão cada vez mais retornando ao quilombo com essas formações para a prestação de serviço e retorno às suas comunidades, visto que esse movimento é fruto da luta do povo quilombola. Participam mais da política partidária, dependem menos dos centros urbanos, transitam instituições ocupando espaços antes não imaginados. Estaríamos

vivendo o terceiro momento? Temos que destacar que há uma disposição para a reconstrução meio a escassez de recursos e aos resíduos da colonização e essa disposição é característica da diáspora. Nos forçaram a vir em navios negreiros, as metrópoles coloniais nos atraíram pra elas, disso nos encurralaram nas favelas. Os quilombos como possibilidade de reexistência são o novo ponto de saída novamente para as cidades, dessa vez a dispersão também teve motivações positivas, não que elas não sejam dolorosas. As universidades abriram suas portas, mesmo em meio a racismo e preconceitos, nossos jovens estão se formando, novamente nas capitais e outros centros urbanos. E eles também estão voltando:

Figura 21: Médicos quilombolas que adentraram na universidade por via do vestibular especial quilombola.



Fonte: Página do Facebook da ARQIB²⁸ (2022).

A forma como a ARQIB busca apresentar este movimento recente de formação acadêmica e a necessidade de retorno destes sujeitos para as comunidades quilombolas é algo que observamos ser muito positivo, pois influência na autoestima dos que futuramente irão passar por essa fase como também ajuda na consolidação da posição profissional atingida pelos que concluíram seis cursos e retornam às suas origens.

Para Costa e Silva (2003), os escravizados remanescem em nós e o Estado escravagista funda nossa história local e nos deixa traumas incuráveis. A categoria diáspora pode designar diversas situações análogas, originalmente seu uso ocorre no Antigo Testamento da Bíblia Sagrada, designando a dispersão do povo judeu de Israel para o restante

²⁸ Disponível em: <https://www.facebook.com/arqib.quilombola.7?mibextid=LQQJ4d>

do mundo. Analogamente, seu sentido pode ser utilizado para designar os movimentos dos povos africanos para fora do seu continente e, posteriormente, o movimento dos afrodescendentes no mundo, incluindo a própria África como movimento de retorno, no seu próprio interior ou para fora dele.

O deslocamento forçado de escravizados, as guerras, perseguições políticas ou religiosas, desastres naturais, a busca por trabalho ou melhores condições de vida, todos estes elementos podem dar sentido a palavra diáspora. Este conceito em nosso estudo tem associação à proposta de Decolonialidade atrelada a questão étnico-racial fora da África nos situando na Amazônia negra. Mas, nos ajuda a compreender estes fenômenos mais recentes. Há muitos relatos de sujeitos que sofrem diversas formas de preconceito e discriminação fora do quilombo, a exemplo da Universidade na condição de quilombola oriundo da política afirmativa. De acordo com Hall (2003), “é importante ver essa perspectiva diaspórica da cultura como uma subversão dos modelos culturais tradicionais orientados para a nação”. (HALL, 2003, p. 36)

Mbembe (2003) define a diáspora negra como genocídio, como criação do imperativo da transformação radical o que não nos leva a noção de que não se pode ter outra opção que não seja a de destruir as condições sociais que produzem o mesmo. Ela é definida pelo autor como geografia da morte, produzida por uma necropolítica. Para ele, é necessária a criação de uma biopolítica composta por uma afirmação de sobrevivência, persistência e criatividade. A diáspora negra é, neste sentido, a antítese do genocídio, faz-se contra a natureza de um racismo antinegro e uma hierarquia de conhecimentos e políticas.

Quando das nossas idas a campo pensamos a partir da perspectiva de quilombo para o centro, das outras Áfricas para a nação Eurocentrada, do movimento da diáspora para a possibilidade do retorno, da periferia para os “grandes centros” do conhecimento. Os Quilombos são os espaços conectados por uma herança cultural e identitária, diretamente alicerçada na influência da memória de tradição africana. Em nosso território nacional, em especial na Amazônia, onde homens e mulheres vivem em meio a conflitos de ordem cultural, entre disputas políticas, territoriais, por representação, por visibilidade, por educação, pelo pão de cada dia, dentre outros, o quilombo é naturalmente espaço de diáspora. Estes elementos têm nos ajudado a encontrar outras questões, nos leva ao encontro do nosso objeto de pesquisa, tem nos ajudado a encontrar respostas para as nossas perguntas. Nesse sentido, passamos a compreender que estas culturas e a variedade de identidades culturais existentes aqui têm uma Pedagogia Própria, como elemento que organizam espelhadas em suas próprias construções sociais e culturais.

Como não ver, nesse gosto cotidiano pelo passado, o único meio de nos restituir a lentidão dos dias e o sabor das coisas? E nessas biografias de anônimos, o meio de nos levar a apreender que as massas não se formam de maneira massificada. Como não ler nessas bulas do passado que nos fornecem tantos estudos de micro-história, a vontade de igualar a história que reconstruímos à história que vivemos? Memória-espelho, dir-se-ia, se os espelhos não refletissem a própria imagem, quando ao contrário, é a diferença que procuramos aí descobrir; e no espetáculo dessa diferença, o brilhar repentino de uma identidade impossível de ser encontrada (NORA, 1993, p. 20).

A citação do texto de Pierre Nora (1993) nos leva a atentar para as biografias de anônimos que nos leva a perceber a emergência de uma memória vivida como alternativa à história oficial. Esta é uma perspectiva de história que se faz de forma periférica, num contraponto à história que teima em representar o passado, a história pelo prisma do colonizador. No nosso *locus* volta e meia nos deparamos com relatos de experiências dos mais antigos que serve de solução para situações atuais, ou na forma como os líderes conseguiam fazer as pessoas aprenderem sobre sua cultura. Como relata Diogo Machado:

Professor na comunidade chegava e tinha que passar o regimento, o que era que tinha que cumprir, era assim, era toda uma doutrina que eu achava muito importante, predominava a comunidade, hoje eu vejo e falo para o pessoal, você chega as vezes nem sabe, fulano já é professor, as vezes nem o pai do filho conhece quem é ele, né? Na comunidade daqui a pouco, então era assim, a comunidade passava pra gente toda aquela tradição que tinha, e tinha que respeitar nessa época, né? Eu aprendi assim, eu vim nessa linha, e eu já tinha alguns conhecimentos nessa época, e eu vim começar a sistematizar na forma organizar, voltado para a cultura, na época tinha um samba, né? Chamado “topa tudo”, mas eu via que ali era somente por não ter esse reconhecimento dos mestres, ninguém valorizava, jovem não valorizava, reunia ali, mas não tinha aquela influência total, eu fui por esse lado, aí eu fui por esse lado, de ampliar esse conhecimento e envolver a juventude, né? E começar a divulgar na época eu tinha conhecimento e comecei a divulgar a cultura, né? E depois de tudo isso, tanto é que hoje você vai, os trabalhos, aonde você chegar a internet hoje tem, antigamente não tinha, mas a gente começa a ter um trabalho assim, de... de passo a passo, porque? Começa a ter influência, né? Vê que aquilo não vai da certo, que aquilo é só besteira, hoje eu chego em um consenso fico observando, hoje samba de cacete faz parte de uma cota, digamos 50%, pra nossa comunidade, pela Universidade. Primeira pergunta? (Diogo Machado, 2022)

Pela fala da liderança podemos perceber que por experiência própria ele pôde passar por um processo didático para se apropriar da cultura local, mesmo sendo da comunidade, quando retornou com formação e para atuar na comunidade como professor teve quer demonstrar de forma palpável a passagem pelo processo de aprendizado da cultura da comunidade local.

A herança cultural deixada pelos sujeitos africanos impulsionaria as civilizações onde elas se enraizaram. A condição humana de escravizados, a resistência que gerou os quilombos, as condições desfavoráveis de sobrevivência e a solidariedade, juntas foram as armas para a superação, sementes que plantadas no terreno fértil do contato com outras culturas gerou como fruto a cultura afro-brasileira. Na contramão do processo de

desumanização, a criatividade gerou várias formas de organização que se pautam na resistência direta ou indireta que se sustenta na da origem da África.

Como já mencionado a diáspora negra traz em si a ideia de movimento de dispersão, mas por outro lado pode ser tida como possibilidade do regresso. Vemos nos dias atuais um movimento de retorno dos africanos aos países de origem, assim como testes de DNA²⁹ que vem atestando de forma precisa a origem dos sujeitos desta dispersão. Há que se falar em possibilidade de um processo de unidade, de desenvolvimento de políticas econômicas para uma integração cidadã da população negra.

Atualmente, é percebido um número muito marcante de pessoas que demonstram vontade de voltar as suas origens, que seguem as poucas pistas deixadas pela história dos seus ascendentes. Os africanos da diáspora carregam consigo um infindável leque de costumes, línguas e religiosidades que se diferenciam entre si, fazendo com que o olhar para a origem seja como algo além de um ponto de partida comum, é para muitos imaginar um “paraíso perdido”. As mais diversas áreas do conhecimento têm influenciado em recuperar as várias histórias dessas trajetórias, demonstrando os esforços de tentativas de retorno à “terra prometida”. Devemos destacar, também, os casos da possibilidade de promessa fora do continente africano, depois do deslocamento do Atlântico, a fixação no lugar em que aportaram, a busca por via da fuga e, finalmente, a chegada a outras Áfricas que para nós são representadas aqui pelos quilombos.

Nesta perspectiva, o Brasil deve ser compreendido como um importante território no processo diaspórico visto que é a maior nação de população negra fora da África. Só nos três primeiros séculos colonização foram cerca de cinco milhões de africanos, forçadamente trazidos para território brasileiro. Entretanto, há muita resistência em se reconhecer a formação cultural do Brasil a partir do movimento da diáspora. Esta tendência é fruto do processo de enraizamento do pensamento europeu da ilusão de nação branca.

Por outro lado, inúmeros processos de resistência e conscientização da nossa população vêm nos levando a reconhecermos nossa formação cultural eminentemente originária de uma imensurável contribuição africana. Isso nos leva a perceber que manifestações culturais como o carnaval, o futebol, a capoeira, a feijoada, o samba são elemento que fazem parte da identidade do Brasil alicerçada em todo o mundo. É imprescindível que se desenvolvam estudos que dialoguem com as ideias de dependência,

²⁹ O documentário “Brasil DNA África” mostra a história de cinco brasileiros que usam os serviços de African Ancestry para descobrir de qual parte do continente africano vieram seus descendentes. Confira em: https://www.youtube.com/watch?v=ae_fzrjHWL0 Acesso: 01 de maio de 2022.

colonialidade e diáspora, tendo a categoria raça como pilar epistemológico principal para que se compreenda a realidade do Brasil em suas particularidades³⁰.

Não podemos perder de vista que este processo de diáspora negra não é um fenômeno exclusivo da colonização brasileira, traços culturais afrodescendentes se deslocaram para o mundo todo e é tendência acadêmica hoje se buscar uma aproximação entre as culturas originadas na diáspora. São inúmeros os esforços de intelectuais, representantes da sociedade civil e de líderes políticos que vem discutindo temas de interesse da África e dos povos negros da diáspora. No caso brasileiro, notadamente, este movimento tomou força a partir do governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva e se somou a esforços de outros chefes de Estado e governos de países africanos. Podemos notar também os esforços de autoridades de organismos internacionais. Podemos destacar dentre muitas ações os Congressos Pan-Africanos que foram realizados desde o início do século passado, por exemplo, em 1927, em Nova Iorque (EUA) e em 1945, em Manchester (Grã-Bretanha).

No mundo das artes a diáspora é também o objeto de muitas obras de artistas visuais. De acordo com Peffer (2005, p. 04), quando dialoga sobre a relação entre arte africana contemporânea e diáspora,

A grande ironia dos modernistas africanos da geração anterior reside talvez no facto de que foi a experiência de viverem em diáspora, fora de África, que permitiu a muitos deles envolver-se tão empenhadamente com imagens e ideias da história da África. Isto devia-se, entre outras coisas, ao acesso que tinham a colecções de arte da era colonial fora da África, ao encontro com outras diásporas africanas num ambiente cosmopolita, e à experiência de marginalização coletiva fora do continente.

Em sua grande maioria esses trabalhos problematizam e influenciam para a desconstrução de estereótipos que giram em torno do corpo escravo e somam-se a discriminação e racismo fruto deste movimento. A tentativa é em prol de um “*desengendramento das imagens*”, o que se quer é desconstruir o olhar enviesado destinado ao africano e seus descendentes.

Os eventos mencionados acima podem ser percebidos como consequência do processo de descolonização e independência dos países africanos e uma tentativa de unidade. Ações como estas criaram a OUA (Organização da Unidade Africana) ocorrida em Addis-Abeba, Etiópia, em 1963. Outra vertente que nos ajuda a entender este processo são os ideais pan-africanistas que orientam ações, discursos e atitudes performáticas de líderes políticos e populações, gerando atitudes, assim como políticas em Estados e organizações africanas. Tais movimentos podem facilmente ser entendidos como a busca por unidade política, cultural e

³⁰ A categoria particularidade é aplicada no sentido de Lukács (1978).

econômica, o que provoca como consequência uma aproximação dos países da África com os países de destino da diáspora no que tange aos efeitos do processo de colonização.

O Pan-Africanismo como movimento intelectual e perspectiva epistemológica tem influenciado a luta as injustiças raciais que permeiam a Diáspora no contexto da colonização. Diversos intelectuais, movimentos políticos e instituições têm se esforçado para analisar e teorizar de maneira séria a diásporas negra. Teorias, métodos organizativos e práxis diversas são bastante fomentadas neste movimento intelectual. O movimento negro panafricano é antes de tudo político e social, se estabelece em rede internacional, e pode ser descrito enquanto perspectiva que une teoria e prática que nos auxilia no entendimento da diáspora a partir do traduz Nascimento (1980, p. 73),

O Pan-Africanismo é a teoria e a prática da unidade essencial do mundo africano. Não há nenhuma conotação racista nessa unidade. Ela se baseia, não em critérios superficiais de cor, mas na comunidade dos fatos históricos, na comunidade da herança cultural de identidade de destino em face ao capitalismo, do imperialismo e do colonialismo. [...] O pan-africanismo reivindica a unificação do continente africano, e a aliança concreta e progressista com uma diáspora unida.

O Pan-africanismo é movimento político, social e intelectual importante visto que organiza os primeiros encontros entre negros africanos e afro-diaspóricos para discutir e reivindicar pautas raciais. Pensar Pan-africanismo é pensar a diásporas negra independente do local, o que importa é o sentimento de pertencimento, este é o cerne da coisa. É importante chamarmos atenção para o fato de que o processo de Diáspora Negra vem produzindo políticos, pensadores, cientistas e intelectuais nas várias localidades onde esses povos se territorializaram. É, para nós, similar ao caso da corrente da Decolonialidade na América Latina que de forma bem alicerçada vem se definindo, dentre outras como de epistemologia negra. Por outro lado assistimos a proliferação de inúmeras lideranças negras que pautam participação destes lugares subalternizados no enfrentamento da máquina capitalista indo de encontro aos grandes centros com suas demandas.

Em Bernardino-Costa e Grosfoguel (2019), há uma perspectiva negra da Decolonialidade, e esta como rede de pesquisadores busca sistematizar conceitos e categorias interpretativas que, por mais que se dê de forma muito recente, consiste numa prática de oposição e intervenção, seu advento coincide com o momento em que o primeiro sujeito colonial do sistema mundo moderno/colonial reagiu contra os desígnios imperiais que se iniciou em 1492. Mesmo antes do uso do termo “colonialidade”, já era possível se encontrar a ideia que gira em torno desse conceito na tradição do pensamento negro. Dentre os contemporâneos dessa ideia podemos destacar W. E. B. Du Bois, Oliver Cox, Frantz Fanon,

Cedric Robinson, Aimé Césaire, Eric Williams, Angela Davis, Zora Neale Huston, Bell Hooks etc.

No caso das Comunidades Quilombolas Imediações da Transcarnetá, as características dos movimentos da diáspora são percebidas na busca de diálogo e/ou enfrentamento das instituições responsáveis por sanar suas demandas, na busca por formação acadêmica e intelectual, no intento da posterior colocação profissional ou política e, na sequência, a aproximação a outras pessoas que têm a mesma disposição em levantar suas bandeiras e se organizar em torno dos mesmos objetivos. Por coincidência ou não este movimento coincide com o processo que ocorreu na fundação do movimento pan-africano que, como Du Bois, líder na fundação do movimento, aponta como objetivos principais a união dos africanos e descendentes da diáspora, além do estabelecimento de diretrizes autônomas para os povos africanos, o reconhecimento, pelas potências coloniais e a emergência do movimento de emancipação africana e afrodescendente.

O deslocamento e territorialização da população negra nas colônias redefinem o sentimento de pertencimento e de identidade com o local. Isto nos leva a perceber que em todos os seus aspectos, os territórios da diáspora se desenvolvem como um ambiente propício para a crítica ao eurocentrismo. Os fazeres de sua vida total como os mecanismos de questionamento da realidade perpassam desde as bases filosóficas europeias, desembocam na busca por unidade política, percebidos em iniciativas que se encadeiam desde a fundação de suas Associações Quilombolas, sua imersão no meio acadêmico em uma via de mão dupla, posto que a academia também vai ao *lôcus* de nossas pesquisas.

De forma mais frequente, a partir da década de 1990, inúmeras são as pesquisas acadêmicas com temáticas como globalização, nacionalismo, identidade e multiculturalismo onde o termo diáspora é marcante em projetos políticos e acadêmicos que tendem a contribuir ao questionamento das ideias de superioridade racial, identidade, território e/ou cultura nacional. Várias perspectivas de estudo foram balizadas pela necessidade de redefinição crítica da África, dos africanos e nós descendentes, além de destacar o imaginário africano e seu contributo cultural na formação do Ocidente, o que exigiu muita produção teórica de qualidade que abarcasse as mais diversas experiências das populações negras que se dispersaram mundo a fora.

A Diáspora Negra é dinâmica e tem incontáveis prismas, sua interpretação transgride ideias cristalizadas que a tomam como um fenômeno preso ao passado. Ela criou a metáfora

do Atlântico Negro³¹ entendida como o que estrutura a transnacionalidade de criação da modernidade que deu origem ao sistema global que tem se definido pelo ir e vir de pessoas, informações e mercadorias que define padrões e intercâmbios culturais. A Diáspora Negra nos remete às travessias do Atlântico, deslocamentos, movimentos e misturas que vão além da raça/cor, (des)territorializam culturas, comunicações e fronteiras étnicas.

O que estava em jogo com os escravizados ia muito além da sua retirada do continente africano, envolvia suas tecnologias negligenciadas como contribuição cultural para com o novo mundo, as necessidades econômicas crônicas deixadas como legado da escravização aos seus descendentes, a exploração direta de todos os seus aspectos e riquezas em seu território e além-mar, o trauma do tráfico de pessoas.

O tráfico de escravos, o trânsito e resistência de pessoas, culturas, tecnologias e conhecimentos africanos abasteceram o mundo. Há casos de retornados, entre 1830 a 1870, em torno de 8.000, livres ou libertos, na sua maioria africanos de nascimento. Na África, eles foram reconhecidos geralmente como brasileiros. A maioria passou a se estabelecer na costa africana e passaram a dedicar-se a atividades que tinham relação ao labor desenvolvido na diáspora. Os traços linguísticos da cultura portuguesa do nosso principal colonizador, assim como a religiosidade católica³², seus hábitos e costumes adquiridos no Brasil, desde o vestuário, culinária, formas de construção, ritos, mitos e imaginário impuseram uma cultura híbrida que é uma marca que remete a vivência no Brasil, este é o principal resultado do processo de diáspora. Neste sentido é necessário ir além das origens dos aspectos da cultura, mas tentar perceber a interrelação entre elas: “Esses ‘entre-lugares’ [...] dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade.” (BHABHA, 2007, p. 20)

De acordo com Davison (1981), o contato entre as culturas africanas e outras culturas pelo mundo a fora datam desde a antiguidade clássica, foram soldados do Império Romano, entraram no Oriente Médio, na Ásia, na China e mundo islâmico pelo Deserto do Saara, foram estivadores, ourives, cortesãos trabalhadores domésticos, da agricultura, comerciantes e compuseram tripulações de barcos no Oceano Índico. Durante a Idade Média, entre os anos de 700 a 1.400 d. C., os europeus foram superados pelos africanos no comércio e na produção de mercadorias manuseadas. Há que se destacar, ainda com base neste autor que os grandes

³¹ Aqui utilizamos Atlântico Negro no sentido da metáfora utilizada por Paul Gilroy (2002) ao se referir ao elo entre os países africanos e os da Diáspora.

³² Uma manifestação que podemos destacar como reproduzidas na micro região do Baixo Tocantins, como assevera Salles (1971), é a devoção católica aos santos, destaque para São Benedito.

centros comerciais e financeiros, as cidades mais movimentadas e ricas, assim como os maiores mercados tradicionalmente se localizavam na África.

Com base no apontamento das potencialidades acima, o ponto de distorção da possibilidade de desenvolvimento pleno da África foi o tráfico negreiro e a criação de um comércio de pessoas que desestruturou as nações africanas e seus reinos, proliferando a guerra por todas as regiões daquele continente. As consequências negativas são de fácil detecção, o número expressivo de pessoas escravizadas e traficadas, o incentivo ao aprisionamento por guerra, o acúmulo de riquezas na Europa e, por fim, o impulsionamento do capitalismo e processo de industrialização da Inglaterra e todas as suas atrocidades. Isto interrompeu o processo de desenvolvimento africano com a desestabilização das redes comerciais, assim como a escassez de mão-de-obra saudável por conta do tráfico de escravos.

Por outro lado, a Diáspora Negra também é capaz de produzir emancipação como na proposta de paradigma anunciado por Santos (2002). Ela sugere que “viagens” do tráfico negreiro introduziram rupturas das nossas tradições. O povo negro teve que resistir à barbárie o que proporcionou a presença cultural e civilizatória de populações inteiras que viveram sob a condição de subalternização. Uma prova disso é a influência africana sobre aqueles que escravizaram seu povo.

Como procuramos evidenciar ao longo desse texto, entendemos a partir de Hall (2003), que a diáspora é também um produto cultural, que, apesar dos desencontros, leva ao encontro das tradições como um processo de mutação e reinvenção dos valores. Desse processo surgem diferenças e semelhanças, rompem-se tradições e ocorrem trocas culturais. Daí surgem renovações, originalidades, atualizações e uma pluralidade de fenômenos mestiços, híbridos e crioulos. A Diáspora Negra é travessia, é história, é inventividade humana, é tudo o que não se deixou dobrar ao açoite.

3.1 Educação Quilombola: estado do conhecimento

O panorama atual da perspectiva da abordagem acerca da temática Educação Quilombola nas pesquisas científicas em nível de mestrado e doutorado no território nacional ao longo dos últimos anos, do período que vai de 1997 a 2021³³ se mostram muito produtivos em sentido qualitativo e quantitativo visto a “proliferação” de iniciativas de pesquisas nesta

³³ Por ser uma continuidade enquanto temática tenho como marco este lapso temporal devido 1997 ser o primeiro ano após a promulgação da LDB 9394/1996 a 2021. Saliento que este período é, de acordo com minha compreensão, a fase em que mais se produziu nesta área do conhecimento jurídica e teoricamente.

temática. Na minha percepção é como se os vários textos com os quais tive contato me fizessem agora perceber o sentido do que é a proposta interpretativa do fazer literário como rizoma em Deleuze e Guattari (1995). No contato com essas variadas obras quis somar a elas minha proposta de produção.

Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo "ser", mas o rizoma tem como tecido a conjunção "e... e... e..." Há nesta conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser. (DELEUZE E GUATTARI, 1995, p. 04)

Suas abordagens ampliaram as possibilidades analíticas onde se destaca a relação entre as várias vivências de Comunidades Quilombolas e seu diálogo com a Educação enquanto campo de atuação científica, sem perder de vista suas nuances com as várias categorias que, apesar de apontarem para outras áreas, acabam por desembocar na Educação. Ainda seguindo a lógica acima vejo tais produções envoltas a algo que não aparece meramente como objeto e em muitas delas não se quer fechar o olhar em torno de um sujeito. Do que aprendemos com Deleuze e Guattari (1995) percebemos que as produções neste nível presumem “*matérias diferentemente formadas, de datas e velocidades muito diferentes*” (DELEUZE E GUATTARI, 1995, p. 10). Se atribuíssem a um sujeito, poderíamos ser negligentes com as matérias e a exterioridade com as quais tais trabalhos se relacionam. As escritas se articulam, se segmentam, são compostas de estratos e territorialidades. Estas não menos são compostas de “linhas de fuga”, há momentos em ocorrem processos de desterritorialização e desestratificação também.

A Educação por este viés mostra-se como área interdisciplinar que abriga várias matizes teóricas e metodológicas de inúmeras tradições que vão desde as metanarrativas europeias (o iluminismo, o idealismo, a pós-modernidade e o marxismo, por exemplo), até abordagens outras, se pensarmos a Decolonialidade e a Perspectiva Afrodescendente, enumeradas dentre as que elencamos. A lógica seguida obedece à intenção de identificar e nos situar a respeito de como vem sendo abordado nosso tema de pesquisa a partir do prisma da Educação Quilombola e a partir daí termos ciência das possíveis lacunas ainda carentes de um trato compreensivo e, empreender uma problematização contribua para esta área do conhecimento. Não é em hipótese alguma nossa intenção de “quantificar a escrita”, o que queremos, sabendo que a escrita literária nem mesmo tem objeto, como em Deleuze e

Guattari (1995), é entrar em “conexão com outros agenciamentos” como “outros corpos sem órgãos³⁴”.

Queremos, neste sentido, entender como estes textos funcionam, qual sua conexão conosco, quais suas intensidades, multiplicidades, metamorfoses, com que corpos sem órgãos ele faz convergir o seu. E, ainda, no sentido dado à produção literária dos autores acima, queremos contribuir com uma “pequena máquina”, que possa entreter uma máquina de amor invocando interlocutores com quem podemos nos ligar para funcionar.

3.1.1 Quilombo como Vida Total

A terminologia quilombo nos remete a um imaginário de conflito que perpassa o campo material e quando observado de forma criteriosa se apresenta de maneira material e imaterial. No imaginário nacional a ideia imediata gira em torno da constituição de um espaço onde havia escravos fugidos. No caso brasileiro os quilombos surgiram desde o começo do período colonial. Eram espaços que surgiam como forma de resistência ao uso da mão-de-obra escrava oriunda da África nas lavouras de cana de açúcar, na extração da borracha, na exploração do ouro e nas diversas outras atividades econômicas paralelas a estes ciclos ou conforme a aptidão de cada região.

De forma geral esses espaços geograficamente longínquos se tornam refúgios dos rebeldes que para a se esconder nas matas onde faziam o que em algumas regiões passou a se denominar Mocambos. De acordo com Alencastro (2000) essa denominação aparece em inúmeros documentos portugueses desde 1554, denotando o sentido de ajuntamento de escravos fugidos. Há a referência a este termo apontando para uma origem africana, na língua quimbundo em São Tomé, significa cumeeira ou a forquilha e encaixe do teto da casa que caracterizava a moradia das famílias na comunidade. Nos reinos de Matamba e Caçanje essa denominação era associada ao acampamento militar dos guerreiros Jagas.

De acordo com Almeida (2002), atualmente está acontecendo o que os autores estão chamando de deslocamento conceitual, e a ruptura como os fatores biológicos, raciais e linguísticos que de certa forma fundamentavam a definição de quilombo desde o início da colonização. Este deslocamento tem como resultado de elaboração, teoria perceptível à

³⁴ Aqui partimos do questionamento “Qual é o corpo sem órgãos de um livro?” de Deleuze e Guattari (1995), segundo eles há vários, depende da natureza das linhas consideradas, do seu teor ou sua da sua densidade ou de sua convergência sobre "um plano de consistência" que assegura sua seleção.

elaboração e destaque da definição de identidade cultural dos grupos, sujeitos de tais pesquisas.

O termo Quilombo recebe a conceituação com múltiplos significados que variam a obriedade do ato de insurgir-se em relação às autoridades portuguesas. A atualidade do conceito aponta para outras nuances. Há a situação de comunidades negras formadas por famílias de indivíduos alforriados que compraram suas terras ou receberam de seus donos através de herança. Em Nascimento (1980) quilombo é um ambiente definido como organização fraterna, solidária e coletiva, onde se manifesta o trato social atrelado à igualdade socioeconômica.

A definição Terra de Preto em Almeida (2008, p. 147), “compreende aqueles domínios doados, entregues ou adquiridos, com ou sem formalização jurídica, por famílias de escravos, abarcando também concessões feitas pelo Estado a tais famílias, mediante a prestação de serviços [...]”. Podemos entender esta definição como sinônimo da definição de quilombo, terra doada ou adquirida por comunidades negras após o processo abolicionista e da divisão do latifúndio relativamente isolados onde se instalou a alocação dos seus ocupantes com base em regras de direitos comuns ao que tange à apropriação de recursos e uso da terra.

Um marco histórico na definição de quilombo foi à aparição da definição apresentada no Conselho Ultramarino Português (CUP) de 1740, nos termos de Moura (1990) neste documento quilombo é “*habitação de negros fugidos, que passem de cinco em partes despovoados, ainda que não tenha ranchos levantados e nem se achem pilões nele*”. Esta definição concilia alguns elementos pertinentes à caracterização do quilombo em si associando a fuga ou à presença dos escravos fugidos. O fator numérico mínimo de cinco indivíduos, em outras reduzindo a dois. A perspectiva geográfica do isolamento geográfico, a ideia de rancho sendo este um local de moradia ou não. E a presença de um pilão, o que nos remete à ideia da produção de alimento.

O que se ressalta sempre é o olhar acerca da organização que garantiria a reprodução material, isto gera inclusive a possibilidade da realização de trocas com outros ambientes produtivos como fazendeiros e povoados. Num olhar crítico, os quilombos passaram a ser percebidos como ambientes produtivos, mantidos pela prática de roças dos mais variados itens que sustentavam essas comunidades. O que demonstrava a força dessa produção era a manutenção das moradias, poços, roças e pilões pelos novos colonos que o governo imperial instalava nos quilombos após a expulsão dos quilombolas. Em Almeida (2002) há o destaque para o uso da pequena produção agrícola de um campesinato negro que se mostrava fecundo com a baixa da produção de algodão no norte e no nordeste já no século XVII.

Grande parte dos estudiosos do tema na atualidade, em especial nos trabalhos consultados, faz referência à definição de Munanga (2004), este teórico define Quilombo como termo originário de língua bantu dos povos provenientes da Angola e do Congo que foram traficados e escravizados no Brasil. Dentre estes povos cabe destacar Oribundo, Kongo, Mbundo, Lundos e Imbola. Sua cultura organizacional era coletivista, liderados por chefes de linhagens familiares e por um rei que geralmente era um grande guerreiro. O poder nessas comunidades estava associado às lutas que serviu para ver quem era o mais forte e, a partir disso, se formar comunidades de guerreiros que tinham um grande líder militar, assim como guerreiros de vários outros povos vizinhos.

No advento da captura de escravos cabe destacar que muitos desses povos auxiliaram os portugueses nesse processo. Vale ressaltar que as técnicas militares desses povos também influenciaram na organização dos quilombos, o que propiciou para essa forma organizativa a possibilidade de ser uma espécie de acompanhamento com características de fortificação, o que em muitos quilombos brasileiros ocorreu como exemplificado em Munanga (2001, p. 25):

A palavra quilombo tem a conotação de uma associação de homens, aberta a todos sem distinção de filiação a qualquer linhagem, na qual os membros eram submetidos a dramáticos rituais de iniciação que os retiravam do âmbito protetor de suas linhagens e os integravam como co-guerreiros num regimento de super-homens invulneráveis às armas de inimigos.

As abordagens que são consideradas mais relevantes giram em torno da questão de concepção oficial de quilombo, as teses de isolamento, não reação, invisibilidade do sujeito, os estudos pós-abolição, pesquisas sobre tráfico negreiro, sobre família escrava e educação quilombola. A partir de 1988 a definição quilombo já surge associada ao termo “remanescente”, referindo-se ao que já foi, não se quer discutir o que é, assim como se negligencia sua autonomia e constituição histórica. Ressalta-se, desde então, o crédito de auto-atribuição.

Este processo de ressignificação coincide com a fase de redemocratização da sociedade brasileira o que gerou um profundo processo de transformações na definição dos povos no campo brasileiro, assim como da clientela da Educação do Campo. Um dos elementos que merecem destaque é a luta por educação e por direitos humanos, há de se perceber que a luta por educação anda paralela a várias outras, tais como a luta por direitos humanos, a eclosão dos novos movimentos sociais, as reivindicações de minorias como indígenas, mulheres, a luta pela terra e as ONGs no corolário de tais propostas. Para Marques e Gomes (2013) “na versão ressignificada o termo remanescentes de quilombo exprime um

direito a ser reconhecido em suas especificidades e não apenas um passado a ser rememorado. Ele é a voz da cidadania autônoma dessas comunidades”.

No art. 68 da Constituição Federal de 1988, a possibilidade de reconhecimento da propriedade definitiva aos remanescentes que estejam ocupando suas terras, “Aos remanescentes das Comunidades Quilombolas que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos”. Desse momento em que o termo quilombo passa a se referir a grupos que desenvolvem práticas cotidianas de resistências na manutenção e reprodução de modos de vidas próprias que apresentam um processo de ligação com territórios de usufruto coletivo, com base em laços de parentesco e com ares de solidariedade.

Os quilombos são vistos como movimento pela literatura especializada em Nascimento (2008, p. 204) o modelo quilombista é denominado “ideia-força”, “energia”, o pesquisador chega a propor a criação de um Estado Nacional Quilombola, antirracista, livre, justo e soberano, a partir das bases do modelo de Palmares, Sua finalidade seria a promoção da felicidade dos seus cidadãos. Para tanto seria necessário propor mecanismos que mobilizassem a população negra para uma organização com fins de fomentar a “pesquisa, crítica e reflexão constantes sobre o passado e o presente das condições de vida da população de origem africana no Brasil” (NASCIMENTO, 2008, p.215). Isso levaria a recuperação da memória, história e cultura africana que se perdeu na diáspora, redimensionando a contribuição dos afro-brasileiros e africanos para a formação do Brasil. O movimento quilombista é muito forte nos dias atuais, um exemplo que merece menção é o manifesto “Quilombismo, a solução”, editado no dia 05 de maio de 2021 pelo blogueiro César Augusto Santos Pedroso, que afirma:

precisamos viver o Quilombismo como uma IDEOLOGIA. Todos aqueles “ismos” mudaram o mundo através de suas ações operativas, uns mais contundentemente outros nem tanto, e, assim, foram os “ismos” que historicamente contribuíram ao processo evolutivo da grande massa que se chama humanidade, mas, esse processo evolutivo não se deu para todos, pois, sem um “ismo” nada acontece, e nós negros não entendemos que sem nosso “ismo” não conseguiremos acontecer. Eu acredito que unidos conseguiremos desenvolver através de nossos estudos os conceitos que nos fortalecerão e nos levarão a lugares que nos pertencem como verdadeiros construtores desse país. (PEDROSO, 2013) Por outro lado, ao considerar a práxis literária quilombola, Conceição Evaristo reflete como a palavra poética é, mais do que modo de narração do mundo, a revelação de “utópico desejo de construir outro mundo” (2010, p. 133). Antes que refletir o ser, aponta para o mundo que “poderia ser”, o que, como a escritora raciocina, revela, através do desejo por outro mundo, o descontentamento com uma ordem estabelecida. Constrói-se, assim, contra narrativa que ocupa um lugar antes vazio, e posiciona-se como contra fala ao discurso oficial, detentor do poder, circunstância em que assumir a postura artística equivale a assegurar o direito à fala.

Este outro significado encontrou terreno fértil em debates no GT Comunidades Negros Rurais da Associação Brasileira de Antropologia (ABA) 1994, que passou a classificar os quilombos como comunidades que se constituem com segmentos negros ou grupos étnicos que tem seus próprios critérios de pertencimento. Estes comportam diversos modos de vida de base, principalmente de uso coletivo da terra. Um fato a que se deve o aumento no número de comunidades registradas é também o aumento de políticas afirmativas e outras ações da sociedade que vêm contribuindo para o fortalecimento no que diz respeito à identidade negra. Os destaques neste sentido, vão para a educação sobre os afro-brasileiros. Segundo o Relatório do GT População Quilombola de 2007:

A definição de comunidades remanescentes de quilombos foi objeto, no Brasil, de um intenso debate. Contudo, em 2003, para fins da regulamentação do artigo 68 da Constituição Federal (que define o direito às terras ocupadas por estas comunidades) esta definição encontrou um consenso, que hoje determina o reconhecimento destas comunidades pelos poderes públicos e pela sociedade em geral. De acordo com o Decreto nº 4887, de 20 de novembro de 2003, em seu artigo 2º, consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos “os grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto-atribuição com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida” (BRASIL, 2007, p. 11).

De certo modo alguns trabalhos passam a valorizar pesquisas do processo de inclusão dos povos do campo e a trazer para o debate central suas práticas educativas. Quanto aos quilombos, isso se dá a partir de uma matriz que aponta primeiramente para toda uma observação do nascimento da educação do campo como uma crítica a realidade da educação brasileira. Por um lado, esta vem alargando a percepção acerca das ausências de políticas que fortaleçam a educação popular, o que de certa forma coincide com a falta de valorização ou de reconhecimento de que estas têm suas especificidades.

Um ponto divergente destes quadros é o (re)ordenamento do campo jurídico normativo da educação e sua conjugação com a elaboração de políticas públicas que vêm influenciando positivamente para o reconhecimento de que há especificidades nos mais variados modos de vida existentes no campo, fazendo com que isso se torne um elemento básico para impulsionar o fomento desta modalidade de educação. Não obstante, a lei por si só não soluciona os problemas sociais.

Dentre os eventos a serem destacados no processo apontado acima podemos enumerar inicialmente a 1ª Conferência Nacional por Educação Básica do Campo em 1998. Neste evento inaugura-se um novo jeito de pensar a educação para o povo brasileiro que vive no e do campo, surge aqui uma nova referência, tanto para o debate, quanto para mobilização popular. Para Caldart (2002), a educação quilombola enquanto vertente de educação do

campo de forma geral passa a ser alvo de um direito a ser pensado a partir do seu lugar e com a contribuição (participação) popular, o que a vincula a sua cultura às necessidades coletivas.

Ainda de acordo com a autora, “no campo estão milhões de brasileiras e brasileiros, da infância até a terceira idade, que vivem e trabalham no campo como: pequenos agricultores, quilombolas, povos indígenas pescadores, camponeses” (CALDART, 2002, p.11). Nesta forma de educação, a questão do trabalho é precedente à educação formal, ou à pedagogia do “educar por um trabalho desalienado”, aqui o indivíduo é educado pela via de uma fundamentação que abarca a necessidade de se pensar a produção ladeada às outras dimensões e necessidades humanas, tomando isso, dentro de uma ordem de prioridades, à frente das necessidades de mercado.

A Educação do Campo busca fomentar, manter e legitimar processos identitários dos homens e mulheres do campo, respeitando e valorizando sua diversidade de saberes e fazeres associados à suas histórias de vida influenciam positivamente a Educação Quilombola. O ponto de partida quase sempre é a Resolução 01 de 2002 que trata das diretrizes operacionais da Educação do Campo, destaque para identidade da escola, tempo, espaço, gestão e formação. Uma conquista que reforça os olhares para o tema foi à implementação da Lei 10.639/03, que obriga o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana nos currículos de Educação Básica, o que de certo modo influencia na contemplação dos fatos relacionados às questões étnicas, culturais e políticas dessas comunidades. A luta antirracista vem desenrolando no Brasil ao longo do lapso temporal por nós eleito no que tange a transformação da política educacional brasileira.

Em 2004 as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico Raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana foram implementadas e visava contribuir para a necessidade de reparação visando contribuir para que o Estado e a sociedade em geral desenvolvam medidas para o ressarcimento aos descendentes de africanos negros, pelos danos psicológicos, materiais, sócio-políticos e educativos sofridos ao longo do processo de escravização, bem como pelas práticas e políticas de branqueamento da população, privilégios destinados a grupos hegemônicos no pós-libertação dos escravos, além de visar o combate ao racismo e outros desdobramentos discriminatórios.

Outro fato muito importante foi à criação do Programa Brasil Quilombola (PBQ) lançado em março de 2004, no intuito de consolidar a política de Estado para as áreas quilombolas. Este plano foi base da Agenda Social Quilombola (Decreto 6261/2007), que visava agrupar as ações direcionadas às comunidades quanto ao acesso a Terra, Infra-estrutura, Qualidade de Vida, Inclusão Produtiva, Desenvolvimento Local, Direitos e

Cidadania. Como consequência deste, visto como divisor de águas, tivemos a emissão da Portaria Presidencial nº 98/2007 que cria a Fundação Cultural Palmares no intuito de regulamentar e instituir o cadastro geral de Remanescentes das Comunidades dos Quilombos.

Também tem sua o importante é a Instrução Normativa nº 49/2008 do INCRA, que regulamenta o procedimento para a identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação, desintrusão, titulação e registro das terras ocupadas por remanescentes das comunidades de quilombos de que tratam o art. 68 e o decreto 4887/2003, que regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades de quilombos.

Esses vários fatos de certa maneira estão em consonância com a LDB 9394/96, que no seu artigo 28 assevera que *“na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação as peculiaridades da vida rural de cada região”*. No artigo 26 a orientação é *“nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena”*.

Ao longo das últimas décadas, vem se avolumando a quantidade de estudos a respeito dos quilombos e suas definições conceituais, atrelados a fatores históricos constatados em estudos etnográficos de pesquisadores engajados na abordagem desse tema e em pesquisas nas mais variadas regiões, universidades e órgãos governamentais, focando desde as áreas de habitação, saúde, demarcação de terras, educação, dentre outras temáticas.

Não menos elementar, tivemos a elaboração das Diretrizes complementares na Resolução 02 de 2008, esta faz a definição de Educação do Campo, currículo, funcionamento, organização do trabalho, na sequência temos o Decreto Presidencial 7352/2010, que versa sobre a definição de escola do campo, de Povos do Campo, financiamento, nucleação e formação. A Educação Quilombola se fortalece ao passo que a Educação do Campo é fortalecida por meio de uma rede social, pelo envolvimento de sujeitos coletivos e por um ideário de educação que aproxima as pessoas. Os agentes dessa rede são as ONGs as Universidades, as Secretarias Municipais e Estaduais de Educação, Sindicatos, os movimentos sociais como um todo, com destaque é claro para as escolas do campo.

O debate atrelado à Educação do Campo é muito intenso, as reivindicações a partir das deliberações da Conferência Nacional de Educação - CONAE/2010, por exemplo, elabora normativas como o Parecer CNE/CEB nº 7/2010 e a Resolução CNE/CEB nº 4/2010 e institui as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica, e em vista a Indicação

CNE/CEB nº 2/2010, se instituiu, por meio da Portaria CNE/CEB nº 5/2010, uma comissão para a elaboração das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola.

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola:

A Educação Escolar Quilombola é desenvolvida em unidades educacionais inscritas em suas terras e cultura, requerendo pedagogia própria em respeito à especificidade étnico-cultural de cada comunidade e formação específica de seu quadro docente, observados os princípios constitucionais, a base nacional comum e os princípios que orientam a Educação Básica brasileira. Na estruturação e no funcionamento das escolas quilombolas, deve ser reconhecida e valorizada sua diversidade cultural. (BRASIL, 1996, p. 42)

A educação quilombola assume-se como algo particular, é norteadada pela perspectiva de vínculo existente entre os sujeitos que a praticam, no entanto, não se desliga da universalidade. A educação, de acordo com Freire (2013), tem como função preponderante a formação de sujeitos autônomos, cidadãos de fato. Esta modalidade dialoga com a teoria pedagógica, em particular dos camponeses, ou mais especificamente, com classe trabalhadora e dos povos da floresta, assim como com suas lutas. O intuito da educação quilombola é construir uma educação em comunhão com as demais categorias.

Fato é que este movimento por educação tem espaço que podemos denominar cativo em algumas matrizes teóricas ou político-pedagógicas das quais vem ganhando grande destaque em meio aos trabalhos produzidos dentre eles encontramos:

a) Educação popular, para Brandão (2000), é onde se desenvolve um diálogo bem profundo com as pedagogias da opressão e a ampliação do olhar para a dimensão educativa manifestada na condição do oprimido da cultura e desta como formadora do ser humano;

b) A pedagogia Socialista, na acepção de Manacorda (2007), é uma abordagem que privilegia a dimensão pedagógica do trabalho e da organização coletiva, a partir da reflexão sobre a dimensão da cultura como processo histórico combinada com processos de aprendizagem e ensino que nos vêm de estudos oriundos da psicologia sociocultural;

c) A Pedagogia do Meio, que para Gimonet (2007), é definida como oriunda de uma perspectiva materialidade histórica dialética, que visa entender que a formação humana perpassa a formação de um sujeito histórico que se desenvolve no mundo natural, no meio em que o sujeito vive, tendo a natureza com seu cenário e a sociedade como ambiente para o seu desenvolvimento histórico, levando em conta suas lutas e seus processos construtivos.

A educação quilombola é uma área constituída de inúmeros movimentos de tensões que vão desde as questões que envolvem o território e, em muitas vezes, a restrição ou isolamento deste. Um fator de forte conflito é a questão do conteúdo e sua forma fazendo

surgir vários dilemas consequência disso como à luta por espaço em territórios alvo de conflitos pela posse da terra, que por conta disso se exige que a educação dê conta de transformar a realidade e superar estes fatores que são problemáticos inerentes ao capitalismo.

Cabe também destacar que nos últimos anos, em especial os que demarcam a gestão do Governo Federal de turno, os movimentos sociais pela educação estiveram recuados em relação aos riscos efetivos da falta de avanço das políticas para essa área da Educação. A consequência disso é o fortalecimento dos movimentos sociais negros, um fator foi à inclusão do ensino sobre a história africana e afro-brasileira nos currículos da educação básica, se configurando como conquista do movimento negro, esta política pública fomenta a consciência política e histórica, além de fortalecer as identidades e direitos por meio da educação ao combate ao racismo (GOMES, 2009).

Como veremos a seguir, as diversas produções levantadas vêm apontando para a inserção da Educação Quilombola em debates bastante amplos que vão desde reflexões acerca da ampliação de uma agenda política e pedagógica que reforce as lutas e as práticas de educação e se some estes esforços à Educação do Campo, perpassando pelas práticas socioculturais dos primeiros quilombos, a escola como instituição que aglutinaria os processos culturais, a educação elementar e o processo de letramento, a metamorfoses das realidades desta população, a aplicabilidade da orientação em se cumprir a obrigatoriedade de transmissão das histórias de residências de antigos quilombolas, inclusão, diversidade, pluralidade cultural dentre outros.

3.2 Educação escolar quilombola: o que já se quis responder?

Depois de definido o conceito de Quilombo e alguns marcos jurídicos sobre a educação quilombola, identificamos, organizamos e enumeramos as produções teóricas sobre o tema e apresentamos as propostas de pesquisa e seu nicho de atuação de maneira linear na perspectiva temporal. Um elemento que nos orienta a perceber a estética dos autores e sua linha de raciocínio são as palavras-chave, que de todo o modo nos ajudam a classificar e, no sentido do empenho o que nos prestamos neste trabalho, rastrear e agrupar tais produções. Buscamos nesse sentido enumerar os títulos pesquisados em grupos temáticos ou categorias mais amplas.

Em nossa aceção este tipo de estudo se faz necessário inicialmente pela possibilidade de demonstrar sua abrangência, o que aqui chamamos de ‘Estado do Conhecimento’. Quando se trata do trabalho acadêmico o conhecimento é declaradamente nossa ferramenta de

trabalho. Compreendemos que o conhecimento é produção histórico-cultural que se situa nas estruturas de poder vigentes no espaço-tempo, esta postura faz este escapar de ser pensado como corpo morto (SHOR E FREIRE, 1987, p. 15). A partir da definição do Estado de Conhecimento partimos à identificação, registro e categorização que nos levaram a posterior reflexão e síntese sobre a produção científica de nossa área de interesse, num espaço de tempo que data do final do séc. XX, início do Século XXI, congregando teses e dissertações sobre a nossa temática, a Educação Quilombola, visando a contribuição deste movimento no sentido de delinear algo que se possa mostrar como novo para nosso trabalho de Tese. Esta atitude acadêmica cumpre com nossa intenção em fazer um balanço acerca das contribuições acadêmicas e com a organização dos trabalhos desenvolvidos, sem perder de vista a análise deste campo, visando apontar para as possibilidades de contribuições e pesquisas que possam vir a se somar com essas iniciativas.

A compreensão que temos sobre as contribuições concretizam-se na forma como apresentamos as produções que se aproximam do que nos propusemos a produzir, partimos do local para o geral, e de antemão buscamos tal aproximação ao que o Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Pará vem contribuindo na produção de suas Dissertações e Teses. Internos ao PPGED temos:

a) A Dissertação de Gatinho (2008), sob a orientação do Prof. Dr. Genylton Odilon Rêgo da Rocha, que se intitula “O MOVIMENTO NEGRO E O PROCESSO DE ELABORAÇÃO DAS DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO – RACIAIS”, realizou uma análise da atuação do movimento negro no processo de elaboração das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Racial, desdobrando-se das propostas defendidas pelo movimento negro durante o processo de elaboração das Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação das relações étnico-raciais e analisando a avaliação que o movimento negro faz das Diretrizes Curriculares Nacionais aprovadas pelo Conselho Nacional de Educação e homologadas pelo Ministro da Educação. Tal reflexão nos leva a vislumbrar a história da educação dos negros em seus aspectos mais centrais como a exclusão no sistema educacional, as estratégias de resistência, assim como as proposições contra a exclusão e a luta do negro pela obrigatoriedade de revisão da história e cultura afro-brasileira.

O autor propõe uma análise aprofundada da participação do movimento negro no processo de elaboração das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais. O estudo abrange a trajetória das propostas defendidas pelo movimento negro durante a referida elaboração, bem como uma avaliação crítica das Diretrizes Curriculares

Nacionais aprovadas pelo Conselho Nacional de Educação e homologadas pelo Ministro da Educação.

A dissertação em questão desvela a história da educação dos indivíduos negros em seus elementos mais essenciais, destacando, sobretudo, a exclusão sistemática desses sujeitos no âmbito educacional. Além disso, são discutidas as estratégias de resistência adotadas pela comunidade negra diante dessa exclusão, assim como as propostas desenvolvidas em prol da superação desse quadro de marginalização. Particular ênfase é dada à luta do movimento negro pela inclusão obrigatória da revisão da história e cultura afro-brasileira nos currículos escolares.

b) A Dissertação “[IN] VISIBILIDADE NEGRA: representação social de professores acerca das relações raciais no currículo escolar do Ensino Fundamental em Ananindeua (PA)” de Santos (2009), orientada pela Profa. Dra. Wilma de Nazaré Baía Coelho, teve como tema as Representações Sociais e Relações Raciais, analisando as representações sociais de professores acerca das relações raciais no currículo escolar do Ensino Fundamental. A pesquisa nos aponta que os professores *“possuem um conhecimento acerca das relações raciais, creem que as relações raciais no Brasil são igualitárias, acreditam que todos nós somos iguais: branco, negro e índio”*. Para a autora o preconceito racial está subentendido nas práticas sociais no Brasil o que influencia em sua disseminação e ratificação em toda sua estrutura, em especial na escola.

A pesquisa em questão revela a importância de compreender as representações sociais dos professores em relação às relações raciais no currículo escolar do Ensino Fundamental. Ao reconhecer que esses profissionais possuem conhecimentos sobre o assunto, é possível identificar os pontos de convergência e divergência entre suas representações e a realidade vivenciada pelos alunos. A autora ressalta que o preconceito racial, embora muitas vezes implícito, influencia as práticas sociais brasileiras, e sua presença na escola é um reflexo desse contexto mais amplo.

Dessa forma, a dissertação contribui para uma reflexão sobre a importância de abordar as relações raciais no currículo escolar do Ensino Fundamental, a fim de promover uma educação inclusiva e combater as desigualdades e o preconceito racial. Através da compreensão das representações sociais dos professores, é possível identificar lacunas e desafios na abordagem dessas questões, bem como desenvolver estratégias educacionais mais eficazes que promovam a igualdade e o respeito às diferenças étnico-raciais no ambiente escolar.

c) A Dissertação “NEGRO E ENSINO MÉDIO: REPRESENTAÇÕES DE PROFESSORES ACERCA DE RELAÇÕES RACIAIS NO CURRÍCULO” de Silva (2009), desenvolvida sob a orientação da Profa. Dra. Wilma de Nazaré Baía Coelho, analisou as representações de professores acerca de relações raciais no currículo escolar do Ensino Médio, a partir do conceito de Representações em Chartier (1990; 1991) e de estudos atuais das relações raciais e a educação. A autora buscou compreender a materialização dos discursos e suas manifestações simbólicas pela via da análise de discurso. Para a autora a educação antirracista está intimamente ligada à subversão dos professores em relação à manifestação do preconceito manifesto nas práticas pedagógicas, na influência negativa no desempenho dos alunos e aponta para a necessidade da (des)naturalização deste nas práticas pedagógicas.

De acordo com a autora, a promoção de uma educação antirracista está intrinsecamente ligada à subversão por parte dos professores em relação à manifestação do preconceito presente nas práticas pedagógicas. Ela destaca que esse preconceito tem uma influência negativa no desempenho dos alunos e aponta para a necessidade de desnaturalizar essa manifestação preconceituosa nas práticas pedagógicas.

A pesquisa evidencia a importância de compreender as representações dos professores sobre as relações raciais no currículo escolar do Ensino Médio. Ao analisar como essas representações são construídas e manifestadas através da análise do discurso, é possível identificar os discursos e práticas que perpetuam o preconceito e a desigualdade racial no ambiente escolar. A autora destaca a necessidade de os professores se tornarem agentes de mudança, desconstruindo estereótipos e promovendo uma educação que valorize a diversidade racial e combata o racismo.

e) A Dissertação “EDUCAÇÃO E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA PERSPECTIVA DE MILITANTES DO MOVIMENTO NEGRO DA CIDADE DE BELÉM” de Damasceno (2011), desenvolvida sob orientação da Profa. Dra. Sônia Maria da Silva Araújo, investigou, por meio de entrevistas com militantes do Movimento Negro da cidade de Belém do Pará, o lugar que a educação ocupa nas suas lutas com vistas à construção de um projeto de educação que contribua para a superação das desigualdades raciais no Brasil. Com amparo em Gohn (2009) a autora buscou a compreensão de uma concepção de educação que venha do interior de uma organização da sociedade civil, como o Movimento Negro, caso desta pesquisa, representa reconhecer previamente que o processo educativo é uma experiência cujas bases e propostas podem se articular “*fora dos canais institucionais escolares*”. Isto significa admitir que a educação “*não se restringe ao aprendizado de*

conteúdos específicos transmitidos através de técnicas e instrumentos do processo pedagógico”.

A autora defende uma concepção de educação que emerge das organizações da sociedade civil, como o Movimento Negro. Nesse contexto, reconhecer previamente que o processo educativo pode ocorrer "fora dos canais institucionais escolares" implica admitir que a educação vai além do simples aprendizado de conteúdos específicos transmitidos por meio de técnicas e instrumentos pedagógicos.

A pesquisa oferece um olhar significativo sobre a perspectiva dos militantes do Movimento Negro em relação à educação e às relações étnico-raciais. Ao valorizar as vozes desses atores sociais, o estudo busca compreender como a educação pode ser uma ferramenta para promover a igualdade e combater o racismo. Através das entrevistas, a autora examina as estratégias e propostas educacionais desses militantes, que buscam romper com o *status quo* e construir um projeto de educação que leve em consideração as especificidades e necessidades das comunidades negras.

f) A Dissertação “RESERVA DE VAGAS NO ENSINO SUPERIOR: O PROCESSO DE IMPLEMENTAÇÃO DAS COTAS RACIAIS NOS CURSOS DE GRADUAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ” de Melo (2011), desenvolvida sob a orientação do Prof. Dr. Genylton Odilon Rêgo da Rocha, propôs discutir a instituição da política de cotas na Educação Superior brasileira, além de verificar seus desdobramentos na Universidade Federal do Pará e analisar os impactos que a política de cotas teve no ingresso de alunos pretos e pardos nos seus cursos de graduação. Os resultados desta pesquisa apontam para maior inserção de estudantes negros e alunos de escolas públicas na UFPA, porém, também evidenciam deformidades na adoção das cotas para negros na Instituição.

Os resultados dessa pesquisa apontam para um aumento na inclusão de estudantes negros e provenientes de escolas públicas na UFPA. No entanto, também evidenciam deficiências e desafios na implementação das cotas raciais na instituição. Essas deficiências podem envolver questões como a adequação dos critérios de autodeclaração racial, a falta de acompanhamento e suporte aos estudantes cotistas, bem como possíveis resistências e preconceitos por parte da comunidade acadêmica.

É importante destacar que as cotas raciais têm sido implementadas como uma medida de reparação histórica e de promoção da igualdade de oportunidades no acesso ao ensino superior. A partir dos resultados apresentados, a dissertação traz à tona a importância de avaliar continuamente a efetividade e a eficácia dessas políticas, visando aperfeiçoar sua implementação e garantir que sejam efetivas na promoção da inclusão e da equidade.

g) A Dissertação “O QUE DIZEM TESES E DISSERTAÇÕES SOBRE RELAÇÕES RACIAIS EM EDUCAÇÃO (2004-2013)” de THIJM (2014), desenvolvida sob a orientação da Profa. Dra. Wilma de Nazaré Baía Coelho, onde se analisou Teses e Dissertações brasileiras relacionadas com o tema Educação e Relações Raciais defendidas entre os anos de 2004-2013 e neste se identificou o que dizem as produções acadêmicas em relação à educação e relações raciais neste período. A pesquisa aponta para a crescente abordagem sobre o tema relações como: movimentos sociais; identidades; racismo; formação de professores; propostas e práticas pedagógicas; memórias; ações afirmativas e políticas educacionais; currículos e programas; instrumentos pedagógicos; Estado do Conhecimento, concepções teóricas, dentre outros, o que possibilita a visibilidade dos debates e favorece a criação de um campo em que disputas de força e sentidos podem mobilizar um poder simbólico capaz de impulsionar a superação da condição de exclusão social presente em diferentes esferas da sociedade.

Os resultados da pesquisa apontam para uma ampliação na abordagem do tema das relações raciais em diferentes perspectivas. Dentre as temáticas identificadas, destacam-se os movimentos sociais, as identidades, o racismo, a formação de professores, as propostas e práticas pedagógicas, as memórias, as ações afirmativas e políticas educacionais, os currículos e programas, os instrumentos pedagógicos, o Estado do conhecimento e as concepções teóricas, entre outros. Essa diversidade de abordagens contribui para a visibilidade dos debates e disputas de sentido, favorecendo a criação de um campo de estudos no qual diferentes atores e perspectivas podem se engajar e mobilizar um poder simbólico capaz de impulsionar a superação da exclusão social presente em diversas esferas da sociedade.

A pesquisa realizada demonstra a importância e a relevância das teses e dissertações produzidas sobre educação e relações raciais no contexto brasileiro. Ao mapear e analisar essas produções acadêmicas, o estudo oferece uma visão panorâmica das principais questões discutidas nesse campo, fornecendo subsídios para a construção de conhecimento e a promoção de políticas e práticas educacionais mais inclusivas e equitativas.

Quando se trata de produções no doutorado do nosso programa demos destaque a quatro Teses:

a) A Tese “REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL SOBRE EDUCAÇÃO ÉTNICO-RACIAL E AS IMPLICAÇÕES EM SUA PRÁTICA PEDAGÓGICA: POR UMA PEDAGOGIA DECOLONIAL E INTERCULTURAL” de Santos (2018), sob a orientação da Profa. Dra. Ivany Nascimento analisou a constituição das representações sociais de professores do ensino fundamental sobre educação étnico-racial e as implicações em sua prática pedagógica. A pesquisa evidenciou

que as representações sociais dos professores sobre as relações étnico-raciais se expressam nas seguintes imagens: escola tem potencial para formar para o respeito às diferenças; escola “despreparada” para trabalhar com a diversidade; a escola combate o racismo a despeito da educação na família; a escola é impotente na formação para a educação étnico-racial, que vem da família; o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana e a educação para as relações étnico-raciais pode contribuir para o combate ao racismo; o racismo não se manteve “intacto” na escola ao longo do tempo, ele diminuiu ao menos parcialmente; a implementação de um currículo voltado para a diversidade sociocultural ainda é um desafio na escola; a formação sobre a temática não prepara os professores para ensinar de acordo com novas diretrizes nacionais; não há um planejamento escolar adequado ao desenvolvimento de atividades que combatam o racismo; as leis podem subverter as relações impregnadas de racismo na escola.

Através da análise das representações sociais dos professores, a pesquisa identificou algumas imagens recorrentes. Os resultados indicam que os professores percebem a escola como um espaço potencial para formar o respeito às diferenças, porém, também veem a escola como despreparada para lidar com a diversidade. Há a percepção de que a educação étnico-racial é de responsabilidade da família, e a escola muitas vezes é considerada impotente nessa formação. No entanto, reconhece-se que o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana, juntamente com a educação para as relações étnico-raciais, pode contribuir para o combate ao racismo.

Além disso, os professores destacam desafios na implementação de um currículo voltado para a diversidade sociocultural, citando a falta de formação adequada sobre a temática e a ausência de um planejamento escolar que promova atividades de combate ao racismo. No entanto, reconhece-se o potencial das leis para subverter as relações impregnadas de racismo na escola.

Essas representações sociais dos professores têm implicações diretas na prática pedagógica. As percepções e imagens que os professores possuem influenciam suas atitudes, ações e abordagens em sala de aula, afetando o modo como a educação étnico-racial é tratada no contexto escolar.

A partir desses resultados, a pesquisa destaca a necessidade de uma pedagogia decolonial e intercultural que contribua para a desconstrução de estereótipos e preconceitos, promova a valorização da diversidade étnico-racial e estimule práticas pedagógicas mais inclusivas e equitativas. Essa pedagogia busca romper com visões estereotipadas e eurocêntricas da educação, valorizando conhecimentos, culturas e perspectivas diversas, e

reconhecendo a importância da educação étnico-racial como um instrumento para a transformação social.

b) A Tese “CICLO DE POLÍTICA CURRICULAR DO ESTADO DO PARÁ (2008-2012): A ENUNCIÇÃO DISCURSIVA SOBRE RELAÇÕES RACIAIS” de autoria de Santos (2014) e orientação da Profa. Dra. Wilma Coelho teve como objetivo analisar os enunciados discursivos do ciclo de Política curricular do Estado do Pará sobre as relações “raciais” no período de 2008 a 2012, a partir da abordagem do ciclo de políticas, proposto por Stephen Ball. Focalizou-se a produção das políticas no contexto de influência, contexto de produção de textos políticos e contexto da prática.

A análise se concentra nos enunciados discursivos presentes nos documentos do ciclo de política curricular do Estado do Pará, buscando compreender como as relações raciais são abordadas e representadas nesse contexto. Através dessa análise, o estudo visa identificar as influências e contextos que moldaram a produção dessas políticas, bem como examinar como esses enunciados são traduzidos e implementados na prática educacional.

Ao adotar a perspectiva do ciclo de políticas, a pesquisa reconhece que a elaboração e implementação de políticas curriculares são influenciadas por diversos atores e contextos, incluindo agências governamentais, grupos de interesse, professores, estudantes e comunidades. Essa abordagem permite compreender como os discursos e ideias sobre as relações raciais são construídos e transformados ao longo do ciclo de políticas.

Os resultados da pesquisa fornecem insights sobre como as relações raciais são abordadas nos documentos do ciclo de política curricular do Estado do Pará durante o período investigado. Essa análise crítica dos enunciados discursivos permite compreender as visões, as intenções e as estratégias presentes nas políticas curriculares relacionadas às relações raciais.

Ao compreender as complexidades e as influências presentes no ciclo de políticas curriculares, é possível identificar desafios e oportunidades para promover uma abordagem mais inclusiva, equitativa e sensível às questões raciais na educação. A pesquisa contribui para o campo da política educacional ao oferecer uma análise aprofundada dos enunciados discursivos sobre as relações raciais, fornecendo subsídios para aprimorar as práticas curriculares e promover uma educação mais justa e antirracista.

c) A Tese “Formação de Professores e Relações Étnico-Raciais: estudo sobre as produções científicas do período de 2003-2013”, de Brito (2018) sob a orientação da Profa. Dra. Wilma de Nazaré Baía Coelho, que analisou o percurso da literatura especializada sobre a temática formação de professores e relações étnico-raciais, durante o período de 2003 a 2013, que demarca dez anos de vigência da Lei n. 10.639/2003. Este trabalho fez a distinção

das feições conferidas à produção acadêmica publicizada nos periódicos qualificados, nos dez anos de vigência da lei que institui a obrigatoriedade da inclusão da temática História e Cultura Afro-Brasileira no currículo oficial da rede de ensino, identificou a conformação destas discussões em Teses e Dissertações no que tange a recorrências, a aportes teórico-metodológicos acionados e às perspectivas delineadas e relacionou os trabalhos publicados em eventos situando aspectos presentes na literatura especializada, estruturantes na produção de sentidos que circulam nesse campo.

O estudo realiza uma análise das publicações em periódicos qualificados, identificando as características da produção acadêmica ao longo dos dez anos de vigência da lei. Além disso, examina as teses e dissertações que abordam essa temática, analisando recorrências, abordagens teórico-metodológicas utilizadas e perspectivas delineadas. Também relaciona os trabalhos publicados em eventos, destacando aspectos presentes na literatura especializada que são estruturantes na produção de sentidos nesse campo.

A pesquisa contribui para mapear e compreender a evolução das discussões sobre formação de professores e relações étnico-raciais ao longo desse período, fornecendo insights sobre os principais temas abordados, as abordagens teóricas e metodológicas adotadas e as perspectivas adotadas pelos pesquisadores. Isso auxilia no desenvolvimento de estratégias e políticas educacionais que promovam uma formação de professores mais sensível às questões étnico-raciais e capaz de lidar com as demandas da diversidade cultural presente nas salas de aula.

d) Por fim, a Tese de doutorado de Padinha (2014), orientada pela Profa. Dra. Wilma de Nazaré Baía Coelho, intitulada “Relações Raciais: a pesquisa na Pós-Graduação em Educação no Brasil (2005 – 2010)”, a seu turno efetuou um levantamento bastante criterioso a respeito da produção de Teses de Doutorado produzidas entre 2005 a 2010, além de elencar pesquisas e estudos nas áreas da Educação e Relações Raciais realizadas em Programas de Pós-Graduação em Educação de instituições brasileiras. Aqui a delimitação girou em torno da formação de professores e das relações étnico-raciais. O ponto de partida da autora foi o livro “Cem anos e mais de bibliografia sobre o negro no Brasil”, organizado por Kabengele Munanga (2002), que possibilitou o levantamento de 339 estudos registrados pelo teórico, dentre estes Teses, Dissertações, Material Jornalístico, Livros.

O ponto de partida da autora foi o livro "Cem anos e mais de bibliografia sobre o negro no Brasil", organizado por Kabengele Munanga (2002), que proporcionou um levantamento inicial de 339 estudos registrados pelo autor, abrangendo teses, dissertações, material jornalístico e livros.

O estudo realizado por Padinha buscou identificar e analisar as teses de doutorado produzidas entre 2005 e 2010, assim como pesquisas e estudos nas áreas da Educação e Relações Raciais em programas de pós-graduação em Educação de instituições brasileiras. Essa abordagem criteriosa permite compreender a produção acadêmica e científica nesse campo específico ao longo desse período.

Ao analisar a produção existente, a pesquisa contribuiu para mapear o conhecimento produzido sobre as relações raciais e sua interseção com a educação, especialmente no que se refere à formação de professores. Além disso, ao estabelecer uma conexão com o livro de Kabengele Munanga, a autora demonstrou a importância de considerar as referências bibliográficas existentes e o diálogo com trabalhos anteriores para ampliar a compreensão do tema.

Nesta direção, a literatura especializada se apresenta como um dos indicadores das conformações deste princípio, na interlocução entre o campo acadêmico e a prática. Movidas por essa premissa, uma incursão ao banco de dados da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações, foi empreendida com o objetivo de identificar o panorama da produção sobre formação de professores, relações étnico-raciais, e estudos do tipo Estado do Conhecimento, os quais representam elementos estruturantes do presente trabalho. A ação limitou-se ao levantamento de um dos elementos que integram as pesquisas do tipo Estado do Conhecimento e que comporão o corpus de análise deste trabalho: as Teses e Dissertações. O resultado é ilustrativo do movimento relativo à discussão do objeto pretendido nesta investigação. No que concerne a opção pelo banco de dados mencionado, esta se efetivou em face da disponibilidade e acessibilidade que favoreceram a obtenção dos indicativos relativos aos aspectos investigados. O levantamento adotou como descritores de busca os elementos acima elencados - formação de professores, relações étnico-raciais, e estudos do tipo Estado do Conhecimento - delimitado pelo registro destes elementos em todos os campos. Este investimento, resultou no panorama preliminar, apresentado no Quadro 1. Os dados indicam como o decréscimo é acentuado quando as delimitações que importam a essa investigação são mais especificadas.

O levantamento das Teses e Dissertações defendidas em Programas de Pós Graduação em Educação de Universidades públicas e privadas do Brasil disponíveis on-line no Banco de Dados da CAPES e nos repositórios das próprias Universidades, foi feito englobando do período 1997, um ano após a LDB 9394/96 que, como apontado acima, ocorre neste dispositivo em especial uma consonância na oferta de educação básica para a população rural, promovendo as adaptações necessárias o que a frente contempla o estudo da história e cultura

afro-brasileira e indígena. Neste levantamento selecionaram-se vinte e quatro (24) Teses de Doutorado em Educação e quarenta e cinco (45) Dissertações de Mestrado em Educação sobre Quilombos/Comunidades Quilombolas. O ano fim é 2021 pelo motivo do movimento contínuo do objeto.

A opção por estes temas se justifica pela aproximação reflexiva e/ou inquietações que nos seduzem pelos trabalhos que pautam tais elementos-chave. Queremos ter uma visão panorâmica destes elementos assim como de nossos pares, seus orientadores, seus *lôcus* de estudos, as leituras, métodos, dentre outras impressões que se somam às experiências que nos são trazidas com estas Teses e Dissertações que de forma comum discutem Educação e Relações Raciais, temas que são abrigados nas nossas práticas de ensino, pesquisa e extensão e, aqui são Estado do Conhecimento distribuídos como no quadro a seguir e minimamente explicitado na sequência:

Quadro 1: Classificação dos títulos por tema

TEMA	IDENTIFICAÇÃO
Currículo	<p>TÍTULO: Ritmo e ancestralidade na força dos tambores negros: o currículo invisível da festa. AUTOR: Moura, Maria da Glória da Veiga ORIENTADOR: Benevides, Maria Victória INSTITUIÇÃO: Universidade de São Paulo ANO: 1997 DOCTORADO</p>
	<p>TÍTULO: O currículo escolar e a construção da identidade étnico-racial da criança e do adolescente quilombolas: um olhar reflexivo sobre a auto-estima Educação quilombola. AUTOR: Dinalva de Jesus Santana Macêdo ORIENTADOR: Prof. Dr. Marcos Luciano Lopes INSTITUIÇÃO: Universidade do Estado da Bahia. ANO: 2008 DOCTORADO</p>
	<p>TÍTULO: O currículo em escolas quilombolas do Paraná: a possibilidade de um modo de ser ver e dialogar com o mundo. AUTOR: Ferreira Antonio ORIENTADOR: Prof. Dr. Casali, Alipio INSTITUIÇÃO: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo ANO: 2014 DOCTORADO</p>
	<p>TÍTULO: Cultura e currículos: um estudo da Escola Kalunga AUTOR: Rosolindo Real ORIENTADOR: Prof. Dr. Jadir Pessoa INSTITUIÇÃO: Universidade Federal de Goiás ANO: 2018 MESTRADO</p>
	<p>TÍTULO: Identidade e desenvolvimento: um estudo sobre a construção</p>

Identidade Étnica	<p>de conhecimento no quilombo, a partir de narrativas. AUTOR: Maria da Consolação André ORIENTADOR: Profa. Dra. Silviane Barbato ANO: 2002 INSTITUIÇÃO: Universidade de Brasília DOUTORADO</p>
	<p>TÍTULO: A construção da identidade quilombola na percepção dos jovens de Araçá/Cariacá, Bom Jesus da Lapa – Bahia. AUTOR: Kleide Iraci Marques Silva ORIENTADOR: Prof. Dr. Marcos Luciano Lopes Messeder INSTITUIÇÃO: Universidade do Estado da Bahia ANO: 2014 MESTRADO</p>
	<p>TÍTULO: Escola e contexto social: um estudo de processos de construção de identidade racial em uma comunidade remanescente de quilombo Negro. AUTOR: Maria Clareth Gonçalves Reis ANO: 2003 MESTRADO</p>
	<p>TÍTULO: O se negro: um estudo sobre a construção de subjetividades em afrodescendentes. AUTOR: Maria da Consolação Andre ORIENTADOR: Prof. Dr. Norberto Abreu e Silva Neto INSTITUIÇÃO: Universidade de Brasília ANO: 2007 DOUTORADO</p>
	<p>TÍTULO: O processo educativo da Comunidade Quilombola de Carrapatos da Tabatinga: a afirmação identitária e a formação de sujeitos engajados mediante transmissão oral de uma memória compartilhada AUTOR: Agda Marina Ferreira Moreira ORIENTADOR: Prof. Dr. José Eustáquio de Brito INSTITUIÇÃO: Universidade do Estado de Minas Gerais, ANO: 2016 DOUTORADO</p>
	<p>TÍTULO: Comunidade remanescente de quilombos de Morro Alto: uma análise etnográfica dos campos de disputa em construção do significado da identidade jurídico-política de “Remanescentes de Quilombos”. AUTOR: Cíntia Beatriz Muller ORIENTADOR: Profa. Dra. Cláudia L. W. Fonseca. INSTITUIÇÃO: Universidade Federal do Rio Grande do Sul ANO: 2006 DOUTORADO</p>
	<p>TÍTULO: Processos educativos na formação de uma identidade em comunidades remanescentes de quilombos: um estudo sobre as comunidades de Barra / Bananal e Riacho das Pedras, no município de Rio de Contas – BA. AUTOR: Carlos Eduardo Carvalho de Santana ORIENTADOR: Profa. Dra. Jaci Maria Ferraz de Menezes</p>

<p>INSTITUIÇÃO: Universidade do Estado da Bahia ANO: 2015 DOUTORADO</p>
<p>TÍTULO: Território quilombola: identidade e inclusão social – o caso do Rincão dos Martinianos, Restinga Seca/RS. AUTOR: Carolina dos Anjos de Borba ORIENTADOR: José Carlos Gomes dos Anjos INSTITUIÇÃO: Universidade Federal do Rio Grande do Sul ANO: 2008 MESTRADO</p>
<p>TÍTULO: Identidade e territorialidade: os quilombos e a educação escolar no Vale do Ribeira. AUTOR: Lisângela Kati do Nascimento ORIENTADOR: Profa. Dra. Sueli Ângelo Furlan INSTITUIÇÃO: Universidade de São Paulo ANO: 2006 MESTRADO</p>
<p>TÍTULO: De mangazeiros a quilombolas: terra, educação e identidade em Mangal e Barro Vermelho Sítio do Mato – Bahia. AUTOR: Sandra Nívea Soares de Oliveira ORIENTADOR: Prof. Dr. Wilson Roberto de Mattos. INSTITUIÇÃO: Universidade do Estado da Bahia ANO: 2006 MESTRADO</p>
<p>TÍTULO: Escola, família e comunidade quilombola na afirmação da identidade étnica na criança. AUTOR: Santos, Ana Cristina Conceição ORIENTADOR: Santana, Moisés de Melo INSTITUIÇÃO: Universidade Federal de Alagoas ANO: 2008 MESTRADO</p>
<p>TÍTULO: O processo de construção identitária da comunidade quilombola da Barra – Rio de Contas / Bahia. AUTOR: Cássia Eugênia Reis Silva Cardoso ORIENTADOR: Profa. Dra. Avante Pereira Sousa INSTITUIÇÃO: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia ANO: 2014 MESTRADO</p>
<p>TÍTULO: Educação e identidade no Quilombo Brotas. AUTOR: Márcia Lúcia Anacleto de Souza ORIENTADOR: Neusa Maria Mendes de Gusmão INSTITUIÇÃO: Universidade Estadual de Campinas ANO: 2009 MESTRADO</p>
<p>TÍTULO: Pelejando e arrudiando. Processos educativos na afirmação de uma identidade negra em território quilombola: Baixa da Linha. AUTOR: Carlos Eduardo Carvalho de Santana ORIENTADOR: Profa. Dra. Jaci Maria Ferraz de Menezes INSTITUIÇÃO: Universidade do Estado da Bahia ANO: 2015</p>

	<p>DOUTORADO</p> <p>TÍTULO: QUILOMBOLAS DE JAMBUAÇU: seus saberes e educação como fator de politização e identidade AUTOR: Haydeé Borges Fonseca ORIENTADOR: Prof. Dra. Rosa E. Acevedo Marin INSTITUIÇÃO: Universidade Federal do Pará ANO: 2011 DOUTORADO</p>
	<p>TÍTULO: A educação diferenciada para o fortalecimento da identidade quilombola: estudo nas comunidades remanescentes de quilombos do Vale do Ribeira. AUTOR: Elson Alves da Silva ORIENTADOR: Profa. Dra. Circe Maria Fernandes Bitencourt INSTITUIÇÃO: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo ANO: 2011 MESTRADO</p>
	<p>TÍTULO: “Negras nós somo, só não temo o pé no torno”: a identidade negra e de gênero em Conceição das Crioulas, Contendas/Tamboril e Santana. AUTOR: Maria Aparecida de Oliveira Souza ORIENTADOR: Isabel Cristina Martins Guillen INSTITUIÇÃO: Universidade Federal de Pernambuco ANO: 2013 DOUTORADO</p>
	<p>TÍTULO: As educações escolar e social na formação da identidade racial de jovens nos quilombos de São João do Piauí. AUTOR: Raimunda Ferreira Gomes Coelho ORIENTADOR: Francis Musa Boakari INSTITUIÇÃO: Universidade Federal do Piauí ANO: 2013 MESTRADO</p>
Educação Escolar/Escola	<p>TÍTULO: Projetos de vida e juventude: um diálogo entre a escola, o trabalho e o mundo Juventude rural. AUTOR: Ivan Faria ORIENTADOR: Profa. Dra. Maria Inês S. Souza Carvalho INSTITUIÇÃO: Universidade Federal da Bahia ANO: 2006 DOUTORADO</p>
	<p>TÍTULO: A pluralidade cultural e a proposta da escola: um estudo comparativo entre as propostas de uma escola de periferia e uma escola de remanescentes de quilombos. AUTOR: Eugenia Portela de Siqueira Marques ORIENTADOR: Prof. Dr. Adir Casaro Nascimento INSTITUIÇÃO: Universidade Católica Dom Bosco ANO: 2004 DOUTORADO</p>
	<p>TÍTULO: A cultura na escola da Comunidade de Quilombo do Sapatú – Eldorado Cultura. Escola. AUTOR: Daniela Galvão Vidoto ORIENTADOR: Prof. Dr. Marcos Antonio dos Santos Reigota</p>

<p>INSTITUIÇÃO: Universidade de Sorocaba ANO: 2006 MESTRADO</p>
<p>TÍTULO: Do quilombo às escolas: os efeitos nefastos das violências sociais silenciadas. AUTOR: Edimara Gonçalves Soares ORIENTADOR: Profa. Dra. Tânia Maria Baibich-Faria INSTITUIÇÃO: Universidade Federal do Paraná ANO: 2008 MESTRADO</p>
<p>TÍTULO: A cultura negra na escola pública: uma perspectiva etnomatemática Educação. Educação matemática. AUTOR: Vanisio Luiz da Silva ORIENTADOR: Profa. Dra. Maria do Carmo Santos Domite INSTITUIÇÃO: Universidade De São Paulo ANO: 2008 MESTRADO</p>
<p>TÍTULO: A questão da escolaridade nas comunidades quilombolas do Vale do Ribeira Quilombolas. AUTOR: Rosamaria Sarti de Lima Ramos ORIENTADOR: Profa. Dra. Maria Lunardi Padilha INSTITUIÇÃO: Universidade Metodista de Piracicaba ANO: 2009 MESTRADO</p>
<p>TÍTULO: Políticas públicas e olhares sobre a diferença: a criança quilombola na instituição escolar e em outros espaços educativos de Lagoa Trindade, Jequitibá Minas Gerais. AUTOR: Gisélia Maria Coelho Leite ORIENTADOR: Prof. Dr. Hermas Gonçalves Arana INSTITUIÇÃO: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais ANO: 2009 MESTRADO</p>
<p>TÍTULO: A educação escolar na comunidade negra de Sibaúma: a trajetória educacional da Escola Municipal Armando de Paiva. AUTOR: Terezinha Martins da Silva ORIENTADOR: Prof. Dr. Antocio Basílio Novaes Thomaz de Menezes INSTITUIÇÃO: Universidade Federal do Rio Grande do Norte ANO: 2011 MESTRADO</p>
<p>TÍTULO: Rodas de conversa e educação escolar quilombola: arte do falar saber fazer O programa Brasil quilombola em restinga Seca/RS. AUTOR: Dilmar Luz Lopes ORIENTADOR: Profa. Dra. Carmen Lúcia Bezerra Machado INSTITUIÇÃO: Universidade Federal do Rio Grande do Sul ANO: 2012</p>
<p>TÍTULO: Trajetórias, lugares e encruzilhadas na construção da política de educação escolar quilombola no Paraná no início do III Milênio. AUTOR: Cassius Marcelus Cruz ORIENTADOR: Profa. Dra. Tânia Maria Baibich</p>

<p>INSTITUIÇÃO: Universidade Federal do Paraná ANO: 2012 DOUTORADO</p>
<p>TÍTULO: EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA: quando a política pública diferenciada é indiferente. AUTOR: Edimara Gonçalves Soares ORIENTADOR: Prof.^a Dr.^a Tânia Maria Baibich INSTITUIÇÃO: Universidade Federal do Paraná ANO: 2012 MESTRADO</p>
<p>TÍTULO: Tessituras das diversidades: cultura(s) no cotidiano da escola de um território rural-quilombola. AUTOR: Rita de Cássia Magalhães de Oliveira ORIENTADOR: Dr. Elizeu Clementino de Souza INSTITUIÇÃO: Universidade do Estado da Bahia ANO: 2014 MESTRADO</p>
<p>TÍTULO: Educação escolar quilombola na Comunidade Baixio - Barra do Bugres/MT: avanços e desafios. AUTOR: Francisca Edilza Barbosa de Andrade Carvalho ORIENTADOR: Profa. Dra. Suely Dulce de Castilho INSTITUIÇÃO: Universidade Federal de Mato Grosso ANO: 2016 DOUTORADO</p>
<p>TÍTULO: Contornos Pedagógicos de uma educação escolar quilombola. AUTOR: Paulo Sergio da Silva ORIENTADOR: Profa. Dra. Marlene Ribeiro INSTITUIÇÃO: Universidade Federal do Rio Grande do Sul ANO: 2013 DOUTORADO</p>
<p>TÍTULO: Trajetória educacional de mulheres quilombolas no Quilombo das Onze Negras do Cabo de Santo Agostinho. AUTOR: Anna Izabel Costa Barbosa ORIENTADOR: Proa. Dra. Leila Chalub Martins INSTITUIÇÃO: Universidade de Brasília ANO: 2007 MESTRADO</p>
<p>TÍTULO: Movimento social e processos educativos: a constituição do sujeito coletivo na luta por direitos na comunidade de Conceição das Crioulas. AUTOR: Maria Jorge dos Santos Leite ORIENTADOR: Profa. Dra. Sônia Pereira Barreto INSTITUIÇÃO: Universidade Federal do Ceará ANO: 2012 MESTRADO</p>
<p>TÍTULO: Agrofloresta e alimentação: estratégias de adaptação de um grupo quilombola em Barra do Turvo – SP. AUTOR: Regiane Fonini ORIENTADOR: Prof. Dr. José Edmilson de Souza Lima</p>

	<p>INSTITUIÇÃO: Universidade Federal do Paraná ANO: 2012 MESTRADO</p>
	<p>TÍTULO: Oficinas de arte africana como intervenção educativa na cultura quilombola do Morro Seco AUTOR: Ariadne Rodrigues Vieira ORIENTADOR: Profs. Dr. Severino Antonio Moreira Barbosa INSTITUIÇÃO: Centro Universitário Salesiano de São Paulo ANO: 2011 DOUTORADO</p>
	<p>TÍTULO: Etnomatemática quilombola: as relações dos saberes da matemática dialógica com as práticas socioculturais dos remanescentes de quilombo do Mola-Itapocu (PA). AUTOR: Jacinto Pedro Pinto Leão ORIENTADOR: Renato Borges Guerra INSTITUIÇÃO: Universidade Federal do Pará ANO: 2005 MESTRADO</p>
	<p>TÍTULO: Comunidades Remanescentes dos Quilombos de Arvinha e Mormaça – processos educativos na manutenção e recuperação do território. AUTOR: Heron Lisboa de Oliveira ORIENTADOR: Profa. Dra. Edla Eggert INSTITUIÇÃO: Universidade do Vale do Rio dos Sinos ANO: 2014 DOUTORADO</p>
	<p>TÍTULO: Resistência e seus processos educativos na comunidade negra rural quilombola do Fojo – BA. AUTOR: Jeanes Martins Larchert ORIENTADOR: Profa. Dra. Maria Waldenez de Oliveira INSTITUIÇÃO: Universidade de São Carlos ANO: 2013 DOUTORADO</p>
	<p>TÍTULO: Saberes da terra: o lúdico em Bombas, uma comunidade quilombola Lúdico. AUTOR: Maria Walburga dos Santos ORIENTADOR: Tizuko Morkchida Kishimoto INSTITUIÇÃO: Universidade de São Paulo ANO: 2010 DOUTORADO</p>
	<p>TÍTULO: Coco de roda novo quilombo: saberes da cultura popular e práticas de educação popular na comunidade quilombola de Ipiranga no Conde-PB. AUTOR: Cícero Pedroza da Silva ORIENTADOR: Aline Maria Batista Machado INSTITUIÇÃO: Universidade Federal da Paraíba ANO: 2014 MESTRADO</p>
Educação Quilombola	<p>TÍTULO: Memória e educação na comunidade quilombola de Mata Cavalo Educação.</p>

<p>AUTOR: Maria dos Anjos Lina dos Santos ORIENTADOR: Maria Lúcia Rodrigues Muller INSTITUIÇÃO: Universidade Federal de Mato Grosso ANO: 2007 MESTRADO</p>
<p>TÍTULO: História, educação e cotidiano de um quilombo chamado Mumbuca Quilombo. AUTOR: Ana Luiza de Souza ORIENTADOR: Profa. Dra. Neusa Maria Mendes de Gusmão INSTITUIÇÃO: Universidade Estadual de Campinas. ANO: 2006 DOUTORADO</p>
<p>TÍTULO: A educação do negro na comunidade de Monte Alegre (ES); em suas práticas de desinvisibilidade da cultura popular negra Narrativa. AUTOR: Patrícia Gomes Rufino Andrade ORIENTADOR: Profa. Dra. Janete Magalhães Carvalho INSTITUIÇÃO: Universidade Federal do Espírito Santo ANO: 2007 MESTRADO</p>
<p>TÍTULO: Culturas, famílias e educação na comunidade negra rural de Mato Cavallo. AUTOR: Suely Dulce de Castilho ORIENTADOR: Prof. Dr. Alípio Márcio Dias Casali INSTITUIÇÃO: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo ANO: 2008 DOUTORADO</p>
<p>TÍTULO: Narrativas orais na Comunidade Remanescente de Quilombo Menino Jesus: processos de educação e memória. AUTOR: Maria do Socorro Ribeiro Padinha ORIENTADOR: Prof. Dr. Josebel Akel Fares. INSTITUIÇÃO: Universidade do Estado do Pará. ANO: 2009 MESTRADO</p>
<p>TÍTULO: Batuques, folias e ladainha: a cultura do quilombo Cria-Ú em Macapá e sua educação. AUTOR: Piedade Lino Videira ORIENTADOR: Henrique Antunes Cunha Júnior INSTITUIÇÃO: Universidade Federal do Ceará ANO: 2010 DOUTORADO</p>
<p>TÍTULO: Educação como processo de luta política: a experiência de “educação diferenciada” do território quilombola de Conceição das Crioulas. AUTOR: Givânia Maria da Silva ORIENTADOR: Profa. Dra. Denise Maria Botelho INSTITUIÇÃO: Universidade de Brasília ANO: 2012 MESTRADO</p>
<p>TÍTULO: A educação formal afro-quilombola em Alagoas: limites e possibilidades de emancipação humana.</p>

<p>AUTOR: José Bezerra Da Silva ORIENTADOR: Profa. Dra. Edna Bertoldo INSTITUIÇÃO: Universidade Federal de Alagoas ANO: 2012 MESTRADO</p>
<p>TÍTULO: Educação ambiental na comunidade quilombola de Mata Cavalo: diálogos da arte, cultura e natureza. AUTOR: Cristiane Carolina de Almeida Soares ORIENTADOR: Profa. Dra. Michele Tomoko Sato INSTITUIÇÃO: Universidade Federal de Mato Grosso ANO: 2018 MESTRADO</p>
<p>TÍTULO: Mbaétaraca: uma experiência de educação de jovens quilombolas no município de Nilo Peçanha – BA. AUTOR: Mille Caroline Rodrigues Fernandes ORIENTADOR: Profa. Dra. Narcimária Correia do Patrocínio Luz. INSTITUIÇÃO: UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA ANO: 2013 DOCTORADO</p>
<p>TÍTULO: Educação básica no Brasil e História e cultura africana e afro-brasileira: competências e habilidades para a transformação social? AUTOR: Mille Caroline Rodrigues Fernandes ORIENTADOR: Profa. Dra. Narcimária Correia do Patrocínio Luz INSTITUIÇÃO: Universidade do Estado da Bahia ANO: 2013 MESTRADO</p>
<p>TÍTULO: “VEM BRINCAR NA RUA!” Entre o quilombo e a Educação Infantil: capturando expressões, experiências e conflitos de crianças quilombolas no entremeio desses contextos. AUTOR: Elaine De Paula ORIENTADOR: Prof. Dr. João Josué da Silva Filho. INSTITUIÇÃO: Universidade Federal de Santa Catarina ANO:2014 DOCTORADO</p>
<p>TÍTULO: Território, luta e educação: dimensões pulsantes nos enfrentamentos dos conflitos socioambientais mapeados no Quilombo de Mata Cavalo. AUTOR: Déborah Luíza Moreira ORIENTADOR: Profa. Dra. Michelle Jaber INSTITUIÇÃO: Universidade Federal de Mato Grosso ANO: 2017 MESTRADO</p>
<p>TÍTULO: EDUCAÇÃO QUILOMBOLA Constituição de Lideranças e Práticas de Resistências na Comunidade Quilombola de Umarizal Beira, Baião-Pará. AUTOR: Oberdan da Silva Medeiros ORIENTADOR: Profa. Dra. Gilcilene Dias da Costa INSTITUIÇÃO: Universidade Federal do Pará ANO: 2017 MESTRADO</p>

	<p>TÍTULO: Projeto Educacional do Quilombo Asantewaa: uma alternativa possível? AUTOR: Ana Rita Santiago da Silva ORIENTADOR: Profa. Dra. Narcimária Correia do Patrocínio Luz INSTITUIÇÃO: Universidade do Estado da Bahia ANO: 2005 MESTRADO</p>
Tradição/História Local	<p>TÍTULO: O conhecimento tradicional quilombola e suas interações com o uso dos recursos naturais na Reserva Extrativista do Quilombo Frechal, município de Mirinzal. AUTOR: Regina Helena Bernardes ORIENTADOR: Prof. Dr. Cláudio Urbano Bittencourt Pinheiro INSTITUIÇÃO: Universidade Estadual do Maranhão ANO: 2006 MESTRADO</p>
	<p>TÍTULO: Vestígios recuperados: experiência da comunidade negra rural de Tijuacu – BA. AUTOR: Carmelia Aparecida Silva Miranda ORIENTADOR: Profa. Dra. Yvone Dias Avelino INSTITUIÇÃO: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo ANO: 2006 DOCTORADO</p>
	<p>TÍTULO: Falamos em nosso próprio nome: estudante do Quilombo Cabula. AUTOR: Gabriel Swahili Sales de Almeida ORIENTADOR: Profa. Dra. Luciene Maria da Silva INSTITUIÇÃO: Universidade do Estado da Bahia ANO: 2007 MESTRADO</p>
	<p>TÍTULO: Pedagogia do estar junto: éticas e estéticas no bairro de São Sebastião do Rocio. AUTOR: Sônia Maria dos Santos Marques ORIENTADOR: Profa. Dra. Malvina do Amaral Dorneles INSTITUIÇÃO: Universidade Federal do Rio Grande do Sul ANO: 2007 MESTRADO</p>
	<p>TÍTULO: Da senzala ao quilombo: práticas educativas e uso de recursos naturais entre os quilombolas do Médio Amazonas (PA) AUTOR: Assunção José Pureza Amaral ORIENTADOR: Profa. Dra. Edna Ramos de Castro INSTITUIÇÃO: Universidade Federal do Pará ANO: 2008 DOCTORADO</p>
	<p>TÍTULO: Ser no brincar, o brincar de ser o grupo: um estudo sobre a noção de pertença numa comunidade negra do Mutuca em Nossa Senhora do Livramento. AUTOR: Claudia Cristina Ferreira Carvalho ORIENTADOR: Prof. Dr. Cleomar Ferreira Gomes INSTITUIÇÃO: Universidade Federal de Mato Grosso ANO: 2008</p>

	<p>MESTRADO</p> <p>TÍTULO: Vozes do silêncio: linguagem quilombola e preconceito linguístico-racial em Rio de Contas na Bahia. AUTOR: Claudia Rocha da Silva ORIENTADOR: Profa. Dra. Yeda Pessoa de Castro INSTITUIÇÃO: Universidade do Estado da Bahia ANO: 2008</p> <p>MESTRADO</p> <p>TÍTULO: A cultura da criança quilombola: leitura referenciada em estudo, relatos orais e imagens. AUTOR: Arilma Maria de Almeida ORIENTADOR: Profa. Dra. Jucimara Rojas INSTITUIÇÃO: Universidade Federal do Mato Grosso do Sul ANO: 2007</p> <p>MESTRADO</p> <p>TÍTULO: Senhores de escravos trajetórias, disputas e solidariedade no oeste paulista. 1845/1880 AUTOR: Juarez Fracoia ORIENTADOR: Prof. Dr. Robert Wayne Andrew Slenes INSTITUIÇÃO: Universidade Estadual de Campinas ANO: 2009</p> <p>MESTRADO</p> <p>TÍTULO: Histórias de leitura, trajetórias de vida: um olhar reflexivo sobre memórias leitoras quilombolas. AUTOR: Ilmara Valois Bacelar Figueiredo Coutinho ORIENTADOR: Profa. Dra. Dinéa Maria Sobral Muniz INSTITUIÇÃO: Universidade Federal da Bahia ANO: 2009</p> <p>MESTRADO</p> <p>TÍTULO: Tecendo estórias das comunidades remanescentes de quilombolas aqui e acolá Narrativas orais. AUTOR: Joseane Maia Santos Silva ORIENTADOR: Profa. Dra. Maria Lucia Pimentel de Sampaio Góes INSTITUIÇÃO: Universidade de São Paulo ANO: 2010</p> <p>DOUTORADO</p> <p>TÍTULO: Fiéis descendentes: Redes-irmandades na pós-abolição entre as Comunidades negras rurais Sul-mato-grossenses. AUTOR: Carlos Alexandre Barbosa Plínio dos Santos ORIENTADOR: Profa. Dra. Ellen Fensterseifer Woortmann INSTITUIÇÃO: Universidade de Brasília ANO: 2010</p> <p>DOUTORADO</p>
--	--

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Depois de organizarmos os textos por temas mais amplos, passamos a perceber que dentro deste universo havia um número muito marcante de repetição das palavras-chave e claro que isso também se somou ao interesse em classificá-los. Neste caso afirmamos que as

palavras-chave influíram positivamente na visão sobre o texto, em acordo com o que orienta Fujita (2004):

Para determinação de palavras-chaves o autor deverá ter uma visão sobre o texto e a organização do seu conteúdo de modo a representá-lo conforme seu assunto principal e, em outro plano, o objetivo de representação do conteúdo documentário, a visão sobre a demanda do leitor previsto (FUJITA, 2004, p. 258b).

As palavras-chave que afunilam para o tema da Educação Quilombola em destaque são: Afrodescendência, Alteridade, Comunidade, Criança Quilombola, Currículo, Cultura, Diferença, Escola, Emancipação, Estratégias de Adaptação, Espaços Educativos, Educação, Identidade, Interculturalidade, Ludicidade, Memória, Mulheres Quilombolas, Negro, Pertença, Projeto Político Pedagógico, Política Pública, Quilombo, Racismo, Saberes Tradicionais e Tradição Oral.

Depois das palavras-chave que convergem para o tema enumeradas, fizemos o caminho inverso, buscando ver o que há de divergente entre as pesquisas selecionadas. Alguns discutem Agrofloresta, Alimentação, Origem do nome da comunidade, Juventude, Comunidade da Barra, Rio de Cordas, Bahia, Onze Negras, Quilombo do Cria-ú, Neoliberalismo, Banco Mundial, Geração, Vale do Ribeira, dentre outras especificidades. Seguimos então para a observação do que objetivava em cada uma delas de modo específico, em nosso levantamento destacamos a universidade onde foi produzida, o nome do autor, o ano da defesa, o nível (Dissertação ou Tese), o título e o objetivo da pesquisa.

3.2.1 Descrição Básica das Pesquisas

As pesquisas encontradas foram desenvolvidas e defendidas em Universidades públicas e privadas, no que se refere às Teses foram vinte e quatro (24), Quanto às Dissertações foram quarenta e cinco (45) consultadas, as Dissertações e Teses partem da definição de quilombo, seus históricos particulares, sua constituição, suas relações sociais internas e sua relação com o mundo. Um quesito básico para se perceber o que quer uma pesquisa que nos orientou para compreender e linhas gerais a abordagem de cada uma delas foi o objetivo geral da pesquisa, ou quando não tão claro, a pergunta da pesquisa.

De modo não menos abrangente poderíamos perceber também que há um fio condutor que aparentemente vai tecendo as preocupações em torno das quais giram a problemática das produções. Alguns tendem a relacionar a abordagem por via da educação flertando com alguma problemática peculiar do *lôcus* da pesquisa indo desde a Constituição dos Quilombos

como em André (2001) e Santana (2005), Identidade Étnica como em Borba (2006), Muller (2006) e Medeiros (2018); Práticas de Resistência como em Larchert (2013) e Moreira (2017); Educação Escolar Quilombola como Moura (1997), Real (1997) e Vidoto (2006); Escola X Comunidade como Oliveira (2006), Barbosa (2007) e Padinha (2010).

No ano de 1997 tivemos duas produções, a Tese de Doutorado em Educação defendida na USP, de Glória Moura intitulada, *Ritmo e ancestralidade na força dos tambores negros: o currículo invisível da festa*, a autora buscou “apresentar a influência da matriz africanas suas manifestações culturais e sobre a educação escolar quilombola como currículo oculto”. Na sequência na UFG foi defendida a Dissertação de Mestrado em Educação intitulada *Cultura e Currículo: Um Estudo da Escola Kalunga*, de autoria de Rosolino Real, visava a “análise e compreensão da forma como a educação escolar prepara a população desta comunidade no entendimento dos modos de produção da sociedade atual sem se afastar da sua identidade cultural”.

No ano de 2001 destacamos a defesa da Tese de Doutorado em Educação de Maria da Consolação André na UnB. Sob o título *Identidade e desenvolvimento: um estudo sobre a construção de conhecimento no quilombo, a partir de narrativas*, a autora propôs “investigar o processo de construção da subjetividade de afrodescendentes com reflexo acerca da herança do sistema escravista e sua repercussão na constituição destes processos”.

Em 2003, ano marcado pela promulgação da lei 10.639/03, que estabelece a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira e africana, temos na UFJF a defesa da Dissertação de Mestrado em Educação de Maria Clareth Gonçalves Reis, sob o título *Escola e contexto social: um estudo de processos de construção de identidade racial em uma comunidade remanescente de quilombo* objetivou “compreender a abordagem do processo de construção de identidade racial em uma escola situada em uma comunidade remanescente de quilombo, considerando as relações estabelecidas entre professores e alunos no contexto social da comunidade”.

No ano de 2004, temos na UCDB a Dissertação de Mestrado em Educação de Eugênia Portela de Siqueira Marques, com o título *A pluralidade cultural e a proposta da escola: um estudo comparativo entre as propostas de uma escola de periferia e uma comunidade de remanescentes de quilombo*, seu intuito foi “investigar o desenvolvimento Pluralidade Cultural como tema transversal em relação ao povo negro, analisando de forma comparativa da Proposta Pedagógica de duas escolas públicas estaduais: a Escola Estadual Rui Barbosa, localizada na periferia de Campo Grande, MS, tendo alunos de diversas etnias, e a Escola Estadual Zumbi dos Palmares, localizada na comunidade de remanescentes de quilombos de

Furnas dos Dionísios, a 40 km de Campo Grande, município de Jaraguari, onde a maior parte dos alunos é afrodescendente”. Na UFRGS, temos a defesa da Tese de Doutorado em Educação de Georgina Helena Lima Nunes, como o título *Prática do fazer, prática do saber: vivências e aprendizados com a infância do corredor*, desenvolvendo uma pesquisa com crianças trabalhadoras de uma escola do meio rural, seu objetivo foi “apreender, através da etnografia, o significado de escola para estes alunos”.

No ano de 2005, ocorre na UFPA, à defesa da Dissertação de Mestrado em Educação de Jacinto Pedro Pinto Leão, com o título *Etnomatemática quilombola: as relações dos saberes da matemática dialógica com as práticas socioculturais dos remanescentes de quilombo do Mola-Itapocu (PA)*, objetivou “perceber como se estabelece as relações entre as práticas socioculturais das teias de saberes matemáticos do grupo com a matemática escolar sem negar os seus significados e os seus sentidos vivenciados na reconstrução das memórias cotidianas dos remanescentes de quilombo molenses”. Temos na UNEB, a defesa da Dissertação de Mestrado em Educação de Ana Rita Santiago Silva com o título *Projeto Educacional do Quilombo Asantewaa: uma alternativa possível?* visava “compreender como as ações educativas do Quilombo Asantewaa colaboram com a elevação da autoestima e com a construção afirmativa da identidade étnico-racial das mulheres negras envolvidas em suas implementações”. Na mesma universidade ocorreu a defesa da Dissertação de Mestrado em Educação e Contemporaneidade de Carlos Eduardo Carvalho de Santana, com o título *Processos educativos na formação de uma identidade em comunidades remanescentes de quilombos: um estudo sobre as comunidades de Barra/Bananal e Riacho das Pedras, no município de Rio de Contas – BA*, buscou “apresentar a ocorrência de práticas educativas na transmissão de sentidos e saberes enquanto elementos essenciais no processo de construção de uma identidade negra e quilombola entre moradores de comunidades remanescentes de quilombos na microrregião da Chapada Diamantina, no interior do Estado da Bahia, Brasil, mais precisamente nas Comunidades de Barra/Bananal e Riacho das Pedras”.

No ano de 2006, temos a defesa de três Teses, sendo uma em Educação de autoria de Carolina dos Anjos de Borba, defendida na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com o título *Território quilombola: identidade e inclusão social – o caso do Rincão dos Martinianos, Restinga Seca/RS* que visava “tecer algumas considerações acerca da identidade e da territorialidade quilombola expressas pela comunidade de Rincão dos Martinianos, Restinga Seca/RS”. A defesa da Tese de Doutorado em História Social, de título *Vestígios recuperados: experiência da comunidade negra rural de Tijuacu – BA*, de Carmélia Aparecida Silva Miranda, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo que se

centrava no estudo das experiências históricas da comunidade negra rural do distrito de Tijuacu, localizado no município de Senhor do Bonfim, norte do estado da Bahia. O objeto era a “discussão as vivências cotidianas dos seus moradores, as relações familiares, de trabalho e de subsistência, como também a trajetória das famílias que secularmente habitam esse perímetro quilombola”. E a Tese de Doutorado em Antropologia Social na Universidade Federal do Rio Grande do Sul de autoria de Cíntia Beatriz Muller com o título *Comunidade remanescente de quilombos de Morro Alto: uma análise etnográfica dos campos de disputa em construção do significado da identidade jurídico-política de “Remanescentes de Quilombos”* tinha como objetivo “expor as configurações de atuaram no campo das discussões em torno da construção do significado da identidade político-jurídica de remanescentes de quilombos desde sua entrada no texto constitucional até a sua apropriação no plano da política estadual gaucha e finalmente, com a apropriação e construção de um sentido pela própria comunidade de Morro Alto, Osório RS, que reivindicava esse reconhecimento em 2001”.

Em 2006, tivemos *História, educação e cotidiano de um quilombo chamado Mumbuca Quilombo*, Dissertação de Mestrado em Educação de Ana Luiza de Souza, na UNICAMP, seu objetivo era “reconstruir a história do quilombo da Mumbuca, localizado no Baixo-Vale Jequitinhonha/MG”. Este trabalho envolveu três particularidades incomuns a outros quilombos: a) a alfabetização de seus membros; b) a posse de bens e recursos; c) a propriedade da terra, adquirida por compra. Na sequência, temos a defesa da Dissertação de Mestrado em Educação *Projetos de vida e juventude: um diálogo entre a escola, o trabalho e o mundo Juventude rural*, de Ivan Faria na UFBA, onde esta se objetivou “discutir a construção de projetos de vida entre jovens das comunidades quilombolas do distrito rural de Santiago do Iguapé, município de Cachoeira, Bahia”. Também ocorre na UNISO a defesa da Dissertação de Mestrado em Educação de Daniela Galvão Vidoto, com o título *A cultura na escola da Comunidade de Quilombo do Sapatú – Eldorado: cultura e escola* que visava “destacar a educação escolar na hibridação na formação do indivíduo, por mais que os conteúdos tratados em sala de aula não façam referências ao cotidiano do bairro do Sapatú, as (os) alunas (os) cruzam o conhecimento escolar no seu cotidiano comum”. A Dissertação de Mestrado em Educação de título *Identidade e territorialidade: os quilombos e a educação escolar no Vale do Ribeira*, de Lisangela Kati Nascimento, defendida na USP, seu objetivo foi “abordar o estudo da relação entre o ensino da geografia e a identidade cultural das comunidades remanescentes de quilombos, localizadas no Vale do Ribeira Estado de São Paulo”. A Dissertação em Mestrado em Educação *O conhecimento tradicional quilombola e*

suas interações com o uso dos recursos naturais na Reserva Extrativista do Quilombo Frechal, município de Mirinzal, de Regina Helena Bernardes na UEMA, que buscava “analisar processos e práticas associados ao conhecimento tradicional quilombola e suas implicações no uso dos recursos ambientais em uma unidade de conservação categorizada como Reserva Extrativista”. A Dissertação de Mestrado em Educação, defendida na UNEB, cujo título era *De mangazeiros a quilombolas: terra, educação e identidade em Mangal e Barro Vermelho Sítio do Mato – Bahia*, de Sandra Nívia Soares de Oliveira, tinha como objetivo “compreender como se deu a construção da identidade quilombola da Comunidade de Mangal e Barro Vermelho e qual o lugar da escola nesse processo”.

No ano de 2007 temos uma Dissertação de Mestrado em Educação e Uma Tese de Doutorado na UnB, a Dissertação de Mestrado em Educação de título *Tramando Em-Cantos do Forte: saberes e diálogos nos caminhos complexos da educação ambiental*, de autoria de Anna Izabel Costa Barbosa, buscava “compreender como a Educação do Campo vem se dando entre populações quilombolas de uma comunidade de Minas Gerais (comunidade quilombola Justa I, situada no município de Manga/ MG)”. A Tese de Doutorado em Educação, *O ser negro: um estudo sobre a construção de subjetividades em afrodescendentes*, que buscou “investigar processos de construção de subjetividades em afrodescendentes brasileiros refletindo acerca de como a herança do sistema escravista repercute na constituição de tais processos”. Na UNEB, Gabriel Swahili Sales de Almeida defendeu a Dissertação de Mestrado em Educação, com o título *Falamos em nosso próprio nome: estudante do Quilombo Cabula*, que buscou “compreender qual a construção identitária realizada pelas moradoras e moradores do Cabula e como isto se vincula com o contexto que as envolve, isto é, o território e sua formação”. Na UFMT, tivemos a defesa da Dissertação de Mestrado em Educação com o título *Memória e educação na comunidade quilombola de Mata Cavalos Educação*, que buscou “conhecer a origem da Comunidade Rural de Mata Cavalos”. E *A educação do negro na comunidade de Monte Alegre (ES); em suas práticas de desinvisibilidade da cultura popular negra Narrativas*, de Patrícia Gomes Rufino Andrade na UFES, esta visava “compreender o currículo vivido nas práticas culturais realizadas na comunidade quilombola de Monte Alegre - Cachoeira de Itapemirim - ES e seus entrelaçamentos com a escola local”.

Em 2008 temos destaque para três Teses, Suely Dulce Castilho defende a sua na PUC-SP com o título *Culturas, famílias e educação na comunidade negra rural de Mata Cavalos*, esta buscou “compreender as relações de um grupo de famílias negras da comunidade negra rural de Mata-Cavalos - localizada no Estado de Mato Grosso - com a educação escolar”. Na

UFRGS, Sônia dos Santos Marques defendeu a Tese *Pedagogia do estar junto: éticas e estéticas no bairro de São Sebastião do Rocio*, cujo objetivo foi “compreender de que modo os moradores negros do Bairro de São Sebastião inventaram sociabilidades e constituem o estar junto naquele espaço”. Na Universidade Federal do Pará é defendida a Tese de Assunção José Pureza Amaral, *Da senzala ao quilombo: práticas educativas e uso de recursos naturais entre os quilombolas do Médio Amazonas (PA)* que tinha como objetivo “compreender de que forma esta comunidade respondia aos fatores ambientais suscitados aos seus processos educativos”.

Quanto às Dissertações, no mesmo ano, tivemos nove (9), Ana Cristina Conceição Santos defendeu sua Dissertação de Mestrado em Educação na UFAL com o título *Escola, família e comunidade quilombola na afirmação da identidade étnica da criança negra*, seu objetivo foi “identificar como se constrói e se afirma a identidade étnica da criança negra na inter-relação escola família e comunidade e comunidade quilombola”. Claudia Cristina Ferreira Carvalho defendeu sua Dissertação de Mestrado em Educação, na UFMT, sob o título *Ser no brincar, o brincar de ser o grupo: um estudo sobre a noção de pertença numa comunidade negra do Mutuca em Nossa Senhora do Livramento*, esta buscou “compreender de que modo os membros de uma comunidade afrodescendentes de escravos se inscrevem, por meio das manifestações lúdicas que compõem seu cotidiano, como sujeitos pertencentes a um grupo identitário étnico-cultural”. Na UNEB, Claudia Rocha da Silva defendeu a Dissertação de Mestrado em Educação e Contemporaneidade com o título *Vozes do silêncio: linguagem quilombola e preconceito linguístico-racial em Rio de Contas na Bahia*, esta buscou “identificar o tratamento dado pela cultura escolar de Rio de Contas à linguagem dos estudantes da comunidade quilombola de Barra do Brumado”. A Dissertação de Mestrado em Educação *O currículo escolar e a construção da identidade étnico-racial da criança e do adolescente quilombolas: um olhar reflexivo sobre a auto-estima Educação quilombola*, de Dinalva de Jesus Santana, defendida na UNEB, teve como objetivo “investigar a formação da identidade étnica durante a infância e na adolescência do quilombola frente à sociedade racista e seus impactos sobre a auto-estima desses sujeitos”. Edimara G. Soares defendeu *Do quilombo às escolas: os efeitos nefastos das violências sociais silenciadas* na UNEB seu intuito foi “analisar buscando uma, dentre as possíveis compreensões dos significados de ser criança negra e quilombola na Escola e no Quilombo, e as consequências desses significados no processo de construção da identidade, bem como, demonstrar como eles/as constroem na relação com o universo escolar, no qual são estrangeiros de saída, sua persona e os corolários desta construção em sua condição de pertença ao grupo de origem”. Na UFAL, Ana Cristina

Conceição dos Santos defendeu a Dissertação de Mestrado em Educação *Escola, família e comunidade quilombola na afirmação da identidade étnica na criança Identidade étnica*, que buscou “identificar como se constrói e se afirma a identidade étnica da criança negra na inter-relação escola família e comunidade quilombola”. Na USP, Vanísio Luiz Silva defendeu a Dissertação de Mestrado em Educação *A cultura negra na escola pública: uma perspectiva etnomatemática*, que tinha como objetivo analisar a maneira como os educadores matemáticos trabalham a herança cultural do educador no cotidiano e nas aulas de Matemática. Na UFMS, Arilma Maria de Almeida Spindola, com o objetivo de “compreender os processos e produtos das culturas infantis, resgatados nos contextos de vida das crianças das comunidades afrodescendentes de Furnas do Dionísio e Furnas da Boa Sorte”, defende a Dissertação de Mestrado em Educação *A cultura da criança quilombola: leitura referenciada em estudo, relatos orais e imagem*.

Em 2009, Rosamaria Sarti de Lima Ramos defendeu a Dissertação de Mestrado em Educação com o título *A questão da escolaridade nas comunidades quilombolas do Vale do Ribeira*, a pesquisa defendida na UNIMEP buscou “refletir que referências históricas e culturais estão presentes no interior desta comunidade e em que medida elas dialogam com as tradições africanas, ocidentais e (ou) ameríndias”. Na UNICAMPI, Juarez François defendeu a Dissertação de Mestrado em Educação *Senhores de escravos trajetórias, disputas e solidariedade no oeste paulista -1845/1880*, seu objetivo foi “desenvolver um estudo sobre a trajetória socioeconômica e política da elite senhorial rio-clarense”. Ainda na UNICAMPI, Márcia Lúcia Anacleto de Souza defendeu a Dissertação de Mestrado em Educação com o título *Educação e identidade no Quilombo Brotas*, onde “verificou como se deu o processo de reconhecimento dessa comunidade como remanescente de quilombo, assim como a identidade quilombola emerge desse reconhecimento ou é anterior a ele, quais as consequências desse reconhecimento para seus moradores e qual a dinâmica envolvida nas identidades existentes no Quilombo Brotas”. Na PUC-MG, Gisélia Maria Coelho Leite defendeu a Dissertação de Mestrado em Educação intitulada *Políticas públicas e olhares sobre a diferença: a criança quilombola na instituição escolar e em outros espaços educativos de Lagoa Trindade, Jequitibá Minas Gerais*, seu objetivo foi “analisar dois eixos relacionados entre si: a questão das políticas públicas referentes ao trato com as diferenças e a forma como são institucionalizadas pela escola, assim como o processo de construção identitária das crianças moradoras do povoado de Lagoa Trindade, certificado pela Fundação Cultural Palmares como ‘remanescente de quilombos’”. Na UFBA, Ilmara Valois Bacelar Figueiredo defendeu a Dissertação de Mestrado em Educação, sob o título *Histórias de*

leitura, trajetórias de vida: um olhar reflexivo sobre memórias leitoras quilombolas, seu objetivo de “analisar as histórias leitoras quilombolas narradas por moradores e moradoras de Coqueiros, uma pequena comunidade remanescente de quilombo situada na região de Mirangaba, Bahia”.

Em 2010, na USP, Maria Walburga dos Santos defendeu a Tese de Doutorado *Saberes da terra: o lúdico em Bombas, uma comunidade quilombola, que* propunha “conhecer, reconhecer, registrar e refletir a respeito das formas lúdicas em contexto de comunidade quilombola, sob a perspectiva de um estudo de caso apoiado em elementos etnográficos”. Na mesma Universidade, Joseane Maia dos Santos defendeu a Tese de Doutorado e Educação *Tecendo estórias das comunidades remanescentes de quilombolas aqui e acolá*, que objetivava “a recolha de narrativas orais em comunidade rurais remanescentes quilombolas no município de Caxias - Maranhão, e fazer uma análise do sentido estético, ético, bem como a função social desses enredos”. Na UFMS, Carlos Alexandre Barboza Plínio dos Santos defendeu a Tese *Fiéis descendentes: Redes-irmandades na pós-abolição entre as Comunidades negras rurais Sul-mato-grossenses*, onde buscou “abordar parte da história das comunidades negras rurais e urbanas quilombolas do Mato Grosso do Sul, sob a perspectiva do campesinato e da memória dos idosos dessas comunidades”. Na UEPA tivemos a defesa da Dissertação de Mestrado em Educação, por Maria do Socorro Ribeiro Padinha, com o título *Narrativas orais na Comunidade Remanescente de Quilombo Menino Jesus: processos de educação e memória*, esta buscou “identificar e compreender como narrativas orais deflagram os processos de educação e memória sobre quilombolas”. Na UFC, Piedade Lino Videira defendeu a Tese de Doutorado em Educação com o título *Batuques, folias e ladainha: a cultura do quilombo Cria-Ú em Macapá e sua educação*, seu objetivo foi a “análise e compreensão da cultura constituída e experienciada pela comunidade do Cria-u, em específico as danças do Batuque e Marabaixo como elementos de ressignificação da práxis educativa e curricular que visa valorização da história e cultura afro-brasileira segundo a determinação da lei nº 10.639/03”.

No ano de 2011 os destaques para, na UNISAL, Ariadne Rodrigues Vieira defendeu a Dissertação de Mestrado em Educação, com o título *Oficinas de arte africana como intervenção educativa na cultura quilombola do Morro Seco*, cujo seu objetivo era “observar como motivar a participação dos jovens quilombolas de modo a garantir sua total inserção, levando-os a vivenciar junto a adultos e idosos da comunidade um processo de formação identitária”. Na PUC-SP, Edson Alves da Silva defendeu a Dissertação de Mestrado em Educação: História, Política, Sociedade, como o título *A educação diferenciada para o*

fortalecimento da identidade quilombola: estudo nas comunidades remanescentes de quilombos do Vale do Ribeira, onde o intuito foi “analisar a proposta de educação da comunidade quilombola do território de Conceição das Crioulas para identificar como esta se relaciona com as lutas de seus moradores (as)”. E, na UFRN, Terezinha Martins da Silva defendeu Dissertação de Mestrado em Educação com o título *A educação escolar na comunidade negra de Sibaúma: a trajetória educacional da Escola Municipal Armando de Paiva*, o objetivo central da pesquisa foi “diagnosticar os efeitos gerados a partir da implementação da política de Educação Escolar Quilombola no Estado do Paraná, no período compreendido entre os anos de 2009-2011, tanto nas Escolas Quilombolas quanto nas Escolas que atendem as CRQs”.

No ano de 2012, na UnB, Givânia Maria da Silva defendeu a Tese *Educação como processo de luta política: a experiência de “educação diferenciada” do território quilombola de Conceição das Crioulas*, nesta visou “analisar a proposta de educação da comunidade quilombola do território de Conceição das Crioulas para identificar como esta se relaciona com as lutas de seus moradores(as). Por meio deste, aprofundaremos como a comunidade está inserida no processo de construção da referida proposta, como lida com os avanços e enfrenta os obstáculos”. Na UFRS, Dilmar Luiz Lopes defendeu a Tese de Doutorado em Educação, com o título *Rodas de conversa e educação escolar quilombola: arte do falar saber fazer, o programa Brasil quilombola em restinga Seca/RS*. Esta objetivava “conhecer os elementos que sustentam a política do território e da educação do Programa Brasil Quilombola 2008/2011, derivados da relação dialética entre economia e política, medida pela cultura sob a qual se desenvolve a análise da questão social quilombola”. Na UFPR, Cassius Marcelus Cruz defendeu a Tese de Doutorado em Educação, com o título *Trajelórias, Lugares e Encruzilhadas na Construção da Política de Educação Escolar Quilombola no Paraná no Início do III milênio*, procurando “abordar como ocorreram essas reformulações no processo de elaboração da Proposta Pedagógica Escola Quilombola e Etnodesenvolvimento no Paraná”. Na UFPR, Edimara Gonçalves Soares defendeu a Tese de Doutorado em Educação, *EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA: QUANDO A POLÍTICA PÚBLICA DIFERENCIADA É INDIFERENTE*, objetivando “saber se uma política educacional voltada às CRQs definida pelo Estado, pode se concretizar no âmbito das salas de aula onde estudam as crianças/jovens quilombolas, sem considerar, na qualidade de parceiros efetivos, as instâncias fundamentais para sua efetiva implementação, quais sejam as comunidades quilombolas e as instâncias formadoras”. Na UFC, Maria Jorge dos Santos Leite defendeu a Tese de Doutorado em Educação *MOVIMENTO SOCIAL E*

PROCESSOS EDUCATIVOS: A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO COLETIVO NA LUTA POR DIREITOS NA COMUNIDADE DE CONCEIÇÃO DAS CRIOULAS, seu objetivo geral foi “analisar da constituição do sujeito coletivo ‘movimento social negro e quilombola’, organizado pela comunidade de Conceição das Crioulas na luta por seus direitos”. Na PUC-SP, Maria José dos Santos defendeu a Dissertação de Mestrado em Educação, com o título *Trajatória educacional de mulheres quilombolas no Quilombo das Onze Negras do Cabo de Santo Agostinho*, objetivou “compreender a história de vida dessas mulheres, destacando sua trajetória educacional”. Na UFAL, José Bezerra da Silva defendeu a Dissertação de Mestrado em Educação, com o título *A educação formal afro-quilombola em Alagoas: limites e possibilidades de emancipação humana*, onde buscou “demonstrar que a educação quilombola está embutida num projeto bem mais amplo de educação para todos do Banco Mundial, que, por sua vez, tende a compatibilizar a educação dos países periféricos ao sentido do neoliberalismo atual, sob a ideia de que o sistema capitalista é o único modelo de sociabilidade possível e que através do Estado se buscará aprimorar principalmente a democracia, a cidadania e a liberdade em detrimento da igualdade”. Na Uniube, Rosana Lacerda Monte Alto defende a Dissertação de Mestrado em Educação, com o título *SABERES E FAZERES QUILOMBOLAS: diálogos com a Educação do Campo*, seu objetivo foi “compreender como a Educação do Campo vem se dando entre populações quilombolas de uma comunidade de Minas Gerais (comunidade quilombola Justa I, situada no município de Manga/ MG)”. No ano de 2013, na UFPE, Maria Aparecida de Oliveira Souza defendeu a Tese de Doutorado em Educação, *“NEGRAS NÓS SOMO, SÓ NÃO TEMO O PÉ NO TORNO”*: a identidade negra e de gênero em conceição das crioulas, Contendas/Tamboril e Santana, que buscou “historicizar as experiências desses sujeitos é o que possibilita investigar como as subjetividades de negras e de negros são produzidas”. Na UFPI, RAIMUNDA FERREIRA GOMES COELHO defendeu a Dissertação de Mestrado em Educação, com o título *As educações escolar e social na formação da identidade racial de jovens nos quilombos de São João do Piauí*, objetivou “verificar como as crianças e jovens afrodescendentes, que aprendem o batuque, a capoeira, o maculelê, as rezas, o artesanato, a lida com a terra para retirar sua sobrevivência, são alvo de preocupação por parte da educação escolar, como público ‘com dificuldades de aprendizagem’”. Na UNEB, Mille Caroline Rodrigues Fernandes defendeu a Dissertação de Mestrado em Educação, com o título *Mbaétaraca: uma experiência de educação de jovens quilombolas no município de Nilo Peçanha – BA*, onde o objetivo era “compreender como a história e a cultura dos jovens boitaraquenses, bem como, suas vivências e interpretações de mundo são contempladas na

escola que frequentam fora do quilombo”. Na UFRS, Paulo Sérgio da Silva defendeu a Tese de Doutorado em Educação, com o título *Contornos Pedagógicos de uma educação escolar quilombola*, seu objetivo foi “compreender as relações estabelecidas entre as comunidades remanescentes de quilombos, as distintas organizações sociais e as diversas instituições públicas que tem por objetivo efetivar políticas públicas a fim de elevar o grau emancipatório destas comunidades em luta por direitos sociais dentre eles, o direito a terra e a educação”. Na UFSC, Jeanes Martins Larchert defendeu a Tese de Doutorado em Educação com o título *Resistência e seus processos educativos na comunidade negra rural quilombola do Fojo – BA*, este teve como objetivo “analisar dois eixos relacionados entre si: a questão das políticas públicas referentes ao trato com as diferenças e a forma como são institucionalizadas pela escola, assim como o processo de construção identitária das crianças moradoras do povoado de Lagoa Trindade”.

No ano de 2014 tivemos na PUC SP, Antonio Ferreira defendeu a Tese de Doutorado em Educação com o título *O currículo em escolas quilombolas do Paraná: a possibilidade de um modo de ser, ver e dialogar com o mundo*, este tinha como intenção “averiguar como a história e a cultura dos jovens boitaraquenses, bem como, suas vivências e interpretações de mundo são contempladas na escola que frequentam fora do quilombo”. Na UNISINOS, Heron Lisboa de Oliveira defendeu a Tese de Doutorado em Educação, com o título *Comunidades Remanescentes dos Quilombos de Arvinha e Mormaça – processos educativos na manutenção e recuperação do território*, onde se objetivou “analisar processos educativos pendentes nas relações interpessoais simbolizadas nos atos da dádiva e reciprocidade, nas ações educativas não escolarizadas e em alianças de parentesco e compadrio com interfaces de resistência das comunidades de Arvinha e Mormaça para a manutenção e recuperação (ou reconquista) de seus territórios, exercendo o direito de ser e pertencer a uma coletividade”. Na UFSC, Elaine de Paula defendeu a Tese de Doutorado em Educação com o título *“VEM BRINCAR NA RUA!” Entre o quilombo e a Educação Infantil: capturando expressões, experiências e conflitos de crianças quilombolas no entremeio desses contextos*, seu objetivo foi “compreender as relações educativas desenvolvidas em dois quilombos e em duas salas de Educação Infantil da rede pública municipal da cidade de Garopaba - Santa Catarina, para o que foi selecionado um grupo de sete crianças quilombolas (três meninas e quatro meninos) com idades situadas entre quatro e seis anos de idade como sujeitos principais da pesquisa”. Quanto as Dissertações, na USP Sanches Livia Pizauro defendeu Dissertação de Mestrado em Ciências com o título *Educação básica no Brasil e História e cultura africana e afro-brasileira: competências e habilidades para a transformação social?* seu objetivo foi

“compreender de maneira às dificuldades de implementação da 10.639/39 nas ciências naturais”. Na UNEB, Kleide Iraci Marques Silva defendeu a Dissertação de Mestrado em Educação e Contemporaneidade, com o título *A construção da identidade quilombola na percepção dos jovens de Araçá/Cariacá, Bom Jesus da Lapa – Bahia*, seu objetivo foi “compreender como os jovens constroem suas relações de pertencimento a uma comunidade negra quilombola na contemporaneidade”. Na UESB, Cássia Eugênia Reis Silva Cardoso defendeu a Dissertação de Mestrado em Educação, com o título *O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DA BARRA – RIO DE CONTAS/BAHIA*, seu objetivo foi “compreender o processo de construção identitária da Comunidade Remanescente do Quilombo da Barra, expressa por meio da comunicação oral, tendo como marco a titulação de suas terras”. Na UFPB, Cícero Pedrosa da Silva defendeu a Dissertação de Mestrado em Educação, com o título *Coco de roda novo quilombo: saberes da cultura popular e práticas de educação popular na comunidade quilombola de Ipiranga no Conde-PB*, seu objetivo foi “analisar a contribuição histórica, cultural e política da comunidade quilombola de Ipiranga no Conde-PB para construção de práticas educativas na perspectiva freiriana de Educação Popular”. Na UNEB, Rita de Cássia Magalhães de Oliveira defendeu Dissertação de Mestrado em Educação e Contemporaneidade, com o título *Tessituras das diversidades: cultura(s) no cotidiano da escola de um território rural-quilombola*, esta visava “compreender e analisar relações que se estabelecem entre a(s) cultura(s) de uma comunidade com ancestralidade afrodescendente - quilombola e as práticas cotidianas que se estabelecem em uma escola desse território”.

No ano de 2015 temos na UNEB, Dinalva de Jesus Santana Macedo defendeu Dissertação de Mestrado em Educação e Contemporaneidade, com o título *Educação em Comunidades Quilombolas do Território de Identidade do Velho Chico/BA: indagações acerca do diálogo entre as escolas e as comunidades locais*, nesta o objetivo era “analisar de que modo à educação escolar dialoga com as especificidades étnico-culturais das comunidades quilombolas de Araçá Cariacá, Brasileira e Rio das Rãs”. Na UNEB, Carlos Eduardo Carvalho Santana defendeu a Tese de Doutorado em Educação, com o título *PELEJANDO E ARRUDIANDO. Processos educativos na afirmação de uma identidade negra em território quilombola: Baixa da Linha*, seu objetivo foi “compreender simbolicamente como as comunidades negras quilombadas definiram esse território de identidade, a partir das suas vivências e experiências”.

No ano de 2016, na UnB, Agda Marina Ferreira Moreira defendeu a Dissertação de Mestrado em Educação, com o título *O PROCESSO EDUCATIVO DA COMUNIDADE*

QUILOMBOLA DE CARRAPATOS DA TABATINGA: a afirmação identitária e a formação de sujeitos engajados mediante transmissão oral de uma memória compartilhada, seu objetivo foi “identificar as formas de se educar no interior do quilombo e a influência que a adesão de seus sujeitos junto ao movimento quilombola instituído na formação identitária de seus sujeitos que propomos realizarmos uma pesquisa qualitativa de cunho etnográfico”. Na UFMT, Francisca Edilza Barbosa de Andrade Carvalho defendeu a Dissertação de Mestrado em Educação com o título ***EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA NA COMUNIDADE BAIXIO - Barra do Bugres/MT: avanços e desafios***, o objetivo foi “analisar em que medida, e como, a Escola Estadual José Mariano Bento realiza um projeto pedagógico alinhado com a história das comunidades do território quilombola Vão Grande”.

No ano de 2017 na UFMT, Déborah Luíza Moreira defendeu a Dissertação de Mestrado em Educação, com o título ***Território, luta e educação: dimensões pulsantes nos enfrentamentos dos conflitos socioambientais mapeados no Quilombo de Mata Cavallo***, seu intuito foi “promover um mapeamento participativo dos conflitos socioambientais vivenciado pelos/as quilombolas de Mata Cavallo”.

No ano de 2018, na UFPA, Oberdan da Silva Medeiros defendeu a Dissertação de Mestrado em Educação com o título ***EDUCAÇÃO QUILOMBOLA Constituição de Lideranças e Práticas de Resistências na Comunidade Quilombola de Umarizal Beira, Baião-Pará***, seu objetivo foi “analisar o processo de constituição de lideranças negras e práticas de resistências como fator educativo na Comunidade Quilombola de Umarizal Beira, Baião-Pará”. Na UFMT, Cristiane Carolina de Almeida Soares defendeu a Dissertação de Mestrado em Educação com o título ***EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE MATA CAVALLO: DIÁLOGOS DA ARTE, CULTURA E NATUREZA***, seu objetivo foi “promover um mapeamento participativo dos conflitos socioambientais vivenciado pelos/as quilombolas de Mata Cavallo. Além disso, almejava denunciar os dilemas resultantes dos conflitos socioambientais e compreender o papel da Escola nas lutas para o enfrentamento dos conflitos e fortalecimento da resistência”.

O esforço e se fazer Estado do conhecimento casa com a possibilidade de se evidenciar o que vem sendo escrito sobre o objeto e questão, por outro lado nos possibilita perceber a necessidade de renovação acerca do nosso campo de pesquisa. Há que se levar em conta que este levantamento não pode ser visto como definitivo e sim como mais um dado que em muito nos auxilia nas nossas tomadas de decisão. Buscamos destacar informações básicas, como mencionado acima, identificamos e demonstramos o objetivo geral ou a pergunta das pesquisas. No que tange aos referenciais teóricos, a metodologia; conclusão a

que se chega é tarefa para outro momento. Com este empreendimento inicial podemos perceber que há um mundo vasto de pesquisas em Educação Quilombola e que estas vêm aumentando. Dos vários temas elencados damos destaque à relação Escola-Quilombo-Cultura que é ao nosso olhar a abordagem mais numerosa. Sendo assim, podemos inferir que ainda há muito campo para novos estudos voltados para esta temática devido sua importância.

As publicações acessadas são fruto da articulação comunidade-pesquisadores que nos permite ver que nossa sociedade tem avançado no trato com as comunidades afrodescendentes que em tempos anteriores era relegada ao esquecimento. Vemos aqui uma prática de reconhecimento da existência, localização, organização, diversidade, diferença, movimento vivo e avanço.

4 SABERES TRADICIONAIS PRESENTES NAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS NA CONSTRUÇÃO DE UMA PEDAGOGIA PRÓPRIA

O objetivo desta seção foi de investigar as relações entre os saberes tradicionais e o sentido da sua originalidade enquanto possibilidade de se definir uma Pedagogia Própria presente nas comunidades quilombolas das Imediações da Transcmetá. Para isso, analisamos as situações concretas, a percepção dos líderes participantes do Grupo Focal desta pesquisa sobre atitudes conectadas aos distintos modos de ser e estar destas comunidades no mundo e no movimento diaspórico. Nossas reflexões são frutos do que se pôde filtrar do olhar das próprias lideranças quilombolas e são aqui expostas como extrato daquilo que para nós se configura como a capacidade de estabelecer relações dos conhecimentos empíricos e tradicionais destas comunidades e nossas formas de lidar com o mundo, posto que nos conectamos nesta reflexão, os sujeitos, a literatura decolonial e o pesquisador.

Contudo, antes de irmos rumo ao fechamento das nossas análises, gostaríamos de destacar que os sujeitos do Grupo Focal de Líderes, optaram por participar de modo voluntário e sempre se mostraram acessíveis a qualquer situação que dissesse respeito a esta pesquisa, pois, segundo eles, isto pode causar retornos positivos para as próprias comunidades posto que inúmeros pesquisadores, dentre eles oriundos destas mesmas comunidades, vêm ajudando a publicizar a região e as comunidades do Baixo Tocantins como um todo, no Brasil e no mundo. Por exemplo, em uma das ocasiões, a qual a maioria das falas desta seção foi produzida, estava presente a pesquisadora Tiffany Higgins, da Universidade da Califórnia, que tem se introduzido na região por conta de uma pesquisa acerca dos impactos da Hidrovia Araguaia-Tocantins em relação aos povos ribeirinhos, pesquisa financiada pela Fulbrig³⁵. Esta influência positiva é perceptível em uma das falas de Nilva Arnoud (2022) naquele encontro como Grupo Focal de Líderes:

(...) e aí tá, o pastor Antonio, aí também como coordenador da comunidade, tem também tentado nos ajudar nessa parte da aproximação como foi hoje a questão da juventude, não é? É, a Claudilene da França, ela tem incentivado ali na criação do grupo de mulheres e desenvolver também o trabalho ali na comunidade, né? Então é, porque que eles estão aqui hoje? Porque eu vejo, eles aqui como uma base para nos ajudar a caminhar, porque que não tem mais, porque a ideia seria mais pessoas, uma de cada comunidade, e aí, ficou aquela questão de, ah vamos esperar o pessoal da Universidade de Belém vim, aí é aquele, né? Não, vamos reunir dia 5, a Tiffany tem os compromissos dela também, mas hoje ela encaixou o dia 5 lá na agenda dela para estar aqui, né? Uma pessoa assim que se apaixonou aqui pelo nosso lugar, eu tô até querendo trazer ela pra morar pra cá já e ela disse que vem (rs), Né? E sei também que ela tem muito a contribuir com a gente assim como vocês aí, né? Então é isso,

³⁵ Em sua página na Internet, o Programa Fulbrightse define como “internacional de intercâmbio acadêmico fundado em 1946 com um objetivo ambicioso — aumentar a compreensão mútua e apoiar relações amistosas e pacíficas entre o povo dos Estados Unidos e o povo de outros países. Hoje, o governo dos EUA supervisiona um amplo conjunto de bolsas de estudos em parceria com mais de 160 países em todo o mundo”. Acesso em 21/12/2022 <https://fulbrightprogram.org/about/>

né? Eu também não falei, mas a minha mãe era uma pessoa que brigava muito, Nilva tu tem que ir pra reunião, eu não gostava de participar e ela sempre pegando no meu pé, né? Tu tem que participar pra ter o conhecimento, então eu sou um pouco fruto disso aí, né? Desse empurrão dela.

Figura 22: Reunião do Grupo Focal de Líderes.



Fonte: Acervo do autor (2022)

A pesquisadora Tiffany Higgins é a segunda pessoa da direita para a esquerda, na ocasião a presença dela foi de muita valia para o desenrolar do diálogo com os sujeitos da pesquisa. A foto acima foi tirada na manhã de 15 de junho de 2022, dia marcado pela notícia do Bruno Pereira e Dom Phillips indigenista e jornalista desaparecerem em 5 de junho, na região da terra indígena Vale do Javari. Na ocasião o suspeito preso confessou envolvimento no assassinato e apontou localização dos corpos. Nossa pesquisa foi encaminhada a partir de questionamentos sobre como os conhecimentos, experiências e memórias dos nossos sujeitos legitimam as atitudes das comunidades no sentido de orientar seu modo de vida.

Como visto por nós anteriormente em Davison (1981) este pluriverso quilombola e a diáspora africana têm uma relação estreita, pois ambos são produtos da experiência histórica do colonialismo e do tráfico transatlântico de escravos. A partir deste raciocínio os quilombos foram constituídos e reexistiram na busca de se construir uma vida livre e autônoma. Eles são uma resposta à violência e à opressão às quais estes povos foram e continuam a ser

submetidos, e se tornaram uma das mais importantes formas de resistência contra o sistema colonial moderno.

Ambos os fenômenos são exemplos da luta dos povos afro-brasileiros e africanos contra a opressão e a exploração colonial. Enquanto a diáspora africana representa a dispersão forçada dos povos africanos, os quilombos representam a resistência e a construção de novas formas de vida em meio à opressão deste movimento que ainda se desenrola. Neste sentido, a atitude da liderança quilombola dialoga com o pluriverso da comunidade, e a partir disso procedemos ao ápice analítico que se segue.

O roteiro das nossas conversas obedecia sempre à intencionalidade dos nossos objetivos de pesquisa, elaborávamos questões aos sujeitos da pesquisa, que seguiam nossa intuição e giraram em torno dos principais conceitos que julgamos essenciais para se entender acerca dos processos educativos e da vida total da comunidade quilombola.

Quando perguntado sobre o que é a Associação para o grupo, as respostas das lideranças quilombolas Nilva e Márcia, demonstram muita coerência de que a Associação é dos sócios e funciona em torno das suas necessidades. Trata-se de um marco que sinaliza a vitória da população local na trajetória de um povo que vem lutando por educação escolar, saúde, esporte e lazer dentro do quilombo. O Estado é sempre descrito como uma instituição ausente e quando procurado como parceiro de ações de iniciativa das associações se omite. Há sempre uma ênfase muito pertinente no protagonismo das comunidades quilombolas que com frequência vêm unindo forças a outras instituições de organizações da sociedade civil na busca de situações que influenciem na diminuição das desigualdades sociais.

Uma das instituições que muito foi citada nas falas das lideranças é a escola. Afirmam as lideranças que ela: *“é da comunidade, não é minha ou sua, é da comunidade”*. A ênfase aqui recai no coletivo, a ideia de comunidade aponta neste sentido para a possibilidade de intervenção da realidade, de ultrapassar a condição de passividade, subalternidade e dominação. Quando afirmamos anteriormente que as pessoas deste território são fruto da diáspora da África ao Brasil e de suas senzalas originárias para o quilombo estávamos falando desta atitude de superação. E estes quilombos, na nossa compreensão, são a possibilidade de dias melhores e têm mudado a situação desta população.

Nos nossos vários momentos de observação pudemos perceber que a comunidade quilombola nunca esteve em silêncio, ali naquele território, diuturnamente há processos de reivindicação e luta. O silêncio a que se faz menção, relativo a esta população, é historicamente imposto. O silenciamento do povo negro, assim como de muitos grupos subalternizados, como definido em Bhabha (1998), se refere à negação da voz e da história

dos negros na sociedade, consequência de práticas discriminatórias e racistas. Essa negação ocorre por meio da invisibilidade, sub-representação e desvalorização da cultura e da história negras. Os fenômenos da diáspora africana e do silenciamento do povo negro estão interligados, uma vez que a primeira contribuiu para a fragmentação e a perda da memória coletiva desses povos, que vem reexistindo por meio do que afirmamos aqui ser a Pedagogia Própria desta população, o que dificulta a afirmação da identidade e da história negras na sociedade. Este silenciamento é reforçado pela negação de suas raízes históricas e culturais, perpetuando a invisibilidade e a discriminação. Sua superação é um desafio para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, que valorize a diversidade e respeite as diferenças.

A quebra deste silenciamento está em curso, assim como o movimento de diáspora podemos entender que o sentido organizativo dos quilombolas desta região é provocar fraturas nos discursos autoritários que se arrisquem a impor dogmas sobre grupos subalternizados impondo práticas e expressões que desconfigurem seus fazeres, descaracterizem suas batalhas e inferiorizem seu modo de vida por não se enquadrarem nos padrões eleitos pelo colonizador. Abaixo as lideranças da ARQIB reunidas para decidir pelo retorno ou não das atividades “normais” da escola e comércio local ao final da pandemia em janeiro de 2022.

Figura 23: Reunião da ARQIB em momento de decisão sobre os protocolos da Covid 19.



Fonte: Acervo do autor (2021).

A noção de “silêncio do subalterno” por nós apreendida em Spivak (2010), nos leva a compreender que grupos marginalizados e oprimidos na sociedade, como os quilombolas, são frequentemente silenciados e sub-representados na cultura e na história, o que impede que suas vozes e perspectivas sejam ouvidas e valorizadas. A organização quilombola nesta região vem de encontro a essa impossibilidade desses grupos se expressarem plenamente, têm combatido as estruturas de poder e opressão que os fadou a uma posição de subalternidade.

No mesmo sentido, Santos (2018) nos ajuda a entender quando define pós-colonialismo e diáspora:

O tema das migrações e da diáspora tem vindo a ganhar crescente actualidade e põe novos desafios à problemática das identidades culturais e dos processos de auto-representação. Robin Cohen define a diáspora como o acto de viver num país e no seio de uma colectividade, mas com o olhar sempre perfurando o tempo e o espaço à procura de outro país ou lugar (1997). As diásporas são quase sempre o resultado de migrações que já ocorreram há algum tempo, e cuja violência continua dolorosamente marcada no imaginário social (Anderson, 1983; Harris, 1993; Lovejoy, 2000). Este elemento de transnacionalidade nas comunidades diaspóricas é o tema central da análise do trânsito atlântico dos negros a partir da escravatura, “a middle passage” e o seu impacto, tanto nas representações das comunidades negras como na ideia da homogeneidade étnica e racial do Ocidente (Gilroy, 1993) (SANTOS, 2018, p. 588).

Estes grupos, se não pelas suas próprias mãos, são muitas vezes incapazes de participar plenamente do discurso público, seja porque suas vozes são desvalorizadas, seja porque as estruturas sociais e políticas lhes negam o acesso aos meios de expressão e representação. O silêncio do subalterno, portanto, não significa que eles são silenciosos ou passivos, mas que suas vozes são frequentemente silenciadas ou sub-representadas. Spivak (2010) argumenta que, para superar essa situação, é necessário que pesquisadores, e estudiosos da cultura e da história sejam sensíveis às perspectivas dos subalternos e trabalhem para dar visibilidade a estas vozes e saberes. É nossa intenção aqui. Isso implica, ver o mundo a partir das perspectivas dos grupos marginalizados e incluindo-os no discurso público, bem como questionar as estruturas de poder que perpetuam sua subalternização.

Quando se trata do Estado, este aparece ocupando espaço importante na memória e discurso das lideranças e é muito citado, principalmente quando estes se referem à escola. No entanto, nas ações concretas este tem papel secundário, visto que a construção de escolas na região é sempre resultado do movimento de articulação que mobiliza da comunidade quilombola como um todo. Isso pode ser evidenciado nas falas das lideranças:

A escola daqui da comunidade é nossa, a prefeitura de Oeiras é apenas parceria, para que ela funcione a comunidade trabalha muito [...]. (Nilva Arnaud, 2022) [grifos nossos].

A escola foi uma luta da comunidade, **o Estado é nosso parceiro pra que essa escola tivesse hoje funcionando** [...]. (Diogo Machado, 2022) [grifos nossos].

A escola aqui e nos outros quilombos é do povo quilombola, pais, alunos, de todos. (Laurença Arnaud, 2022) [grifos nossos].

Foi feita pra nós, pros alunos. Então graças a Deus conseguimos sempre vencer, **a gente tem ela como nossa**. (Antônio Teixeira, 2022) [grifos nossos].

Podemos perceber que a escola é sempre mencionada com entonação, há um orgulho em se sinalizar o empenho coletivo para a sua manutenção “*mas eu digo que sem luta não tem*

vitória, a comunidade sustenta não só a vida dessa escola, mas o posto de saúde, o treino pro vestibular quilombola, tudo isso é vitória para a comunidade” (Manoel Rodrigues, 2022).

Percebemos em nossos encontros que a escola, assim como os outros órgãos, a manutenção da rodovia e vicinais, como o seu funcionamento têm uma dependência muito grande do processo de militância da comunidade quilombola o que é defendido na fala de Nilva Arnoud da seguinte maneira:

[...] ela [escola] igualmente os outros órgãos do Estado que funcionam dentro do nosso território traz um caráter de tentar se adequar a nossa cultura, assim pra trabalhar dentro da nossa cultura, do nosso dia-a-dia, valorizar a família, trabalhar a partir das nossas tradições, se preocupando com o nosso bem estar. **Para que não se percam nossas raízes.** Então pra gente esses órgãos são nossa comunidade (Nilva Arnoud, 2022) [grifo nosso].

Nesse contexto, o papel das associações em relação às comunidades quilombolas é definido pela liderança, como lugar em se compartilha valores, onde o corre a manutenção de tradições e, sobretudo, a preocupação com a ancestralidade. De acordo com Nilva Arnoud a preocupação das associações principalmente educativa e cultural, é de que as crianças *“não se percam e não percam nossas raízes”*. A partir desta constatação da liderança as associações e passam, a nosso ver, a serem demarcadas como principal artifício pedagógico, e em sua prática pedagógica os conteúdos e materiais didáticos são as vivências e práticas cotidianas da comunidade quilombola, a oralidade e as memórias.

Compreendemos, a partir de Bhabha (2010), que sendo a cultura incomensurável no que tange a articulação do que gera sentido à racionalidade humana e, portanto, as falas da liderança traduzem-se em pontos que se articulam às atitudes performáticas dos movimentos sociais negros e afrodescendentes frente aos processos de subalternização aos quais estes sujeitos foram submetidos ao longo do nosso processo de colonização e são por nós percebidos como efeito da diáspora.

A indagação acerca do que é vida comunitária, demonstra nitidamente poder das associações, a nas palavras dona Laurença Arnoud, *“a melhor escola é nossas associações”*. A vida comunitária é o que traduz os fazeres das associações e para a liderança é definido como:

A gente enxerga essa importância, quando a gente fala da formação dos quilombos onde seu juntamento visava também somar forças, não apenas o compartilhamento que é também esse significado da vida em comunidade, compartilhamento das produções, do modo de vida, da cultura, mas também agregar forças pra lutar contra o opressor, e essa é a importância, seja pras comunidades quilombolas, seja pra outras comunidades também urbanas, onde essa reunião, essa formação de comunidades é de suma importância para que a gente possa lutar pelos direitos onde todos da comunidade vão estar com o mesmo pensamento ou mesmo ideal e **se torna mais fácil conquistar quando é uma**

comunidade toda, quanto maior o grupo, mais forte (Emanuele Rodrigues, 2022) [grifos nossos].

A vida comunitária é **quando a gente participa dos eventos** que ocorrem na nossa comunidade, dos eventos **da igreja, da associação, de encontros e mutirão** que têm na nossa comunidade (Márcia Martins, 2022) [grifos nossos].

É **respeitar os representantes** da minha comunidade, sempre **buscar melhorias, lutar sempre por política pública**, levar o nome da minha comunidade com muito orgulho. **A meta é que crescemos conhecimento, expectativa de dias melhores pro nosso Quilombo** (Claudilene da Rocha, 2022) [grifos nossos].

Essa a questão da vida comunitária tá no sangue né, porque quando eu retornei em 2008 para 2009 aqui para morar na comunidade já de forma concursada, eu consegui chegar na comunidade de Igarapé Preto, vim pra minha comunidade de Igarapezinho, mas foi concursado pela comunidade de Igarapé Preto, para trabalhar na unidade de saúde do município de Oeiras do Pará. Encontrei aqui a sede ou encontrei aqui o título coletivo, somente o título coletivo da Associação Remanescente de Quilombo de Igarapé Preto a Baixinha e ARQIB, então eu passei 2008, 2009, 2010, eu só entrei para associação, para direção da associação em 2012 final de 2012 com a eleição que teve pra diretoria (Diogo Machado, 2022) [grifos nossos].

O conceito de vida comunitária foi explorado aqui no sentido de buscarmos seu significado dentro do movimento quilombola local enquanto movimento social, integrante ao movimento negro, e percebermos de que forma nossos sujeitos se apropriam deste enquanto ferramenta de sustentação das suas bandeiras de luta pela igualdade social.

Nesse sentido, utilizamos como baliza teórica a definição dentro da literatura decolonial, para qual este termo é definido em Quijano (2005) como um aspecto central da resistência e da luta contra a colonização. Ele destaca a importância das comunidades indígenas e afrodescendentes na construção de formas alternativas de vida e de organização social, motivadas na solidariedade, na reciprocidade e na cooperação, e que desafiam as estruturas de poder colonial e a exploração capitalista.

No mesmo sentido, Escobar (2010) discute a vida comunitária como forma de organização social baseada na reciprocidade, na interdependência e no cuidado mútuo entre os membros de uma comunidade. O que gera como reflexo aquilo que aparece nesta literatura como noção de desenvolvimento e, neste autor, é necessário o respeito às questões multiculturais dos povos. Os indicadores de lugar, sociedade e integração constituem o crescimento econômico-social, o que impacta no desenvolvimento comunitário emancipatório. Essa forma de vida valoriza as relações de parentesco, a conexão com a natureza e a preservação dos saberes e tradições locais. Escobar (2010) argumenta que a vida comunitária é uma alternativa aos modelos dominantes de desenvolvimento que enfatizam o

individualismo, a competitividade e a maximização dos lucros em detrimento da sustentabilidade e da justiça social.

Entre os quilombolas da região onde estamos inseridos, a valorização da vida comunitária é fundamental para a construção de um mundo pluriversal, ou seja, um mundo onde as múltiplas formas de vida, conhecimento e práticas sociais são valorizadas e respeitadas. A vida comunitária é uma forma de resistência aos modelos hegemônicos de desenvolvimento e uma forma de construir alternativas mais justas e adequadas. Ela é um dos pilares da identidade quilombola, que se organiza e se sustenta de forma coletiva, mantendo a cultura e os valores tradicionais. O princípio comunitário se mostra como algo muito importante para a garantia de direitos e para a defesa das terras e dos recursos naturais das comunidades, assegurando a continuidade da vida e da cultura.

De acordo com a literatura decolonial, podemos reafirmar a certeza de que a vida comunitária é uma forma de resistência contra a individualização e o isolamento promovido pela sociedade capitalista, valorizando a coletividade e a solidariedade. A vida comunitária é importante para a promoção da diversidade cultural e para a inclusão dos indivíduos no grupo social.

É possível perceber que as lideranças posicionam a comunidade quilombola ao centro de seus objetivos, nas falas dos nossos sujeitos o coletivo está acima de qualquer reivindicação individual. Situações como a titulação de seus territórios, construção e melhoria de vias de acesso, saúde, educação, transporte etc., são prioritárias e a partir disso há sempre a imposição do diálogo como estratégia para negociar e evitar gerar fissuras no relacionamento do grupo, escapando da lógica dominante.

Um ponto de partida em nossas interações com o Grupo Focal de Líderes foi a definição que os sujeitos têm do que vem a ser o conceito de cultura e deste percebemos o encadeamento de vários outros que perpassam por inúmeros aspectos. No que se refere as suas percepções acerca do que é cultura, os líderes declaram,

a cultura é esse conjunto de **costumes, de tradições acumuladas durante anos, séculos** por uma comunidade, por um território, e a cultura não é só as expressões artísticas que tem haver com dança, com a escrita, mas, **saúde, a forma como a gente cuida** também na questão **da cura**, passa também pela questão da **produção do nosso alimento, da forma como a gente cultiva a terra** até a **produção do alimento**, e a forma como também a gente se alimenta, e **a forma como a gente se relaciona também um com outro** dentro das comunidades, a questão pessoal, o relacionamento pessoal de um com outro, também uma forma de expressão cultural, então esse **acúmulo de costumes, de tradições e de expressões** acumuladas durante o tempo e passada de geração pra geração (Emanuele Rodrigues, 2022) [grifos nossos].

a cultura se **expressa no samba de cacete, o costume de plantar maniva, a colheita da mandioca para o preparo da farinha, os festivais quilombolas** no mês de novembro onde é tratado a consciência negra (Márcia Martins, 2022) [grifos nossos].

temos cultura Quilombolas, **samba de cacete, carimbó, grupos músicas grupo de danças** (Claudilene da Rocha, 2022) [grifos nossos].

a cultura **é umas das coisas assim que eu mais admiro**, principalmente a nossa cultura, a cultura dos pretos. Gostaria de trazer para cá os projetos sociais através de oficinas e trazendo também junto a capoeira porque eu vejo que **através da nossa cultura eu vejo que a gente pode tá tirando o foco dos nossos jovens da rua**. Eu me emociono quando falo, porque sempre levo comigo uma música de um parceiro nosso chamado Raimundo que é lá do quilombo de Jutáí. Digo assim, que **eu sou preta, mas eu sou prioridade quero ser reconhecida pela minha identidade**. Portanto, sou evangélica, mas eu respeito a cultura do meu povo (Nilva Arnoud, 2022) [grifos nossos].

o segmento da cultura quilombola **é tão importante quanto a respiração**. Todos os segmentos da nossa cultura são de fundamental importância para todos os quilombolas, é comum no nosso Quilombo a tentativa de resgatar a cultura de nossos ancestrais, por exemplo, quando pesquisamos algo e percebemos algo que não foi possível "**criar**" **baseamos naquilo que já viveu nosso antepassado como várias culturas que permanece no quilombo e vem de nossos ancestrais**. Temos como vertente a cultura ambiental e percebemos que ainda falta muita proteção pois é muito explorada, o que é muito prejudicial a nós quilombolas (Diogo Machado, 2022) [grifos nossos].

Quando partimos da literatura podemos identificar em Achebe (2009) que a cultura é definida pelo conjunto de valores, crenças, costumes e tradições que são compartilhados por um grupo social. A ênfase recai na importância da cultura na formação da identidade dos indivíduos e na organização das sociedades, mas também alertar para o perigo da cultura se tornar um instrumento de dominação e opressão. De acordo com as falas das lideranças em destaque, podemos compreender que há uma convergência entre a narrativa e a literatura, se observarmos os grifos, ocorre o destaque para os mesmos elementos que o teórico aqui utilizado ressalta.

Sentido similar para o conceito é encontrado em Bhabha (1998), uma vez que para o teórico a cultura é definida como “uma prática social, historicamente contingente, que produz sistemas simbólicos inspirados para a comunicação” (BHABHA, 1998, p. 1). Nesta definição, podemos destacar que a cultura não é uma essência fixa ou natural, mas uma prática social histórica e contingente que produz sistemas simbólicos que são alcançados para a comunicação.

A liderança destaca a necessidade de os órgãos que prestam serviços dentro dos quilombos desenvolverem suas ações de forma contextualizada se adequando a realidade das comunidades quilombolas, a partir do comprometimento em fazer parte do lugar. Existe entre estes sujeitos a esperança de que o poder público e os agentes políticos forneçam condições

adequadas de acesso por parte dos profissionais que trabalham dentro dos quilombos, melhorando as estradas, por exemplo, é o que mais se ressalta. A liderança reconhece que a população como um todo está exposta a riscos que aumentam ou diminuem de acordo com as condições das estradas.

A liderança destaca também que a política, e aqui inferimos que seja a ação do poder público nas três esferas governamentais, não está integrada ao modo de vida da comunidade, e que as associações procuram sempre explicar aos trabalhadores sobre seus hábitos, seus costumes a fim de familiarizá-los como modo de vida da comunidade. A liderança destaca a importância do diálogo entre a comunidade e os profissionais que ali atuam, tomamos como exemplo as longas reuniões para discutir questões voltadas à saúde no momento da Pandemia nas figuras abaixo.

Figura 24: reunião das lideranças quilombolas da ARQUIB com profissionais da saúde.



Fonte: Acervo do autor (2022).

A ARQIB desenvolve a prática de dialogar diretamente com os agentes públicos que atuam em seu território. Desse modo, as associações quilombolas se constituem como espaços importantes de ação e expressão política, a nosso ver elas são um importante instrumento quando aliadas aos anseios da sua população.

A partir da definição de cultura, adentramos definitivamente no conceito de política. Na concepção da liderança, a política é o elemento primordial para o desenrolar da vida comunitária. Nas suas falas podemos perceber que,

viver em comunidade já é um fato político, já é uma questão política, e a política visa organizar a vida em sociedade, as necessidades, os acontecimentos, as normas, só que de fato hoje ela é vista e é deturpada nesse significado de política, então ela não é só o fato de exercer o poder de voto ou eleger um candidato, mas a política é um contexto muito mais amplo, **só que essa política precisa pensar e inserir todos**, quando a gente fala que ela organiza a sociedade **ela precisa dessa forma incluir tudo aquilo que forma a sociedade, todos os povos, todas as culturas e deve trabalhar em cima disso**, para que todos tenham benefícios desse sistema político (Emanuele Rodrigues, 2022) [grifos nossos].

a política é a volta partido PT Lula, ele diz que no governo atual eles são mais visto pelo governo. Que **o governo precisa ajudar é ter essa nossa que as áreas quilombolas precisam** de ajuda e apoio do governo para que eles venham ter uma qualidade de vida melhor (Márcia Martins, 2022) [grifos nossos].

É perceptível que há como pano de fundo expectativas da comunidade no que tange às responsabilidades do poder público, como no segundo argumento, no entanto, a definição do primeiro aponta para uma ideia mais abrangente do que vem a ser a política como categoria. Ela se traduz em uma atitude transformadora dos espaços de convivência comunitária. O “*viver em comunidade já é um fato político*” demonstra a postura ressaltada como escolha e, nesta definição, compreendemos a associação como proposta de organização resistente ao processo de colonização. Conforme Mbembe (2018), no pensamento político moderno, a relação entre política e colonialidade é inseparável da lógica colonial de exploração e dominação, num mundo cindido hierarquicamente. Em nossa experiência de vivência com estas comunidades ao longo da pesquisa nos faz perceber que a união em torno da ARQIB como projeto nos leva a perceber que é a tradução do movimento de diáspora a partir da “[...] ideia de uma condição humana comum continua longe de ser admitida na prática, diversas formas de apartheid, de exclusão, de destituições estruturais substituíram as antigas divisões propriamente coloniais.” (MBEMBE, 2018, p. 279). É necessária uma redefinição da política a partir da perspectiva dos colonizados, buscando superar as estruturas de poder colonial e construir novas formas de convivência e liberdade. A nosso ver as associações quilombolas são terreno fértil para este processo de redefinição, e de acordo com a fala de Emanuele Rodrigues trata-se disso.

Em Maldonado-Torres (2008) a política deve ser entendida a partir de uma perspectiva intercultural, que leve em conta as diversidades culturais e históricas e que busquem construir uma ética política baseada no respeito mútuo e no diálogo entre as diferentes tradições geopolíticas. Este autor reforça a perspectiva acima e destaca a importância da descolonização da política, que implica em desnaturalizar as hierarquias e relações de poder que estruturam as sociedades colonizadas. As interlocutoras em destaque se posicionam, em primeiro lugar de modo mais abrangente, e percebemos uma fundamentação na vivência plural do sentido do que vem a ser a coletividade. Em segundo plano vem o posicionamento diante do que é a vertente assumida pela interlocutora que cita o Partido dos Trabalhadores. Cabe destacar que no período em que estávamos em campo era o momento de campanha e disputa eleitoral o que leva nossa interlocutora a revelar sua preferência nesta fala diante do cenário político de 2022.

Para os nossos sujeitos, a política é um campo importante para a reivindicação das comunidades quilombolas por seus direitos e pela promoção de uma sociedade mais justa e igualitária. Percebe-se, no entanto, que esta é associada à participação ativa no processo político, como na busca por representação em cargos públicos e participação de movimentos sociais e organizações civis que defendam seus interesses. Na literatura decolonial, a política é uma esfera importante para a luta contra a opressão do colonizador, onde os povos colonizados devem ser protagonistas de seu próprio processo político visando autonomia e independência.

A palavra “liderança” amplamente utilizada por nós ao longo da escrita desta Tese aparece como algo bastante característico do posicionamento dos nossos sujeitos quando diante de algumas situações. Quando entramos no mérito da discussão sobre política, o que salta aos olhos é a postura de líder presente nos seus comportamentos. Para exemplificar, tive essa percepção quando fiz o seguinte questionamento: o que é ser liderança?

É onde eu estou, em questão de posto, pois depois de 30 anos **me doe** a direção do **ARQIB** e fiquei 4 anos na posição de coordenação da comunidade. **Me sinto uma líder** como minha tia Nilva que é presidente da ARQIB. (Márcia Martins, 2022) [grifos nossos].

Ser liderança pra mim **não está sendo uma tarefa fácil**, o serviço social exige muito, tanto tempo como também **você precisa tá preparado psicologicamente**, são muita cobranças, mas **é satisfatório quando somos reconhecidos** (Claudilene da Rocha, 2022) [grifos nossos].

Fácil não é! Pra você liderar em um território quilombola **você tem que aplicar as coisas como elas devem ser**, porque muitos estão em um território quilombola, mas **eles não sabem o que é ser quilombola**. Ser líder não é tão fácil pra gente, mulher, quanto para os homens. Eu **sofro muito com isso, muito preconceito, muito machismo** da parte de alguns homens, achando que não somos capazes. Então é uma situação muito difícil, mas gratificante porque tu pode fazer alguma coisa pelo teu povo e essa é uma das melhores formas de tu fazer algo pelo seu povo, estando na liderança (Nilva Arnoud, 2022) [grifos nossos].

Um líder não nasce pronto, ele será reconhecido pelo trabalho que vai está desenvolvendo ao longo do tempo diante de uma comunidade quilombola, tenho 4 anos de gestão na diretoria da comunidade quilombola, agora sou secretario de cultura pois percebemos que precisamos fortalecer a cultura do nosso território, é de fundamental importância trabalhamos com liderança (Diogo Machado, 2022) [grifos nossos].

Podemos compreender nas falas das lideranças que há uma delimitação bastante contundente sobre o que é ser líder. Percebe-se que vai desde se assumir líder, passando pelo aspecto da doação, o preparo advindo da vivência com outros líderes, do quão é satisfatório estar nesta posição quando reconhecido. É experienciar o não reconhecimento, o preconceito e todas as mazelas do trabalho voluntário. Mas, ressalta-se o reconhecimento do próprio coletivo. A questão da liderança é definida de um modo que nos leva a interpretar que não

deve ser entendida apenas como uma posição de poder. Essa definição, em Castro-Gómez (2005), se aproxima a aquilo definido quando dialoga com as teses principais de Edward Said, presentes em *Orientalismo* (1978), o destaque recai na importância do conhecimento como fundamento do controle da subjetividade e, seus reflexos, no controle da economia e da autoridade. A liderança, neste sentido é mais uma responsabilidade social e ética, antes de qualquer coisa, que envolve a escuta atenta, a empatia e a compreensão das diferentes perspectivas e necessidades dos liderados. Podemos perceber que é este o posicionamento dos sujeitos e falas destacadas. A liderança é o resultado das transformações no decurso da trajetória dentro do grupo.

O que os sujeitos em destaque ressaltam está próximo daquilo que para Mohanty (1991) é essencial no debate sobre liderança, ressaltam que se deve pensar a liderança no sentido de que estas não sejam hierárquicas e centralizadas, é o que se percebe na relação destes líderes quilombolas. A impossibilidade dessa manobra pode nos ajudar a superar o que se inscreve no tecido das relações de poder em sentido global, é defender o contrário, como define Chandra Mohanty, assim se apaga inclusive as diferenças entre o Ocidente e o Restante do mundo, seu efeito é a superação da ideia de que o Resto não se desenvolveu ou modernizou-se quanto o Ocidente (MOHANTY, 1991, p. 72). Neste sentido, a liderança pode ser entendida como uma prática política que valoriza a igualdade e a diversidade, e que busca promover a justiça social. Em vez de se concentrar em indivíduos que ocupam posições de poder, a liderança valoriza a colaboração, a solidariedade e a construção de redes de apoio.

O que podemos constatar é que a liderança é fundamental para as comunidades quilombolas, pois é através delas que os desafios e demandas são identificados e os objetivos traçados são alcançados. Compreendemos que é importante que se promova e incentive a liderança dentro das comunidades quilombolas, posto que através disso podemos criar espaços de diálogo e formação de novos líderes, capazes de representar os interesses e necessidades das comunidades. A ferramenta para tal é a garantia da participação democrática e a inclusão de todos os membros da comunidade nas decisões e ações lideradas. O conceito de liderança é muito importante para o entendimento da luta decolonial, pois é através dele que as ideias e práticas decoloniais são promovidas e fortalecidas. O incentivo para que se incentivem novas lideranças negras é bastante evidente, pois é o que garante a participação democrática e inclusão dos membros da comunidade nos processos decisórios, além de promover a descentralização do poder e a valorização de diferentes perspectivas e saberes.

Podemos ressaltar que o que percebemos é que há muitas expectativas em relação às lideranças da associação (diretores) que vão desde a formação de cidadãos que participem

ativamente da vida comunitária até a manutenção dos costumes. “*Que a associação possa sempre ajudar a formar cidadãos de bem, cultive nossos costumes e ajude nossa cultura a ser forte*” (Laurença Arnoud, 2022). Aqui cabe a definição muito popularizada de Demerval Saviani (1983) de que cidadão é aquele indivíduo que está capacitado a participar da vida da cidade e extensivamente da vida da sociedade, definição que nos auxilia a responder a indagação: o que é ser cidadão?

Esta pergunta ladeada a uma outra que de certo modo nos interessa mais, posto que se na fala da liderança percebemos que a preocupação como pano de fundo é a vida cidadã: o que é ser cidadão no quilombo? ou, o que é ser quilombola?

Falar do que é **ser quilombola é falar da resistência**, tem esse significado de **resistência, desde a formação dos quilombos até os dias atuais**, porque nos formamos a partir da resistência ao sistema daquele momento que era escravocrata, onde esses povos escravizados se juntavam num local pra fugir daquele sistema, e vale lembrar que o quilombo não era apenas formado por negros escravizados, mas também acolhia outra etnia que estava no momento que era os indígenas, onde havia esse compartilhamento daquele local, onde tudo era produzido e criado ali. **Mas quilombola é essa palavra de resistência**, tem esse significado pra gente, muito forte, quando digo que até os dias de hoje, porque até os dias de hoje a gente resiste e luta contra um sistema que não nos escraviza, mas é um sistema racista, é um sistema que não nos inclui nas principais pautas e a gente segue resistindo e é um ambiente de compartilhamento, de vida em comunidade, nossas produções, nossas relações com o meio ambiente que é totalmente maravilhosa, a gente tem o meio ambiente como nossa fonte de renda e de vida, e esse é o significado de resistência (Emanuele Rodrigues, 2022) [grifos nossos].

Ser quilombola é algo forte, pois me lembra o passado, **a criação que minha mãe deu a mim e aos meus irmãos, somos 10 filhos. Isso mostra que é força de nossa resistência**. Para mim ser quilombola é ter esse sangue dos meus antepassados na veia. (Márcia Martins, 2022) [grifos nossos].

Ser quilombola significa resistência, organização, amor, paz, tranquilidade, meu cantinho de reflexão (Claudilene da Rocha) [grifos nossos].

A vida nos quilombos é cultura, é coletividade, amor ao nosso chão eu acredito que é basicamente isso (Nilva Arnoud, 2022) [grifos nossos].

Podemos observar que a definição do “*ser quilombola*” para os nossos interlocutores está muito próxima da definição de Munanga (1999), este teórico define quilombola como uma pessoa descendente de africanos que se estabeleceram em comunidades autônomas, chamadas quilombos, durante o período da escravidão. Esta definição dialoga com o que define Kilomba (2019) o conceito de quilombo tem suma importância para a resistência negra. Nosso destaque nas falas ressalta principalmente o termo “resistência” presentes em todas elas. Ser quilombola é uma condição que se refere à experiência histórica da escravidão e à resistência negra contra a opressão colonial, é uma forma de afirmar a identidade negra e de resistir ao racismo estrutural presente na sociedade brasileira.

Na narrativa dos nossos sujeitos podemos perceber que “ser quilombola” significa pertencimento a uma comunidade com uma história e cultura própria, que supera seus desafios e resiste à opressão ao longo do tempo. Chamamos atenção para a percepção de que eles se colocam como agentes fundamentais na defesa de sua identidade e mantém viva a cultura e a história quilombola, familiar e coletiva. Ocorre entre eles uma postura de reconhecerem-se como importantes na luta pela liberdade e igualdade dos povos negros em comparação com os demais. Ser quilombola, neste sentido, implica em lutar pela garantia de direitos e pela preservação de suas terras e dos recursos naturais comunitários, assegurando a continuidade da vida e da cultura locais. Nossa opção pela Decolonialidade é reforçada pela atitude do “ser quilombola” estar atrelada a processos de resistência à opressão colonial e à luta pela desconstrução das estruturas sociais que ainda perpetuam essa opressão.

Em nossas observações, principalmente em momentos de ajuntamento de pessoas, percebemos que há um trânsito de pessoas não quilombolas que convivem ou moram na região. Esse convívio ocorre de modo a gerar uma riqueza de cultura, o que se traduz na ideia de diversidade cultural no *lócus* da pesquisa. Nos diálogos com a liderança e no convívio com a comunidade quilombola da região podemos perceber que a diversidade é uma característica fundamental destas comunidades em todos os seus fazeres que possuem uma grande variedade de culturas, tradições e saberes. É importante ressaltar que essa diversidade é sempre fomentada pelas lideranças, aqui percebemos a presença da Pedagogia Própria impressa por estes líderes, criando espaços de diálogo, como é o caso das reuniões e eventos das associações, para que haja o compartilhamento de conhecimentos entre as comunidades.

Se olharmos pelo prisma de Hall (1994):

sempre existe uma política de identidade, uma política de posição, que não tem garantias absolutas em uma regra de origem transcendental e sem problemas. Defino a experiência da diáspora não em termos de essência e pureza, mas pelo reconhecimento de uma necessária heterogeneidade e diversidade; através de uma concepção de identidade que vive com a diferença, e não a despeito dela. (HALL, 1994, p. 69)

Igualdade, diversidade e a diferença estão sempre de mão dadas neste *lócus*. Isso acontece nas festas, como no carnaval, quando pesquisadores são recebidos nas reuniões das associações, como se pode observar nas figuras abaixo:

Figura 25: Reunião de pesquisadores da UFPa (A) e carnaval de rua em Igarapé Preto (B) .



Fonte: Acervo do autor (2022).

As imagens acima demonstram que há momentos que outros públicos frequentam o ambiente do quilombo. É fundamental perceber que estes sujeitos, em suas práticas coletivas, buscam sempre promover o diálogo em prol da diversidade de culturas dentro das comunidades quilombolas com quilombolas e não quilombolas. Nossa perspectiva de diversidade é de que esta é uma das principais riquezas culturais do mundo, sendo essencial para a construção de uma sociedade justa e igualitária. É importante perceber, como veremos abaixo, que os sujeitos da pesquisa ressaltam uma preocupação com a diversidade cultural em todas as suas formas, reconhecendo a importância de diferentes culturas e saberes para a construção de um mundo mais plural. O respeito à diversidade deve ser uma prática constante em todas as esferas da sociedade, promovendo a inclusão de todas as pessoas,

independentemente de sua origem étnica, gênero, orientação sexual ou outras características pessoais. Como podemos ver, para eles:

é essa mistura de várias cores, religiões, costumes, práticas, culturas, forma de viver, seria isso, e não muito diferente como falando a nível de país não é muito diferente quando a gente fala de comunidades quilombolas, nós somos diversos também, uma comunidade quilombola não é igual a outra e numa mesma comunidade quilombola a gente tem as diversidades, tem também a questão da variação da tonalidade da pele, a gente tem vários aspectos relacionados a alimentação, a culinária, a questão da religiosidade, as expressões das religiões dentro das nossas comunidades são diversas, as expressões culturais são diversas, a educação também ali da raiz é diversa, então a diversidade seria essa multiplicidade, essa diversidade de coisas (Emanuele Rodrigues, 2022) [grifos nossos].

É quando há diversos tipos de coisas, exemplos características pessoais como: cabelo, cor, os gostos rítmicos de cada um, igreja. Onde moramos há uma grande diversidade religiosa. O samba de cacete, e as várias formas de sua dança, como, por exemplo, na comunidade do Umarizal o samba é diferente do samba de Igarapé Preto (Márcia Martins, 2022) [grifos nossos].

Acredito que se o ser humano tivesse mais amor no coração, ele poderia viver bem melhor, porque **a diversidade de raça, de cor, de gênero, é como o mundo é.** Então, se cada um fizesse a sua parte, tivesse respeito e amor no coração, nós viveríamos bem melhor. **Eu acho que através dessa diversidade que temos no Brasil, nós viveríamos bem melhor.** E talvez se as pessoas entendessem isso, não existiria o racismo, não existiria o preconceito (Nilva Arnoud, 2022) [grifos nossos].

Nossa noção de diversidade admite a presença de múltiplas perspectivas e vozes, incluindo aquelas que historicamente foram marginalizadas ou excluídas do discurso dominante. É importante reconhecer e contribuir para uma vivência harmônica em meio a diversidade, buscando formas de dar voz às minorias e grupos subalternizados. Para Bhabha (1998) quando define diversidade, define *"não um problema ou um objeto de conhecimento, mas uma condição do pensamento e da vida social em nossas culturas híbridas"* (BHABHA, 1998, p. 212). Deste modo, a diversidade é uma condição fundamental de nossas culturas híbridas e complexas, como as do *lócus* de nossa pesquisa, que não pode ser reduzida a um mero objeto de conhecimento ou uma questão a ser resolvida. Em vez disso, devemos compreender a diversidade como um aspecto inerente ao pensamento e à vida social contemporânea destas localidades, que são cortadas por rios e estradas por onde trafegam indivíduos de muitas origens.

Nas falas de lideranças, como no caso de Nilva Arnoud, verificamos uma preocupação muito forte em relação ao resgate da autoestima dos indivíduos membros das associações, dos valores culturais da comunidade e da cultura negra quilombola. A liderança salienta uma esperança em se ter uma *"formação completa a todos os sócios da associação, de forma ampla, (...) resgatar a autoestima destes e combater preconceitos e principalmente o racismo, (...) assim como resgatar valores e a cultura da comunidade (...)"*. A questão da autoestima

negra no espaço comunitário como o quilombo, está vinculada aos fenômenos de preconceito, racismo e discriminação sofridos pelos indivíduos como um todo. Percebemos que as comunidades quilombolas não silenciam diante destas manifestações de tais fenômenos e têm contribuído para solucionar ou pelo menos suavizar o sentimento de inferioridade e baixa autoestima das crianças negras quilombolas.

Conforme Fanon (2008), o racismo como um fenômeno social cria hierarquias entre as raças, baseado em estereótipos, preconceitos e é utilizado para justificar a opressão e a exploração de grupos considerados inferiores. Segundo Fanon, o racismo não é apenas uma questão individual, mas sim um sistema de poder que permeia todas as estruturas sociais e que deve ser combatido através da luta coletiva e da descolonização. São reflexos que recaem no psíquico do ser negro que advém da reificação do processo colonial. A possibilidade de superação do racismo está articulada a “descolonização das mentes”, como Fanon afirma em *Os condenados da terra* (1961). Seria a possibilidade de transcender das relações individuais para a estrutura social que, nestes termos, reifica o pensamento colonizador.

No mesmo sentido Hooks (1984) define o racismo como *“qualquer movimento que tenha como objetivo transformar uma estrutura de poder que esteja em desacordo com nossas necessidades e interesses”* (HOOKS, 1984, p. 25). Esta pensadora enfatiza a necessidade de engajamento dos movimentos sociais que buscam a transformação das relações de poder existentes, a fim de atender às necessidades e interesses dos grupos marginalizados, para nós este é o caso do movimento quilombola.

Assim, a autoestima ou sua baixa está relacionado ao posicionamento de cada sujeito no plano individual, mas há reflexo no plano coletivo, no caso dos nossos sujeitos o plano coletivo está sempre a cargo do papel da associação. Se há de forma constante uma preocupação e se comenta muito as atitudes racistas nos encontros por nós promovidos ao longo da pesquisa. Como assevera Diogo Machado (2022),

na cabeça das pessoas tá bem claro, é que, ser bonito significa ser loiro, ter o cabelo liso, olhos claros, nariz fino e traços delicados, o eurocentrismo. Então o racismo se mostra pra gente assim, é sempre dando conotação que tais indivíduos que pertencem a uma raça são ‘inferiores’, são ‘piores’, mas nós entendemos que não. Não somos melhores nem piores que outras pessoas, nós somos de uma raça, e dentro da nossa raça existem diversas pessoas com níveis de conhecimento diferente.

No sentido de pautar a autoestima, este sujeito supõe que a própria associação pode se encarregar de ajudar a construir a identidade de seus membros, através de processos de diálogos/formações que visem combater estigmas, estereótipos e manifestações de racismos.

Como podemos perceber em campanhas que tanto a ARQIB quanto a escola desenvolvem rotineiramente.

Figura 26: Divulgação da culminância do projeto de Consciência Negra da Escola Municipal de Igarapé Preto.



Fonte: Página da ARQUIB no Facebook³⁶ (2022)

Pelas imagens podemos interpretar que não há uma negação da personalidade, pelo contrário ao longo de nossa vivência com este coletivo podemos perceber a exaltação da identidade negra. Em Cavalheiro (2001), negar a personalidade acarreta a negação de identidade, ou seja, o sujeito se percebe em uma realidade cultural, social e familiar de invisibilidade, ou estereotipada, e neste sentido, busca refúgio em uma outra diferente da sua.

Ainda em relação às percepções da liderança em relação à questão da autoestima como desdobramento do racismo, Emanuele Rodrigues (2022) salienta que:

o racismo é essa forma discriminatória, preconceituosa de ver o próximo, de julgar alguém pela cor da pele, principalmente falando do racismo pela população negra, a gente sente isso na pele, como comandante quilombola onde a maioria é da raça negra, tem raízes negras e a gente vê isso como um mal da sociedade, porque isso impede com que essa parcela significativa da população possa alcançar melhores condições de vida, melhores direitos e acaba sendo um fator prejudicial para que a igualdade aconteça.

³⁶ Disponível em: <https://www.facebook.com/arqib.quilombola.7?mibextid=LQQJ4d>

A definição de racismo, seja na educação ou em outras ciências sociais, vai além de uma conceituação meramente acadêmica. Ela traz em si as vivências concretas de coletivos humanos, que se traduz de forma diferente por quem o sofre.

A interação da comunidade no sentido de combater os processos que inferiorizam a cultura negra com relação a outras culturas não se configura em escalonar numa relação superior x inferior, mas na perspectiva de que as culturas se complementam e somam-se a riqueza cultural ali presente, como um todo, em seus processos de trocas simbólicas e materiais. No que observamos a comunidade quilombola busca em seus fazeres e práticas essencializar a cultura negra escapando do processo de situações que a folclorize. Em outras palavras, esta população se constitui como grupo que se homogeneiza em ideais, no entanto, respeita sua diversidade, posto que no movimento de diáspora negra não há processo cultural homogêneo.

Coube a nós na experiência de vivência com a comunidade quilombola refletir sobre os afazeres das associações que levam seus sócios a incorporar, efetivamente, as suas atitudes a preocupação e, dentro do possível, proteção da cultura negra local. As tradições culturais são sempre mencionadas de maneira não essencializada ou estereotipada, e a memória dos nossos sujeitos sempre buscam resgatar momentos tidos de forma orgulhosa destacadas por eles. Para Nilva Arnoud,

Na vida de liderança, consegui ganhar dos meus amigos digamos que uma ‘cesta de quilombo’, com farinha, verdura, beiju de massa, tapioca. **O espírito comunitário do quilombo quando alguém falece**, por exemplo, e a comunidade se mobiliza, cada um leva uma coisa, um leva açúcar, outro leva café, outro leva arroz, pra ajudar aquela família que está em luto. **Isso faz parte da nossa tradição. É quando alguém adocece e nós passamos fazendo ‘vaquinha’ nas casas. É o quilombo se unir** muitas vezes pra uma limpeza das ruas através das nossas coletas. **E o quilombo ainda tem aquela questão, a tradição que já está se perdendo, mas a questão do mutirão pra roçar.** Essa é a vida comunitária no quilombo (Nilva Arnoud, 2022) [grifos nossos].

Em Munanga (2005), a memória coletiva da comunidade negra interessa a todos os sujeitos da sociedade de forma ampla, visto que independente da ascendência étnicas, a cultura negra integra a cultura nacional. Lembranças como a descrita acima servem para comprovar de forma consistente a existência da população negra, o que configura também os processos de resistência desta população frente às dificuldades enfrentadas em seu modo organizativo. Observa-se que ela ressalta desde os laços de amizade quando destaca que a posição de liderança lhe trouxe amigos. Na nossa interpretação são traduzidos na “*cesta de alimentos*” como forma de sentimento impresso no sentido de que isso representa uma espécie de “bem querer” ao próximo.

Quando destaca a questão da morte no quilombo, percebemos que “ascende” o sentimento de união e carinho pelo próximo. Há solidariedade nesse momento, que sem dúvidas é de dor, faz com que as pessoas se solidarizem com os que passam por esta situação. A menção à tradição nos remete a memória e à necessidade implícita de que isto seja repassado para as gerações mais jovens. O sentimento de cooperação com a “vaquinha” reforça esta ideia. A palavra união “salta” ao discurso, e nos remete à tradição quando se destaca o mutirão.

Figura 27: Nilva Arnoud em discurso onde enfatiza a necessidade de se preservar os laços comunitários no quilombo.



Fonte: Acervo do autor (2022).

São estas as práticas que apontamos como Pedagógicas para esta população e nas expressão de Nilva Arnoud percebemos um sentimento nostálgico que vem em decorrência de uma memória afetiva. As lembranças percebidas nas falas são recuperadas pelas histórias contadas principalmente pelos mais velhos, é o efeito de se rememorar e renovar sempre os elos entre passado e presente. Para Bosi (2004) lembrar é refazer, reconstruir, repensar, através de imagens e ideias que são de hoje, as experiências vividas no passado. O que percebemos que se ressalta na fala de Nilva Arnoud é a busca de uma visibilidade positiva da história, cultura e memória da população negra local, que dentro da sua condição humanas, que por conta do processo incessante de colonização. é de desigualdades que oxigenam a formação de riquezas econômicas, sociais e a identidade nacional.

Em suas falas os sujeitos, em especial Nilva Arnoud (2022), no momento da fala ilustrada acima, sempre destacam o processo de colonização. Neste sentido definir este conceito a partir dos sujeitos se mostrou como de suma importância. Para a liderança,

Colonização é esse processo de tomada dos territórios por povos diferentes daqueles que o habitam, e nesse processo de colonização a gente consegue enxergar **uma tomada também dos costumes, das tradições**, e isso **implica, modifica a forma como aquele povo originário daquele lugar vivia**, ocorre uma **transformação** e uma **perda dos princípios ou daqueles valores enraizados** a partir do momento em que é colonizado por um povo diferente, **o povo originário acaba perdendo a essência ou sendo impedido de exercer a sua essência, isso de fato não ocorreu de forma mais eficiente**, ainda bem, falando do povo negro e quilombola, mas sim, **de certa forma foi prejudicial e ainda é prejudicial**, mas acaba sim atrapalhando a forma de vida do povo originário daquele local por conta dessa colonização (Emanuele Rodrigues, 2022) [grifos nossos].

Colonização **significa ocupação**. O nosso quilombo foi ocupado de uma forma bem estratégica, **os nossos ancestrais eram inteligentes e lutavam pela sua sobrevivência com muita resistência**, por ocuparem espaço longe das grandes capitais até hoje o poder público não atua de forma atuante dentro do nosso Quilombo (Claudilene da Rocha, 2022) [grifos nossos].

É **muito complexa** principalmente em nosso território quilombola **porque há muitas pessoas ainda com espírito de individualismo** (Nilva Arnoud, 2022) [grifos nossos].

O processo de colonização deixa marcas que são destacadas nas falas acima. Quando Emanuele destaca que *“é esse processo de tomada dos territórios”*, por exemplo. Podemos perceber que há uma recorrência atual por conta da especulação imobiliária que ocorre de forma bastante explícita por conta da economia da madeira, da pecuária de gado de corte e da previsão de asfaltamento da Transcametá. Se dialogarmos com a fala de Nilva Arnoud (2022) sobre a tradição, facilmente podemos perceber uma atitude performática e enfática sobre se superar a mazelas deixadas pelo processo de colonização. Já para Emanuele Rodrigues, há *“uma tomada também dos costumes, das tradições”*, consideramos aqui que isso é o apagamento destes sujeitos.

O apagamento dos sujeitos é uma prática interna à diáspora, que ocorre quando certas identidades e experiências são negadas ou invisibilizadas, levando a uma compreensão limitada e distorcida da realidade. Nesta perspectiva Quijano (2005) define a colonialidade como algo que gera esse processo de marginalização dos sujeitos, isto é a colonialidade do poder, que é um sistema global de hierarquização que coloca algumas culturas e identidades como superiores e outras como inferiores.

Quando Claudilene da Rocha (2022) destaca *“os nossos ancestrais eram inteligentes e lutavam pela sua sobrevivência com muita resistência”*, ela elabora a noção de que havia entre os ancestrais do local uma perspicácia em sobreviver ao processo de colonização que

tem perdurado até os dias atuais. Isso leva ao apagamento dos sujeitos colonizados, que são vistos como inferiores e subalternos, e cujas perspectivas e formas de conhecimento são negadas ou ignoradas.

A complexidade descrita pela literatura como demonstrado acima é perceptível pelos nossos sujeitos, como para Nilva Arnoud (2022) que define a colonização como *“muito complexa como muito complexa principalmente em nosso território quilombola porque há muitas pessoas ainda com espírito de individualismo”*. Pelo que observamos há uma racionalidade que faz com que o aspecto coletivo dos fazeres quilombolas presentes nas falas leva estes sujeitos a solucionar os problemas do cotidiano colocando o grupo a frente destes processos. O individualismo, característica da modernidade é posto na fala em destaque como algo prejudicial ao grupo e contribui para a invisibilização destes sujeitos.

Para Mignolo (2003), a modernidade ocidental é baseada em uma epistemologia eurocêntrica que nega outras formas de conhecimento e subjetividade. Isso leva à imposição de uma visão de mundo universal e individualista que ignora as diferenças culturais e epistemologias. Resistir em função do grupo é neste sentido romper com o eurocentrismo. O combate a este processo requer a valorização das perspectivas e experiências dos colonizados, e a decolonização do conhecimento e da epistemologia. Isso envolve a promoção da diversidade e da pluralidade cultural, a valorização da subjetividade e do conhecimento dos povos colonizados, além da luta contra a hierarquização global perpetuada pela colonialidade do poder.

A nosso ver é justamente isso que se tem presente em nosso *lócus*, é a constatação daquilo que se implanta de maneira bastante arquitetada neste processo colonização que *“implica, modifica a forma como aquele povo originário daquele lugar vivia”*. Nossos sujeitos são conscientes de que em seu território ocorreu um processo de *“transformação”* e declaradamente há uma *“perda dos princípios ou daqueles valores enraizados”*. Compreendemos que nossos sujeitos se colocam como sujeitos integrantes de um *“povo originário acaba perdendo a essência ou sendo impedido de exercer a sua essência, isso de fato não ocorreu de forma mais eficiente”*. As performances das lideranças quando resgatam suas histórias no sentido de influenciar na continuidade da resistência contribui para perceber que tanto a colonização quanto a diáspora ainda estão em curso e que estes dois processos *“de certa forma foi prejudicial e ainda é prejudicial”*.

Este aspecto do que é prejudicial como o que está presente em Césaire (2012) este autor faz referência a cor branca que aparece como algo evidente em nossas conversas como nossos interlocutores. O autor demonstra na passagem desta obra na passagem em que

aparece uma coroa carregada pelo negro que marcam o momento em que o narrador evocando o passado vislumbra crueldades vividas de modo comum neste tempo: “— eu numa estrada, criança, mascando uma raiz de cana / — arrastado homem num caminho sangrento uma corda no / pescoço / — de pé no meio de um circo imenso, sobre minha fronte negra / uma coroa de dáturas” (CÉSAIRE, 2012, p. 41). O que nos ajuda a definir colonização como um sistema de dominação política, econômica e cultural em que uma potência estrangeira exerce controle sobre um território e seus povos nativos. Aqui ocorre a crítica ao impacto desumanizador da colonização, que viola os direitos humanos, culturas e ecossistemas, e subjuga as pessoas colonizadas. Podemos entender na narrativa dos sujeitos que a colonização é apresentada como ação de opressão e violência e que, a partir do olhar da liderança quilombola, a população negra foi subjugada e escravizadas durante séculos na história do mundo. É importante reconhecer a história de opressão e exploração que a colonização representou para os povos negros, desvalorizando e respeitando sua cultura e história.

A perspectiva decolonial é muito crítica da colonização europeia e do quanto este processo representou uma das maiores violências históricas cometidas contra os povos originários, subjugando suas culturas e impondo valores e ideias eurocêntricas. É fundamental promover a decolonização do pensamento e das estruturas sociais, questionando e desconstruindo as ideias eurocêntricas que ainda dominam a sociedade. Além de proteger e promover a autonomia e a identidade negra dentro das comunidades quilombolas, criando espaços seguros e livres de discriminação, e reconhecendo a importância da luta contra a colonização para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Nossa vivência na região nos leva a interpretar que o contexto vivido por estas comunidades e seus sujeitos é parte integrante à sociedade nacional sofrendo por isso todos os impactos que o sistema escravista moderno deixou como legado aos subalternizados marcando-os como grupos relegados à inferioridade quando observados os negros e indígenas em suas culturas, o que tem justificado as causas que geram suas desigualdades de ordem econômica, cultural, educativa e política.

De um modo geral, podemos compreender que o fazer-se quilombola é uma importante atitude política de fundamental importância e deve se somar a tantas outras demandas de batalhas dos movimentos negros. A superação do racismo, por exemplo, pode como fim último promover uma educação de mentalidades, transformar as atitudes na sociedade em geral, mas também de forma pontual como na escola quilombola. Por outro lado, este posicionamento nos permite compreender que nossos sujeitos são responsáveis pela representação positiva dos afrodescendentes e os conectam com a África. Através disso, estes

indivíduos são capazes de influenciar na reescrita do que se conhece das comunidades quilombolas. Entre eles próprios quando se questionas das noções ou definições do que é a África há um dissenso como visto a seguir:

É um dos **'países'** que foram mais escravizados que foi um dos lugares de onde mais veio os escravos, querendo ou não ainda existe a escravidão nesses locais embora não fosse para existir (Márcia Martins, 2022) [grifos nossos].

Foi de onde nossos ancestrais vieram, mais exato foram retirados de lá, eram reis e rainhas foram arrancados pra serem escravizados. **A palavra África significa proeza e valentia** (Claudilene da Rocha, 2022) [grifos nossos].

Quando mencionado como *"país"* esta fala causou desconforto entre o grupo presente, o que nos deixa satisfeitos por saber que em sua grande maioria o grupo está para além de uma imagem unívoca da África. E não é que a liderança tenha a obrigação de se enquadrar nesta definição. Há uma positividade na expressão *"Foi de onde nossos ancestrais vieram"*, o que novamente nos leva a constatar que as falhas que porventura possam ocorrer em nossos processos educativos, a exemplo da educação formal no que concerne a definição da África em todos os seus aspectos. Para este mesmo sujeito *"África significa proeza e valentia"*, nota-se aqui o caráter de resistência presente no discurso.

O que percebemos das falas destacadas e das posturas das interlocutoras em questão coincide com o que para Coelho e Coelho (2013, p. 71), é preciso se refletir, a África deve ser definida como um continente diverso e plural, composto por diferentes povos, línguas, culturas e histórias.

As narrativas sobre a nossa formação como país e como nação optaram pela Europa como paradigma e epicentro de nossa história e como nossa herança mais importante. Nelas, os povos africanos e indígenas assumiram o papel de coadjuvantes, cuja participação foi vista, com importantes exceções, de forma mais alegórica que determinante

Estes autores destacam a importância de se superar as visões estereotipadas e monolíticas da África, que a funcionaram como um lugar exótico, atrasado ou homogêneo, e de se superar a riqueza e a complexidade das experiências africanas. Para Mbembe (2019) "África" é um conceito construído ao longo da história colonial, que se refere a um continente geográfico, mas também a uma série de estereótipos e preconceitos. A ideia de uma África "exótica" e "selvagem" foi criada pelos colonizadores europeus como forma de justificar a exploração e a opressão dos povos africanos. No nosso entender, é importante questionar essa construção e buscar novas formas de entender a história e a cultura afro-brasileira e africana como orienta a lei 10.639/03 estendendo este propósito da orientação normativa para todos os ambientes onde estas culturas se manifestam.

Entre nossos sujeitos a África é o ponto de partida da diáspora do povo negro, origem da história das comunidades quilombolas, que tiveram seus ancestrais trazidos para o Brasil como escravos. É fundamental respeitar a cultura africana, reconhecendo a sua importância na formação da cultura brasileira e na identidade das comunidades quilombolas. A promoção do intercâmbio cultural entre as comunidades quilombolas pode fortalecer a identidade e a autonomia destas. Como podemos perceber na literatura decolonial a África representa um continente que sofreu com a colonização e exploração por parte de países europeus, tendo sua cultura e história subjugadas e apagadas. A exemplo da obra *Sair da Grande Noite: Ensaio sobre a África descolonizada*, de Achille Mbembe, um ensaio que perturba ordens legitimadas e histórias políticas sobre a África a partir do prisma da narrativa europeia (MBEMBE, 2019). Percebe-se na Decolonialidade a importância em se desconstruir as ideias eurocêntricas que ainda dominam a sociedade, que desvalorizam a cultura e a história africanas e que perpetuam a opressão colonial.

De acordo com Munanga (2005, p.17), “não existem leis no mundo que sejam capazes de erradicar as atitudes preconceituosas existentes na cabeça das pessoas”. Entretanto podemos inferir que os processos educativos de forma ampla são capazes de desconstruir os preconceitos inculcados na população de forma geral. Como é o caso da simples utilização do mapa da África na identidade visual da ARQUIB em sua bandeira que de forma sutil não nos deixa esquecer a diáspora negra.

Figura 28: Logo da ARQUIB, destaque para o mapa do continente africano.



Fonte: Arquivo da ARQIB (2022).

A presença do mapa do continente africano na logo da ARQIB no proporciona a expectativa em relação às comunidades quilombolas de que está sempre presente a “necessidade de resgate cultural” que aparece como algo comum em muitas falas destas lideranças quilombolas. Sobre esta nossa impressão, a liderança quilombola diz:

Esperamos um resgate, **que através das nossas associações a gente possa resgatar nossa cultura**, resgatar a educação. Se não temos educação de qualidade para os nosso Quilombolas e demais moradores não vamos conhecer nossa história, pois muitos desconhecem a nossa luta. Esperamos que as pessoas que pesquisam aqui venham somar com a gente. Precisamos resgatar **aquilo que foi se perdendo ao longo do tempo**. Estamos na luta e não é só resgatar, é também levar nossos quilombos adiante (Nilva Arnoud, 2022) [grifos nossos].

Percebemos que há a manifestação de uma espécie de esperança de que as associações quilombolas continuem a empreender esforços no resgate da cultura local de seu povo. A nosso ver isso se dá pelo fato de as lideranças compreenderem que desde o dançar ou o cantar, assim como as inúmeras manifestações culturais são expressões de sentimentos (sofrimento, alegria, reivindicações) que fortalecem o imaginário deste povo, fortalece também sua identidade. O resgate cultural é posto, como percebido na fala acima, como apelo que pode ser visto como forma de dar manutenção ao pluriverso local de símbolos e significados.

O que se percebe é que nossos sujeitos esperam que os fazeres quilombolas auxiliem a comunidade em dar visibilizar e fortalecer esses conhecimentos tradicionais. A partir disto, nos vem em mente o quão é preocupante e grande a responsabilidade de quem está à frente destas comunidades em levar a diante a tarefa de promover processos políticos rumo a uma sociedade mais igualitária. Isto nos leva a perceber a tentativa de desconstrução e superação das distorções causadas por preconceitos e estereótipos. Este anseio se traduz em práticas da Pedagogia Própria deste grupo desenvolvida de forma consciente, concebida a partir dos conhecimentos quilombolas tradicionais.

Comprendemos que a ênfase recai sempre na dimensão cultural e o conceito de cultura é bastante mencionado com demonstrações de que a comunidade sabe do que está falando. Há uma preocupação muito perceptível em não deixar o modo de vida da comunidade quilombola ser esquecido. Suas vivências, mesmo em tempos difíceis, são lembradas com saudosismo, principalmente quando advindas da memória dos mais velhos. Como nesta fala de dona Laurença Arnoud quando compara os tempos de hoje em comparação com o tempo de seus pais:

Eu acho assim, muita diferença, que **antigamente no tempo do meu pai com a minha mãe era mais unido, eles tinham um grupo de serviço, um ajudava o outro**, era companhia, era uma turma de homem, agora aquele que não tivesse um pedacinho de carne pra levar ou um peixe, levava farinha, outro já levava a carne,

né? Ou o peixe e... (rs), levava até mucura (rs). Se pegava assava aquele moqueado levava para o serviço e agora, agora (...) (Laurença Arnoud, 2022) [grifo nosso].

O mutirão aqui é posto como estratégia de resistência, quem sabe até de sobrevivência. Dessa forma, a memória, externalizada nesta fala, desempenha o papel de revisitar com orgulho a união de outrora e na nossa interpretação há um aspecto pedagógico aqui. Dona Laurença Arnoud, é a mais idosa do Grupo Local de Líderes, é por nós percebida como alguém que aos olhos dos mais jovens carrega uma sabedoria que é exaltada, o que de certa forma se opõe à lógica ocidental que busca a juventude como meta.

Quando perguntado se a solidariedade no quilombo mudou Dona Laurença Arnoud emenda:

Hum... e muito, **um ajudava o outro**, o pai desse aí (se referindo ao filho que estavam próximo) e a família dele, **cada um tinha um setor**, aqui a gente chamava Pirangada era o nome que de quem morava bem praí, e a vila dos Lopes ficava mais praí e Mimicada era lá pro Cupu já, tinha Mendada, tinha os Lopes, dos Lopes passava pros Mendada dos Mendadas era Mimicadas que a gente falava o pai deles aqui, o avô deles era José Gustavo, e eu trabalhava com eles pra sustentar os meus dois primeiros filhos, trabalhei muito (Laurença Arnoud, 2022) [grifos nossos].

No que tange a indagação anterior podemos ver que a resposta tangencia nossa interpretação de que, em sentido produtivo, o quilombo é um dos universos dentro da comunidade. Segundo nossa interlocutora, aquele também era um espaço em que se possibilitaria ter educação produtiva. Em sentido produtivo, na contramão desta solidariedade são cada vez mais atingidas pela lógica da modernidade, uma lógica que exalta o sonho de vida feliz atrelado à moda, tecnologia e a mídia. Na fala da liderança quilombola, algumas atitudes de sujeitos das comunidades valorizam o que existe fora da comunidade de forma cega, quando demonstram o desejo de ter acesso a *“tudo que tem lá fora”*.

Essa postura impõe uma postura que desenvolve uma relação desequilibrada entre o que tem dentro e o que se tem de fora da comunidade. Julgamos ainda necessário se refletir sobre os impactos do imperialismo moderno e seus impactos no modo de vida destas comunidades quilombolas. Nossa noção de Imperialismo Moderno o define como campo ideias etnocêntricas e baseadas no darwinismo social que parte do princípio de que existe uma superioridade dos povos dominantes em relação aos subalternizados. De acordo com a liderança, o imperialismo se define como:

Quando a gente estuda história, a gente tem esse conceito do imperialismo como os países, determinados continentes expandindo seus territórios e conquistando novos povos e nações, mas o ponto chave seria essa noção que o imperialismo tinha de superioridade sobre outros povos, de domínio, então principalmente o imperialismo europeu que dominava um determinado povo, um determinado país, mas empunha também a sua superioridade sobre aquele povo, impondo a religião, o costume do povo dominador sobre o dominado, não validando o que já tinha

naquele local como cultura, como relação com o meio ambiente, então esse seria o ponto crítico, e **a gente vê isso como algo negativo pros povos dominados** (Emanuele Rodrigues, 2022).

Sobre o imperialismo **é o que acontecia desde antigamente no cenário da África** o que faziam com nosso povo é algo revoltante, **tiravam as pessoas de sua terra e traziam para um país pra ser escravizados**, eu as vezes fecho os olhos e imagino o quanto nossos antepassados sofreram (Nilva Martins, 2022) [grifos nossos].

É perceptível que Emanuele Rodrigues demonstra ter um olhar muito apurado dos efeitos do Imperialismo Moderno pela nossa interlocutora. O que chama atenção é a forma bastante eloquente como ela define as características deste fenômeno, *“Quando a gente estuda história, a gente tem esse conceito do imperialismo (...)”*, percebe-se aqui que ocorre um embasamento numa formação acadêmica e por isso a valorização da educação escolar. Quando a interlocutora amplia para *“(...) países, determinados continentes expandindo seus territórios e conquistando novos povos e nações (...)”*, ela responsabiliza os países europeus pelos processos de expansão e deixa evidente que há um ponto de partida para a instalação deste imperialismo. E finaliza de forma brilhante apontando que *“(...) o ponto chave seria essa noção que o imperialismo tinha de superioridade sobre outros povos (...)”*, os aspectos atingidos pelo processo de colonização na visão dela são de toda ordem como destaque na fala temo *“(...) a religião, o costume do povo dominador sobre o dominado, não validando o que já tinha naquele local como cultura (...)”*. E finaliza, *“(...) a gente vê isso como algo negativo pros povos dominados (...)”*.

Para Said (1993), o imperialismo é um sistema político, econômico e cultural que busca controlar e dominar outros povos e territórios, a fim de garantir vantagens e interesses para a metrópole. Ele destaca que o imperialismo não se restringe apenas às relações de poder entre as nações, mas também se expressa nas produções culturais, nas representações estereotipadas e exóticas dos povos colonizados, e na imposição de valores e normas ocidentais como ocidentais. Em *Cultura e Imperialismo* (2011), Said elabora acerca da relação entre cultura e império. Aqui a ênfase recai sobre as narrativas que permitiram a dominação imperial do mundo não-europeu e sobre as criadas e utilizadas pelos próprios povos colonizados para “afirmar sua identidade e a existência de uma história própria (...)” (SAID, 2011, p. 11).

A partir desta definição podemos perceber que os sujeitos em destaque têm uma noção bastante apurada que é sempre destacada em suas falas em momentos em que atuam na posição de liderança. Na fala de Nilva Arnoud quando define imperialismo podemos perceber que ela busca uma conexão entre o que é o momento atual e situação vivida pela comunidade quilombola e o que ocorria no momento da colonização. Para ela o imperialismo se traduz por

atitudes no passado de povos dominantes que (...) “*tiravam as pessoas de sua terra e traziam para um país pra ser escravizados*” (...). Ela tende a definir este fenômeno muito próximo do que define Césaire (1978), para este teórico o imperialismo é o conjunto de práticas políticas, agressivas, militares e culturais utilizadas por uma nação para expandir seu poder e influência sobre outras nações ou territórios. A reflexão em Césaire em *Discurso sobre o colonialismo* parte da perspectiva histórica e abrangente que este teórico adota e expõe nos primeiros deste ensaio:

Uma civilização que se mostra incapaz de resolver os problemas que suscita seu funcionamento é uma civilização decadente. (...) O fato é que a civilização chamada ‘europeia’, a civilização ‘ocidental’, é incapaz de resolver os dois principais problemas que sua existência originou: o problema do proletariado e o problema colonial (CÉSARIE, 1978, p. 06).

A partir desta definição classificamos o imperialismo como sendo inerentemente violento e opressivo, pois busca submetê-lo e controlar os colonizados em nome do lucro e do poder. Cabe destacar que o imperialismo europeu e a escravidão africana por ele provocada foram essenciais para o desenvolvimento do capitalismo e da modernidade ocidental.

Para nossos sujeitos o imperialismo representa nosso processo de colonização, a dominação política e econômica de países poderosos sobre os outros povos e seus descendentes, incluindo as comunidades quilombolas. São visíveis os impactos do imperialismo na vida das comunidades locais, que enfrentam a exploração de seus recursos naturais, a perda de terras, a violação de seus direitos e a opressão colonial. É importante destacar que as comunidades quilombolas têm resistido na luta contra o imperialismo, buscando a garantia de seus direitos e a promoção de uma sociedade mais justa e igualitária. Na nossa interpretação o imperialismo obedece ao mesmo sentido de continuidade do processo de colonização.

Observou-se os líderes se posicionam como sujeitos conscientes dos processos aos quais estão envolvidos, assumem seu papel de agente central em nível coletivo na tarefa de combater o processo incessante de colonização, conforme se definiu acima. Desta forma é perceptível um compromisso com o pleno funcionamento da ARQUIB no que concerne às aceções sobre as problemáticas as quais estes sujeitos estão envoltos, como demonstrado ao longo desta tessitura textual. Não se atribui a ninguém externo a tomada de posição em sentido da sua racionalidade. Por exemplo, do processo de definição do que é colonização pegamos um gancho e definimos exploração a partir de uma fala de Emanuele Rodrigues que ocorreu *a posteriori*:

Uma das consequências do imperialismo, a parte do momento em que eles expandiam e descobriam novas nações e lugares, havia essa exploração, não só de recursos naturais, como minérios, vegetação, madeiras, mas também a exploração cultural, a exploração da mão de obra humana que aqui no Brasil foram os negros e indígenas. Então eu vejo a exploração que tem um significado positivo em outros contextos, existem explorações sustentáveis, mas nesse contexto advindo do imperialismo, só conseguem ver conceitos negativos, a gente só consegue associar a questões negativas, principalmente quando a gente pensa no tanto de exploração que houve no contexto dos nossos antepassados negros e indígenas (Emanuele Rodrigues, 2022).

Podemos notar que o ponto de partida é a expansão territorial, e aqui deduzimos ser a europeia, que ofende as áreas atingidas em todos os seus aspectos “(...) *recursos naturais, como minérios, vegetação, madeiras, mas também a exploração cultural, a exploração da mão de obra humana que aqui no Brasil foram o dos negros e indígenas (...)*”. Ter esta postura demonstra que há um senso crítico acerca da sua condição de herdeira deste legado de exploração posto que não só do ponto de vista fenotípico, mas também no tocante às outras formas de exploração como é o caso da ambiental, típico do estamos passando na Região Amazônica como um todo. Na sequência, Márcia Martins, Claudilene Rocha e Diogo Machado emendam:

A exploração **tem a ver desde o desmatamento** das áreas onde eles habitam e não só na região deles que a **o desmatamento, mas em diversas regiões quilombolas**. Para ela se eles desmatassem, mas replantassem aquilo que foi arrancado o problema e o impacto não seria tão grande como é. (Márcia Martins, 2022) [grifos nossos].

Nosso país foi tão explorado **a maioria das nossas riquezas foram levadas pelos europeus principalmente a exploração do pau Brasil**, hoje o foco são nossas plantas medicinais (Claudinete da Rocha, 2022) [grifos nossos].

A exploração pode ser classificada em diversos fatores, por exemplo, exploração **da mata**, através da **formas de cultivo**, hoje utilizamos **a queima de uma parte do campo** para limpar a área para plantar, o que está errado, pois seria certo uma máquina para trabalhar na área de plantio pois a queima é muito prejudicial para nós, para uma visão do reflorestamento, **a Amazônia é um exemplo de exploração** pois na minha opinião a Amazônia não é uma área propícia ao plantio e sim para preservação da mata (Diogo Machado, 2022) [grifos nossos].

Na literatura decolonial, a exemplo de Mignolo (2003), a discussão sobre exploração, a partir da colonialidade do ser, perpassa os aspectos econômico, cultural e epistêmica e isto é imposto pelo sistema colonial, afetando as perspectivas dos povos colonizados. Esta análise nos leva a compreender que o processo de colonização estabelece um sistema de exploração que marginalizou as culturas e saberes do colonizado, e que sua superação requer uma transformação epistêmica e política. Neste sentido podemos perceber que os sujeitos acima se posicionam de forma bastante contundente quando se trata da definição do que vem a ser este processo, inclusive se posicionando para o enfrentamento desta problemática pela organização por via da associação. Mais uma vez, quando cruzamos as falas percebemos que há uma

espécie de “norte” dado pelo discurso de Emanuele Rodrigues que tangencia as demais falas dos sujeitos, como uma “ação pedagógica” com relação aos que a ouvem.

Na perspectiva econômica a partir da obra “Como a Europa Subdesenvolveu a África” de Rodney (2010) afirma que a África foi subdesenvolvida pelo colonialismo europeu, que explorou os recursos do continente africano em benefício próprio, em vez de promover o desenvolvimento econômico africano, e essa exploração foi fundamental para o subdesenvolvimento e pobreza no continente africano. Ele examina as políticas coloniais encorajadoras e como elas foram projetadas para extrair recursos do continente, em vez de desenvolvê-lo. Pelo que se percebemos dos nossos sujeitos a exploração impressa nos quilombos da região é uma realidade fruto da sequência de fatos que envolvem os afro-brasileiros e africanos que viveram o violento processo de colonização a partir de 1492. Hoje o que se enfrenta é a manutenção formas de opressão. Na literatura decolonial a exploração é uma das consequências da opressão colonial, onde os povos mais tolerantes e considerados são submetidos à dominação política, econômica e cultural por povos mais poderosos.

No momento das falas mediante os questionamentos e diálogos livres as lideranças pareciam se sentir representadas nas falas dos seus pares nos passando a impressão de que a vivência comunitária em muitos momentos é a realização de um desejo coletivo.

Pra mim a associação do porte da ARQIB é a realização de um **sonho, que sonhamos lá atrás. Tivemos esse sonho de ter uma associação que nos unisse. Veja hoje são 12 comunidades ligadas pela ARQIB.** Por que será que conseguimos? Por que temos união. Aqui dentro e aí fora somos considerados unidos. Esse grupo nos representa. (Manoel Rodrigues, 2022) [*grifos nossos*].

A liderança quilombola afirma um bom funcionamento da associação e denota um avanço diante de suas frentes de luta. O que nos parece evidente é que a unificação por via da ARQIB somasse a necessidade de união desta população em torno deste processo de resistência. As falas destacadas vêm num intuito de corroborar com o que é afirmado em Munanga & Gomes (2006), que demonstram que a história da escravidão traz em seu paralelo processos de luta e de busca incessante de organização, de atitudes invisibilizadas de bravura e coragem que caracterizam o que afirmamos aqui, há um processo de “reexistência negra” que se consagram num processo de insubmissão às várias formas de submissão às quais essa população é exposta. Neste sentido já podemos afirmar que no *lôcus* o processo de colonização fadou nossos povos tradicionais às distorções negativas as quais fundam o capitalismo e estas populações têm conseguido reexistir.

As lideranças, quando interpeladas sobre o motivo pelo qual fizeram uma associação que congrega 12 associações, não souberam responder o que de fato levou a tal organização

em termos de orientação o que destacam é o “*critério união e intimidade das comunidades*” (Manoel Rodrigues, 2022).

As comunidades territorialmente estão conectadas por pelo rio e pelas estradas, por seus espaços físicos comunitários, pela sua religiosidade (pouco mencionada, mas predominantemente cristã), e o mais importante, não são as conexões físicas, sim o espaço influencia muito, mas há uma qualidade de propósito, vontade de fazer-se unidos.

Uma fala emocionada de Emanuele Rodrigues (2022) resume o que foi o Grupo Focal de Líderes:

É, Como você já sabe nós somos uma associação, eu considero uma das maiores da região, né? Somos 12! E olhando pra trás, não é que a gente não tenha vindo a conseguido nada a gente conseguiu já muita coisa se a gente for olhar há 20 anos atrás. Eu nasci aqui nessa vila de Igarapé Preto, e aí analisando a minha infância pra cá nós já avançamos muito no sentido de políticas públicas, sociais, a questão da luta pela energia que eles fizeram parte, por educação, por saúde e por isso mesmo que eu vejo ainda que a gente pode ainda avançar. Olhando esses pontos aqui do grupo focal, da união, liderança, a parte da educação, quilombo, resistência... Um dos motivos que me fez entrar é justamente, é conseguir lutar. Através da associação as melhorias vem. As políticas públicas em educação e saúde só acontecem se a gente se unir, que essa palavra união também é um dos nossos princípios. Nós somos 12 comunidades, é muito extenso o território, e estamos em busca de união, que é o ponto principal. Eu acho o que o que foi abordado já estava no nosso pensamento. **SOMOS LÍDERES! Essa formação nós damos uns aos outros.** A gente quer que as pessoas entendam esse papel enquanto liderança. A importância de ter alguém em cada comunidade, que realmente assuma esse papel de tá correndo atrás, de ir em busca dessas melhorias, e incentivar outros a serem líderes também. Porque aqui a gente tá na diretoria, representando as 12 comunidades, mas em cada comunidade a gente tem 2 diretores, em cada uma das 12, só que a gente vê, observa que ali eles ainda não compreenderam de forma assim total o que... qual é realmente o papel deles e de como eles podem estar somando com a gente. A gente depende desse trabalho, de se fazer líder pra poder avançar aqui na diretoria, na executiva e nos demais. Nós podemos sim, nós temos um potencial muito grande de avançar nesse sentido. A parte da educação que é algo que ainda me preocupa. entristece muito porque e não é uma realidade só das nossas comunidades a gente conversa ali com o pessoal de Mocajuba, do distrito... das colônias de Baião e entre outras que a educação quilombola que é um direito nosso, ela ainda não é implementada de fato, né? A gente não enxerga a questão da merenda quilombola, né? Do fornecimento da merenda ser de preferência aqui da agricultura familiar, e de poder alavancar também pra isso teria que alavancar a agricultura pra poder tá fornecendo implementação da educação quilombola como um todo, então eu vejo muito isso como uma, como algo que a gente tem que correr atrás também pra conseguir porque a partir da educação quilombola que a gente vai também tá formando futuras lideranças, porque educação quilombola ela vai entrar ali tanto na cultura, quanto as crianças aprendendo, né? De onde vieram as suas origens, é... quais as nossas lideranças mais antigas, no que elas contribuíram, de onde a gente veio, né? E a gente não vê isso implementado nas salas de aula, então aqui dentro já era pra ter, né? Essa formação com... qualificar os professores, tanto a estrutura escolar pra tá trabalhando isso pra que eles comecem ali, né? Na base, e eles chegarem... como o professor Diogo, né? Falou tem pessoas que na hora da entrevista do PSE ligam e perguntam, né? Sim eu subi que vão perguntar sobre movimentos sociais, sobre participação, principais culturas alimentares e aí a pessoa não tem essa base, isso era pra tá acontecendo aqui dentro da família, dentro da escola, né? Que a escola não é só ali o prédio escolar, né? Começa na família. É em relação também as nossas políticas públicas eu acho que nós temos muito ainda o que conquistar pra cá, né? Dentro do nosso território nós temos é... aqui falando da saúde, né? Nós temos, por

exemplo, 2 postos de saúde que ainda não atendem nossas necessidades enquanto zona rural, enquanto quilombolas que a gente sabe que existem políticas específicas pra essas... pra nossas comunidades, pra essa população que é a quilombola rural, né? Porque também tem a quilombola urbana, e aí nós não somos abraçados ainda e nós não estamos longe, tão longe assim dos centros, das sedes dos municípios, né? Somo rurais, mas a gente ainda vai em Baião ali rapidinho, né? Oeiras já é mais afastado, mas também a gente não tá tão longe, há uma grande falta, né? De interesse ou desse olhar aqui mais cuidadoso em relação a essas políticas que são específicas pra nós e os gestores eles fingem que... que não existe, né? E a gente vai ficando sempre ali, deixando passar eu acredito que a união que vai fazer a gente também tá indo cobrar essa parte aí das políticas públicas não só da área da saúde, da educação, né? Da agricultura, então a gente tem essa necessidade imensa, eu vejo sim, eu tenho esse olhar para o futuro um dia em que a gente vai poder tá lembrando dessa conversa aqui e vendo que gerou frutos e a gente vai a partir disso começar a se organizar a tá formando realmente essas lideranças pra que a gente possa alavancar daqui pra frente, né? Então o nosso compromisso hoje dentro da associação é esse, assim com muito suor não é Nilva? Às vezes a gente bate, dá de frente assim, as pessoas não dão essa credibilidade, né? Não entendem ainda o poder que nós temos na mão porque eu digo que 12 comunidades quilombolas tem um poder muito grande nas mãos, só que nós ainda temos que saber usar esse poder, né? Junto aí as gestões, ao governo, ao estado, a federação, enfim, então nós temos essa potencialidade, né? Eu vejo isso no futuro à gente conquistando tudo isso e além do que a gente já conseguiu aqui com as antigas lideranças que foi a questão da energia, da internet, né? Da saúde, mas eu vejo que a gente pode conseguir muito mais e deve, né? Porque as nossas comunidades expandiram, cresceram nossa população aumentou, nossas necessidades hoje são diferentes daquelas que nós tínhamos há 15, 20 anos atrás e a gente precisa alavancar, né? Sem perder a nossa tradição, né? A gente não vai deixar de viver e de cultivar aquilo que é da tradição quilombola, mas a gente precisa andar também junto com a modernidade, junto com o que tem hoje, é aquela situação que tem, né? Eu acompanho muito também as lideranças indígenas e há um preconceito, né? Quando ver um indígena com um Iphone na mão... que ainda

A mesma liderança destacou a importância dos trabalhos de pesquisa para a visibilidade das Comunidades Quilombolas. É possível inferir que até o final da década de 1990, pouco se tinha de organização das associações no formato atual, sendo que as primeiras associações nesta região são fundadas em 1999, a exemplo da Associação Quilombola de Umarizal. Com a fundação das associações inicia-se o trabalho em torno da dimensão da visibilidade e da certificação da Fundação Cultural Palmares. Hoje vemos a implementação de políticas públicas a partir da iniciativa das próprias Associações por conta do seu protagonismo. Na avaliação das lideranças, o Grupo Focal de Líderes deixa um legado de parar para refletir sobre as problemáticas da ARQUIB buscando visibilidade à existência de vozes que devem ecoar em defesa dos ideais quilombolas.

Nas comunidades quilombolas, o artifício da memória se apresenta como um dos elementos precisos no auxílio para a reconstituição do que já se passou e catalisa os interesses coletivos. É a memória que ativa o passado e reorganiza os trajetos aos quais as novas gerações de líderes devem seguir. Ela está enraizada nos espaços da comunidade, reavivar de forma positiva as memórias, gera união. Assim a história do povo negro jamais será esquecida. É importante que não seja esquecida a história de escravidão e as estratégias de

resistência do povo negro, além do abandono por parte do Estado no diz respeito à implementação de políticas públicas de reparação. Ao longo da nossa atividade de campo a liderança o tempo todo salientou que não se deve esquecer o passado, suas sequelas, que são visíveis, e que a é o mecanismos do qual se extrair lições e estratégias para a sua Pedagogia Própria no que diz respeito às saídas ao pensar e agir no presente e no futuro.

Diante do exposto, evidenciamos que, a postura da comunidade, aqui representadas pelos sujeitos que compõem o Grupo Focal de Líderes em relação à associação quilombola é a de que seus membros, sejam estes líderes ou não, consigam por meios diferentes de formações para a vida, contribuir para a construção de uma sociedade que reconheça que a cultura quilombola se faça presente de forma emancipada das demais na cultura nacional.

5 DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DAS IMEDIAÇÕES DA TRASCAMETÁ À EDUCAÇÃO

O trajeto que percorremos ao longo deste estudo nos trouxeram ao ponto de chegada que nos possibilitou enxergar, de forma qualitativa, os processos de reexistência material e imaterial das comunidades das imediações da Transcametá, sob a ótica dos fazeres culturais, população, patrimônio cultural, modo de vida e pensamentos (que é o que se configura a vida total) ali manifestados. Nossa definição de patrimônio cultural se aproxima da perspectiva de que são “todas as coisas imóveis ou móveis a que deva estender a sua proteção o estado, em razão de seu valor artístico, de sua significação histórica ou de sua peculiar e notável beleza” (PINHEIRO, 2006, p. 7). Acreditamos que o reconhecimento das comunidades quilombolas, enquanto patrimônio cultural vai ao encontro do imenso interesse da academia e movimento que se faz sobre estas culturas.

Nessa perspectiva, o patrimônio cultural torna toda e qualquer comunidade singular, posto que faz com que suas vivências de povo originário se manifestem de forma objetiva na sociedade como um todo. Acreditamos que estas particularidades, e as conexões que apresentam com o geral, contribuem para a constituição das relações sociais Quilombo, Sociedade, Estado, Municípios circunvizinhos, nação brasileira, entre outras. Além disso, este patrimônio cultural, via de regra, integra o rol da cultura mais geral e reforça a identidade cultural e social de moradores e descendentes dos quilombos, influenciando para a diminuição de relações sociais conflituosas.

É este o sentido de pertença e patrimônio cultural que perfaz a identidade e processos de reexistência, pautando direitos sociais específicos do ser e estar em Quilombo. Acreditamos, assim, que as modificações do quadro jurídico-normativo que permeiam essa questão só se materializarão a partir das práticas do respeito, antes de tudo, e da lei em si, posteriormente.

Decorre dessa concepção a ideia de patrimônio cultural que culmina com as práticas educativas desenvolvidas nos Quilombos das Imediações da Transcametá, elo sensível de uma forma de educação, aqui definida como possuidora de uma Pedagogia Própria. Esta perspectiva considera os aspectos étnicos, históricos, antropológicos e culturais associados à este patrimônio seja ele de ordem material ou imaterial, desde que obedeçam ao princípio de influenciarem na produção de conhecimentos, na valorização, no respeito e na conservação das tradições deste território e na transmissão desse patrimônio cultural como herança.

Ao dialogar com os sujeitos desta pesquisa percebemos que eles encaram a própria história enquanto sujeitos que desempenham papéis políticos importantes para a continuidade da vida coletiva e, por conseguinte, a propagação cultural dos territórios negros do Brasil. A heterogeneidade destes coletivos contemporâneos tem comungado com a noção de resistência, afirmação da identidade étnica, valorização da religiosidade afro e a necessidade de se transmitir às culturas locais a visibilidade dada ao princípio de liberdade e de convivência coletiva, superando a sistemática demarcação das cercas e levante de muros que impõem a limitação dos espaços que devem ser ocupados pelas pessoas.

Quando esta leitura é feita, na mesma perspectiva, torna-se possível o processo de conscientização de que um mundo de alteridade é necessário. Atualmente, a reflexão aponta para um ensino em que os territórios quilombolas não são lugares atrelados ao passado, ligados apenas a um imaginário de fuga dos povos africanos escravizados, ou ex-escravos como passaram a ser rotulados. Diferente disso, esta ressignificação pauta os quilombos como locais de culturas – culturas no plural – como em Bhabha (2010) e Certeau (1995), bem como de tradições e de valores, terra de cosmologias e cosmogonias próprias que merecem respeito e que são vivenciados com orgulho por seus habitantes e não habitantes. Nossa Tese assim se reafirma, pois somos sujeitos e que vêm resistindo ao processo de subalternização que o colonialismo tentou (e continua tentando) nos impelir.

Ressaltamos que a história e a cultura de um povo é o que compõe sua vida total. Deste modo, os processos educativos são de fundamental importância para representação e inserção das comunidades quilombolas na sociedade nacional. É relevante dar ênfase na ideia de que as comunidades quilombolas desta região fazem parte de uma história que foi “contada” nos livros oficiais, mas que é urgente que aprendamos a nos enxergar, enquanto grupos étnicos, como indivíduos sujeitos de sua própria história. Acreditamos que a dignidade da vida cidadã só pode ser exercitada se houver empenho e luta contra toda forma de opressão ou trato desumano aos quais a população negra vem sendo submetida ao longo da história da sociedade mundial.

Os processos de socialização, em especial a educação, têm a capacidade de propagar a ideia de que os Quilombos são territórios que fazem parte da herança cultural brasileira, juntamente com os demais, o que em si ajuda a reeditar a história oficial. Cabe neste sentido destacar que a oficialização dos quilombos, como símbolo de resistência dos movimentos negros brasileiros, o que remonta aos anos de 1970. Contudo, as ações decorrentes dessa resistência ocorrem por meio de movimentos históricos anteriores ao século XX.

Nesta perspectiva, observamos que a falência do modelo colonial coincidiu com a necessidade de criar novas formas de pensar a sociedade, cultural e politicamente, através do rompimento com a hegemonia epistêmica colonial, através do *lóci* de enunciação do colonizado. Os estudos decoloniais se articulam a essas novas demandas, sistematizando uma leitura social feita através das periferias, ou seja, das bordas do império (PASTI; JÚNIOR, 2019, p. 6).

Destacamos que é necessário conservar estes patrimônios culturais que o povo quilombola articula em torno de si, a partir do reconhecimento de direitos de cidadania e, principalmente, da posse de suas terras. Este processo não exclui a educação escolar quilombola que pode ajudar a expressar a dinâmica do cotidiano destes espaços, no caso da ARQUIB gira em torno de aproximadamente 3000 sócios efetivos de sua associação que congrega 12 comunidades.

Verificamos que é necessária a compreensão da diversidade dessas culturas dentro de suas especificidades, além de ampliar o raio de visão acerca da existência dos saberes e práticas tradicionais presentes neste território quilombola, além de buscar potencializar na população quilombola a riqueza humana, histórica, simbólica, material e imaterial que estes sujeitos possuem. Percebemos que é fundamental que ocorra a mediação entre a dinâmica da constituição do ser quilombola, a partir de uma consciência crítica atrelada a uma valorização do seu território, da identidade étnica, da construção da imagem positiva do que se assemelha a sua cultura, no intuito de orientar para o cuidado com a herança advinda de sua ancestralidade, enquanto componente do que se constitui o povo brasileiro.

Em Medeiros (2018), a definição do “ser quilombola” se ampara no que está descrito no Estatuto da Associação Quilombola de Umarizal-Beira, naquele documento parto do princípio da definição de identidade, consoante ao que apregoa o Art. 4º “indivíduos que integrem e/ou vierem a integrar as comunidades remanescentes de Quilombos Umarizal Beira, Umarizal Centro, Boa Vista, Paritá Miri e Florestão” (p. 97). Ocorre o sentimento de pertença que serve de critério de exclusão ou inclusão pautado na origem destes indivíduos, que são oriundos destas localidades, os que nelas já não moram e que possuem laços de parentesco, cultural, que mantêm o trabalho com a terra, praticam esportes ou contribuem de outra forma com a comunidade.

Configurar-se como comunidade quilombola é um ato político, nestes territórios ocorrem inúmeras disputas históricas que vão desde o reconhecimento das suas tradições, passando pela legitimação da demarcação e uso do seu território, além da busca por políticas públicas para as suas populações. Cabe ressaltar a importância dos processos políticos

próprios, a vinculação de uma educação quilombola a partir de uma Pedagogia Própria que se inscreve nas práticas comunitárias, sem deixar de lado a educação escolar quilombola na inserção das demandas destas comunidades na sociedade nacional. Dar luz a este debate torna-se um dos caminhos para a viabilização do que vem a ser o processo de apreensão do que é ser quilombola, enquanto sujeito social, sujeito de educação, sujeito de sua história.

Acredito que as experiências, atitudes e práticas atuais devem ser consideradas como contributo no fazer-se quilombola, pois são constituídas da *práxis* social que forma estes seres humanos críticos com relação à sua condição humana neste território, reflexo da forma como nosso país lida com os povos originários. Deste modo, percebo que as instituições inseridas na comunidade têm conseguido mostrar os possíveis caminhos para a continuidade das lutas por direitos, muitos dos quais já presentes em os dispositivos legais, mas que devem ser exercitados para a consolidação.

Devemos salientar que as manifestações de ordem comunitária, por sua vez, influenciam positivamente na formação moral de valores educacional e humanos dos membros destas comunidades que refletem na sociedade em geral. Vemos que é muito relevante a contribuição das batalhas específicas deste grupo que se somam às das outras minorias jurídicas em todos os sentidos. Por isso, os processos educativos são importantes para esses grupos étnicos.

Diante disso, noto que por meio das práticas coletivas, principalmente por via das suas associações, os quilombolas se orientam e se preparam para contribuir com o desenvolvimento de seus lugares de origem, a partir da luta permanente por seu território, na exigência da concessão dos seus direitos frente ao estado brasileiro.

Falar da importância dos processos educativos para a comunidade quilombola é fazer referência ao exercício da *práxis* educativa em Freire (2013), salientada a partir do diálogo crítico, da problematização e dos reflexos que a comunicação possibilita por meio da educação.

Os processos educativos concebidos por Freire (2013) adotam práticas de enfrentamento e liberdade que se relacionam com o que definimos como patrimônio cultural do próprio território quilombola. Estes processos se fazem num “esforço permanente através do qual os homens vão percebendo, criticamente, como estão sendo no mundo com que e em que se acham” (FREIRE, 2013, p. 100).

É perceptível também que o debate ou motivação para a mobilização social dos quilombolas ocorre de acordo com a situação presente, de acordo com a urgência e concretude do que vem a refletir na comunidade como um todo. Em reuniões das quais estivemos

presentes, podemos perceber que as aspirações da população quilombola desta região também enfrentam suas contradições internas, como qualquer outra instituição, o que reforça a importância do fortalecimento dos processos educativos freirianos.

De tal modo, destaco também que a presença da escola nos Quilombos deve prever a prática da liberdade. Em seu contexto, nos momentos em que pude contribuir no debate da educação para as relações étnico-raciais, percebi a necessidade de se inserir de maneira correta a riqueza material, imaterial, natural e humana destes territórios. Ficou perceptível nas falas dos professores que a educação escolar quilombola da região não contempla a aplicabilidade da Lei nº 10.639/03 e da Lei nº 11.645/08, bem como as Diretrizes Nacionais para a Educação Escolar Quilombola. Ressalto que, com base nestes dispositivos, seria possível fundar esta educação escolar no diálogo e na problematização sobre a realidade concreta e sua relação com os saberes e práticas ancestrais.

Figura 29: Reunião de formação com professores da área de abrangência da ARQUIB



Fonte: Acervo do autor (2022).

De acordo com esse modelo formativo, a escola e seus profissionais, inseridos no quilombo, devem influenciar para que se faça uma formação adequada dos envolvidos nos processos pedagógicos para que se estabeleça uma educação adequada aos territórios quilombolas. A formação e capacitação continuadas, prioritariamente estabelecida, devem obedecer às especificidades desses grupos étnicos, de modo que visem a reconhecer sua história, suas relações sociais e sua cultura.

Em minha concepção, cabe aos profissionais que atuam na educação escolar quilombola o reconhecimento desses territórios em suas especificidades, buscando-se o efetivo cumprimento dos dispositivos legais citados acima que podem levar a este processo de valorização cultural dentro de uma proposta didático-pedagógico que venha a proporcionar à

comunidade como um todo um ambiente de aprendizado sobre seu próprio processo constitutivo.

Partilho a concepção de educação escolar que leva a refletir sobre práticas que valorizem o contexto geográfico local, capazes de instruir a população a sentir orgulho de sua ancestralidade africana e afro-brasileira, que apontem para ideia de ir em busca de se tornarem profissionais de áreas do conhecimento que venham a somar na melhora da vida comunitária, de si e de seus semelhantes. Reflexo desse processo pode ser percebido pelo crescente quantitativo de jovens que adentraram o ambiente da educação universitária e retornaram com a intenção de contribuir efetivamente com a comunidade, enquanto profissionais recém-formados. Este é o caso da fisioterapeuta Emanuele Rodrigues que tem atendido seus pacientes no posto de saúde do quilombo de Igarapé Preto.

Figura 30: Fisioterapeuta Emanuele Rodrigues em momento de diálogo na pesquisa (A) e em dia de atendimento (B).



Fonte: Acervo do autor (2022).

Apesar das limitações estruturais, a meu ver, as escolas do quilombo têm cumprido importante papel no processo de educação, no que diz respeito à valorização, respeito e orgulho do lugar em que vivem, desde a infância. Assim, as potencialidades desta população somam-se a iniciativas de políticas públicas como o vestibular especial quilombola, apesar de algumas omissões do poder público e da imposição de limitações no que tange à infraestrutura.

Figura 31: Turma de educação infantil (A) e cartaz da ARQUIB sobre o processo seletivo especial quilombola (B)



Fonte: Página da ARQUIB no Facebook³⁷ (2022).

Nossa compreensão nos leva a crer que a formação escolar possibilita a transformação das crianças, adolescentes e adultos, levando-as a melhores condições de vida, com dignidade, advindas das práticas esportivas, da formação técnica e do empreendedorismo. Por conseguinte, isso tem levado esta população a ter acesso a bens e serviços públicos que são frutos das batalhas dos quilombolas, como ocorre com o vestibular especial para quilombolas. É perceptível a gratidão que estes sujeitos têm com a comunidade, como podemos evidenciar abaixo, nos depoimentos em rede social por parte de Emanuele Rodrigues (Figura 4).

Figura 32: Emanuele Rodrigues assumindo a secretaria da ARQUIB (à esquerda), e sua declaração de gratidão com a comunidade (à direita).



Fonte: Página da ARQUIB no Facebook³⁸ (2022).

As políticas públicas são essenciais para a melhoria das condições materiais que tende a ajudar na formatação dos projetos de vida no próprio quilombo, ultrapassando a concepção tradicional de que estes sujeitos só teriam como opção permanecerem na cidade. Entendemos que vive-se no quilombo a esperança de um futuro melhor onde a diáspora agora tem caminho inverso. Ressalto a possibilidade de vida melhor dentro do Quilombo, ajudando a comunidade a se desenvolver.

³⁷ Disponível em: <https://www.facebook.com/arqib.quilombola.7?mibextid=LQJ4d>, acesso 02/08/2022.

³⁸ Disponível em: <https://www.facebook.com/arqib.quilombola.7?mibextid=LQJ4d>, acesso 02/08/2022.

É neste aspecto que compreendemos essas práticas sociais e educativas como processo de uma diáspora ao inverso. Neste sentido, os estudantes, em grande parte, vivenciam hoje o processo de retorno para a comunidade, munidos de formação acadêmica, se instalando de forma orgânica.

Figura 33: Da esquerda para a direita, figuras a, b c e d.



Fonte: Página da ARQUIB no Facebook³⁹ (2022).

Apesar das dificuldades estruturais, relacionadas com saneamento básico, ruas não pavimentadas e rede elétrica para as localidades mais afastadas, as comunidades quilombolas da região possuem importantes elementos que facilitam o cotidiano da população, tais como: praça, lanchonete, sorveteria, acesso a internet, escola de ensino fundamental e médio, modalidades esportivas, posto de saúde, serviço de ambulância e iluminação pública do centro urbano. Contudo, cabe a observação de que a escassez de cursos técnicos e superiores dificultam o processo formativo dos jovens que almejam a inclusão no mercado de trabalho como mão-de-obra qualificada, caso necessitem sair da comunidade para o mundo urbano das metrópoles. Isto decorre do fato de que a formação inicial deve contribuir com o processo de preparação do jovem para o mundo do trabalho, com a noção de utilidade, de preparação e de oportunidade, com a geração de emprego e perspectiva de futuro educacional e profissional.

Ressaltamos que o território das Imediações da Transcarnetá está em constante contato com pessoas de dentro e de fora do Estado, além do contato com inúmeras informações que chegam, principalmente por via da televisão, pela internet, colocando esses sujeitos em contato, com propagandas, em sua maioria constituídas de conteúdo agressivo, apelo consumista, racista, sexista, preconceituoso e que banalizam as formas de violência, com raras exceções a informações que influenciam para o melhoramento humano ou crescimento intelectual.

Vale frisar que essas comunidades disponibilizam a estes sujeitos possibilidades de acesso aos meios de entretenimento, de lazer, de serviços e de formação. Contudo, no geral,

³⁹ Disponível em: <https://www.facebook.com/arqib.quilombola.7?mibextid=LQQJ4d>.

as falas dos sujeitos da pesquisa vislumbram um conjunto de reivindicações recorrentes de quem vive em espaços da região amazônica esquecidos pelo poder público onde podemos destacar uma carência material.

É de grande relevância que a temática relacionada ao território do quilombo, as terras propriamente dito, seja inserida nos processos educacionais disponibilizados às crianças e adolescentes que residem nas comunidades quilombolas em destaque, pois, do contrário, facilita a cooptação de quilombolas pelo capital imobiliário especulativo, constituído por grupos de interesse alheios à identidade vivencial dessa população originária.

Nesta perspectiva, é possível, facilmente, constatar que existem algumas políticas públicas em andamento no Brasil que são destinadas à população quilombola. No entanto, devido às dimensões do nosso território nacional e seus entraves relacionados a questões associadas desde aos recursos humanos a fatores financeiros ensejados, não ocorre com efetividade. O direito à terra, a formação para a potencialização da pecuária, a melhoria da agricultura, a valorização da pesca artesanal, o olhar para o uso adequado de recursos naturais, o investimento financeiro, técnico, profissional e educacional que vise a melhoria da qualidade de vida das comunidades quilombolas se constituem como promessa não cumprida.

Diante desse cenário deficitário, devo ressaltar que as lideranças que participaram das reuniões em que estivemos presente, em sua grande maioria, já demonstram um relativo grau de organização, social e juridicamente. Suas pautas de reivindicações tendem a respeitar os interesses coletivos no intuito de se ter uma visão de desenvolvimento comunitário.

Para exemplificar o trabalho desenvolvido por essas lideranças, ganha relevância as ações voltadas para a prática do turismo ecológico e cultural, uma vez que neste território há uma abundância em árvores frutíferas, água potável, plantas medicinais, peixes e locais de natureza exuberante que seriam adequados a essa prática. Assim, algumas iniciativas neste sentido já estão em curso e se mostram viáveis para as comunidades quilombolas, posto que respeitam a história e a cultura local, além de buscar conservar conhecimentos e princípios ancestrais. É o caso da iniciativa da Comissão de regularização Fundiária da Universidade Federal do Pará, da Secretaria de Ciência, Tecnologia e Educação Superior, Profissional e Tecnológica do Estado do Pará (SECTET) e de 70 membros da ARQBI que vêm desenvolvendo oficinas de Marketing digital e Turismo, além de Práticas de Comercialização na Comunidade de Igarapé-Preto.

No contato que tivemos com o coordenador do Projeto de Pesquisa e Extensão: Inovação Territorial na Comunidade Quilombola do Igarapé Preto, o Prof. Dr. Renato das Neves, este nos informou que a realização das oficinas de capacitação é uma forma de

fortalecer o ensino, a pesquisa e a extensão da Universidade por meio da parceria com a comunidade, conforme é possível observar no depoimento abaixo:

Estamos trabalhando o desenvolvimento humano e social equitativo da comunidade quilombola com a consolidação do levantamento de um perfil social, fundiário, econômico, cultural, ambiental e turístico do quilombo, além de respeitar os saberes locais e reduzir índices de conflitos socioambientais. As oficinas compartilham conhecimentos sobre o empreendedorismo comunitário voltado à competitividade e à inovação dos negócios mediante a realidade territorial para fortalecer o desenvolvimento e a cidadania local (RENATO DAS NEVES, Professor, entrevista concedida em: 18/06/2022).

As ações do projeto, ainda em desenvolvimento na comunidade de Igarapé-Preto, foram registradas em diversos momentos, conforme pode ser verificado pelos registros adiante.

Figura 34: Estudo de projeto de site para a ARQIB.



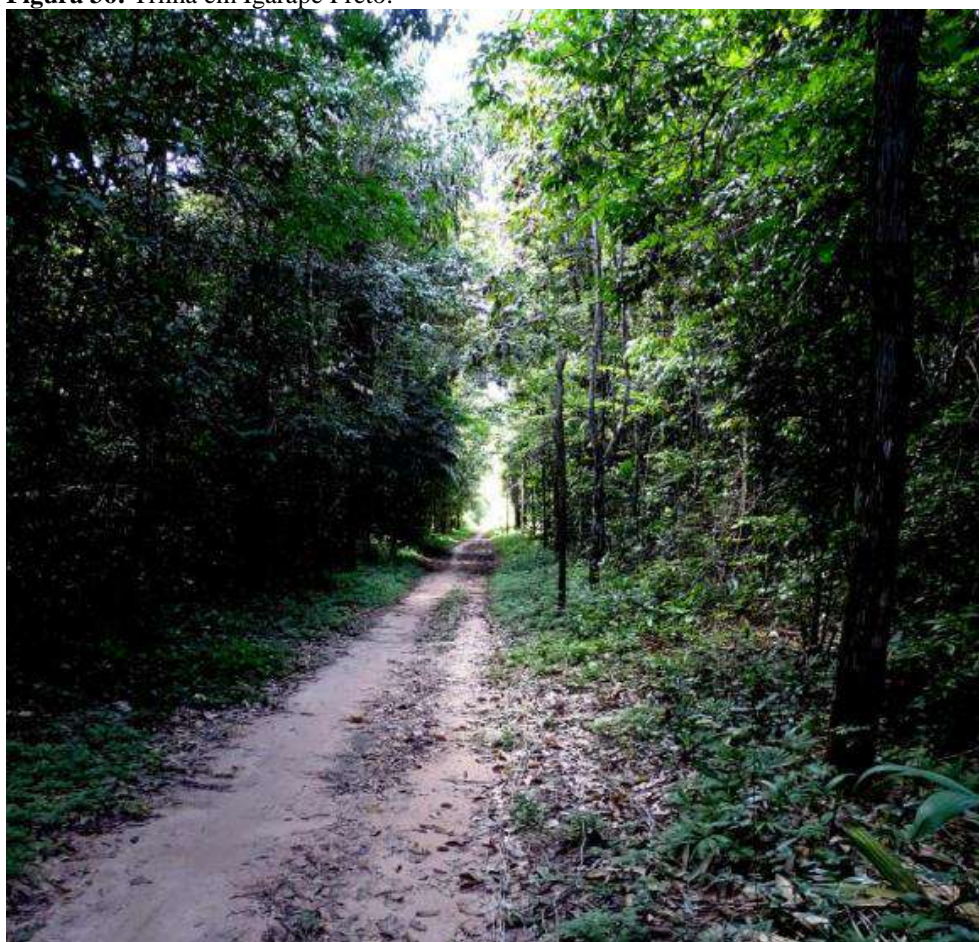
Fonte: Acervo do autor (2022).

Figura 35: Imagem de um igarapé localizado na região do projeto.



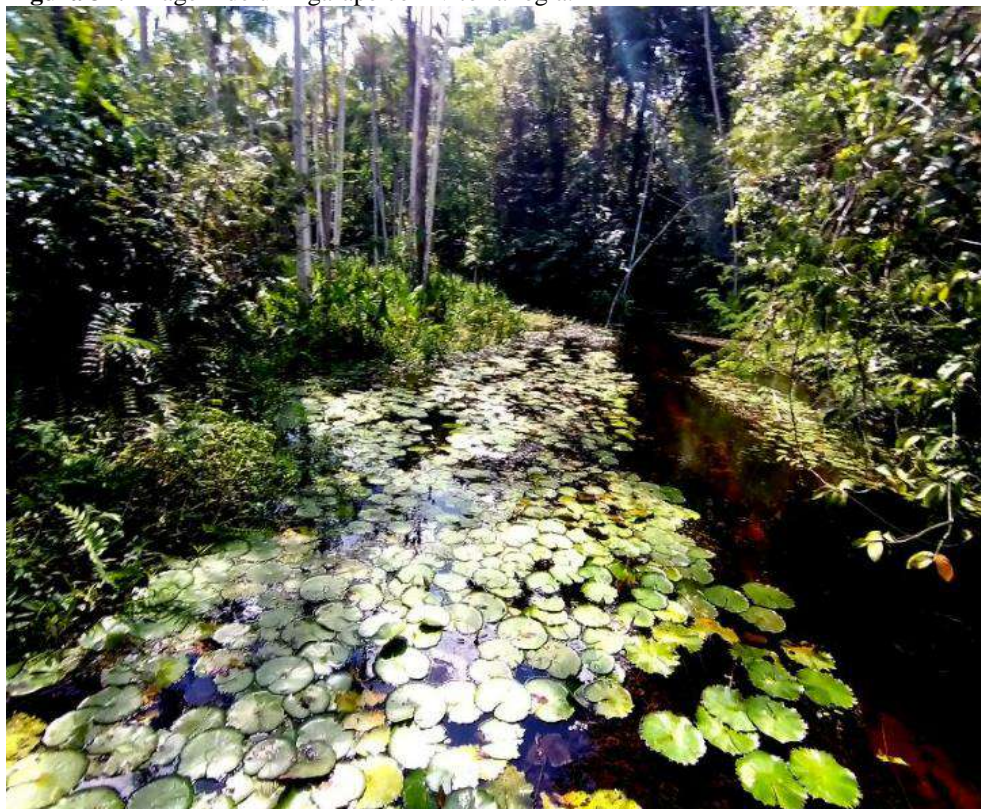
Fonte: Acervo do Prof. Dr. Kid Reis (2022).

Figura 36: Trilha em Igarapé Preto.



Fonte: Acervo do Prof. Dr. Kid Reis (2022).

Figura 37: Imagem de um Igarapé com vitória régia.



Fonte: Acervo do Prof. Dr. Kid Reis⁴⁰ (2022).

Figura 38: Equipe do Projeto no dia da nossa participação



Fonte: Acervo do Prof. Dr. Kid Reis (2022).

⁴⁰ O Prof. Dr. Melquiades Reis (Kid Reis) é do quadro ASCOM CRF-UFPA.

Nas comunidades locais a riqueza natural é abundante. Contudo, paradoxalmente, é visível a necessidade de investimentos de toda ordem, culminando com relativo desperdício das potencialidades ali representadas pela riqueza do capital social e humano presente naquela localidade, que poderia ser convertido em mão-de-obra local a ser alocada com a geração de emprego e renda para as famílias do lugar. A superação deste cenário poderia suplantar a limitação financeira de muitas famílias que gira em torno da aposentadoria dos mais velhos e da agricultura de subsistência, o que reflete em população empobrecida e com poucas perspectivas de desenvolvimento.

Nesta perspectiva, verificamos que os movimentos sociais negros têm um papel primordial na busca por parcerias que possam olhar os quilombos de dentro, funcionalizando suas riquezas e potencialidades em prol deles próprios. A qualificação da juventude quilombola da região em nível técnico poderia encaminhar a comunidade a produção de polpas de frutas, compotas, doces, artesanato e utensílios domésticos a partir da sua identidade étnica, onde tais produtos poderiam ser comercializados aos turistas que visitam seus espaços, além da possibilidade da comunidade criar suas próprias feiras culturais e de negócios com estética própria. Para exemplificar, destaco abaixo o registro de uma oficina de artesanato:

Figura 39: Oficina de artesanato realizada no espaço físico da ARQBI



Fonte: Acervo do Prof. Dr. Kid Reis (2022).

Além dos materiais acima registrados, destaco que as comunidades locais confeccionam roupas, adornos, artes visuais, literatura, sabão artesanal aromatizado, bem como remédios obtidos de ervas e cuja técnica é dominada pelas mulheres idosas da comunidade. Há, ainda, a utilização de variadas sementes e fibras, que são abundantes neste território. Ocorre também a valorização da culinária de pratos típicos e iguarias locais que também geram recursos à comunidade. Na nossa percepção, há espaço para estimular cooperativismo local, para a de produção e consumo, que poderia influenciar na potencialização de uma gestão democrática do que se empreende localmente, de suas riquezas e ganhos financeiros.

O turismo ecológico, possibilitado pelas belezas singulares da localidade, também seria uma das vertentes para vislumbrar a história e cultura local, com geração de renda e cuidado com o ambiente ecológico, estimulando práticas para a diminuição da agressão ao meio ambiente tanto com relação aos turistas como aos frequentadores locais deste ambiente.

Uma lacuna gritante é a ausência de projeto de museu das comunidades quilombolas local. Nossa concepção é de que estamos caminhando para a realidade de tudo o que pertence a estas comunidades, em seu sentido tradicional, digno de estar lastreado em um grande museu.

Portanto, aprendemos a partir a decolonialidade como método e com uso dos seus conceitos no desenvolvimento engendrado por ela e seus desdobramentos, no qual a educação é, em última instância, o motor capaz de articular as vozes dos antigos, das lideranças e das novas gerações na busca de alternativas para o uso produtor para essa população.

Os saberes articulados pela via desta Pedagogia Própria devem ser encarados como raízes fortalecidas pela união entre as várias formas de conhecimento do e no Quilombo. A perceptível união entre as gerações do passado, presente e futuro das comunidades deixa falar quem detêm a experiência do que vem sendo vivido, das experiências passadas, das dores, do sofrido, do que é sentido, do que é dançado e do que se degusta nestes quilombos. Esta Pedagogia Própria transforma conhecimentos em material didático que tem como culminância a formação intelectual, moral e humana de crianças, jovens, adultos e idosos do nosso país.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A luta do povo negro no Brasil, pelo contexto exposto, se estende por alguns séculos. A discriminação e o preconceito tiveram data para se iniciar, no entanto, a luta pela superação desta condição social ainda caminha lentamente. As conquistas aconteceram paulatinamente e com o envolvimento incessante dos movimentos negros além da participação de grupos sensíveis com o processo.

A partir da abolição dos escravos despertaram reexistências, novas perspectivas de reinvenção dos negros, junto a isto surgiram obstáculos que precisam ser urgentemente superados. A Constituição Federal de 1988 representa o ponto de partida das reivindicações que foram somando forças dentro de um novo quadro jurídico-normativo que perpassa a educação, a exemplo da nossa LDB 9394/96. A Conferência de Durban em 2001 pressionou o país em tomar posições para minimizar o enorme débito com essa camada da sociedade brasileira, esse posicionamento direciona para a elaboração da Lei 10.639/2003 e posteriormente a 11.645/2008. As referidas leis tornam obrigatório o ensino da cultura da África e dos africanos nas escolas, conquistas de grande relevância, no entanto, a efetivação ainda precisa acontecer na prática em todos os recantos do Brasil, principalmente no campo, em especial nas Comunidades Quilombolas, onde se percebe uma grande demanda e poucas iniciativas.

As elaborações de leis, pareceres, resoluções e diversos decretos, pressionam a sociedade brasileira em convergência para a valorização das identidades plurais, propiciando um distanciamento da falsa imagem cultuada como fixa e estável durante muitos anos da história deste país e que se desdobrou em vários problemas, principalmente de superioridade da raça branca e inferioridade dos negros. Portanto, superar esses resquícios de cultura colonizadora hegemônica e avançar em direção à decolonialidade é o grande desafio aqui assumido para a construção de uma proposta de sociedade mais igualitária.

Em nossas considerações, por meio deste estudo qualitativo, destacamos entre os principais “achados”, o nascituro de um conceito que retrata de forma mais específica a Pedagogia Própria praticada nos quilombos, que se admite chamar de Pedagogia Quilombola, que retrata o compartilhamento de saberes culturais e ancestrais que só podem ser encontrados no cotidiano das populações quilombolas, aqui retratado de forma robusta pelas lideranças que participaram do grupo focal. Sendo assim, prevemos que esta pode gerar “Implicações para a prática” local a partir da publicização dos nossos “achados”, nossos e de nossos sujeitos.

Para a elaboração deste trabalho nos abastecemos de teorias que fazem parte de uma trajetória de busca de conhecimento e nosso ponto atual de chegada nos levou ao contato com um pluriverso que é o PPGED/UFPA, seus docentes, discentes e comunidade comprometida com processos responsáveis de racionalização do mundo. Em nossas idas a campo constatamos que é cada vez mais gritante o processo excludente contra nossas populações negras, sejam elas urbanas ou rurais. Os reflexos da escravização colonial perduram em nossos dias, as atitudes preconceituosas e racistas foram enraizadas nas práticas diárias do período colonial e acabam sendo passadas de geração em geração. Contrapondo a este cenário de injustiças estão os movimentos sociais negros que influenciam nas tomadas de políticas públicas que se manifestam no sentido de coibir essas manifestações negativas, aqui exaltamos os Movimentos Negros da Amazônia.

Nossa trajetória enquanto afrodescendentes tem sempre nos posto ao encontro do nosso objeto e o encontro com os sujeitos desta pesquisa tem nos alicerçado para travarmos nossas lutas diárias, no nosso caso dentro e fora das instituições as quais fazemos parte. O grande achado no meu ponto de vista foi o encontro com a Decolonialidade e nossa Perspectiva da Afrodescendência e o diálogo ao qual estamos sempre a fazer. Como não é algo acabado, vamos adiante vigilantes buscando ampliar o diálogo para dentro do lócus da pesquisa observando o que em nossos sujeitos coincide ou diverge com o que a literatura vem nos apresentando como proposta de reflexão e ou intervenção na realidade a qual estamos inseridos. Cabe exaltar a grande contribuição que nosso Programa de Pós-graduação tem deixado, em especial na área da Educação.

É perceptível que o movimento diaspórico é uma constante nos territórios negros e acreditamos que o processo de resistência observado na trajetória da população negra como um todo tem gerado frutos que causam impactos positivos e tem construído legados para as gerações futuras, a exemplo da diáspora ao mundo acadêmico. Os sujeitos envolvidos no processo de desenvolvimento próprio e coletivo estão marcando presença em suas comunidades e devem ser estimulados a dar retorno a elas.

Ao enveredar pelos resultados coletados ao longo desta Tese, verificamos o desvendar do problema de pesquisa inicialmente enunciado, a saber: de que modo as lideranças quilombolas, suas experiências, atitudes e práticas atuais devem ser consideradas como cruciais no fazer-se quilombola hoje e são resultantes da reinvenção da memória e da identidade cultural afrodescendente na diáspora?

As experiências relatadas pelas lideranças quilombolas denotam a participação política e comprometida com as necessidades da comunidade, conforme enunciado na fala de

Emanuele Rodrigues, cuja percepção sobre esse conceito vai ao encontro de “a política visa organizar a vida em sociedade, as necessidades, os acontecimentos, as normas [...]”. Essa participação política ganha maior notoriedade com a ARQUIB, de acordo com o que foi demonstrado no decorrer da pesquisa.

Notei que há consenso entre as lideranças, sobre o papel político da Associação no fazer-se quilombola, de maneira que a resistência é o balizador dessa participação, centrada nos valores culturais e ancestrais ali presentes, mas com a capacidade de resistir às pressões externas que buscam, explícita ou veladamente, desconstruir e desconstituir a memória defendida nos quilombos. Nilva Arnoud, presidente da ARQUIB, resume essa resistência em “cultura, coletividade, amor ao nosso chão [...]”.

O papel da educação, diante desse cenário de lutas, resistências e avanços demonstrado pela atuação dessas lideranças, ao meu ver, é central para a obtenção de resultados em benefício da população quilombola. Assim, a própria constituição enquanto comunidade quilombola é um ato político, pois nestes territórios ocorrem inúmeras disputas históricas que vão desde o reconhecimento das suas tradições, passando pela legitimação da demarcação e uso do seu território, além da busca por políticas públicas para as suas populações. Cabe ressaltar a importância dos processos políticos próprios, a vinculação de uma educação quilombola a partir de uma Pedagogia Própria, ou como prefiro chamar, Pedagogia Quilombola, que se inscreve nas práticas comunitárias, sem deixar de lado a educação escolar na inserção das demandas destas comunidades na sociedade nacional. Dar luz a este debate torna-se um dos caminhos para a viabilização do que vem a ser o processo de apreensão do que é ser quilombola, enquanto sujeito social, sujeito de educação, sujeito de sua história.

O modo de ser das lideranças quilombolas, reveste-se de uma Pedagogia Quilombola que identifiquei ao longo da pesquisa como Pedagogia Própria, mas que se constitui de elementos que retratam a forma de ensinar e de aprender da cultura afrodescendente, cuja (re)existência se faz presente nas falas e saberes compartilhados por essas lideranças que compuseram o grupo focal.

Pedagogia Quilombola, como foi visto, é a forma de ensinar e aprender sobre a história e a cultura afrodescendente que constituíram e continuam a redefinir a população quilombola, o que demonstra o compromisso maior que se estabelece em busca de fortalecer as relações raciais.

A tessitura dessa pedagogia é estabelecida, cotidianamente, a partir das relações e experiências que as lideranças constroem com outros sujeitos quilombolas, revestido da

compreensão, mesmo que de maneira empírica para alguns, de conceitos e pressupostos decoloniais, rastros deixados pelo processo diaspórico que envolveu e envolve a população negra dos quilombos.

A Pedagogia Quilombola se faz presente na própria formação histórica das lideranças quilombolas, repletas de elementos culturais e tradicionais que representam a identidade do se fazer quilombola nos dias de hoje, reflexo da luta, persistência, devoção e compromisso que todos os componentes do grupo focal demonstraram ter para com a construção e evolução coletiva das comunidades quilombolas das imediações da Transcarnetá.

Nesta perspectiva, esta Tese atinge o objetivo central de analisar, dar visibilidade e problematizar a educação das relações étnico-raciais no Brasil, a partir da Região Amazônica, mais especificamente das Comunidades Quilombolas das Imediações da Transcarnetá, revelando a existência, mesmo que embrionária, de uma Pedagogia Quilombola que denota o fazer-se quilombola.

Em síntese, verifico que a Pedagogia Quilombola se reveste de saberes articulados que devem ser encarados como raízes fortalecidas pela união entre as várias formas de conhecimento do e no Quilombo. A perceptível união entre as gerações do passado, presente e futuro das comunidades deixa falar quem detêm a experiência do que vem sendo vivido, das experiências passadas, das dores, do sofrido, do que é sentido, do que é dançado e do que se degusta nestes quilombos. Esta Pedagogia Própria transforma conhecimentos em material didático que tem como culminância a formação intelectual, moral e humana de crianças, jovens, adultos e idosos do nosso país.

Adiante temos a intenção de contribuir com a visibilidade das histórias de vida dos nossos sujeitos e nos somar com a proposta da Perspectiva Afrodescendência em Cunha Junior (2005), assim como da Decolonial em Bernardino Costa e Grosfoguel (2019). As práticas educativas de resistência das comunidades da Transcarnetá no Baixo Tocantins são gritantes aos nossos olhares e cabe no decorrer deste processo de finalização de pesquisa aguçarmos o olhar para percebermos suas nuances. A intenção é dialogar com os sujeitos aqui destacados no intuito de se dialogar com suas percepções, suas possibilidades e influências mútuas internas e externas às suas comunidades.

A sociedade brasileira não pode silenciar mediante a grande desigualdade que existem em desfavor dos negros e outras minorias jurídicas. É necessário agir em benefício de sociedade menos hierarquizada. Em pleno século XXI ainda vivenciamos a reprodução de estereótipos em relação aos negros e processos materiais pouco favoráveis. No nosso cotidiano ainda podemos visualizar poucas ações de Estado que caminham no sentido de

resgatar os valores positivos dessa demanda da sociedade brasileira, que de certa possa contribuir para valorização e elevação de autoestima da classe negra.

O rico legado dos afrodescendentes jamais poderá viver no esquecimento, da forma como vem acontecendo estamos deixando de reproduzir no contexto escolar parte da história deste país. Faz-se necessário agir com coerência e altivez em benefício dos excluídos.

REFERÊNCIAS

- ACHEBE, C. **O mundo se despedaça**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- ALENCASTRO, L.F. de. **O trato dos viventes: Formação do Brasil no Atlântico Sul, séculos XVI e XVII**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- ALMEIDA, A.M. de. **A cultura da criança quilombola: leitura referenciada em estudo, relatos orais e imagens**. Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. Dissertação (Mestrado) – Campo Grande, 2008.
- ALMEIDA, G.S.S. de. **Falamos Em Nosso Próprio Nome: Estudantes do Quilombo Cabula**. Salvador, 2007. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado Da Bahia, 2007.
- ALMEIDA, R. Amazônia, Pará e o mundo das águas do Baixo Tocantins. In: **Estudos avançados**, v. 24, n. 68, 2010.
- ALMEIDA, A.W.B. de. **Antropologia dos Archivos da Amazônia**. Rio de Janeiro: Casa 8 / Fundação Universidade do Amazonas, 2008.
- ALMEIDA, A.W.B. de. **Terras de Preto, terras de Santo e Terras de Índio**. Uso Comum e Conflito/Revista do NEA. UFPA, 1989.
- AMARAL, A.J.P. **Da senzala ao quilombo: práticas educativas e uso de recursos naturais entre os quilombolas do Médio Amazonas (PA)**. 2008. Tese (Doutorado) Universidade Federal do Pará. Belém, 2008.
- ANDRADE, P.G.R. **A Educação na comunidade de Monte Alegre – ES em suas práticas de construção da cultura popular negra**. Vitória, 2007. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Espírito Santo, 2007.
- ANDRE, M.C. **O ser negro: um estudo sobre a construção de subjetividades em afrodescendentes**. 2007. Tese (Doutorado) – Universidade de Brasília, 2007.
- ARROYO, M.G. O Direito a Tempos-Espaços de Um Justo e Digno Viver. In: MOLL, J. **Caminhos da Educação Integral no Brasil: Direito a Outros Tempos e Espaços Educativos**. Porto Alegre: Penso, 2012.
- BALLESTRIN, L. “América Latina e o Giro Decolonial”. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 11, pp. 89-117, 2013.
- BARBOSA, A.I.C. **Tramando em-cantos da Fonte: saberes e diálogos nos caminhos complexos da educação ambiental**. 2007. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, 2007.
- BARROS, M.J.B. **África em Tempo Presente**. São Paulo: Intermeios, 2014.
- BARROS, M.J.B. O uso do território rural pelas políticas públicas de agricultura familiar no Baixo Tocantins paraense. In: DA SILVA, Christian Nunes; SILVA, João Marcio Palheta da;

CHAGAS, Clay Anderson Nunes (Orgs.). **Geografia na Amazônia paraense: territórios e paisagens**. Belém: GAPTA/UFPA, 2015.

BERNARDES, R.H. **O conhecimento tradicional quilombola e suas interações com o uso dos recursos naturais na Reserva Extrativista do Quilombo Frechal, município de Mirinzal**. Dissertação (Mestrado) Universidade Estadual do Maranhão. São Luís, 2006.

BERNARDINO-COSTA, J.; GROSFUGUEL, R. Decolonialidade e perspectiva negra. **Revista Sociedade e Estado**. v. 31, n. 1, jan./abr. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/se/v31n1/0102-6992-se-31-01-00015.pdf>. Acesso em 12 jun. 2019.

BEZERRA NETO, J.M. **Fugindo, sempre fugindo: escravidão, fugas escravas e fugitivos no Grão-Pará (1840-1888)**. 2000. Dissertação (mestrado).

BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2007.

BORBA, C.A. de. **Território quilombola: identidade e inclusão social – o caso do Rincão dos Martinianos, Restinga Seca/RS**. 2008. Tese (Doutorado) Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Porto Alegre, 2008.

BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Queroz, 1994.

BRANDÃO, C.R. **Educação Popular na Escola Cidadã**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. 18 ed. Revista Ampliada. São Paulo. 1998.

BRASIL. **Construindo a Democracia Racial atos e palavras do Presidente Fernando Henrique Cardoso de 1995 a 1998**. Cerimônia de Instalação do Grupo de Trabalho Interministerial para Valorização da População Negra. Palácio do Planalto, 27 de Fevereiro de 1996.

BRASIL. **Decreto nº 143**. Visa destacar a lógica dos movimentos sociais no sentido do reconhecimento da dominialidade da terra. 1989.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Parecer CNE/CP 3/2004.

BRASIL. **Lei n.º 10.639**, de 09.01.03: altera a Lei 9394/96 para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e cultura afro-brasileira”.

BRASIL. **Lei n.º 9.394**, de 20.12.96: estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: [s.n.], 1996.

BRASIL. **Lei nº 12.990/2014**. Reserva aos negros 20% (vinte por cento) das vagas oferecidas nos concursos públicos para provimento de cargos efetivos e empregos públicos no âmbito da administração pública federal, das autarquias, das fundações públicas, das empresas públicas e das sociedades de economia mista controladas pela União.

BRASIL. MEC. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica**. Brasília. 2012.

BRASIL. MEC. SECADI. **Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-raciais**. Brasília. 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes curriculares nacionais para a Educação Profissional de Nível Técnico**. Parecer CNE/CEB nº 16/99, aprovado em 05 de outubro de 1999.

BRASIL. Ministério das Minas e Energia. Departamento Nacional da Produção Mineral. Projeto RADAMBRASIL. Folha SA – 22 – **Belém: geologia, geomorfologia, solos, vegetação e uso potencial da terra**. Rio de Janeiro, 1974. (Projeto RAMDAMBRASIL. Levantamento de Recursos Minerais. 5).

BRASIL. **Relatório GT População Quilombola**. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome Conselho Nacional de Assistência Social.: Brasília, março/2007.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade Cultural, Orientação Sexual**. Brasília: MEC/SEF, 1997. 164p.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: História. Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC / SEF, 1998. 108 p.

BRITO, N.J.C. de. **Formação de Professores e Relações Étnico-Raciais: estudo sobre as produções científicas do período de 2003-2013**. Orientadora: Prof^a. Dr^a. Wilma Coelho. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação do, Belém, 2018.

CALDART, R.S. **Por Uma Educação do Campo: traços de uma identidade em construção**. In: KOLLING, Edgar Jorge; CERIOLI, Paulo Ricardo; CALDART, Roseli Salete (Orgs.). Educação do Campo: Identidade e Políticas Públicas. – Brasília, DF: Articulação Nacional por uma Educação do Campo, 2002. Coleção Por uma Educação do Campo, nº 4.

CALVINO, Í. **Palomar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p.7-11.

CANCLINI, N.G. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1997.

CANDAU, V.M.F. **Educação escola e Cultura(s): construindo caminhos**. Revista Brasileira de Educação, 2003.

CARDOSO, C.E.R.S. **O processo de construção identitária da comunidade quilombola da barra – Rio de Contas / Bahia**. Dissertação (Mestrado) -Vitória da Conquista, 2014. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2014.

CARTILHO, S.D. de. **Culturas, família e educação na comunidade negra rural de Mata-Cavalo – MT**. São Paulo, 2008. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008.

CARVALHO, C.C.F. **Ser no brincar, o brincar de ser o grupo: um estudo sobre a noção de pertença numa comunidade negra do Mutuca em Nossa Senhora do Livramento-MT**. Cuiabá, 2008. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, 2008.

CARVALHO, F.E.B.A. Educação Quilombola na Comunidade de Baixo – Barra do Bugres/MT: avanços e desafios. Cuiabá, 2016. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Mato Grosso, 2016.

CASTRO-GÓMEZ, S. **La postcolonialidad explicada a los niños**. Bogotá: Ed. Universidad del Cauca; Universidad Javeriana, 2005.

CÉSAIRE, A. **Discurso sobre o colonialismo**. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2010.

COEHN, J.C.P.; SILVA DIAS, M.A.F.; NOBRE, CA. **Aspectos climatológicos das linhas de instabilidade na Amazônia**. Climanálise - Boletim de Monitoramento e Análise Climática, 4(11):34-40. 1989.

COELHO, R.F.G. **As educações escolar e social na formação da identidade racial de jovens nos quilombos de São João do Piauí**. Pontifícia Universidade Federal do Piauí. Dissertação (Mestrado) – Teresina, 2013.

COELHO, W.N.B.; COELHO, M.C. **Os conteúdos étnico-raciais na educação brasileira: práticas em curso**. Educar em Revista, Curitiba, n. 47, p. 67-84, jan./mar. 2013.

COSTA, G.D. da; MEDEIROS, O. da S. **Constituição de liderança quilombola no Pará: reflexões para uma pedagogia decolonial**. Interfaces da Educ., Paranaíba, v.12, n.34, p. 36-61, 2021.

COSTA, G.S. **Desenvolvimento rural sustentável com no paradigma da agroecologia**. Belém: Naea/UFPA, 2006.

COUTINHO, I.V.B.F. **Histórias de leitura, trajetórias de vida: um olhar reflexivo sobre memórias leitoras quilombolas**. Universidade Federal da Bahia. Dissertação (Mestrado) – Salvador, 2009.

CRUZ, C.M. **Trajetórias, lugares e encruzilhadas na construção da política de educação escolar quilombola no Paraná, no início do III milênio**. Curitiba, 2012. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Paraná, 2012.

CUNHA JR, H. Bairros Negros: a forma urbana das populações negras no Brasil. **Revista da ABPN** v. 11, Ed. Especial – Caderno Temático: Raça Negra e Educação 30 anos depois: e agora, do que mais precisamos falar? – abril de 2019, p.65-86.

CUNHA JR, H. **Metodologia afrodescendente de pesquisa**. 2006.

D'ADESKY, J. Multiculturalismo e educação. In: OLIVEIRA, Iolanda (Org). **Relações raciais e educação: temas contemporâneos**. Niterói: EdUFF, 2002, p.125-134.

DA SILVA, P.S. **Contornos pedagógicos de uma educação escolar quilombola**. Porto Alegre, 2013. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013.

DAMASCENO, C.C.C. **Educação e Relações Étnico-Raciais na Perspectiva de Militantes do Movimento Negro da Cidade de Belém**. Orientadora, Profa. Dra. Sônia Maria da Silva Araújo. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Belém, 2011.

DAVIDSON, B. **Os africanos. Uma introdução a sua história cultural**. Lisboa: Edições 70, 1981.

DAVIS, Â. **Mulheres, Raça e Classe**. Random House, 1983.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs - Capitalismo e Esquizofrenia**. V.1. Rio de Janeiro: Ed.34, 1995.

DELEUZE, G.; PARNET, C. **Diálogos**. Tradução: Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

DUSSEL, E. **Ética da libertação na idade da globalização e da exclusão**. [Madrid: Editorial Trotta, 1998]. Petrópolis: Vozes, 2000.

DUSSEL, E. Europa, **modernidade e eurocentrismo**. In: LANDER, Edgardo (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais - perspectivas latino-americanas*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina: Clacso, 2005.

DUSSEL, E. **Política de libertação**. História mundial e crítica. Madri: Trotta, 2010.

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA – EMBRAPA. Centro Nacional de Pesquisa de Solos. **Sistema brasileiro de classificação de solos**. Rio de Janeiro, 306p, 2006

ESCOBAR, A. **Mas Allá Del desarrollo: post dêś arrollo y transcioneshacia El pluriverso**. Revista de Antropología Social, Madrid, vol.21, 2012.

ESCOBAR, A. O lugar da natureza e a natureza do lugar: globalização e pós-desenvolvimento. In: LANDER, Edgardo. (Org.). **A Colonialidade do Saber: eurocentrismo e Ciências Sociais**. Trad. Júlio César Casarin Barroso Silva. 3. ed. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

ESCOBAR, A. **Projetos para o Pluriverso: Interdependência Radical, Autonomia e a Criação de Mundos**. Duke University Press, 2018.

ESCOBAR, A. **Territórios de diferencia: lugar, movimentos, vida, redes**. Colômbia: Envióñ, 2010.

FANON, F. **Em defesa da revolução africana**. Lisboa: Sá da Costa, 1969.

- FANON, F. **Os Condenados da Terra**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1979.
- FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FARIA, I. **Projetos de vida e juventude: um diálogo entre a escola, o trabalho e o mundo Juventude rural**. Universidade Federal da Bahia. Tese (Doutorado) – Salvador, 2016.
- FERNANDES, M.C.R. **MBAÉTARACA: Uma experiência de educação de jovens Quilombolas no município de Nilo Peçanha/BA**. Salvador. 2013. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado da Bahia, 2013.
- FERREIRA, A. **O currículo em escolas quilombolas do Paraná: a possibilidade de um modo de ser ver e dialogar com o mundo**. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Tese (Doutorado) – São Paulo, 2014.
- FIGUEIREDO, A.M. **Para além de onde as vistas alcançam: história, natureza e paisagem na belle-époque amazônica (1870-1920)**. In: MAICHER, Maria Ataíde. MARQUES, Jane Aparecida. DE PAULA, Leandro Rafael. (Orgs.). *História, Comunicação e Biodiversidade na Amazônia*. São Paulo: Acquerello, 2012.
- FONINI, R. **Agrofloresta e alimentação: estratégias de adaptação de um grupo quilombola em Barra do Turvo – SP**. Universidade Federal Do Paraná. Dissertação (Mestrado) – Curitiba, 2012.
- FONSECA, H. B. **Quilombolas De Jambuaçu: seus saberes e educação como fator de politização e identidade**. Universidade Federal do Pará. Tese (Doutorado) – Belém, 2011.
- FRACOIA, J. **Senhores de escravos trajetórias, disputas e solidariedade no oeste paulista. 1845/1880**. Universidade Estadual de Campinas. Dissertação (Mestrado) – Campinas, 2009.
- FRANCO, C.A.O. **Direitos indígenas e mobilizações: Um olhar a Um olhar sobre a tríplice fronteira – Brasil, Guyana e Venezuela**. Tese. UNB: Universidade de Brasília. Instituto de Relações Humanas. 2012.
- FREIRE, P. **A Educação na Cidade**. São Paulo: Cortez; 1991.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 54. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
- FREIRE, P.; SHOR, I. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREYRE, G. **Casa-grande e senzala**. Lisboa, Livros do Brasil, 1957.
- FREYRE, G. **Novo mundo nos trópicos**. São Paulo, Nacional/EDUSP, 1969.
- FREYRE, G. **Sobrados e mucambos**. Rio de Janeiro, Record, 1990.

FUJITA, M.S.L. **A Representação documental de artigos científicos em educação especial: orientação aos autores para determinação de palavras-chaves.** *Rev. Bras. Ed.*, Marília, v. 10, n. 1, p. 257-272, set./dez. 2004.

GATINHO, A. A. **O movimento negro e o processo de elaboração das diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais.** Orientador, Prof. Dr. Genylton Odilon Rêgo da Rocha. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Belém, 2008.

GATTI, B. A. **Grupo focal na pesquisa em Ciências sociais e humanas.** Brasília: Líber Livro, 2005.

GILROY, P. **O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência.** Rio de Janeiro: Ed. 34; Universidade Cândido Mendes, 2002.

GIMONET, J. **Praticar e compreender a Pedagogia da Alternância dos CEFFAS.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

GOHN, M.G. **Educação não formal: direitos e aprendizagens dos cidadãos(ãs) em tempos de coronavírus.** *Revista Humanidades e Inovação.* V. 7, n. 7, 2020, p. 9-20. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/3259>. Acesso em: 08 jul 2021.

GOMES, N.L. (Org.). **Práticas pedagógicas de trabalho com relações étnicoraciais na escola na perspectiva da Lei nº 10.639/03.** Brasília: MEC/Unesco, 2012.

GRAMSCI, A. **Intelectuais e a Organização da Cultura.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968., 1968, p.

GROSGOUEL, R. **A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI.** Soc. estado, Brasília, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69922016000100003>>. Acesso em 23 jun. 2017.

GROSGOUEL, R. **Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global.** In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENEZES, Maria Paula (Orgs.). *Epistemologias do Sul.* Coimbra: Edições Almedina, 2009.

GUIMARÃES, A. S. A. **Classes, raças e democracia.** São Paulo: Editora 34, 2002.

GUIMARÃES, A. S. A. **Racismo e antirracismo no Brasil.** São Paulo: Editora 34, 1999.

HALL, S. **A Identidade Cultural na Época Pós-Modernidade.** (Orgs) SILVA, Tomaz Tadeu e LOURO, Guacira Lopes. Rio de Janeiro: Editora DP&A; 1992. *Identidade!* São Leopoldo. v. 18 n. 3, ed. esp. p. 345-356. dez. 2013. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/identidade>.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A Ed., 2006.

HALL, S. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Organizado por Liv Sovik. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

HALL, S. **Identidades e Culturas: Políticas das Diferenças**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

HARRIS, J. **African diasporastudies: some international dimensions**. A Journal of Opinion, v. 24, n. 2, p. 6-8, 1996. African [Diaspora] Studies .

HARRIS, J.E.; ZEGHIDOUR, S. A África e a diáspora negra. In: MAZRUI, Ali A; WONDJI, C. (Coords). História Geral da África, vol. VIII – África desde 1935. Brasília: UNESCO/ MEC, 2010, pp. 849 – 871.

HOOKS, B. **Não sou uma mulher: mulheres negras e feminismo**. Sul

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Agropecuário – 2006: Brasil, grandes regiões e unidades da federação**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

ICMBio. **Livro Vermelho da fauna brasileira ameaçada de extinção**. Brasília, DF: ICMBio/MMA, 2018. Disponível em www.icmbio.gov.br/portal/component/content/article/10187. Acesso em 21 jan. 2023.

JOSSO, M. **Experiências de vida e formação**. Tradução de José Cláudio, Júlia Ferreira. 2. ed. – Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

KILOMBA, G. **Memórias da Plantação: Episódios de Racismo Cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2008.

KI-ZERBO, J. **História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África**. 2.ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010.

LANDER, E. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Perspectivas latino americanas. Edgardo Lander (Org). Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad de Buenos Aires, Argentina. setembro 2005.

LARCHERT, J.M. **Resistência e seus processos educativos na comunidade negra rural quilombola do Fojo-Ba**. São Carlos, 2013. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de São Carlos, 2013.

LATOUR, B. **Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica**. 34 ed. Rio de Janeiro, 1994.

LEÃO, J.P.P.. **Etnomatemática Quilombola: as relações dos saberes da matemática dialogada com as práticas socioculturais dos remanescentes de quilombo do Mola-Itapocu/Pa**. Belém, 2005. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, 2005.

LEITE, G.M.C. **Políticas públicas e olhares sobre a diferença: a criança quilombola na instituição escolar e em outros espaços educativos de Lagoa Trindade, Jequitibá, Minas**

Gerais. Belo Horizonte, 2009. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2009.

LEITE, M.J. dos S. **Movimento social e educação: a constituição do sujeito coletivo na luta por direitos na comunidade de Conceição das Crioulas**. Fortaleza, 2012. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, 2012.

LOPES, A. **Escola, socialização e cidadania: um estudo da criança negra numa escola pública em São Carlos**. São Carlos, 1994. Dissertação (Mestrado)-Universidade Federal de São Carlos, 1994.

LOPES, D.L. **Rodas de conversa e educação escolar quilombola: arte do falar saber fazer**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Dissertação (Mestrado) – Porto Alegre, 2012.

LOPES, N. **Enciclopédia brasileira da diáspora africana**. Selo Negro Edições, 2004.

LUKACS, G. **Introdução a uma estética marxista: sobre a categoria da particularidade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

LUZ, L.M. da, et al. **Atlas Geográfico Escolar do Estado do Pará**. 1. ed. - Belém: GAPTA/UFPA, 2013.

LYOTARD, J-F. **O inumano: considerações sobre o tempo**. Lisboa: Estampa, 1989.

M'BOKOLO, E. **África negra. História e civilizações - do século XIX aos nossos dias**. Lisboa: Edições Colibri, 2007.

MACÊDO, D.J.S. **O Currículo Escolar e a construção da Identidade Étnico-Racial da Criança e do Adolescente Quilombola: Um olhar reflexivo sobre a autoestima**. Salvador, 2008. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado da Bahia, 2008.

MALDONADO-TORRES, N. **A topologia do ser e a geopolítica do conhecimento**. Revista Crítica de Ciências Sociais, v. 80, p. 71-114, [2004] 2008.

MALDONADO-TORRES, N. **Contra a Guerra: Visões do Lado Inferior da Modernidade**. Duke University Press, 2008.

MALDONADO-TORRES, N. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In: CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSGOUEL, R. (Orgs.) *El giro decolonial*. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Universidad Javeriana-Instituto Pensar, Universidad Central-IESCO, Siglodel Hombre Editores, 2007. p. 127-167.

MANACORDA, M.A. **Marx e a Pedagogia Moderna**. 12. ed. São Paulo: Alínea, 2007.

MARANDINO, M. **Educação Não Formal** – Profa. Dra. Marta Marandino. Youtube, 11 mai. 2020. 11207. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HzER7CNGXI>. Acesso em 19 de jul. 2021.

MARCONI, M.A.; LAKATOS, E.M. **Metodologia científica**. 5ª ed. rev. ampl. São Paulo: Atlas; 2009.

MARQUES, C.E.; GOMES, L. **A constituição de 1988 e a resignificação dos quilombos contemporâneos limites e potencialidades: limitsandpotentialities**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, VOL. 28 N° 81. 2013. P. 137-255.

MARQUES, E.P.S. **A Pluralidade Cultural E A Proposta Pedagógica Na Escola - um estudo comparativo entre as propostas pedagógicas de uma escola de periferia e uma escola de remanescentes de quilombos**. Campo Grande, 2004. Dissertação (Mestrado) – Universidade Católica Dom Bosco, 2004.

MARQUES, S.M.S. **Pedagogia do estar junto: éticas e estéticas no bairro de São Sebastião do Rocio**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Dissertação (Mestrado) – Porto Alegre, 2007.

MBEMBE, A. **Crítica da razão negra**. Lisboa: Antígona, 2014.

MBEMBE, A. Necropolítica S. *Cultura Pública*, n. 15, n. 1, 2003, pág. 11-40.

MBEMBE, A. **Sair da Grande Noite: ensaio sobre a África descolonizada**. Trad. Fábio Ribeiro. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

MEDEIROS, O. da S. **Relações Étnico-Raciais E Educação Quilombola: Constituição de Lideranças e Práticas de Resistências na Comunidade Quilombola de Umarizal Beira, Baião-Pará**. / Oberdan da Silva Medeiros - 2017.

MELO, Nairo Bentes de. **Reserva de vagas no ensino superior: o processo de implementação das cotas raciais nos cursos de graduação da Universidade Federal do Pará**. Orientador, Prof. Dr. Genylton Odilon Rêgo da Rocha. – 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Belém, 2011.

MENDOZA, B. **La epistemología delsur, lacolonialidad del género y el feminismo latinoamericano**. In. ESPINOSA, Y.; CORREAL, D.; MUÑOZ, K. (Orgs.). *Tejiendo de otro modo: Feminismo, epistemología y apuestas descoloniales en Abya Yala*. Popayán: Editorial Universidad del Cauca. pp. 91-103, 2014.

MIGNOLO, W. **Historias locales/diseños globales. Colonialidad, conocimientos subalternos y pensamiento fronterizo**. Madrid: Ediciones Akal S.A., 2003.

MIGNOLO, W. **La idea de América Latina: la herida colonial y la opción decolonial**. Barcelona: Editorial Gedisa Blackwell Publishing, 2007.

MIRANDA, C.A.S. **Vestígios recuperados: experiência da comunidade negra rural de Tijuacu – BA**. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Tese (DOUTORADO) – São Paulo, 2006.

MOHANTY, C.T. **“Under Western Eyes”**. In: Chandra Mohany et al (orgs.), *Third World Woman and the politics of feminism*. Bloomington: Indiana University Press, 1991.

MOHANTY, C.T. *Feminismo sem Fronteiras: Descolonizando a Teoria, Praticando a Solidariedade*. Durham: Duke University Press, 2003.

MONTEIRO, E. D. **Ecologia De Paisagem Aplicada À Análise Fitogeográfica Dos Campos De Natureza Do Município De Cametá-Pará**. Dissertação (mestrado em Geografia) Universidade Federal do Pará/UFPA, 2013.

MOORE, C. **Racismo e sociedade: novas bases epistemológicas para entender o racismo**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007

MOREIRA SANTANA SANTOS, D.L. **Território, luta e educação : dimensões pulsantes nos enfrentamentos dos conflitos socioambientais mapeados no Quilombo de Mata Cavallo**. Cuiabá, 2017. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Mato Grosso, 2017.

MOREIRA, A.M.F. **O Processo Educativo Da Comunidade Quilombola De Carrapatos Da Tabatinga: a afirmação identitária e a formação de sujeitos engajados mediante transmissão oral de uma memória compartilhada**. Belo Horizonte, 2016. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado de Minas Gerais, 2016.

MOREIRA, D.L. **Território, luta e educação: dimensões pulsantes nos enfrentamentos dos conflitos socioambientais mapeados no Quilombo de Mata Cavallo**. Universidade Federal de Mato Grosso. Dissertação (Mestrado) – Cuiabá, 2017.

MOROSINI, M.C.; FERNANDES, C. **Estado do Conhecimento: conceitos, finalidades e interlocuções**. *Educação Por Escrito*, Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 154-164, jul.- dez. 2014.

MOURA, C. **As injustiças de Clio – o negro na historiografia brasileira**. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1990.

MOURA, M.G.V.; BENEVIDES, M.V. **Ritmo e ancestralidade na força dos tambores negros**. 1997. Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

MULLER, C.B. **COMUNIDADE REMANESCENTE DE QUILOMBO DE MORRO ALTO: uma análise etnográfica dos campos de disputa em torno da construção do significado da identidade jurídico-política de “remanescente de quilombos”**. Porto Alegre, 2006. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.

MUNANGA, K. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 1996.

NASCIMENTO, A. *O quilombismo*. 2 ed. Brasília/Rio: Fundação Cultural Palmares; O.R. Editora, 2002.

NASCIMENTO, A. **O Quilombismo**. Petrópolis: Vozes, 1980.

NASCIMENTO, B. **O conceito de quilombo e a resistência afro-brasileira.** In: Nascimento, Elisa Larkin (Org.). *Cultura em movimento: matrizes africanas e ativismo negro no Brasil.* São Paulo: Selo Negro, 2008. p. 71 -91.

NASCIMENTO, B. **Uma história feita por mãos negras: Relações raciais, quilombolas e movimentos.** 1. ed. Organização Alex Ratts. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

NASCIMENTO, E.L. **O Pan-africanismo na América do Sul: Emergência de uma rebelião negra.** Petrópolis: Vozes, 1981

NASCIMENTO, L.K. do. **Identidade e Territorialidade: os quilombos e a educação escolar no Vale do Ribeira.** São Paulo, 2006. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, 2006.

NORA, P. **Entre memória e história: a problemática dos lugares.** Projeto História. São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

OLIVEIRA FILHO, J.P. **Reconstrução Metodológica de Processos de Investigação Social.** São Paulo, 1997.

OLIVEIRA, H.L. de. **Comunidades Remanescentes Dos Quilombos De Arvinha E Mormaça – processos educativos na manutenção e recuperação do território.** São Leopoldo, 2014. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2014.

OLIVEIRA, R.C.M. de. **Tessituras Das Diversidades: cultura(s) no cotidiano da escola de um território rural-quilombola.** Salvador. 2014. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado da Bahia, 2014.

OLIVEIRA, S.N.S. de. **De mangazeiros a quilombolas: terra, educação e identidade em Mangal e Barro Vermelho Sítio do Mato – Bahia.** Universidade do Estado da Bahia. Dissertação (Mestrado) – Salvador, 2006.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração e plano de ação da III Conferência Mundial contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e Intolerâncias Correlatas.** Durban, África do Sul, setembro de 2001.

PADINHA, M.S.R. **Narrativas orais na Comunidade Remanescente de Quilombo Menino Jesus: processos de educação e memória.** Belém, 2009. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Pará, 2009.

PADINHA, M.S.R. **Relações raciais: a pesquisa na pós-graduação em educação no Brasil (2005 2010).** Orientadora: Wilma de Nazaré Baía Coelho. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação do, Belém, 2018.

PALMER, C.A. **Defining and studying the modern african diáspora.** The Journal of Negro History, v. 85, n. 1/2, p. 27-32, 2000.

PASTI, R.; JÚNIOR, G.B. O. **Qual quilombo? O pensamento pós-colonial e decolonial na reelaboração simbólica dos quilombos.** Rev. Hist. UEG - Porangatu, v.8, n.1, e-811908, jan./jun. 2019.

PAULA, E. de. **“VEM BRINCAR NA RUA!” Entre o quilombo e a Educação Infantil: capturando expressões, experiências e conflitos de crianças quilombolas no entremeio desses contextos.** Universidade Federal de Santa Catarina. Tese (Doutorado) – Florianópolis, 2013.

PEDROSO, C.A.S. **Quilombismo, a solução.** Rede quilombista- Facebook. 05 mai 2021. Disponível em <https://www.facebook.com/notes/redequilombista/quilombismo-a-solucao/561507717217321> . Acesso: 22 maio 2021.

PEFFER, J. **A Diáspora como objecto.** Artigo online. Disponível em: <http://www.artafrica.info/html/artigotrimestre/artigo.php?Id.=1>, 2005. Acesso em: 23 de julho de 2021.

PINHEIRO, M.L.B. **“Origens da Noção de Preservação do Patrimônio Cultural no Brasil”.** Risco - Revista de pesquisa em arquitetura e urbanismo, n. 2. Eesc-USP, 2006.

PIOVESAN, F. **Coleção Educação para todos: Ações Afirmativas sob a Perspectiva dos Direitos Humanos. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade.** – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2007.

PIRAUX, M.; SOARES, D.S.; SIMÕES, A. **A Diversidade Socioespacial Do Território Baixo Tocantins E Impactos Na Agricultura Familiar.** In book: Na várzea e na terra firme: transformações socioambientais e reinvenções camponesas (pp.77-114). Edition: 1, Chapter: 2. Publisher: NUMA/UFPA. Janeiro de 2017.

QUIJANO, A. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina.** In: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. LANDER, Edgardo (Org). Buenos Aires: Conselho Latino-americano de Ciências Sociais - CLACSO, 2005.

QUIJANO, A. **Trinta anos depois, outro reencontro – notas para outro debate. 2009.** In: DOSSIÊ - América Latina: nova fase de múltiplos embates. Disponível em: < http://www.pucsp.br/neils/downloads/pdf_19_20/10.pdf>. Acesso em: 20 fevereiro 2021.

QUILOMBO: vida, problemas e aspirações do negro/Edição fac-similar do jornal dirigido por Abdias do Nascimento: apresentação de Abdias do Nascimento e Elisa Larkin Nascimento. Introdução Antonio Sergio Guimarães São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo: Editora 34, 2003.

RAMOS, R.S.L. **A questão da escolaridade nas comunidades quilombolas do Vale do Ribeira Quilombolas.** Universidade Metodista de Piracicaba. Dissertação (Mestrado) – Piracicaba, 2009.

REAL, R. **Cultura e currículos: um estudo da Escola Kalunga.** ORIENTADOR: Prof. Dr. Jadir Pessoa. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018.

REIS, M.C.G. **Escola e contexto social: um estudo de processos de construção de identidade racial em uma comunidade remanescente de quilombo Negro.** Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Federal de Juiz de Fora. Minas Gerais. 2003

ROCHA DA SILVA, C. **Vozes do Silêncio: Linguagem Quilombola e Preconceito Linguístico-Racial em Rio de Contas na Bahia.** Salvador, 2008. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado da Bahia, 2008.

ROCHA, E. **O que é etnocentrismo?** São Paulo: Brasiliense, (Coleção Primeiros Passos)1984.

RODNEY, W. Como a Europa Subdesenvolveu a África. Porto Alegre: L&PM Editores, 2010.

RODRIGUES, J.H. **Filosofia e História.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

SAID, E. **Cultura e Imperialismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SALLES, V. **O negro no Pará: sob o regime da escravidão.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, Belém: UFPA, 1971.

SANTA CATARINA. Governo do Estado. Secretaria de Estado de Educação. **Proposta Curricular de Santa Catarina: formação integral na educação básica.** Santa Catarina: Secretaria de Estado da Educação, 2014.

SANTANA, C.E.C. de. **Pelejando e arrudiando. Processos educativos na afirmação de uma identidade negra em território quilombola: baixa da linha.** Salvador, 2015. Tese (Doutorado) - Universidade do Estado da Bahia, 2015.

SANTOS, A.C.C. **Escola, Família e Comunidade Quilombola na Afirmação da Identidade Étnica da Criança Negra.** Maceió, 2008. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Alagoas, 2008.

SANTOS, A.L.P. dos. **Representações Sociais De Professores Do Ensino Fundamental Sobre Educação Étnico-Racial E As Implicações Em Sua Prática Pedagógica: Por Uma Pedagogia Decolonial E Intercultural.** Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Ivany Pinto Nascimento. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação do, Belém, 2018.

SANTOS, B.S. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência – para um novo senso comum. A ciência, o direito e a política na transição paradigmática.** São Paulo: Cortez, 2000.

SANTOS, B.S. **Construindo as Epistemologias do Sul: Antologia Esencial.** Volume I: Para um pensamento alternativo de alternativas / Boaventura de Sousa Santos; compilado por Maria Paula Meneses... [et al.]. - 1a ed. - Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2018

SANTOS, B.S. **Globalização, Identidade e Diferença: Os Caminhos do Cosmopolitismo Multicultural**. São Paulo: Autêntica, 2003.

SANTOS, C.A.B.P.S. **Fiéis Descendentes: Redes-Irmandades na Pós-Abolição entre as Comunidades Negras Rurais Sul-Mato-Grossenses**. Brasília, 2010. Tese (Doutorado) – Universidade de Brasília, 2010.

SANTOS, M.A.L. dos. **Memória e educação na comunidade quilombola de Mata Cavalo Educação**. Universidade Federal de Mato Grosso. Dissertação (Mestrado) – Cuiabá, 2007.

SANTOS, M.W. dos. **Saberes da Terra: o lúdico em Bombas, uma comunidade quilombola (estudo de caso etnográfico)**. São Paulo: 2010. Universidade de São Paulo, 2010.

SANTOS, R.A. dos. **[In] visibilidade negra: representação social de professores acerca das relações raciais no currículo escolar do Ensino Fundamental em Ananindeua (PA)**. Orientadora, Prof^a. Dr^a. Wilma de Nazaré Baía Coelho. _ 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Belém, 2009.

SANTOS, R.A. dos. **Ciclo De Política Curricular Do Estado Do Pará (2008-2012): A Enunciação Discursiva Sobre Relações Raciais**. Orientadora: Prof^a. Dr^a. Wilma Coelho. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação do, Belém, 2014.

SAVIANI, D. **Dilemas do nosso tempo: globalização, multiculturalismo e conhecimento**. Entrevista com Boaventura de Sousa Santos por Luis Armando Gandin e Álvaro Moreira Hypolito. Currículo sem Fronteiras, v. 3, n. 2, p.5-23, jul./dez. 2003.

SAVIANI, D. **Escola e democracia**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1983.

SAVIANI, D. **Sobre a Natureza e a Especificidade da Educação**. Disponível em Acesso em: 27 de Ago de 2013.

SCHUCMAN, L. **Racismo e antirracismo: a categoria raça em questão**. Revista Psicologia Política, São Paulo, v. 10, n. 19, p. 41-55, jan. 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2010000100005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 13 dez. 2021.

SCHWARCZ, L.K. M. **Uso e Abuso da Mestiçagem da Raça no Brasil: uma história das teorias raciais em finais do século XIX**. In: Afro-Ásia, 18, 1996. Disponível em <http://twixar.me/r6LK>. Acessado 20/07/2021.

SEYFERHT, G. **A invenção da raça e o poder discricionário dos estereótipos**. Anuário antropológico do Museu nacional. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro 1995.

SILVA JUNIOR, H. **Anti-racismo: Coletânea de Leis Brasileiras Federais, Estaduais e Municipais.** São Paulo: Editora Oliveira Mendes, 1998.

SILVA, A.R.S. da. **Projeto Educacional do Quilombo Asantewaa: uma alternativa possível?** Universidade do Estado da Bahia. Dissertação (Mestrado) – Salvador, 2005.

SILVA, C.D. **Negro, qual é o seu nome?** Belo Horizonte: Mazza, 1995.

SILVA, C.P. da. **Coco De Roda Novo Quilombo: saberes da cultura popular e práticas de educação popular na comunidade quilombola de Ipiranga no Conde-PB.** João Pessoa, 2014. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal da Paraíba, 2014.

SILVA, C.R. da. **Vozes do silêncio: linguagem quilombola e preconceito linguístico-racial em Rio de Contas na Bahia.** Universidade do Estado da Bahia. Dissertação (Mestrado) – Salvador, 2008.

SILVA, E.A. da. **A educação diferenciada para o fortalecimento da identidade quilombola: estudo nas comunidades remanescentes de quilombos do Vale do Ribeira.** Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Dissertação (Mestrado) – São Paulo, 2011.

SILVA, G.M. da. **Educação como processo de luta política: a experiência de “educação diferenciada” do território quilombola de Conceição das Crioulas.** Universidade de Brasília. Dissertação (Mestrado) – Brasília, 2010.

SILVA, J.B. da. **A educação formal afro-quilombola em Alagoas: limites e possibilidades de emancipação humana.** Universidade Federal de Alagoas. Dissertação (Mestrado) – Maceió, 2012.

SILVA, J.M.S. **Tecendo estórias das comunidades remanescentes de quilombolas aqui e acolá Narrativas orais.** Universidade de São Paulo. Tese (Doutorado) – São Paulo, 2010.

SILVA, K.I.M. **A Construção da identidade Quilombola na Percepção dos Jovens de Araçá/Cariacá, Bom Jesus da Lapa- Bahia.** Salvador. 2014. Dissertação (Mestrado) Universidade do Estado da Bahia, 2014.

SILVA, P.S. da. **Contornos Pedagógicos de uma educação escolar quilombola.** Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Tese (Doutorado) – Porto Alegre, 2013.

SILVA, R.M.N.B. e. **Negro e ensino Médio: representações de professores acerca de relações raciais no Currículo.** Orientadora, Prof^ª Dr^ª. Wilma de Nazaré Baía Coelho. – 2009. 154 fls. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Belém, 2009.

SILVA, T.M. da. **A Educação Quilombola Na Comunidade Negra De Simauma: a trajetória educacional da Escola Municipal Armando de Paiva.** Natal, 2011. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2011.

SILVA, V.L. da. **A Cultura Negra Na Escola Pública: uma perspectiva etnomatemática.** São Paulo, 2008. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, 2008.

SOARES, E.G. **Educação escolar quilombola: quando a diferença é indiferente.** Curitiba, 2012. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Paraná, 2012.

SOUZA, A.L. de. **História, educação e cotidiano de um quilombo chamado Mumbuca Quilombo.** Universidade Estadual de Campinas. Tese (Doutorado) – Campinas, 2006.

SOUZA, E.M. de. **Reminiscências: as lembranças como patrimônio social.** In: Revista Humanidades: terceira idade, v. 46, p. 103-109, out, 1999.

SOUZA, M.A.O. **“Negras nós somos, só não temo o pé no torno”: a identidade negra e de gênero em Conceição das Crioulas, Contendas / Tamboril e Santana (Salgueiro-PE).** Recife, 2013. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco, 2013.

SOUZA, M.L.A. de. **Educação E Identidade No Quilombo Brotas.** Campinas, 2009. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, 2009.

SOUZA, N.S. Tornar-se Negro. In. **A PSICOSE: um estudo lacaniano.** Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1983.

SPINOLA, A.M.A.S. **A Cultura Da Criança Quilombola: leitura referenciada em estudos, relatos orais e imagens.** Campo Grande, 2008. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Mato grosso do Sul, 2008.

SPIVAK, G.C. **Pode o subalterno falar?** Trad. Sandra Regina Goulart de Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

THIJM, F.E.A. **O que dizem teses e dissertações sobre relações raciais em educação (2004-2013).** Orientadora: Wilma de Nazaré Baía Coelho. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Belém, 2014.

VIDEIRA, P.L. **Batuques, Folias E Ladainhas (Manuscritos): a cultura do quilombo do Cria-ú em Macapá e sua educação.** Fortaleza, 2010. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, 2010.

VIDOTO, D.G. **A cultura na escola da Comunidade de Quilombo do Sapatú – Eldorado/SP.** Sorocaba, SP, 2006. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Sorocaba, Sorocaba, 2006.

VIEIRA, A.R. **Oficinas de arte africana como intervenção educativa na cultura quilombola do Morro Seco.** Centro Universitário Salesiano de São Paulo. Tese (Doutorado) – São Paulo, 2011.

WALSH, C. **Interculturalidad, Estado, sociedad: luchas (de)coloniales de nuestra época.** Quito: Universidad Andina Simón Bolívar/Ediciones Abya Yala, 2009.

WALSH, C. **Introducion - (Re) pensamiento crítico y (de) colonialidad.** In: WALSH, C. *Pensamiento crítico y matriz (de)colonial.* Reflexiones latinoamericanas. Quito: Ediciones Abya-yala, 2005. p. 13-35.

WEDDERBURN, C. M. **O racismo através dos tempos: da antiguidade a modernidade.** São Paulo; 2007.

ZAMORA, M. H. R. N. **Desigualdade racial, racismo e seus efeitos.** Fractal: Revista de Psicologia, Rio de Janeiro, v. 24, n. 3, p. 563-578, set./dez. 2012.

APÊNDICES

**Apêndice A – MODELO DE TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E
ESCLARECIDO**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Título da Pesquisa: A DIÁSPORA NEGRA NAS IMEDIAÇÕES DA TRASCAMETÁ, BAIIXO TOCANTINS: perspectivas de reinvenção de memória, educação e identidade cultural afrodescendente

Nome do Pesquisador Principal: Oberdan da Silva Medeiros.

Orientador(a): Prof. Dr. Carlos Jorge Paixão

1. **Natureza da pesquisa:** o sra (sr.) está sendo convidada (o) a participar desta pesquisa que tem como finalidade coleta de dados para a escrita de Tese de doutorado.
2. **Participantes da pesquisa:**
3. **Envolvimento na pesquisa:** ao participar deste estudo a sra (sr) permitirá que o (a) pesquisador utilize as informações dadas na escrita e publicização da pesquisa. A sra (sr.) tem liberdade de se recusar a participar e ainda se recusar a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo para a sra (sr.) (...). Sempre que quiser poderá pedir mais informações sobre a pesquisa através do telefone do (a) pesquisador (a) do projeto e, se necessário através do telefone do Comitê de Ética em Pesquisa.
4. **Sobre as entrevistas:** a coleta será feita através da técnica de Grupo Focal.
5. **Riscos e desconforto:** a participação nesta pesquisa não traz complicações legais. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução no. 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos usados oferece riscos à sua dignidade.
6. **Confidencialidade:** todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Somente o (a) pesquisador (a) e o (a) orientador (a) terão conhecimento dos dados.

7. **Benefícios:** ao participar desta pesquisa a sra (sr.) não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo traga informações importantes sobre Educação Quilombola, de forma que o conhecimento que será construído a partir desta pesquisa possa influenciar positivamente a formação de cidadãos de bem, onde pesquisador se compromete a divulgar os resultados obtidos.
8. **Pagamento:** a sra (sr.) não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa. Portanto preencha, por favor, os itens que se seguem.

Obs: Não assine esse termo se ainda tiver dúvida a respeito.

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa. Declaro que recebi cópia deste termo de consentimento, e autorizo a realização da pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo.

Nome do Participante da Pesquisa

Assinatura do Participante da Pesquisa

Assinatura do Pesquisador

Assinatura do Orientador

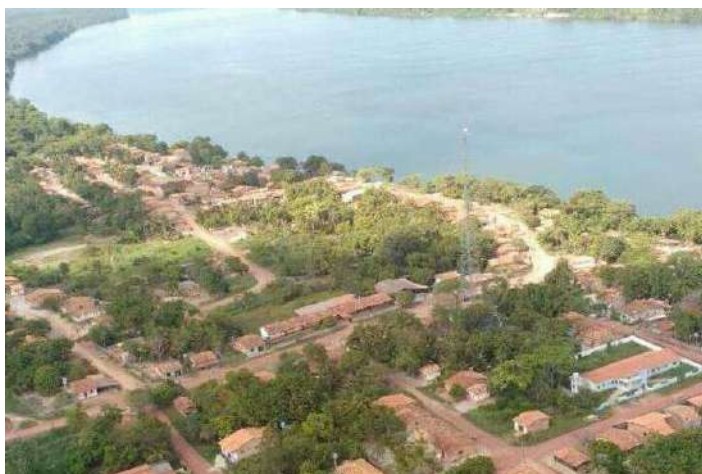
Pesquisador Principal: OBERDAN DA SILVA MEDEIROS

TELEFONE PARA CONTATO: (94) 981629243

Apêndice B –Registros fotográficos da pesquisa

Como podemos ver na figura 02, o rio Tocantins é composto por diversos cursos d'água que formam seus afluentes, subafluentes, furos e igarapés que se conectam com a floresta. A residência da população quilombola desta região, como já foi dito, tem uma pertinência associada a importância do rio como via de transporte e comunicação entre o rio e a estrada. Além disso, a região é uma área quilombola reconhecida que faz com que as pessoas adquiram direitos desta categoria e percam outros por não se enquadrarem no perfil de ribeirinhos.

VISTA AÉREA DE UMARIZAL-BEIRA



Fonte: arquivo da associação quilombola



Figura 1: Vista aérea da Vila de Umarizal. Fonte: Acervo do autor.

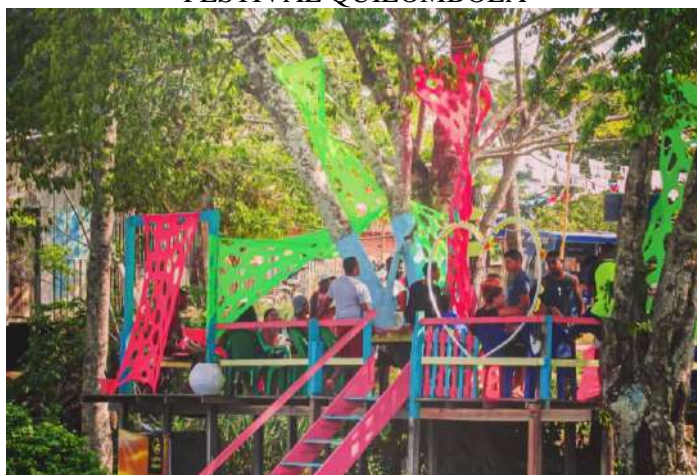
Dona Marciana e Antonete



Fonte: Acervo do autor.

Dona Marciana e Dona Jane mulheres quilombolas do Grupo Marí, habilidosas na arte da cura pelas ervas, sendo esta no caso da Dona Marciana a principal atividade, dentre outras a agricultura da mandioca, a produção de farinha, além de atuarna pesca artesanal, sempre que possível.

FESTIVAL QUILOMBOLA



Fonte: arquivo do autor

MULHERES DO GRUPO MARÍ



Fonte: arquivo do autor
REUNIÃO DE MULHERES



Fonte: arquivo do autor

REUNIÃO DA ASSOCIAÇÃO DE UMARIZAL PRESTAÇÃO DE CONTAS



Fonte: arquivo do autor

Maria Silva



Fonte: arquivo do autor

Sr Narciso e Oberdan



Fonte: arquivo do autor

ENTREGA DE CESTAS BÁSICAS



Fonte: arquivo do autor



Fonte: arquivo do autor



Fonte: arquivo do autor



A sede da Associação Quilombola de Umarizal se localiza no coração da Vila a margem do rio. Fonte: Acervo do autor.



Fonte: arquivo do autor

DAVID, ANTONIO, JANE, ASSUNÇÃO, OBERDAN E SAULO



Fonte: arquivo do autor

Sr. Assunção (Presidente da associação de Umarizal)



Fonte: arquivo do autor

Casa de Farinha



Fonte: arquivo do autor

CRIANÇAS BRINCANDO NA CASA DE FARINHA



Fonte: arquivo do autor



Fonte: arquivo do autor



Fonte: arquivo do autor



Fonte: arquivo do autor

Sr. Narciso em momento de entrevista



Fonte: arquivo do autor

FOTOS REGISTROS DO LUGAR**O SAMBA DE CACETE****GRUPO FOCAL DE LÍDERES E A RETA FINAL DA PESQUISA**

Apesar de toda limitação que se encontra em todo trabalho de campo nossa proposta de pesquisa inclui gravações que rememoram momentos que também são de lazer junto aos nossos sujeitos em momentos de seu cotidiano.



















Manhã de festa, reunião com os jovens da ARQIB para falar de Identidade Cultural e os preparativos para as festas de quadrilha junina em 2022. Fonte: Arquivo Pessoal do autor.



CONFERÊNCIA COM A COMUNIDADE

Lançamento do projeto de pesquisa da UFPA debate inovação territorial no Quilombo do Igarapé Preto, em Oeiras do Pará na ocasião proferi uma palestra sobre “Identidade Quilombola e Pertencimento”. Nesta ação, a Associação dos Remanescentes do Quilombo de Igarapé Preto e Baixinha, iniciou-se várias ações de pesquisa e extensão envolvendo mobilização institucional, técnica e comunitária para o desenvolvimento de estudos e diagnóstico socioambiental com nossa participação.













Registros outros: reunião da ARQIB por nós registradas em foto.



















Apêndice C – Entrevistas concedidas pelo Grupo Focal PRIMEIRO AÚDIO

<https://drive.google.com/file/d/16KITqaVLm9iJnKA9YDZwZaIMrZGftFJw/view?usp=drivesd>

Fala do Oberdan:

- Então, pessoal! Vamos começar a conversar né, assim para me apresentar eu sou o pesquisador Oberdan Medeiros, sou daqui da cidade mesmo, trabalho no IFPA. Em Baião o pessoal me conhece como o filho do seu Acapu, somos dois Oberdan's, o jogador de futebol do Umarizal e eu. Trabalho no IFPA e a minha área de atuação é a questão Racial com viés da Educação, no Núcleo de Estudos Afro-brasileiro e Indígena e no Programa de Pós-graduação em Educação da UFPA, tenho conversado com a Nilva (Presidente da ARQIB) e a gente tá se aproximando há um tempo por conta da pesquisa e da necessidade de se fortalecer o trabalho que ela tá fazendo já dentro da comunidade. E aí assim tem havido a coincidência de que nesse momento estou em meio à minha pesquisa de doutorado e estamos a somar forças. Temos nos aproximado por conta de quê na minha pesquisa de mestrado, onde discuti a questão da Liderança Quilombola a principal figura da minha pesquisa foi o seu Narciso no Umarizal. Ele é amigo de todos aqui e é a grande liderança, pelo menos no meu ponto de

vista, é uma grande liderança aqui, dentre outras lideranças que temos, ele tem contribuído muito. Esta reunião de hoje faz parte da minha incursão nas comunidades quilombolas das Imediações da Transcarnetá e sendo a comunidade de Igarapé Preto uma espécie de centro entre as comunidades esta foi a localidade escolhida para tal. Neste sentido, pedi para Nilva convidar pessoas onde percebemos uma potencial liderança e colocaríamos em prática um grupo focal. Este grupo focal será utilizado para algumas reflexões e a partir daqui iremos articular com o arcabouço teórico que utilizo, além de desenvolver algo que vai estar relacionado a minha atuação como professor. Tenho ministrado aulas de disciplinas pedagógicas em especial, desde 2010, de Educação Para Relações Étnico-raciais na formação de professores. Tenho encontrado muitos alunos aqui da região e quando falo dessas teorias, falo da minha prática, da minha vivência aqui. Estudei em Baião no ensino fundamental, ensino médio, conheço muitos quilombolas e sei o que são as dificuldades na nossa região e o que é a razão de ser das Associações Quilombolas, que volta e meia a gente teoriza, escreve artigos, pública e está dialogando sempre para dar visibilidade à comunidade. E aí eu resolvi fazer por conta que dia 12 ia ter uma reunião com a Universidade Federal do Pará, onde tem um projeto para a questão do Turismo aqui, não aconteceu acho que por conta da greve da Universidade e do Ifpa a gente decidiu fazer essa reunião hoje para iniciar esse Grupo Focal e claro que assim como eu vou me apropriar das práticas de vocês, vou dialogar sobre as minhas teorias, mas só que eu tô dentro de uma perspectiva hoje que a Tiffany (colega pesquisadora dos Estados Unidos) transita nos Estados Unidos vai observar que na América Latina temos discutido a Decolonialidade que é a perspectiva que trouxemos para nossa pesquisa, somada a metodologia da Afrodescendência. A Metodologia que é da Afrodescendência, a perspectiva do negro que pesquisa Questão Negra. Acredito que esta é uma forma de dar retorno para região ajudar a sistematizar o que se passa nas Associações Quilombolas, organizar o raciocínio dos líderes da associação sobre o que é liderança a partir deles próprios. Esta é uma proposta que valoriza os saberes que produzimos localmente e o grupo focal vem a servir para a aproximação com a discussão teórica que adentra estas associações. Em Bhabha (2010), por exemplo, há a afirmação de que existe o sujeito do entre lugar, que no nosso caso podemos definir como o sujeito conhece a teoria, que é do local, que também frequenta as universidades, que conhece a prática de ser negro na Região Amazônica. Muitos indivíduos da Região do Baixo Tocantins a exemplo da Nilva e do seu Narciso, podem ser considerados sujeitos do entre lugar. São sujeitos que assumem responsabilidades como a frente das suas Associações. Assim como em Umarizal, acreditamos que, pelo diálogo que temos, Nilva evidencia um conhecimento que dialoga com a literatura, seja pela sua

história de vida, seja pela atuação política a frente da associação. A luta diária para criar os filhos, da proposta de ter em vista a educação dos filhos como prioridade, o acesso as cotas quilombolas, o movimento de distanciamento de uma das filhas indo para Belém estudar é um exemplo da prática de muitos meninos que têm que sair para estudar e a expectativa do retorno já com formação acadêmica. Sempre se ressalta os cursos elitizados, médicos, advogados, engenheiros, mas temos visto aqui o desenvolvimento de um trabalho que valoriza todas as formações e cursos, valorizando a todos os sujeitos que saem daqui e dentre outras coisas para tentar fortalecer a associação, por via destes jovens. E, neste sentido, nos colocamos a disposição para ajudar neste processo, numa proposta de retorno à comunidade, no intuito de que esta pesquisa venha a servir também para que a gente se aproprie disso e possamos dar algum retorno positivo. De acordo com a Nilva, em uma das nossas conversas destacou que uma das maiores preocupações trata-se da questão do associativismo e do cooperativismo. De acordo com sua observação no sul do Brasil a “coisa” funciona muito bem no que se trata das associações e cooperativas, “só que quando a gente vem para Amazônia as nossas cooperativas e as nossas associações não estão funcionando bem”. Ela ressalta a sua própria que está com documentação a ser tentando organizada. Ao longo desta pesquisa afirmamos que a população quilombola desta região tem uma pedagogia própria e se auto-educa, se auto-regula e, apesar de haver associações que não estão organizadas, nelas ocorre uma organização bastante peculiar e o que a se quer aqui é dar ênfase neste processo. A partir da figura da Nilva, presidente da Associação de 12 comunidades, tivemos a intenção de dialogar sobre coisas que sabemos que vocês já conhecem e as vezes o que conhecemos a nossa própria maneira, ou quando se pensa que quando não se tem formação acadêmica, ou por que se estudou pouco, ou por se ter pouca aproximação com discussões da área das humanidades não há muito a se contribuir. Mas quando eu pergunto pra vocês: O que é sociedade? O que é resistência? O que é intolerância? O que é liderança? E vocês estão reunidos aqui por que são líderes. A Nilva os trouxe e queremos refletir a este respeito. O que é preconceito? O que é África? O que Diáspora? O que é racismo? O que é poder? O que é lar? O que é política? Liberdade? O que é discriminação? O que é quilombo? O que é ser negro? O que é ser quilombola? A sua formação pelas observações por mim feitas me leva a constatar que se aprende muito em pesquisas nestes moldes, temos momentos de reflexão, pra a Nilva em uma de suas falas deixa bastante claro que vocês estão aqui de forma passageira na associação ou a frente da comunidade. Como pessoas que já viram isso aqui há tempos atrás quando essas madeireiras estavam explorando, quando a Fazenda Cobal se instalou, quando foi implantada a Reserva RESEX, quando as associações surgiram a partir de 1999, onde a

primeira foi a de Umarizal. Quando citamos a saída desta população, quando falamos do conceito de diáspora ao longo do nosso texto, pensamos e nos perguntamos: qual é a origem da população negra na Amazônia? É uma origem da África numa diáspora transportada no Navio Negreiro que veio para o litoral, de lá a população veio para o centro do País, das senzalas elas foram para os quilombos, e dos quilombos depois de organizados estão voltando para cidade, para a Universidade para se apropriar do conhecimento acadêmico, e voltar, e depois tem que voltar de novo... E aí o nosso objetivo é nos por a disposição a fazer essa reflexão que se inicia nesta pesquisa e que não finaliza com o termino deste curso de doutorado, pois ela nunca vai acabar, porque se quer dialogar. “O que é ser líder? O que é educação quilombola?” são questionamentos que de forma otimista irão ajudar a influenciar os meninos e meninas que ao vão sair daqui para estudar, ou que aqui irão ficar, e irão também ajudar a escrever a história dos seus lugares, de onde eles fazem parte. Por outro lado, o conhecimento de vida também serão decisivos no momento e que estes estiverem expostos ao Prefeito Municipal, a Equatorial, ao Governo do Estado, ao Ministério da Agricultura, ao INCRA que vierem discutir e que tragam como tema a vida local dialogando com conceitos de suma importância que envolvem a comunidade, e os saberes que a comunidade detém sem dúvida dará a vocês propriedade para discutir tudo o que lhes diz respeito e ter condições de participar ativamente da vida em sociedade? Um afã perceptível nestas vivências de pesquisa em comunidades quilombolas é de que as associações estejam preparadas para desenvolver o trabalho delas, e se por acaso não tiver, a função é preparar pessoas para ir aos “enfrentamentos” possíveis em prol da sua comunidade. Neste ponto vou fechando o meu raciocínio para abrir a conversa. Parto da analogia de que a associação é como uma grande roça que existe já tem muito tempo, sei que vocês sabem fazer, se você plantar uma boa semente, vai colher bom fruto. Essa semente, a associação, foi plantada há muito tempo, essa roça quando formos tirá-la no lugar onde eu colhi vai virar capoeira de novo, daqui um tempo voltaremos a plantar no mesmo lugar. E como neste movimento estamos a plantar sempre na mesma terra que hoje são suas Associações.

Fala da participante Nilva:

- Eu gostaria de falar só um pouquinho, é sobre essa aproximação, é quando nós nos conhecemos através da conversa dele e eu me identifiquei com ele e eu acredito que ele si identificou então parece que a gente já se conhece há muito tempo, porque que hoje eu convidei aqui talvez, para o Diogo, para o Dijalma seja até uma conversa a mais eu já sei tudo isso, né? Por que um dia desse eu fiquei sabendo que o Diogo inclusive dá palestra

sobre identidade aí fora, eu fiquei ham, né? Então mais porque que é, essa vinda do Oberdan, muitas das vezes, tem um ditado popular que diz que o Santo de casa não faz milagre, né? Então quem sabe a gente trazer, tendo essa aproximação é, uma das nossas maiores dificuldades Oberdan, eu acredito que já conversei contigo na questão dá, dá associação daqui o Djalma e outros participaram de ações em relação principalmente às outras comunidades, qual a dificuldade que a gente encontra na hora da formação da Diretoria da Associação, as pessoas já não querem mais participar e quando vem já não tem aquele compromisso, né? Então nós agora, essa nova diretoria, inclusive recebendo critica, mas como já disse as critica é porque tá dando fruto, né? Organização da questão de documentação que em algum momento houve uma mudança lá, mas também nós não vamos procurar saber quem foi? Porque foi? Não, a questão é organizar, a Nilde, a moça lá do escritório tá dando esse apoio lá pra gente, né? Ih, mas dentro dessa organização não só de documentação também aí formação de lideranças, por quê? Como eu disse lá na, na reunião que eu pelo menos tive uma passagem pela Associação, olha, o seu Manoel Rodrigues ele participou aí, né? Do começo, da criação da associação quilombola, é um dos, uma das pessoa que foi um dos fundadores junto com os demais, o pai do Diogo, e hoje tem a filha dele, né? Que tá na diretoria, é... da Associação, tem o senhor também lá do Cupu o Denis teve que voltar pra lá, né? Também foi um dos fundadores da associação e o filho dele está hoje na diretoria, então eu queria mostrar um pouco isso, também, né? Pra ver como é que vai, né? Então essa, essa evolução tá, então, a Márcia que apesar de ser minha sobrinha também, o meu pai também participou dessa luta aí, também aí com a minha mãe, e muitos outros junto ali com o Dijalma, né? Que tem um grande conhecimento nessa área, mas eu digo que quando, daqui uns anos eu só quero ta acompanhando essa juventude aí que garanto eu, aqui aplaudindo o que puder tá contribuindo através de uma, uma palestra, né? De alguma forma é isso que eu quero fazer, não quero tá daqui a dez anos ainda fazendo a mesma coisa.

Fala do Oberdan:

- Assim, não querendo te atrapalhar, assim por exemplo, eu trabalho dentro do IFPA nesse núcleo e esse núcleo nós fundamos em 2009, de 2009 para cá já passaram vários prefeitos, é o único núcleo que tem Tucuruí, toda vez que muda a secretaria de educação ela convida a gente para ir lá, aí a gente chega lá o que que é que vocês necessitam? Há a gente quer uma palestra sobre a lei 10.639, a lei 10.639 é uma lei que discute a questão étnica e racial dentro

da Universidade e da Escola de Educação Básica, ela é de 2003, e aí entra o novo secretário ele diz faz todo o trabalho com secretário anterior fez a gente inicia a discussão, vamos dar uma formação, aí dá formação, essa formação não tem sequência. Agora ano passado a gente iniciou uma especialização, que é especialização em saberes afro-brasileiro e indígena na Amazônia que é a formação e educação para relações étnico racial, né? Que na hora de elaborar o projeto a gente mudou o nome, pra ver se sai dessa...dessa, de uma coisa que tá girando no mesmo círculo, em volta, né? E aí para ver se a gente sai disso, agora a gente conseguiu as prefeituras de Breu Branco, de Goianésia e de Repartimento, pelo Forma Pará, pediram a especialização. E aí se a gente, o que a gente pensou, né? A gente tem que formar vários professores na área, para que esses professores tenham a predisposição de desenvolver um trabalho e aí a gente avança, porque se ficar só dando essa formação básica não dá conta, e aí assim, a formação da liderança, o que a Nilva disse, né? Eu acho que a gente tem que fazer essa base através de vocês que aí vão conseguir formar outros líderes e esses outros líderes, que aliás eles já são formados, né? Tanto que tem, como ela mostrou, tá aqui a sua filha, eu esqueci seu nome Manoel Rodrigues, há o seu pai, né? Aí eu pensei que era ele, o seu Manoel Rodrigues é um líder fundador e agora a filha do seu Manuel já é uma liderança, esses líderes estão sendo formados sempre, agora o que é só essa... essa expansão que aqui há uma consolidação já nessa Associação como tem no Umarizal só que são 12 Comunidades, a gente tem que fazer isso ampliar e da sua experiência.

Fala da Nilva:

- Oberdan, perdão lá seu Manoel, porque também eu não falei, eu acabei não falando o nome de todo mundo, e aí tá, o pastor Antonio aí também como coordenador da comunidade, tem também tentado nos ajudar nessa parte da aproximação como foi hoje a questão da juventude, não é? É, a Claudilene da França, ela tem incentivado ali na criação do grupo de mulheres e desenvolver também o trabalho ali na comunidade, né? Então é, porque que eles estão aqui hoje? Porque eu vejo, eles aqui como uma base para nos ajudar a caminhar, porque que não tem mais, porque a ideia seria mais pessoas, uma de cada comunidade, e aí, ficou aquela questão de, ah vamos esperar o pessoal da universidade de Belém vim, aí é aquele, né? Não, vamos reunir dia 5, a Tiffany tem os compromissos dela também, mas hoje ela encaixou o dia 5 lá na agenda dela para estar aqui, né? Uma pessoa assim que se apaixonou aqui pelo nosso lugar, eu tô até querendo trazer ela pra morar pra cá já e ela disse que vem kkk(rs), Né? E sei também que ela tem muito a contribuir com a gente assim como vocês aí, o Oberdan, a Nilde ali através

do escritório deles ter dado um apoio muito grande pra associação, né? Então é isso, né? Eu também não falei, mas a minha mãe era uma pessoa que brigava muito, Nilva tu tem que ir pra reunião, eu não gostava de participar e ela sempre pegando no meu pé, né? Tu tem que participar pra ter o conhecimento, então eu sou um pouco fruto disso aí, né? Desse empurrão dela.

Fala da Emanuele (Manu):

- Muito obrigado dona Lorenza!

Fala da Nilva:

- kkk (rs), Seu Manoel agora, desculpe lá.

Fala do seu Manoel:

- Eu, posso falar o que eu quero? (rs),

Fala da participante Márcia:

- Se o senhor não for censurado, (rs)

Fala do seu Manoel:

- Não, assim, eu vou falar um pouco da minha experiência, hoje eu vou, hoje eu vou fazer as minhas colocações, conforme eu entendo. Ainda agora a gente estava aqui discutindo a questão, porque a Associação ela foi legalizada em 2002, se eu não me engano, né isso? Antes disso eu já observava algumas coisas que nós precisava fazer pra que nós tivesse renda, porque no nosso território já tava sendo escasso a caça, a pesca, que é o nossa cultura, né? De caçar, de pescar, de colher frutos. Poxa, muitas pessoas já não consegue ter renda porque nós já não encontramos na natureza, nós temos que fazer algo que venha nos dá renda, justamente plantar, produzir, criar, né? Pra que nós possa tá produzindo pra nossa manutenção, pra nossa vida, tipo assim, aí surgiu a oportunidade do projeto FNO, e como a gente não tinha se legalizado ainda foi feita individual, conseguimos dentro da área aqui, atingindo todas essas comunidades, nem todos conseguiram esse projeto, mas uma boa parte conseguiu, né? E, passamos a trabalhar, produzimos, ainda agora eu tava falando pra meninas aqui com relação a, eu trabalho, eu produzo, mas na hora de vender eu não consigo ter uma renda muitas das vezes nem para cobrir o meu custo, né? Por conta de que? Porque nós sempre caímos na

mão do atravessador, teve oportunidade que nós conseguimos ainda reunir trezentas e cinquenta toneladas de pimenta do reino, dentro da associação e não conseguimos passar, e não conseguimos passar do atravessador, tivemos que cair na mão do atravessador pra vender o produto, pra pagar os nossos custos, então essa questão nós tivemos participação fizemos vários cursos e tal naquela época, né? O prefeito nos deu a mão, nos ajudou, o sindicato junto.

Fala do Oberdan:

- Quem era o prefeito na época?

Fala do seu Manoel:

- Na época era o Antônio Lobo primeiro, depois veio a Jandira, mas a articulação partiu do Saci, ele criou lá uma entidade, né? Com fundos internacionais eee... deu apoio para esses cursos.

Fala do Oberdan:

- O Saci é de Umarizal...

Fala do seu Manoel:

- Que nos ajudou muito, na questão da prática do plantio, buscar recursos. Só que nós fomos embargados com relação da venda do produto, não conseguimos recurso, não conseguimos venda por conta disso, tivemos que cair na mão do atravessador.

Fala do Oberdan:

- Porque não estavam organizados.

Fala do seu Manoel:

- Nós não estava organizado e também não tivemos apoio, porque eu não sei como nós tivemos orientação com relação as cooperativas, né? As associações pra que pudesse reunir o produto, mas não tivemos apoio dos órgãos que nos orientasse o caminho, né? Pra ultrapassar essa barreira do atravessador, e você citou uma coisa ainda agora que eu tenho observado muito, como lá no sul, do centro oeste pra lá funciona, tem meia dúzia de pessoas se organizam em uma associação e pegam o produto dele e, é como é que se diz, organiza e vende direto pro consumidor.

Fala do Oberdan:

- E enriquece, e enriquece.

Fala do seu Manoel:

- Então, e nós aqui, não conseguimos ultrapassar essa barreira, então a importância de um ato como esse aqui quem sabe a partir daqui a gente possa se organizar, né? Com a orientação que nós precisamos, que nós somos tudo leigo, né? Pra que nós possa, não ó, o caminho é esse e nós vamos se organizar e vamo caminhar por aqui, né? Tava falando desse papel aí, a questão da união, a questão deu acreditar no companheiro, né? Pegar na mão dele, não é por aqui e levar, é fundamental, porque não, foi citado aqui ainda agora a menina falou a questão do...do agro, do agronegócio lá, eles não querem que nós cresça, isso é bem verdade, porque se não vão ter pra quem vender internamente aqui no país, né? Eles querem ficar lá no comando e à medida que nós, nos organizar, certamente nós vamos, se tiver uma boa parte da população, né? Organizada que bote alguma coisa o excedente no comércio, eles vão sentir lá, né? Então é esse o medo deles, mas não é por isso que nós também vamos cruzar o braço aqui, não, nós tamo aqui batalhando desde de mil não sei quanto, não conseguimos quase nada, né? Mas não é por isso que nós vamos, o que eu entendo, o que eu entendo é o seguinte, eu sou analfabeto, sou uma pessoa analfabeta, mas eu sempre tive o pensamento por conta do sofrimento que passei, né? De não querer isso para os meus filhos e batalhei na roça dando duro de sol a sol, até de noite trabalhando, pra que eu pudesse colocar meus filhos, né? Pra estudar, porque eu entendo que o caminho é isso aí, eu fiquei com um sentimento de assim, não sei nem como, de ver uma vez, nós lá na Superintendência do Banco da Amazônia lá em Belém, nós tinha o Saci como técnico agrônomo, porque toda vez que nós fazia os nossos projetos aqui tinha todo um trabalho, porque nós aprendemos a fazer o projeto, né? Mas quando chegava lá não passava, e nesse dia ele reuniu, presidente da associação, secretários, nós fumos quatorze pessoas pra lá, ele marcou uma audiência lá e nós fumos lá pra conversar com o técnico de, como é que se diz, que libera os projetos, né? É analista de projetos, e aí quando ele pegou o projeto ele simplesmente disse assim, esse projeto tem viabilidade econômica, eu não sabia nem o que era, a sorte é que o Saci tavacom nós, né? Ele falou, doutor esse projeto tem viabilidade econômica sim, eu posso mostrar para o senhor nós temos madeira, nós temos mão de obra familiar, nós temos terra e temos muda pra plantar, aí o cara teve

que se calar, tá, então nós vamos liberar o projeto, então é assim, pra mim é o conhecimento que nós leva a dar um passo maior, então a importância de nós começar um trabalho desse, já vou dizer pra vocês, estão de parabéns, e eu vou fazer tudo pra conversar e tentar, como é que se diz, chamar e chamar, nas minhas palavras, chamar as pessoas pra que a gente possa se organizar pra seguir em frente.

Fala do Oberdan:

- Tem muitas idéias. Para fazer isso pros Associados é um dos projetos, outra coisa que a gente tem pensado, né? Nilva no dia que tava em casa a gente pensou nisso também, que todo mundo aqui a maioria das famílias faz roça, uma coisa que vende, muito é objeto de madeira tem tanta madeira que dá para aproveitar que fica na roça. Uma das idéias é a casa de farinha mecanizada e comunitária, tem que ter uma casa de farinha mecanizada aqui, que não sirva só para uma, como são doze associações, ela precisa ser grande, que seja implantada aqui para que todas as associações usem ela, aí tem que ficar alguma coisa para associação, vai cobrar uma taxa para dá manutenção, que é assim, eu não entendo como é que, eu não estou falando mal deles, eu não entendo porque não faço parte de nenhuma associação, como é que eu tenho patrulha mecanizada na associação, um bem que é da associação, e na hora que eu sou associado, que eu preciso eu vou pagar o preço da hora lá na cidade, isso não existe.

Fala do seu Manoel:

- Por que essa questão da cobrança, por exemplo a associação é a gestora, né?

Fala do Oberdan:

- Sim!

Fala do seu Manoel:

- Os membros das comunidades vão fazer uso desse maquinário e esse maquinário precisa de manutenção, então tem que ter um pouco de recurso, mas não um absurdo.

Fala do Oberdan:

- Não um absurdo, tem que ter o recurso. Porque é trabalho, né?

Fala do seu Manoel:

- Por que se não tiver recurso também, eu sempre cito aqui, nós conseguimos um caminhão e esse caminhão tá jogado aí, porque é de uma associação, ninguém pode pegar, nem vender, nem fazer nada, tá apodrecendo lá, por conta... Mas deixa eu chegar onde eu quero chegar, por conta de que? Por conta que no momento, nessa época eu fazia parte da diretoria da associação, e eu coloquei a ideia de que nós tinha uma viagem, por exemplo, bora levar o pessoal lá na beira, levar o pessoal lá numa reunião, a gente cobrava uma taxa, pra que desse pra comprar o óleo e ficasse uns dois reais pra manutenção do caminhão. Aqui nós tinha o motorista era pago porque não tinha nem um profissional aqui, então, só que muitas famílias se opuseram e entenderam de não pagar nada, aí a gente fazia outros serviços para angariar recursos pra que tivesse o óleo no momento de levar um doente lá no hospital, e fazer uma viagem para a comunidade, e assim foi, chegou o ponto de que o caminhão quebrou e não tivemos recurso para recuperar, e o caminhão está aí jogado. Esse entendimento, é que nós temos que ter, com relação com os bens que vem para associação.

Fala do Oberdan:

- Tem que ter controle disso, não é?

Fala do seu Manoel:

- Então aí, a importância de que, eu entendo assim, as pessoas, os jovens que tão estudando, alguns já se formaram, não tenha ideia que formado, né? Ele vá lá não sei praonde, desapareça da associação e só venha aqui uma vez pra rever os parentes, a minha ideia é que alguém que se formar aqui, tenha compaixão, seja a área que ele se formar, volte para sua comunidade, pra nos dá apoio, porque ele aprendeu, ganhou experiência, né? Tem, como é que se diz, tem muita teoria pra passar pra nós. Só quero relatar sobre a questão da farinha, né? Porque é um produto que todo mundo praticamente tem, só que nós não conseguimos ter renda, olha agora tá 60 reais o atravessador entra aqui pra comprar um pacote de farinha com 30 kg, entendeu?

Fala do Oberdan:

- É aí que a gente quer chegar, porque que a gente que observar ver uma forma que a associação ter um capital pra comprar, é aí onde entra o papel da cooperativa, uma cooperativa de consumo e o que é que essa cooperativa vai fazer, muita gente sai daqui pra fazer compra em Baião, acredito que iniciaria com pouca coisa, vocês venderiam feijão, arroz,

óleo de cozinha essas coisas básicas, 10 itens só que ela teria que estar regularizada e ligada à associação, vocês comprariam da loja, do fornecedor, trazendo direto pra cá e a partir de hoje os associados não iriam mais na cidade comprar, veriam quanto estaria no supermercado e fariam um preço no mínimo 10 centavos mais barato, e já emprega um associado pra ficar vendendo. Essa idéia foi debatida por Nilva, seu Narciso e eu. Dá pra fazer, a sua ideia é uma ideia que coincide com esse sistema comunitário em que vocês vivem, é o papel da cooperativa de consumo, aí essa cooperativa, vai ter lucro, ela já vai comprar a farinha, vai fazer o inverso, o cara veio trazer, ele tá sem dinheiro pra comprar o feijão, mas ele traz a farinha dele e ele leva o feijão, leva o arroz e leva o óleo e deixa a farinha lá, e a cooperativa vai ensacar esse produto e vai levar essa farinha pra vender na cidade, isso não é difícil de fazer.

Fala do seu Manoel:

- Tem condições dele procurar um mercado melhor lá fora também, né?

Fala do Oberdan:

- Sim, e tem lugares em que a associação tem privilegio de vender, na merenda escolar por exemplo a preferência é da Associação Quilombola pra vender.

Fala do seu Manoel:

- Então é essa questão aí, e na época que se trabalhava muito a gente exigiu, né? Naquele tempo era, como é que se chamava Saci não é, é oi Saci, e participava aqui com nós e a gente ia lá pra Belém pra discutir, e foi feito requerimento pra casa de farinha, que a minha ideia também era essa, que nós centralizasse essa fabriqueta de farinha.

Fala do Oberdan:

- Eu tenho um orçamento de uma casa de farinha, ontem eu mostrei para a Nilva.

Fala do seu Manoel:

- Se tivesse um transporte, por exemplo, lá na França, o pessoal querem fazer uma semana de farinhada, pega aqui o transporte vai lá traz a mandioca, o pessoal, né? E vão trabalhar a semana aqui, produz a farinha aqui e associação procura o mercado pra

vender, tipo assim, né? E, pra outra semana outra comunidade, uma casa de farinha estruturada pra que viesse servir todas as suas comunidades filiadas.

Fala do Oberdan:

- Pois é, como são 12 comunidades cria uma casa de farinha, pedi um orçamento para o menino até que vende aqui, o Baixinho do Pery, que fornece peças aqui em Baião, eu disse baixinho ver pra mim o orçamento de uma casa de farinha de porte pra trabalhar todo dia e da conta de trabalhar 8 horas por dia, ele fez o orçamento a 80 mil o maquinário, se essa associação de regulariza e começa a produzir, tem como comprar a sua casa de farinha, pra que essa casa de farinha trabalhe e se pague, agora assim, a gente tá vendo é como fazer, né? Tem que ter um meio como fazer, se bem que a Nilva já conversou que é primeiro regularizar e aí, para sanar algumas perguntas suas não é? A gente tem acesso ao escritório da Nilde, mas a pessoa ideal não é a Nilde é a Luziane, ela já trabalhou muito tempo em associação com a sócia dela, ela não veio hoje é porque como a Nilva falou, né?

Fala do seu Manoel:

- Claro!

Fala do Oberdan:

- Mas inicialmente ele vai fazer esse serviço pra poder ver se sistematiza isso, entenderam?

Fala do seu Manoel:

- Na minha opinião é isso que tá faltando, né? Nós não conseguimos ainda por conta desse...

Fala do Oberdan:

- E aí, também é assim amigo, depois que organizar a de vocês essas outras vão ter que se organizar, elas vão ver funcionando, elas vão se organizar.

Fala do seu Manoel:

-Exatamente! Foi dado o primeiro passo, então que se a gente for ver, ainda agora falei nós não tem nada, mas não que ainda não veio alguma coisa pra cá, já veio sim, alguns pequenos projetos, porque a gente tem que começar de baixo, tem que começar do pequeno com a experiência que a gente vai ganhando, a gente vai aumentando, né? E

então, pela minha experiência e eu observei que muitos projetos que não deram conta porque conta que a gente não demo conta de administrar, porque do pequeno que a gente vai ao grande, mas se não souber administrar o recurso que vier, o material que vier, nunca vai dá certo, você não vai pra frente, eu tenho observado aqui todos os domingos aquele programa da Globo, né? Que é...

Fala do Oberdan:

- Fantástico!

Fala do seu Manoel:

- Não, não Pequenas empresas, Grandes negócios, aí a maioria das pessoas eles acabam quebrando, começa o negócio, mas acaba quebrando por falta de administração. Nosso forte é a Madeira! Eu quero encerrar a minha fala e eu não sei se eu falei dentro dos seus objetivos, se não eu peço desculpa, né? Mas, tentei colocar a minha visão como sócio da Associação.

Fala do Oberdan:

- E como liderança, né?

Fala do seu Manoel:

- E desejo que a Associação, desde que eu entrei, o meu objetivo era que ela se desenvolvesse e melhorasse a questão de vida para os nossos sócios, então, mas eu penso dessa forma, não é? Que a gente precisa se organizar e criar mecanismo pra que nós possa produzir, vender e vender bem vendido pra que nós possa ter lucro e renda pra nós melhorar porque, caso ao contrário vamos permanecer sempre nessa.

Fala do Oberdan:

- Aí uma coisa que eu queria lhe perguntar, né? Pra ver se o senhor... que o que senhor falou pra mim, tem muito haver com conceito de política, o seu histórico, a sua experiência de vida na associação é uma experiência política eu queria que o senhor pra encerrar a sua fala o senhor vai encerrar definindo pra mim, o que é política para o senhor?

Fala do seu Manoel:

- A política no meu entendimento, é tentar é... reunir as pessoas, num caminho que venha, como é que se diz, que venha se aglomerar e... ou seja, formar um grupo de pessoas, e a gente possa tá planejando algo que venha trazer benefício pra todos, no meu entendimento político é nesse sentido, eu não sei se é realmente isso, mas, né? A gente ver na nossa vida a questão política não é? Quando a gente fala de política, a política partidária por exemplo, há eu não quero me envolver com isso, mas eu aprendi que a política ela tá lá em casa, ela tá lá na comunidade, ela tá lá na cidade, tá em qualquer parte e nós temos que discutir política, então a política é isso aqui que nós estamos fazendo reunir as pessoas, procurar definir um objetivo com esse grupo de pessoas, pra que possa está buscando melhorias pra todos. Esse é o meu entendimento político, né? Mas, e outra coisa que... que eu entendo é assim, a política deve estar presente por quê? A política é que define a nossa vida, por exemplo a política partidária, ela define quanto eu vou ganhar, como que eu vou viver e assim por diante, e si eu não discutir essa política, pra que ela venha de fato melhorar pra cá pra nossa comunidade, como é que vai ser? Vai ser do jeito que os caras definirem lá, mas eu tenho que questionar como uma pessoa política eu tenho que questionar para que isso mude, esse é o meu entendimento.

SEGUNDO AÚDIO

https://drive.google.com/file/d/16JWuSJs6t1p6fuQkEstqDI_wiWGW8BSQ/view?usp=drivesd

Fala do Oberdan:

- O que eu vejo é assim, né? O que a gente tá objetivando aqui, como flui né? Um monte de ideia que a gente já teve, no dia que a gente reuniu lá, e é uma coisa que parte desse seu conceito de política, que... quando eu sou um indivíduo, por exemplo, quando eu era menino lá, em Baião eu fazia frete numa carroça, não sei se vocês lembram que tinha uma carroça lá, que o papai tinha uma carroça que fazia frete. Vocês sempre vão na cidade deve ter visto, eu

tinha 11 anos de idade, eu fazia frete na carroça, daí eu cresci eu trabalhava lá no bar com o papai, fazia seresta que vocês devem ter frequentado por lá (rs)

Fala do seu Manoel:

- Naquele tempo podia trabalhar, agora não pode.

Fala do Diogo

- Eu morava na Casa Interiorana na época.

Fala do Oberdan:

- Tu moravas lá, verdade. Tu lembra de um menino daqui do Umarizal que ele era muito meu amigo nunca mais eu vi, ele tá, esses dias ele foi lá no hotel, ele toca em uma banda, ele tocava bateria o Whashington.

Fala de participante desconhecido (homem)

- Sei quem é!

Fala do Oberdan:

- O Whashington era meu colega, ele era muito meu amigo, nunca mais encontrei o Whashington. Aí... como é que eu consegui me concentrar, daí eu passei no vestibular, eu fui morar lá em Marabá, daí eu fiz meu curso, voltei fiz concurso, consegui me organizar e estou aí trabalhando, né? Montei até um negocinho, sou parceiro lá do pastor, vou vender umas casas, eu voltei para Baião, que nem a história do seu filho, né? Ele voltou e tá investindo aqui, igual eu estou investindo lá, né? Eu moro em Tucuruí, mas estou fazendo umas coisinhas aqui. Como é que eu posso fazer isso como indivíduo e eu não consigo fazer isso como o grupo, não é? Uma coisa bem contraditória, contrária essas... e daí da tua experiência, por exemplo, o que é que tu tem visto aqui, disso que a gente tá imaginando o que que tu acha o que é que tá travando as coisas para desenvolver.

Fala do Diogo

- Bem! Bom dia, né? É..eu trabalho na comunidade, como jovem eu comecei muito cedo há vinte anos atrás, né?

Fala do Oberdan:

- Qual a tua idade?

Fala de participante desconhecido (homem)

- Tenho 40!

Fala do Oberdan:

- 40, E a sua idade qual é?

Fala do seu Manoel:

- 73.

Fala do Oberdan:

- Está firme, não parece não.

Fala do Diogo

- Em 2002, nessa nossa batalha de vida, fui daqui com 11 anos, estudava aqui até terceira e quarta série e ia embora, numa escala de Baião, né? Época eu morava em Interiorana, né? Moleque, de lá fui pra Belém, voltei em 2002, sempre acompanhava antes disso da associação, sempre convidava meu pai, né? Entrei no movimento.

Fala do Oberdan:

- Como é o nome do seu pai?

Fala do Diogo

- Domingos Machado! Na época a igreja era muito forte, né? Católica, era a que predominava, centralizava, né? Algumas comunidades ainda tem, né? Coordenador da igreja, presidente da comunidade, tinha o animador, né? Ainda tem, e muito movimento, social. Quando começou a associação se percebe que... que muita coisa fluiu, fluiu e essa fluência ela veio pra nos despertar, e esse despertar começou a ter o conhecimento, né? O conhecimento, ter novas ideias. Eu voltei pra cá em 2002 como professor, eu lembro que poucas pessoas me conheciam, tipo assim, hoje o senhor volta lá, quando o senhor voltou, mas poxa o filho do Acapu já está desse tamanho e tal. Eu voltei em 2002 fui apresentado em uma comunidade, aqui na época tinha 12 regimentos, né? Professor na comunidade chegava, a comunidade tinha que passar o regimento, o

que era que tinha que cumprir, era assim, era toda uma doutrina que eu achava muito importante, predominava a comunidade, hoje eu vejo e falo para o pessoal, você chega as vezes nem sabe, fulano já é professor, as vezes nem o pai do filho conhece quem é ele, né? Na comunidade daqui a pouco, então era assim, a comunidade passava pra gente toda aquela tradição que tinha, e tinha que respeitar nessa época, né? Eu aprendi assim, eu vim nessa linha, e eu já tinha alguns conhecimentos nessa época, e eu vim começar a sistematizar na forma organizar, voltado para a cultura, na época tinha um samba, né? Chamado “topa tudo”, mas eu via que ali era somente por não ter esse reconhecimento dos mestres, ninguém valorizava, jovem não valorizava, reunia ali, mas não tinha aquela influência total, eu fui por esse lado, aí eu fui por esse lado, de ampliar esse conhecimento e envolver a juventude, né? E começar a divulgar na época eu tinha conhecimento e comecei a divulgar a cultura, né? E depois de tudo isso, tanto é que hoje você vai, os trabalhos, onde você chegar a internet hoje tem, antigamente não tinha, mas a gente começa a ter um trabalho assim, de..de passo a passo, porque? Começa a ter influência, né? Vê que aquilo não vai da certo, que aquilo é só besteira, hoje eu chego em um consenso fico observando, hoje samba de cacete faz parte de uma cota, digamos 50%, pra nossa comunidade, pela Universidade. Primeira pergunta?

Fala do Oberdan:

- Você conhece o Samba? Participa?

Fala do Diogo

- Pra ter envolvimento na comunidade, participo! Às vezes o cara tá lá enrascado liga olha Diogo, eu digo olha vai na internet cara, uma simples música a gente ensaia pra ele, e ele tá aqui e não dão valor, cresceu.. até ano passado, todo ano tem isso, mas o que é que não dá certo? Essa política social interna, eu costumo dizer, detalhes, esse bate papo, a associação ainda não conseguiu uma formação realmente, eu acho que a partir que tenha a função de cada um, uma engrenagem na verdade, uma engrenagem, onde que cada engrenagem funcionar dá certo, se não funcionar, um coordenador de meio ambiente, um coordenador de cultura, coordenador de patrimônio, uma secretaria, presidente, tesoureiro, tem que ter harmonia, e as ideias, elas precisam ser aceitas, cada ideia ela precisa ser avaliada e chegar em um consenso e dizer não isso aqui é o certo. Somo ricos, nós somos riquíssimos em liderança inteligente, capacitada, mas não está

funcionando, a gente, eu acho que falta isso, e nós somos coordenadores de comunidade, ela, eu. Eu tô como vice, né?

Fala do Oberdan:

- Tu és líder de qual comunidade?

Fala do Diogo

- Igarapé Preto!

Fala do Oberdan:

- Ah, você é o vice presidente da ARQIB?

Fala do Diogo

- Não! Dá Comunidade Quilombola de Igarapé Preto. Eu sou coordenador de cultura também dá comunidade aqui de Igarapé Preto, nós somos três coordenadores a Marcia, eu e ele, somos coordenadores da comunidade, e a gente sempre fala muito da questão da parceria, né? Algumas coisas tem conseguido junto com algumas parcerias paralelas, né? A associação é... foi um erro muito grande, por exemplo, botar 12 comunidades, não digo um erro, mas foi uma extensão muito grande para dominar 12 comunidades com pensamentos, com pensamentos muito diverso.

Fala do Oberdan:

- Na verdade, eu até conversei esses dias com um colega meu sobre isso, tá grande, aí vocês estão quase na dimensão de uma federação.

Fala de participante desconhecido (homem)

- Já tem esse projeto de federação, porque federação, porque já começa até uma organização a todos, né? Porque se não for federação, não vamos conseguir se organizar porque as próprias associações e as comunidades não estão unidas, né? Se tu for ver, por exemplo...

Fala do Oberdan:

- Mas eu já acho, licença aí, sem querer te cortar, mas eu já acho que está grande, mas tem como, tem como.

Fala de participante desconhecido (homem)

- Tem como! Porque, por exemplo, hoje nós temos 12 comunidades, achei muito importante falar, tu falou de formação de liderança, isso é importante, isso é importante.

Fala do Oberdan:

- Sim!

Fala do Diogo

- A gente tem várias conversas com a presidente, né? Isso é importante, começar...

Fala do Oberdan:

- É que nem eu falar da questão da Decolonialidade, eu não posso chegar aqui como autoridade, há que eu conheço cultura, que eu conheço identidade, que eu conheço... não, todos aqui tem a sua noção particular disso, porque todo mundo sabe, nós conhecemos essas palavras e cada um conhece o seu conceito, e aí quando chega alguém pra falar algo, ele vem dialogar, esse diálogo ele tem que ser em pé de igualdade, aí cada um dentro na sua área, cada um dentro da sua formação tudo bem, a gente vai respeitar aquilo que for de critério acadêmico, beleza! Mas ninguém veio aqui pra ensinar, ninguém pode vim aqui ensinar ninguém, a gente pode vim aqui é aprender, né? Por exemplo, o professor chega e vai ter que aprender o que é como funciona a comunidade e a partir daí ele vai começar a trabalhar.

Fala do Diogo

- Eu tenho muito cuidado, eu sempre falo, quem chegou? Que informação que ele levou daqui? Esse cuidado eu sempre eu me preocupo, o que foi que ele levou daqui de informação nossa? Nós estamos deturpando alguma história nossas, e aí daqui a pouco a gente tá indo de contra a comunidade.

Fala do Oberdan:

- E até tipo, por exemplo, o artigo do seu Narciso eu mandei, seu Narciso eu vou escrever o artigo, vou lhe mandar para o senhor ler aí, concorda? Tá ok? Tá fiel? Beleza, aí sim!

Fala de participante desconhecido (homem)

- Mas eu acho que a associação, inclusive tu mandou um projeto também, a questão da madeira, né? Foi na gestão passada que eu tive um, eu tive na verdade um questionamento com a associação na gestão passada, isso na reserva, né? Eu fui visitar a reserva lá, e as empresas quando elas vem pra extração de madeira, elas vem tirando tudo, né? Só que eles tiram tudo o principal, né? Por exemplo, se tu pega uma melancia tu tira ali só o âmago dela o e vai embora largando a casca, sobrou madeira de lei de 4 metros eles não levam, madeira de 4m eles não levam...

Fala do Oberdan:

- Tem casca de madeira de tudo, que dá pra fazer muita coisa.

Fala do Oberdan:

- Esses pedaços de 4 m, não são qualquer madeira são angelim pedra, são ipê. Eu dei a proposta, vamos fazer o projeto do Sebrae, pra fazer esse reaproveitamento, né? Que o senhor falou, apesar de dá a ideia, mas não depende de mim, né? E aí, acabou ficando ali, eles acharam que eu era... há não dá certo, logo desanima, né? Olha se tiver um projeto, a gente bota uma marcenaria coletiva, bota uma marcenaria coletiva, bora botar aqui tem tanto como é que.

Fala do Oberdan:

- Inclusive quem coletar essa madeira que vai ser reaproveitada, se ela for encaminhada e tiver como vender, fica uma taxinha pra devolver pra essa pessoa que trouxe, que coletou, dá pra fazer.

Fala de Seu Antonio Vieira

- E tem muito, tem muito... aqui por exemplo, aqui nas nossas áreas, nós somos, por exemplo, faz uma roça, olha quanta madeira ele tira e queima..

Fala do Oberdan:

- As vezes é só para fazer carvão, né?

Fala de Seu Antonio Vieira

- Nem pra fazer carvão, que tudo é queimado tu não vai aproveitar..

Fala do Oberdan:

- Queima lá mesmo!

Fala de Seu Antonio Vieira

- Queima lá mesmo tudo... pra não ficar nada mesmo, e se fazer essa pesquisa, por exemplo, antes fazer essa pesquisa na área, vai fazer uma roça ali, o que é que tem de madeira ali, o que é que tu vai tirar, o que dá pra aproveitar?

Fala do Oberdan:

- Que dá pra aproveitar, e depois que queima, se for queimar, depois de queimar ainda dá pra tirar coisa de dentro?

Fala de Seu Antonio Vieira

- Eu acho que essa consciência, até nós tem que ter, né? A gente já fez muita coisa, só que a partir de agora, eu digo as coisas da nossa comunidade, nossa associação. Lutar com força, não existe mais isso e tem que tá com a mente, e tem que pensar na nossa subsistência, começar a sobreviver, né? Eu acho que dessa forma a gente vai desenvolver, né? Começar a usar a inteligência, não adianta chegar lá com o prefeito, com o governador e quebrar prédios, não adianta, não é mais isso, tem que ter inteligência, começar a se unir, fazer umas mobilizações.

Fala do Oberdan:

- Fazer umas mobilizações, por exemplo, houve uma mobilização no dia em que aconteceu, que mataram um pessoal acidentado ali, naquela curva do S ali, eu transito muito ali naquela área do Umarizal. Atropelaram o pessoal e eu tava pra cá pra Baião, eu quis ir pra Tucuruí e na hora que eu cheguei lá, não deixaram eu passar, ainda me esculhambaram ainda, um senhorzinho que tava lá, ainda peguei uma escolhambação na hora que eu cheguei lá, e não tinha nada haver comigo e ainda abusou comigo lá, aí eu fui para Cameté que eu não ia ficar, que era de noite. É uma mobilização desnecessária, né? Fizeram um negócio lá, gastaram dinheiro a toa ali na curva...

Fala de Seu Antonio Vieira

- E ficou do mesmo jeito!

Fala do Oberdan:

- Ficou pior até que tem duas estradas agora, tem gente que tem hora que passa por uma, tem hora que passa por outra, ali eu não entendi como fizeram, se não era pra passar lá a outra é pra passar agora, porque está crescendo mato, quer dizer, não foi um negócio mal pensado aquilo?

Fala de participante desconhecido (homem)

- Vai ter outro acidente, tu vai entrar para o lugar errado o cara pensa que não vem outro lá e...

Fala do Oberdan:

- Vai ter outro, ontem nós passamos lá e um carro tombou, vocês viram?

Fala de Seu Antonio Vieira

- Não tem sinalização!

Fala do Oberdan:

- Na quinta, na sexta feira na hora que nós passamos o carro tinha acabado de capotar.

Fala de Claudilene

- Diogo tu já concluiu aí? Porque eu vou falar um pouquinho, eu tenho que ir pra casa, as crianças estão lá, não deixei nadinha lá, aí eu vim pra cá, né?.

Fala de Diogo

- Já!já! Eu tenho que ir também.

Fala do Oberdan:

- Teu nome? Esqueci.

Fala de Claudilene

- Claudilene! É assim, eu sempre falo que eu tô na comunidade..

Fala do Oberdan:

- Tu é da França?

Fala da participante Claudilene:

- **Dá França! Tô na comunidade pra contribuir naquilo que for necessário e que seja viável pra nós, então assim, essa formação ela é importante porque, é... os nossos jovens agora, ele não tem muita noção do que é a cultura, de que é a responsabilidade dos nossos velhos é, ele não tem essa responsabilidade, talvez não tenha essa mente aberta que essa cultura, que essa luta, que nossos pais, nossos parentes, antepassados é, eles tiveram é importante, então com essa mentalidade de hoje que a evolução que chegue a gente vai deixando que as nossas raízes, as nossas raízes elas vão sendo esquecidas, então se a gente não fizer hoje é, é... uma alto-avaliação e tentar preparar esses jovens pra mais tarde, a gente não vai conseguir é.., levar aquilo que a gente vem lutando a muito tempo, então essa formação de liderança pra mim é a base de tudo, porque quando tu tem uma formação sobre aquilo que tu vai exercer, que tu vai fazer dentro da tua comunidade, tu é que capaz de avançar, e as vezes existem pessoas, existem lideranças dentro da comunidade que ele traz é..., essa carga tudo pra si, parece que não quer compartilhar conhecimento com esses jovens que estão vindo aí, né? Com essas crianças, eu sempre falo que eu tinha uma vontade enorme que as nossas histórias, elas fossem contadas na comunidade pra essas crianças, que a gente tivesse livros relacionados à nossa cultura, dentro da nossa comunidade pra essas crianças já crescerem com uma mentalidade sabendo de onde ela veio, pra que quando for acessar uma universidade por ela ser quilombola, ela já tem uma mentalidade do que é ser quilombola, porque dentro da nossa comunidade hoje a gente tem pessoas que nem sabe o porque ele é quilombola, o que é ser quilombola..**

Fala do Oberdan:

- Ou só desperta na hora das cotas, né?

Fala da participante Claudilene:

- **Sim, só vem interessado em pegar, né? É porque quer acessar a Universidade, aí procura o presidente, as vezes ainda xinga porque acha que o presidente tem a obrigação de tá esperando ele lá a hora que ele quiser, né? Não, não exerce as suas obrigações, né? Só que saber de receber, mas suas obrigações não quer, então é muito difícil, eu sempre falo que a gente não deve acarretar essas coisas só pra cima da nossa**

presidente, ou do nosso presidente, alguém que está lá na frente, porque isso a gente tem que fazer nas bases e as vezes a gente acaba é, e esses jovens acabam excluindo os mais velhos, há isso é só besteira, isso é desnecessário por que hoje a tecnologia avançou, não, a tecnologia avançou, mas a gente tem que saber que as nossas raízes ela ainda continua, ela continua as nossas raízes, a nossa cultura, né? Que muitas comunidades, é hoje, elas já perderam a essência, foram comunidades muito visualizadas no passado, mas hoje elas não têm mais nada, porque os antigos que traziam isso com muita dificuldade foram morrendo, foram ficando velhos e não foi repassado, e não foi formados esses novos pra ter uma liderança, né? De subsistência na comunidade.

Fala do Oberdan:

- Esse ponto que tu tocou é muito importante, quem é a liderança mais antiga que tu lembra?

Fala da participante Claudilene:

- Há lá na minha comunidade os mais antigos morreram tudinho, tem um recente que o tio Virgilio, né? Que é, que...

Fala do Oberdan:

- Qual era o sobrenome dele? O sobrenome dele era como?

Fala da participante Claudilene:

- O sobrenome dele é...., eu esqueci agora meu Deus! Deixa eu ver se eu lembro aqui.

Fala do Oberdan:

- Seu Virgilio! Tem um Virgilio lá em Calados também que é o pai do Maia, pai do Maia não é avô do Maia.

Fala da participante Claudilene:

- É Fernandes! Fernandes Rocha que é nosso sobrenome é bem forte, né? Rocha lá na comunidade, então, mas os nossos negros, os negros que tinham a pele escura, hoje são mais mestiços, né? Eles já todos já faleceram e a gente tem histórias lindas, que a gente deveria ter...

Fala do Oberdan:

- E que precisam ser contadas.

Fala da participante Claudilene:

- **É, precisam ser contadas, e a gente, a gente perdeu, hoje a gente não tem mais eles pra contar aquelas histórias pra gente, então e os outros que tão hoje maduro já, que tem quase 70 anos, 60 anos, ainda tem essas histórias, mas a gente não pára pra ouvir eles, então é, eu acho assim que...**

Fala do Oberdan:

- Precisava até proporcionar esses momentos, né?

Fala da participante Claudilene:

- **Sim, sim! São momentos bons.**

Fala do Oberdan:

- Pra envolver eles, vai ter um contação de história, tem uma atividade que é contação de história.

Fala da participante Claudilene:

- **Mas é tipo assim, é..a gente leva pra comunidade, hoje vai ter um evento e tal, a gente vai contar história pra vocês e ninguém aparece, os jovens principalmente, eles não querem saber, então a gente tem que arrumar um, sei lá, um... um meio, né? Chamar eles pra vim, que essas histórias sejam contadas da forma que eles estão vivendo hoje, vivenciando, né? Pode ser através de alguma coisa que eles vivem hoje, né? A realidade que viva, mas contado, sendo contado na realidade nossa, né?**

Fala do Oberdan:

- O dia que a gente fizer a primeira formação, que a gente já vai fazer o encaminhamento que a gente já vai embora daqui a pouco, né?

Fala da participante Claudilene:

- **Sim!**

Fala do Oberdan:

- A gente podia ver um momento pra gente fazer uma formação sobre associativismo, nesse dia trazia um idoso pra fazer uma contação de história e trazia um jovem pra contar uma história que ele já aprendeu com o idoso, podia ser, que aí, essas ações da associação não vão ser feitas só quando eu tiver aqui, né? A associação vai se reativar, ela tem que ser feita, já que envolve, essa problemática que tu coloca que é a questão da cultura, toda vez que a associação se reunir não vai se reunir apenas pra tratar de algo administrativo ou financeiro, vai trazer pra poder, gerar essa valorização de cultura.

Fala do participante Diogo

- Porque a cultura é, a gente confunde cultura e manifestação, cultura é tudo aquilo que a gente vive, né? E aí, por exemplo, a gente trabalha aquilo lá, hoje eu tô lá na comunidade dela, aí eu cheguei lá, por exemplo, bora resgatar o samba? Pra resgatar o samba de cacete na comunidade dela, eu acredito que depois do grupo, né? Não já tem a proposta lá, já falei pra eles isso, tem que incentivar o samba, mas é do jeito que eles conheceram, vamos fazer essa busca, a muito tempo tu tem uma música, como é essa música? Como era a forma de tocar? Porque o samba é diferenciado, Umarizal toca de um jeito, Calados toca de um jeito, Igarapé Preto de um, então sempre por onde eu passo não tento implantar o nosso samba daqui lá, não, vamos buscar o que vocês ouvirem dizer, a música que ouvirem dizer, com a forma de tocar, né? Isso acontece...

Fala do Oberdan:

- Esse batuque que a gente tá ouvindo aqui, ele é daqui?

Fala da participante desconhecido (homem)

- É! Esse é um ritmo afro.

Fala do Oberdan:

- Esse é daqui mesmo, né? Parece o Olodum.

Fala do participante Diogo

- É! De ritmo Olodum, o grupo é daqui, né? Mas o ritmo ele não tem muito essa ...

Fala do Oberdan:

- Agora eu ia pedir, porque eu tava pedindo pra cada um que falasse pedindo a opinião alguma coisa, ele já falou da cultura agora eu vou pedir mais um, a cultura, um autor que discuti cultura igual a ele aqui, hein Tiffany? Que definiu cultura, o jeito que tu defini é igual o Jorge Dias, ele é um português, ele defini cultura assim, ele fala que a cultura é..., é a vida total, o Certeau também, o Michel de Certeau ele discuti que cultura é a vida total, agora eu queria que tu definisse pra mim, deixa eu ver um termo aqui, tem haver com o que tu falou, queria que tu definisse raça, o que é raça pra ti, quando tu falou os nossos negros, né? Mas escuros e tal, tão morrendo, na tua cabeça o que é raça, na tua definição?

Fala da participante Claudilene:

- **Bom! Não tenho muito conceito sobre raça, mas pra mim é a cor da pele, é..., geralmente quando a gente estuda raça é aquilo que se reproduz, né? É um tipo de raça (rs)**

Fala do Oberdan:

- E aí pastor? O que o senhor achou dessa iniciativa.

Fala do participante Antonio Vieira:

- **Eu tenho poucos minutos, né? É, parabenizar a Marinilva mais uma vez pela iniciativa, é ter feito essa parceria, de estar com vocês hoje aqui, né? Termos aqui em nossa comunidade é muito importante, eu estive com ela lá em Tucuruí no primeiro momento, né? Tive no escritório, na sua residência, e é quero agradecer Oberdan a sua pessoa, né? Nilde, né? Tiffany que eu conheci hoje...**

Fala da participante Tiffany:

- **Sim!**

Fala participante Antonio Vieira:

- **Eu vejo que nós estamos hoje com uma contadora, que veio em nossa comunidade, estamos com uma jornalista, não é isso? Que está em nossa comunidade, professor, né? Que está em nossa comunidade, e eu vejo que se abre um leque, um caminho agora pra algo melhor, eu sempre digo, eu já fui empresário, né? No passado, e eu tenho uma meta que não tem um bom empresário se não tiver um bom contador, não adianta, ela não vai crescer se ele não tiver um bom contador, inclusive eu troquei de vários contador**

quando eu tinha a minha empresa até acertar com um contador que eu não pagava praticamente imposto, pagava imposto sim, não pagava multa, porque no dia certinho, ele tava na cola e tal, e dava um jeito, então isso me lembrava fazer, na correria do dia a dia a gente acaba esquecendo (rs)

Fala do Oberdan:

- Eu pensei que ele iria dizer assim, eu tinha um bom contador que ele não fazia eu pagar imposto..(rs) ajudava a sonegar imposto (rs)

Fala do pastor:

- Então assim, parabéns a vocês da nossa comunidade, é eu tô muito grato com a presença, com essa pesquisa, eu vocês falaram de coisas muito importantes eu não sou filho daqui, mas há 15 anos eu estou aqui e a 15 anos atrás eu tinha um projeto quando eu vi isso aqui eu fiquei muito feliz. Meu projeto ele está adormecido, ele não saiu do papel, alguém sabe aqui que eu cheguei a comprar um maquinário, né? De movelaria, e exatamente porque eu sou marceneiro, e eu cheguei comprar um maquinário que a intenção seria, não era nem ganhar dinheiro, quer dizer, até eu tive uma resistência no começo quando eu cheguei, e todo mundo quando chega em uma área de quilombo tem essa resistência e eu entendo isso, eu tive dificuldade para arrumar uma área que era pra colocar essa movelaria, que eu queria fazer esse aproveitamento, que eu já conhecia de aproveitamento, e as crianças nossas que estavam aí na rua, no balneário, então eu queria dá essa aula pra eles, e felizmente depois de muita conquista, muita luta, consegui os terrenos, que era dois terrenos que eu precisava, um pra residência e um pra colocar a industriazinha, mas deparei com um problema que seria a energia, porque tinha o maquinário, tinha não, tem esse maquinário ainda que tá em Tucuruí, que é um maquinário 380 a energia, não tinha energia trifásica aqui, que até hoje ainda não tem... Só bifásica! É só bifásico, em algumas localidades só que foi colocado esses transformadores, e esse projeto ele foi adormecido, mas eu vendo hoje o diálogo aí e já tivemos também período de gerar essa energia, despertou isso aí, é preciso, é um ponto principal porque hoje a gente conhece, eu sou filho do Tocantins, né? Goiás, hoje Tocantins, e...

Fala do Oberdan:

- Mas não é irmão do Goiano (rs) é vizinho.

Fala do pastor:

- (rs) Não! Eu estive lá agora eu sei o que é, o quanto que custa um toco de madeira trabalhada, eu sei quanto custa, porque lá é o carro forte na verdade esses estados Goiás, Tocantins, aqui não é barato e lá se torna muito mais caro ainda, porque já não tem mais, já não tem, tá tudo nas nossas terras hoje é soja, é milho, é melancia, é abacaxi em fim, não tem mais praticamente terra, não tem mais praticamente mato, então custa caro realmente uma arte dessas e que aqui nós estamos queimando, né? Ou apodrecendo no mato aí, não é para alavancar uma profissão, uma profissão que hoje o marceneiro onde ele quer que chegar em qualquer cidade do Brasil, ele tem uma porta de emprego aberta, porque é uma profissão que não para, né? Ela não pára, mas não é boa, não é bem remunerado mas o camarada tem uma porta aberta de emprego onde ele chegar, e aí eu espero que a partir dessa roda de conversa que estamos tendo aqui, como já foi dito, o Diogo disse que teria que tá todas as comunidades, na verdade eu acho que é bom mesmo a gente começar assim, e a gente levando a mensagem positiva que tem algum que vai pensar de forma contrária e acaba atrapalhando o projeto, são lideranças que estão aqui e eu tenho certeza que com a construção do que tá sendo construído aqui, vai alavancar e com a ajuda de vocês é claro, eu vejo, você botou bem claro na sua conversa que é a respeito do que o cara quer levar, o que que vai, a gente percebe você é filho da região, e que quer também devolver o teu conhecimento que já está devolvendo com certeza e quer continuar devolvendo o seu conhecimento para as comunidades, para os nossos quilombos, quero parabenizar mais uma vez e dizer que a nossa comunidade...comunidade que, nós temos um avanço graças a Deus a nossa cultura, o Diogo é coordenador de cultura, ele é coordenador de comunidade também, a Marcinha também, três coordenadores, tá eu, o Diogo e a Marcinha, a gente sempre faz uma eleição e é eleito alguém pra representar a comunidade, e nós estamos eleitos para este mandato, nós estamos eleitos como coordenador de comunidade, e nós temos um grande privilegio que também a associação tem ganhado com isso porque nós temos o nosso samba de cacete, nós temos o nosso carnaval que continua ativo aí, né? Nós temos as nossas quadrilhas, esse grupo que o Djalma é professor, grupo também está se destacando, então a nossa cultura, graças a Deus a gente tem, agora a quadrilha também, a nossa quadrilha também, ela é, inclusive nós fomos bem, bem aplaudidos em 2019, ano passado, né? Em Oeiras, né? A nossa quadrilha que foi um destaque, então nós louvamos a Deus...

Fala da participante Márcia:

- Pastor? Tem aqueles... impacto, as cruzadas...

Fala do participante Antonio Vieira:

- Exatamente, o impacto, obrigado! O impacto radical que é pelo pastor Marivaldo, né? As igrejas se reúnem com os eventos evangélicos, as cruzadas fecham rua e fazem um grande movimento, então graças a Deus que a nossa cultura aqui da nossa comunidade, apesar dos problemas que nós temos, é uma das mais faladas, mas mantemos viva a cultura, tanto na área cristã, os nossos eventos São Sebastião que é o mastro que a nossa, a Nossa Senhora de Aparecida, né? O mastro que eu tive lá no ano passado é a coisa mais linda, né? Então a cultura...

Fala da Márcia:

- Feira cultural!

Fala do pastor:

- Feira cultural, a nossa cultura ela mantém viva, como todas as dificuldades ela mantém viva, agora temos que avançar porque tudo isso foi dito, o que é que nós ganhamos com isso, nós temos uma fauna, uma flora que então extensa aqui, e o que que ela está nos dando, nada, precisa realmente, eu acho, vocês eu sempre dizia que os nossos alunos de faculdade, pra mim ou para o Goiano, Goiano traga os nossos alunos pra uma roda de conversa, eles estão na faculdade, eles estão estudando, estão buscando conhecimentos, eles tem ideias diferenciadas da nossa, tá vendo acontecer em outras comunidades, tragam eles pra cá, porque é assim são tantos alunos e quando é época da seleção, você ver não é só pegando declaração querendo fazer e passam, depois que passam eles vão embora pra essa faculdade e geralmente não voltam, poucos deles voltam e quando voltam, voltam pra se divertir, mas não voltam com nada assim pra poder engrandecer a nossa comunidade, eu sempre tenho cobrado isso e eu acho que hoje eu tô vendo você voltando aqui, né? E é aqui filho de Baião, é um quilombola porque tem uma fala, a pele, né? E a gente fica muito grato porque você tá trazendo, e além disso, tem toda uma assessoria também, né? Uma assessoria que você já conseguiu fazer essa parceria com advogado, contadora, jornalista e isso aí é, eu vejo um lado de um grande avanço e era

isso que eu sempre sonhava em ver em nossa comunidade e está acontecendo, eu quero só finalizar aqui, e parabenizar.

Fala do Oberdan:

- Antes da gente ir embora, eu quero..., defina pra mim pastor, eu quero que o senhor defina pra mim liderança. O que é ser liderança para o senhor? Daqui a pouco a Marcia vai falar ela vai pegar a fala já já Marcia peraí...o que é liderança? Ser liderança para o senhor pastor?

Fala do participante Antonio Vieira:

- Liderança na verdade, geralmente o líder ele é um cargo voluntário, né? Eu considero que é uma pessoa que é..., um líder ele precisa se doar, reconhecer que ele vai liderar alguém, receber as suas críticas, mas ele precisa estar preparado pra isso, primeiramente o líder ele não tem é..., ou seja, uma certificação, ele não tem um concurso que seja líder, ele é assim, da população que as vezes, vamos colocar a Nilva quem sabe ela vai dá certo e acaba elegendo ela pra ser uma líder e esse líder ele vai voluntariamente, e aí ele precisa como um líder representar ao povo da qual ele foi designado a liderar, se é uma associação é uma associação, se é um bairro é um bairro, se é uma comunidade é uma comunidade, então ele precisa buscar como líder os objetivos daquela comunidade, e aqui, nós tivemos aqui, eu vou falar como um líder aqui eu tive dificuldade com líderes da comunidade, porque dentro de uma comunidade é, surge os problemas sociais, né? É de segurança e tal, e eu inclusive fui até ameaçado ou fui vítima de ameaça, por questão de buscar segurança, e se estendeu muito aqui os roubos e tal, o índice de drogas, brigas, e a gente precisava de uma segurança e aí nós fomos articular isso e quando a gente acabou sendo ameaçado, porque entendia que nós teria que apontar onde era os pontos de drogas, mas isso não aconteceu, era só segurança, mas a liderança tem disso, é um trabalho voluntário que precisa agregar o seu povo, conversar com o seu povo, respeitando a cada segmento evangélico, espírita é qualquer seguimento ele tem que respeitar, e isso que é uma liderança, e eu finalizo aqui dizendo que é gostoso, né? A gente liderar, porque quando, mesmo que você não tenha os objetivos que você deseja alcançar, mas é importante que com certeza cada líder, ele faz aquilo que é possível e é de forma voluntária para o seu povo do qual ele lidera.

Fala do Oberdan:

- É! A Márcia já deu um jeito de ir para ali, deixa ela voltar, na volta ela participa.

TERCEIRO ÁUDIO

https://drive.google.com/file/d/16IUhea5YMuMZhizKyqLFua_zc6ynbCQp/vie

Fala do Oberdan:

- Eu queria só ouvir agora o nosso amigo que veio também..., e aí só uma avaliação sua do que o senhor achou.

Fala do participante José Estelito:

- Pra ti Ober..., eu não aprendi bem o teu nome?

Fala do Oberdan:

- Oberdan! Oberdan! Igual o jogador aí do Umarizal.

Fala do participante José Estelito:

-Oberdan, né?

Fala do Oberdan:

- Igual o jogador daí do Umarizal.

Fala do participante José Estelito:

- Tu é filho do Severino?

Fala do Oberdan:

- Eu sou filho do Acapu.

Fala do participante José Estelito:

- Acapu! É, eu ouvi a fala do pessoal aí bacana, né?

Fala do Oberdan:

- E aí mestre?

Fala do participante José Estelito:

- Eu vi, achei bom a palestra, tá? Nossa equipe boa, o que foi falado aqui nós os fundadores da associação quilombola aqui no Igarapé Preto quase 10 km de pé...

Fala do Oberdan:

- Pé no chão mesmo!

Fala do participante José Estelito:

- Pra tentar mobilizar o pessoal. E naquela época o sofrimento era demasiado, né? A gente fez essa fundação da Associação por conta que a gente tava vendo que nós tava perdendo terra muito, né? Nós tava perdendo tudo que era nosso, os fazendeiros tirando a terra dos pobres, né? Deixando na rua o Igarapé Preto, França foram ameaçados para não deixar ninguém aqui dentro, na nossa luta a gente conseguiu salvar o que se tinha. A gente passava era fome e a questão do... Manoel Rodrigues falou que... eu não achei bom ele falar que é um analfabeto ele, não é não, Manoel Rodrigues foi uma liderança muito forte nossa, e... a gente tem alguma coisa que a gente aprendeu naquela época e até hoje eu acho que esse trabalho de Manoel Rodrigues e outros companheiros aí, Deunata Machado, né? Que também foi uma das fundadoras da Associação.

Fala do Oberdan:

- A Deunata o seu Narciso fala muito dela.

Fala do participante José Estelito:

- Nós tivemos uma alavancada boa nesse caso, e na questão é..., uma oficina cooperativismo, eu acho que isso aí é uma coisa, é... seria um debate muito bom, porque o que a gente vê que hoje quem tem cooperativa são só os empresários, né? Que tão comprando produto do pobre, ainda agora o Manoel Rodrigues falou que vende a farinha a 70 reais, 70 não é?

Fala do participante Manoel Rodrigues:

- 60!

Fala do participante José Estelito:

- Pacote de 30 kg, mas enquanto que eles arrematam por esse preço e levam pra lá pra vender essa farinha a 120 reais o pacote de 25 kg, sabia disso Manel? É 25 kg que eles entregam, e é 220 reais de pacote, então além do valor ser muito baixo, eles tem um acréscimo no peso eles compram 30 kg por 70 reais, 60 reais, 70 e vendem por...25 por 220 olha quanto eles estão ganhando mais de 100 conto, né? E o pobre aqui cada vez mais ficando pobre. É..., há 3 anos atrás eu inventei uma arte lá em casa que acabou comigo, eu comprei uns equipamentos de farinha e.., e não conseguia levantar, tenho todos os equipamentos lá, temos duas descascadeira de mandioca, temos catitu, catitu competente pra trabalhar, temos duas prensa boa e tá lá tudo parado, acabou a condição, né? A gente não pode mais, nós fizemos tanto trabalho e quase não dá pra pagar os funcionários, obrigado parar, teve que parar e eu nem quis mais fazer roça porque eu adoeci muito gastei muito também, né? Precisei ir pra Tucuruí, de Tucuruí me levaram para Marabá, levaram pra Belém e até hoje eu não consegui ficar bom, pra melhorar mandei colocar esse aparelho aqui, mas me atrapalha também, pra mim ouvir eu tenho que estar assim perto, né? Da distância que vocês estão aí não dá pra entender o que tá falando, o aparelho não alcança lá, aí dá uma zoada também nele aí..., então, eu acho que a cooperativa seria uma das alternativas melhores pra Associação Quilombola, é eu acredito que nossa comunidade vai avançar muito porque há muito tempo a gente já pensava isso, há muito tempo a gente já pensava isso agora não achava caminho, né?

Fala do Oberdan:

- Eu acho assim, se a gente entender o que é o funcionamento da cooperativa e começar com um item, qual é o item mais consumido aqui, com um item dá para iniciar, aí depois coloca dois, coloca três aí vai aumentando, vai ampliando a xxx de consumo.

Fala do participante Manoel Rodrigues:

- Por exemplo, de consumo é frango

Fala do Oberdan:

- É, né!

Fala do participante Manoel Rodrigues:

- De consumo é, dois caminhões de frango entram aqui segunda e sábado

Fala de participante Tiffany:

- Aí é isso que a gente não entende, né? Porque que não cria o frango?

Fala do participante Manoel Rodrigues:

- Isso!

Fala do Oberdan:

- Porque falta organizar, porque da de fazer à cooperativa, mas aquele frango com pena ou o congelado?

Fala do participante Manoel Rodrigues:

- É o frango mesmo vivo, com pena, frango vivo.

Fala do Oberdan:

- Entendeu? Porque dá pra começar adquirindo ele mais barato, porque quem vende não é o caminhão o caminhão entrega para o pessoal vender não é?

Fala do participante Manoel Rodrigues:

- Isso!

Fala do Oberdan:

- Porque a própria cooperativa pode pegar inicialmente para vender e depois iniciar a criação, pra vender por semana, quanto à gente vai precisar por semana? não precisava muito...

Fala do participante Manoel Rodrigues:

- É, no máximo 200.

Fala do Oberdan:

- Um pouco!

Fala do participante Manoel Rodrigues:

- Aí vai aumentando, com certeza o consumo vai aumentando.

Fala do Oberdan:

- É, vai organizando, vai aumentar o consumo, treina o pessoal que vai ficar a frente e dá pra fazer se fizer uma formação, que é igual eu disse assim, né? Que como a gente fez uma reunião hoje com qualidade, né? Cada um falou um pouco, todo mundo conseguiu se ouvir, se junta àquela montoeira de gente aí perde o controle, entendeu?

Fala do participante Manoel Rodrigues:

- Exatamente, e a questão do frango, tudo isso eu percebo, se você montar uma cooperativa que consiga o recurso pra montar a estrutura, você pega o frango....

Fala do Oberdan:

- Pintinho!

Fala do participante Manoel Rodrigues:

- Fiado, não você pega fiado no começo, né?

Fala do Oberdan:

- Do próprio fornecedor pra ir pagando depois.

Fala do participante Manoel Rodrigues:

- Pra começar, né? Aí você paga o seu capital, aí você corta o frango, aí o cara não pode comprar o frango dele...

Fala do Oberdan:

- Porque se ele pode... porque na verdade é assim, né? Que depois alguém pode ficar com ciúme disso que a cooperativa vai fazer, mas vai fazer em prol da comunidade, entendeu?

Fala do participante Manoel Rodrigues:

- Sim! Mas aí tem que fazer.

Fala do Oberdan:

- Vai ter que fazer, tem ter que fazer, não tem jeito. É uma das ideias, porque se a gente, quando a gente fizer esse curso de cooperativismo vamos ver se a gente pega uma ideia dessa básica e fácil de fazer, né? Aí vamos esperar organizar a associação com a documentação

estando tudo, ela está documentada se alguém chegar para embargar alguma coisa, não gente a gente organizou que é pra isso, essa é a função da associação.

Fala do participante Diogo:

- Licença Oberdan! Eu tava olhando muito aí tem uns grupos de mulheradas praí pra essas comunidades que tá trabalhando a questão de produzir a questão de alimentação, né? E eu acho que seria muito bom pra cooperativa arrematar esses produtos dessa mulherada aí, né? Vão trabalhar em horta, vão fazer doces e salgados, vão fazer bastante coisas aí.

Fala do Oberdan:

- Sim, sim, a associação pode comprar pra revender isso.

Fala do participante Diogo:

- Isso, entendeu?

Fala do Oberdan:

- Dá pra fazer, desde que forme as pessoas, e aí é onde que entra a contabilidade chega aqui, quem é que vai estar envolvido na ação? Essa pessoa tem que ser remunerada vamos fazer um cálculo pra poder essa pessoa se dedicar a isso, pra poder se dedicar e prestar conta disso, e dizer olha a associação está ganhando x, tem como fazer desde que organize.

Fala do participante José Estelito:

- O Manoel deve ter muito contato com o pessoal de Oriximiná, né? Lá a coisa... quase um tempo, um tempo era muito organizado aquilo lá...

Fala do Oberdan:

- Em Oriximiná, né?

Fala do participante Manoel Rodrigues:

- Compravam e vendiam produtos em comum....

Fala do Oberdan:

- Vamos tentar fazer.

Fala do participante José Estelito:

- E todos eles viviam bem, saíram de uma miséria extrema.

Fala do Oberdan:

- Oriximiná fica perto do Trombetas, é?

Fala do participante José Estelito:

- É, lá em cima já.

Fala do Oberdan:

- O seu Narciso fala muito de lá.

Fala do participante Manoel Rodrigues:

- Narciso, né?

Fala do Oberdan:

- É! Ele andou muito pra lá, não foi?

Fala do participante desconhecido (homem):

- É, eu conheço muito aquele cara. (rs)

Fala do Oberdan:

- (rs) Outra vez quando eu vier nesse curso eu vou trazer ele, pra ele vim com a gente.

Fala do participante Manoel Rodrigues:

- Outra vez nós fomos aí no Gurupa, estavam também lá como uma cooperativa, né? Estávamos cheios de peixe, lá tem a vantagem que passa os navios, né? Aí a gente vende tudinho, e você citou uma coisa lá que eles estavam fazendo naquela época, aproveitamento de resto de madeira da mata sabe o que é que eles faziam dominó, estavam ganhando dinheiro naquela época se eu não me engano em 2007, 2008 por aí, eles estavam vendendo a 70 reais o jogo de dominó eles tinham encomendas... muitas encomendas, porque os turistas vinham, né? E aí aquilo ali, já encomendavam...

Fala do Oberdan:

- Porque uma coisa que a gente as vezes, eu vejo assim que emperra é no capital pra iniciar, fala há tem muita ideia, né? Como é que começa? Começa pequeno, começa pequeno, vamos fazer um movimento pra poder levantar um capital pra fazer uma ação dessas, e concentrar pra ver... oh o senhor deu o produto que mais compra, eu não sabia qual era, não é? O frango! E tem que deixar lucro, e se todo se unificar pra pegar e são várias comunidades, começa fazer aqui as outras, e faz nas outras 12 pra revender e faz a parceria com o cara que fornece e começa a juntar. Seu José Estelito, O senhor vai desenvolver pra mim um raciocínio, quero que o senhor defina o conceito de força, em sentido, nesse sentido que a gente tá conversando o que é força? Para o senhor o que é?

Fala do senhor José Estelito:

- Como?

Fala do participante Manoel Rodrigues:

- Não é força pra brigar não. (rs)

Fala do senhor José Estelito:

- (rs) Não, eu sei.

Fala do Oberdan:

- Que a gente tá precisando, pra isso a gente vai precisar de força, né? Essa energia essa...

Fala do senhor José Estelito:

- Olha isso é...eu tenho dificuldade pra isso agora, porque eu sou uma pessoa que fico mais doente do que bom, né? Eu vim pra cá, eu não vim quase nem pra participar, eu vim pra andar aqui, né?

Fala do Oberdan:

- Dar uma volta.

Fala do senhor José Estelito:

- É dá uma volta, porque eu tô só eu lá em casa a mulher tá pra Cameté também fazendo tratamento, ela é doente também, né? Tá com uma semana pra lá e não sabe

quando vem, eu um dia desse quase vou atrás dela também doente, e aí eu não posso tá comendo certo tipo de alimentação, né? Não posso comer muita doçura...

Fala do Oberdan:

- O senhor é diabético?

Fala do senhor José Estelito:

- É, eu não posso comer óleo, aí eu tenho dificuldade pra participar de algumas coisas já, né? Mas, se for possível ainda eu tornar voltar mais uma vez aqui eu venho, né? Mas, não vou garantir também, né? Eu vivo mais doente do que bom, eu passo 15 dias em casa eu passo 4 dias no hospital (rs)

Fala do participante Manoel Rodrigues:

- Moço, mas você lembra do tempo que nós fomos lá em Tucuruí?

Fala do senhor José Estelito:

- Lembro! De todos os nossos encontros.

Fala do Oberdan:

- Pensei que ele ia fazer igual ao Gabriel Monteiro, mas você gosta de paçoca? (rs)

Fala do participante Manoel Rodrigues:

- Pois é, então aquilo foi uma ação de força que nós tivemos lá.

Fala do senhor José Estelito:

- E não foi uma vez só que nós fomos lá, fomos umas três vezes em Tucuruí.

Fala do participante Manoel Rodrigues:

- Viu, eu sempre relato nós temo energia aqui porque nós fomos brigar por conta disso, né? Conseguimos reunir todos os municípios do baixo Tocantins e fomos passamos uma semana lá, saiu greve de fome, saiu tudo pra pressionar através da nossa força, né? Força sindical, né? Pra antecipar, pra antecipar a vinda da energia pra nossa região, porque já estava colocado lá, mas só a partir de 2015...

Fala do senhor José Estelito:

- E ainda era luz no campo.

Fala do participante Manoel Rodrigues:

- No projeto do governo estava pra 2015, a partir de 2015 sabe lá até a gente tivesse recebendo uma época dessa, né? Mas, nós conseguimos antecipar e nós recebemos, lá em casa nós recebemos em 2007, então nós conseguimos antecipar 8 anos por conta da nossa força reunindo os sindicatos, as associações, os municípios, né? As prefeituras todas apoiaram. Então essa é a força, e é o que eu entendo que eu acho que é o que nós precisamos unir essa força das comunidades pra tá, né? Buscando aquilo que a gente quer.

Fala do Oberdan:

- Que a força ela existe, ela só tá....

Fala do senhor José Estelito:

- Espalhada.

Fala do Oberdan:

- Espalhada é?

Fala do participante Manoel Rodrigues:

- Exatamente, naquele tempo sempre o que eu colocava, pegava um palito aí é muito fácil de quebrar um palito, mas quando se pega dez palitos aí você vai fazer mais força no dedo pra quebrar....

Fala do senhor José Estelito:

- E acaba não quebrando o resto...

Fala do participante Manoel Rodrigues:

- Porque o monopólio eles tentam nos quebrar, né?

Fala do Oberdan:

- Certo!

Fala do participante Manoel Rodrigues:

- Mas, quando é um eles quebram fácil, mas quando junta a massa aí fica difícil eles não conseguem, muitas das vezes não conseguem, então é isso, né? Meu entendimento da força é essa, vamos unir nossa força pra ir em busca dos nossos objetivos.

Fala do Oberdan:

- Certo!

Fala do senhor José Estelito:

- È uma lutada também do FNO, o FNO aí nos deixou argolados no banco, também foi uma luta nós apanhemos na porta do banco, passamos a noite lá acordado apanhando, pegando água de gelo, companheiro brechado caindo espancado de policia lá, né?

Fala do Oberdan:

- E onde foi isso?

Fala do senhor José Estelito:

- Em Belém, e nós ainda conseguimos isso aí....

Fala do Oberdan:

- Belém! Qual era o banco?

Fala do participante Manoel Rodrigues:

- Banco Amazônia.

Fala do Oberdan:

- Banco da Amazônia

Fala do senhor José Estelito:

- Isso foi em 90 e...99?

Fala do participante Manoel Rodrigues:

- 99, 98 foi em 98.

Fala do Oberdan:

- Foi daquele projeto da acerola?

Fala do senhor José Estelito:

- Foi, aí nós brigamos pela acerola, brigamos pela pimenta...

Fala do Oberdan:

- Aquele da acerola quebrou muita gente, não é?

Fala do senhor José Estelito:

- Foi mal elaborado, até hoje o banco cobra de nós, mas nós não tivemos culpa, nós queria o projeto, nós queria ver nós melhorar de situação, né? E até porque a gente arrumava trabalhador temporário pra trabalhar com a gente, né? Aí o cara ia ganhando um dinheirzinho lá.

Fala do Oberdan:

- Tá certo!

Fala do senhor José Estelito:

- Mas, na hora de vender o produto não teve mercado, aí como chegar no mercado consumidor que é a coisa mais difícil do mundo aí ninguém conseguiu, estragou tudo, tá! Simplesmente quando entrou a pimenta, quando nós queria a pimenta o governo não quis, quando ele quis, abriu mão, a pimenta caiu de preço que trincô...

Fala do Oberdan:

- Tem um negócio que eu achei que ia dá igual acerola que era esse negócio do dendê....

Fala do senhor José Estelito:

- É, o dendê é outro projeto que vai dar problema.

Fala do Oberdan:

- Né, o dendê só tá dando pra empresa, para o agricultor que plantou um alqueire de dendê não... deixa eu pegar aqui, eu acho que a Márcia já está querendo ir também, né? Só faz uma avaliação pra nós Márcia, o que tu....(rs), e define pra mim um conceito, antes da Marcia ir, como é que está sendo pra ti, não precisa fazer avaliação, mas pra ti assim, como está sendo a tua experiência. Tu tem quantos anos?

Fala da participante Márcia:

- 30!

Fala do Oberdan:

- 30 é? Eu pensei que tu tinha menos, eu pensei que ela tinha uns 20 e pouco.

Fala da participante Marcia:

- (rs) Tenho 30 anos, tenho dois filhos, tenho uma filha de 14 e um de 12.

Fala do Oberdan:

- Pois é, eu pensei que ela tinha uns 22 anos só.

Fala da participante Márcia:

- (rs) Não tenho não.

Fala do senhor José Estelito:

- Eu não entendi, quanto?

Fala da participante Márcia:

- 30!

Fala do senhor José Estelito:

- 30? Tá com cara de 18 (rs)

Fala do Oberdan:

- Há quanto tempo tu já está na associação?

Fala da participante Marcia:

- Na associação, foi agora esse ano que eu junta com a tia Nilva, participei...

Fala do Oberdan:

- Tu é sobrinha da Nilva?

Fala da participante Márcia:

- Sou sobrinha dela! E sócia há mais tempo também, né? Sou da coordenação da comunidade já tá fazendo eu acho uns 4 anos que a gente tá, né? Na coordenação da comunidade, agora eu sou da direção da ARQIB e sou também coordenadora do samba de cacete...

Fala do Oberdan:

- É?

Fala da participante Márcia:

- É! E tipo pra mim é um prazer imenso, né? Fazer parte da direção da comunidade, fazer parte da direção da ARQIB porque é um conhecimento que a gente pega e leva para o resto da vida, né? E eu espero que tipo não fique só aqui o meu conhecimento, espero que eu conheça, seja o conhecimento seja pra sempre não deixe acabar, e nós estamos aí! Eu estava afastada um pouco sobre problemas pessoais mesmo, mas agora se Deus quiser acho que vai dá tudo certo, vai andar, e eu voltei ontem... anteontem, daí ontem...

Fala do Oberdan:

- Mas tu é daqui do Igarapé Preto mesmo?

Fala da participante Marcia:

- Sou daqui do Igarapé Preto mesmo. Daí voltei anteontem, ontem a gente já fomos lá para o Cupu pra fazer apresentação do samba de cacete, temos vários convites pra gente ir fazer a apresentação...

Fala do Oberdan:

- Manda umas fotos pra mim depois do samba...

Fala da participante Marcia:

- Tá eu vou mandar vídeo, vou falar pra tia Nilva daí ela envia. E é isso aí! É junto que a gente aprende.

Fala do Oberdan:

- Define pra mim então assim, pra experiência..., ela está empolgada, né?

Fala da participante Marcia:

- (rs)

Fala do Oberdan:

- Define pra mim, uma coisa que eu discuto na minha pesquisa a questão da diáspora africana, né? Que é a vinda da população negra para o Brasil, do Brasil... aquilo que eu falei agora aquele movimento, né? De deslocamento da cultura africana pra cá, daí do litoral para as casas grandes, para as senzalas, para o quilombo esse movimento que a gente vê hoje, tu fizeste faculdade, já?

Fala da participante Marcia:

- **Eu parei no segundo ano do ensino médio.**

Fala do Oberdan:

- Vai continuar, vai fazer. E aí, uma coisa que eu queria que tu definisse pra ti, com a experiência que tu está tendo no quilombo, no samba, as músicas, né? As letras que vocês ouvem, que dançam define a África pra mim a partir da tua experiência no samba...

Fala da participante Marcia:

- (rs)

Fala do Oberdan:

- Que o samba, eu peguei várias músicas daquelas lá eu já tinha as músicas, né? Eu fiz um trabalho com os meus alunos e a gente fez uma reflexão esses dias e muito do que a gente ouviu nas músicas, nas letras é a África, é a vida no quilombo, é a vida do homens, das mulheres define a partir da tua experiência o que é a África pra ti?

Fala da participante Marcia:

- (rs)

Fala do Oberdan:

- (rs) Pode ficar a vontade não precisa se prender em nada não que é só aqui entre nós, eu estou registrando porque eu registro sempre até pra gente depois refletir e trazer a memória,

que eu depois vou fazer com a Nilva da memória da reunião, né? Ideias que surgiram aqui hoje a gente não vai perder por que está gravado eu vou transcrever isso, entendeu?

Fala de participante Nilva:

- Pensa nesse sentido.

Fala do Oberdan:

- No sentido cultural, no sentido da origem.

Fala de participante Nilva:

- Porque é assim, a Márcia é como entre outras lideranças agora, eu olho pra ela aí falando eu confesso que eu fico emocionada de ver....

Fala da participante Marcia:

- (rs)

Fala do Oberdan:

- É diferente é...

Fala de participante Nilva:

- Ela quando veio pra coordenação da comunidade, e nós não era muito próximas porque ela é filha do meu irmão que muito novo, né? Que ele teve aí a gente apesar de conviver aqui eu evangélica muito restrita aqui no meu canto e ela veio, tá! Quando houve a pandemia aí houve essa aproximação entre associação e comunidade por conta da barreira e ela tavaalí junto, e assim, várias vezes ela queria desistir, eu não, não desiste, porque eu vi nela como eu vejo em várias pessoas uma grande potencia de ser uma liderança...

Fala do Oberdan:

- Sim!

Fala de participante Nilva:

- Entendeu? Aí uma certa vez eu liguei para o esposo dela e falei assim, não deixa a Marcinha desistir por favor, não deixa ela desistir, sabe então, talvez hoje ela diga

assim, eu não sei falar porque é um aprendizado que nós aqui estamos eu hoje vendo, ele, o seu Manoel e vendo assim, eu trago pra cá o Diogo, trago o Djalma, mas são pessoas que sempre quiseram as coisas ali entre eles, entendeu? Não querem compartilhar e dividir com as outras pessoas, com as outras comunidades, porque que eu trago eles? Pra eles verem que o nosso trabalho é diferente e que as oportunidades elas tem que ser pra todos não pode ficar só entre nós porque, é como eu digo, nós estamos aqui de passagem. No começo da pandemia houve um desespero da minha parte, eu vi assim, parece que os nossos idosos indo... eu ligava para os meninos, para os universitários, vamos a casa do seu fulano fazer uma entrevista grava lá, por favor, e acabou que... perdemos pessoas e ninguém me ajudou nisso, havia esse desespero de querer fazer esse registro, de querer que essas pessoas tivessem a oportunidade de estar hoje aqui dando uma entrevista a qual nunca eles tiveram, e sempre foram as mesmas pessoas durante vários anos dando entrevista sem dá oportunidade pra essas pessoas...

Fala do Oberdan:

- Sim!

Fala de participante Nilva:

- E hoje a nossa intenção é dá oportunidade pra pessoas como...como a Marcia, eu já disse isso pra ela, daqui com um tempo eu quero te ver lá como presidente da associação, então é uma pessoa aí que tá já pegou ali, depois que veio da... da... o trabalho dela aí na comunidade, logo veio a indicação também pra fazer parte da Associação, pra fazer parte da coordenação do samba de cacete, aí muitas das vezes quando a gente vai em algum evento há pra fazer uma entrevista, eu falo vai lá ela fala não tia eu não sei falar, vai lá porque se tu não começar a falar, tu nunca vai perder esse medo, porque ela sabe tá aqui guardado, ela sabe muita coisa, mas ela sabe falar o que falta ela perder essa vergonha, entendeu? De colocar aquilo que tá dentro...

Fala do Oberdan:

- Se emocionou a Marcia!

Fala da participante Nilva:

- Então, é isso.

Fala do Oberdan:

- Define aí pra gente então Marcia.

Fala da participante Marcia:

- Agora engasgou... (rs)

Fala do Oberdan:

- Tu pode... se ficar difícil a África, define o que é a vida comunitária?

Fala da participante Marcia:

- Eu acho que é... a vida comunitária é viver no meio da sociedade, né? Viver eu acho na... na minha vida comunitária como eu tô aprendendo agora, né? A conviver, eu acho que é mais ou menos nesse sentido eu acho.

Fala do Oberdan:

- E como é que tu está vivendo, resume.

Fala da participante Marcia:

- Na comunitária pra mim eu um prazer imenso tá ali, tipo o conhecimento meu foi muito profundo e do que aconteceu na minha vida eu tô pensando que, do que aconteceu eu ia desistir de tudo, entendeu? Eu ia desistir de tudo disso só que tipo eu botei a minha cabeça pra pensar e é o que eu quero é ajudar a minha comunidade, e tipo, conquistar alguma coisa por mais que hoje eu me mudei pra Cametá, eu tô aqui eu vim da cidade de lá de onde eu tava, eu me mudei pra Cametá eu acho que tem um mês, mas não é porque eu mudei pra lá que eu vou deixar de ser quilombola, que eu vou deixar de lutar pela comunidade e deixar de participar das reuniões da comunidade e da associação, é isso!

Fala do Oberdan:

- Certo! Naquela reunião que a Tiffany estava, tu estava, tinha uma pessoa que estava em Cametá.

Fala da participante Marcia:

- Eu tava... não, não, não eu tava na reunião, ela tava e eu tava lá no Cardoso, né?

Fala do Oberdan:

- Na reunião online, tu tava? Pois é gente agora falta só a Manu. E aí Manu, tu pode, tu pode fazer um comentário geral, né? A respeito da reunião e o que tu espera da... como... porque um coisa assim que a gente percebe na formação, o que espera para o futuro? Como tu é uma das líderes...tem quantos anos?

Fala da participante Manu:

- 28!

Fala do Oberdan:

- 28, né? Uma das lideranças mais jovens também, né? Da associação. Qual a projeção que tu tens assim pra essa comunidade, pra essas comunidades, né? Qual é a perspectiva que tu, que tu ver, né? Pegando o que já foi comentado desse histórico todo aqui e como é que tu tá vendo o futuro?

Fala da participante Manu:

-Isso! É, Como você já sabe nós somos uma associação, eu considero uma das maiores da região, né? Somo 12, tem uma maior que a gente acabou tendo conhecimento e eu enxergo um potencial enorme no sentido de avanço que a gente pode estar conseguindo, no momento, né? E olhando pra trás é... como o papai já citou, não é que a gente não tenha vindo a conseguido nada a gente conseguiu já muita coisa se a gente for olhar há 20 anos atrás, eu tenho 28, eu nasci aqui nessa vila de Igarapé Preto, hoje a gente mora mais 3 km ali pra dentro, e aí analisando a minha infância pra cá nós já avançamos muito no sentido de políticas públicas, sociais, a questão da luta pela energia que eles fizeram parte, por educação, por saúde e por isso mesmo que eu vejo ainda que a gente pode ainda avançar, né? Aqui olhando esses pontos aqui do grupo focal, né? Do grupo, união, liderança aí vem aqui à parte da educação quilombo resistência, né? Que me chamou mais atenção educação, política e resistência, então hoje nós estamos assim, um dos motivos que me fez entrar é justamente, é conseguir, né? Através da associação melhorias nesse sentido, né? Tanto de políticas públicas, quanto da educação, da área da

saúde, né? De conseguir unir, que essa palavra união também me chamou bastante atenção, nós somos 12 comunidades é muito extenso o território só que nós ainda não conseguimos a união que seria o ponto principal, né? Eu acho o que foi abordado de trazer essa formação da liderança que já era um pensamento nosso já desde antes de assumir a diretoria porque a gente quer que as pessoas elas entendam esse papel enquanto liderança, né? A importância de ter alguém em cada comunidade que realmente assuma esse papel de tá correndo atrás, de ir em busca dessas melhorias, né? Porque aqui a gente tá na diretoria, representando as 12, mas em cada comunidade a gente tem 2 diretores, cada uma das 12, só que a gente vê, observa que ali eles ainda não compreenderam de forma assim total o que... qual é realmente o papel deles e de como eles podem estar somando com a gente, né? A gente depende desse trabalho em cada comunidade pra poder avançar aqui na diretoria, na executiva e nos demais, né? Que é até o conselho, então eu acho que nós podemos sim, nós temos um potencial muito grande de avançar nesse sentido, né? A parte da educação é algo que ainda me entristece muito porque e não é uma realidade só das nossas comunidades a gente conversa ali com o pessoal de Mocajuba, do distrito... das colônias de Baião e entre outras que a educação quilombola que é um direito nosso, ela ainda não é implementada de fato, né? A gente não enxerga a questão da merenda quilombola, né? Do fornecimento da merenda ser de preferência aqui da agricultura familiar, e de poder alavancar também pra isso teria que alavancar a agricultura pra poder tá fornecendo implementação da educação quilombola como um todo, então eu vejo muito isso como uma, como algo que a gente tem que correr atrás também pra conseguir porque a partir da educação quilombola que a gente vai também tá formando futuras lideranças, porque educação quilombola ela vai entrar ali tanto na cultura, quanto as crianças aprendendo, né? De onde vieram as suas origens, é... quais as nossas lideranças mais antigas, no que elas contribuíram, de onde a gente veio, né? E a gente não vê isso implementado nas salas de aula, então aqui dentro já era pra ter, né? Essa formação com... qualificar os professores, tanto a estrutura escolar pra tá trabalhando isso pra que eles comecem ali, né? Na base, e eles chegarem... como o professor Diogo, né? Falou tem pessoas que na hora da entrevista do PSE ligam e perguntam, né? Sim eu subi que vão perguntar sobre movimentos sociais, sobre participação, principais culturas alimentares e aí a pessoa não tem essa base, isso era pra tá acontecendo aqui dentro da família, dentro da escola, né? Que a escola não é só ali o prédio escolar, né? Começa na família. É em relação também as nossas políticas públicas eu acho que nós temos muito ainda o que conquistar pra cá,

né? Dentro do nosso território nós temos é... aqui falando da saúde, né? Nós temos, por exemplo, 2 postos de saúde que ainda não atendem nossas necessidades enquanto zona rural, enquanto quilombolas que a gente sabe que existem políticas específicas pra essas... pra nossas comunidades, pra essa população que é a quilombola rural, né? Porque também tem a quilombola urbana, e aí nós não somos abraçados ainda e nós não estamos longe, tão longe assim dos centros, das sedes dos municípios, né? Somo rurais, mas a gente ainda vai em Baião ali rapidinho, né? Oeiras já é mais afastado, mas também a gente não tá tão longe, há uma grande falta, né? De interesse ou desse olhar aqui mais cuidadoso em relação a essas políticas que são específicas pra nós e os gestores eles fingem que... que não existe, né? E a gente vai ficando sempre ali, deixando passar eu acredito que a união que vai fazer a gente também tá indo cobrar essa parte aí das políticas públicas não só da área da saúde, da educação, né? Da agricultura, então a gente tem essa necessidade imensa, eu vejo sim, eu tenho esse olhar para o futuro um dia em que a gente vai poder tá lembrando dessa conversa aqui e vendo que gerou frutos e a gente vai a partir disso começar a se organizar a tá formando realmente essas lideranças pra que a gente possa alavancar daqui pra frente, né? Então o nosso compromisso hoje dentro da associação é esse, assim com muito suor não é Nilva? Às vezes a gente bate, dá de frente assim, as pessoas não dão essa credibilidade, né? Não entendem ainda o poder que nós temos na mão porque eu digo que 12 comunidades quilombolas tem um poder muito grande nas mãos, só que nós ainda temos que saber usar esse poder, né? Junto aí as gestões, ao governo, ao estado, a federação, enfim, então nós temos essa potencialidade, né? Eu vejo isso no futuro à gente conquistando tudo isso e além do que a gente já conseguiu aqui com as antigas lideranças que foi a questão da energia, da internet, né? Da saúde, mas eu vejo que a gente pode conseguir muito mais e deve, né? Porque as nossas comunidades expandiram, cresceram nossa população aumentou, nossas necessidades hoje são diferentes daquelas que nós tínhamos há 15, 20 anos atrás e a gente precisa alavancar, né? Sem perder a nossa tradição, né? A gente não vai deixar de viver e de cultivar aquilo que é da tradição quilombola, mas a gente precisa andar também junto com a modernidade, junto com o que tem hoje, é aquela situação que tem, né? Eu acompanho muito também as lideranças indígenas e há um preconceito, né? Quando ver um indígena com um Iphone na mão... que ainda

Fala do Oberdan:

- Tu trabalha na escola?

Fala da participante Manu:

- Não, não, eu sou da área da saúde só que eu não estou trabalhando assim, aqui na área ainda, né? E aí a gente vê muito isso, né? Acho que a gente tem que parar no tempo viver ali como o quilombola de 30 anos atrás....

Fala do Oberdan:

- A tua formação é em que?

Fala da participante Manu:

- **Eu sou fisioterapeuta!**

Fala do Oberdan:

- Fisioterapeuta é?

Fala da participante Manu:

- **É, Pela UFPA também, pelas políticas da..do PSE, né?**

Fala do Oberdan:

- Quilombolas!

Fala da participante Manu:

- **Quilombolas!**

Fala do Oberdan:

- Mas tu fizeste onde?

Fala da participante Manu:

- **UFPA, no campus de Belém só que tem essa área, né?**

Fala do Oberdan:

- Belém! É né!

Fala da participante Manu:

- **A UEPA que já tem em Tucuruí, né? A fisioterapia achei legal, tá mais perto também.**

Fala do Oberdan:

- Sim!

Fala da participante Manu:

- Só que a UEPA, ela ainda tá nessa conversa também pra incluir as cotas, eu vi uma reunião que teve lá em Belém...

Fala do Oberdan:

- Tem quanto tempo que tu voltaste? Tá morando aqui mesmo?

Fala da participante Manu:

- Vai fazer 3 anos que eu voltei de fato, né? Eu vinha, só que eu termineia faculdade e vim, vai fazer 3 anos.

Fala do Oberdan:

- E veio, né? Tá certo!

Fala de participante Nilva:

- O seu Manoel Rodrigues ele já tem 3 filhos formados, tem a Manu fisioterapeuta, tem o Ivan que é...

Fala do Oberdan:

- Agrônomo!

Fala de participante Nilva:

- Agrônomo e tem a Laíse que é professora e por incrível que pareça eles tem esse amor dando o retorno...

Fala do Oberdan:

- Retornam, né? É justamente isso que ele estava dizendo, o cara... quer dizer uma coisa que eu acho absurda é a pessoa conseguir a cota, pela associação quilombola e mesmo que não volte pra morar, mas que volte pra dá uma satisfação, né? Oh pessoal eu fiz uma pesquisa tá aqui vou apresentar para a associação, tira um dia pra apresentar.

QUARTO ÁUDIO

<https://drive.google.com/file/d/16FvO2mHEAyvKl4RsGOYuD9BXNj8T7DDi/view?usp=drivesdk>

Fala do Oberdan:

- Tiffany!

Fala da Tiffany:

- Será que eu vou passar agora? (rs)

Fala do Oberdan:

- Faz uma avaliação pra nós agora, o que foi que tu achou, Tiffany?

Fala da Tiffany:

- Será que eu vou passar sufoco agora? Ela sabe, eu fico mais confortável como observadora (rs)... Eu achei interessante, essa ideia que eu ouvi de muitas pessoas, que essa percepção é importante na falta de união, este desejo de se mobilizar e formar, e sim...e (rs), é bem interessante (rs)

Fala do Oberdan:

- Gostou então, das ideias, vai ser voluntária nas nossas ações, já é parceira das ações.

Fala da Tiffany:

- Qual?

Fala do Oberdan:

- Nessas que a gente vai desenvolver, a gente vai desenvolver várias.

Fala da participante Nilva:

- Ser parceira aqui junto com a gente, das nossas ações, dos nossos projetos.

Fala da Tiffany:

- Seria uma honra, eu teria que estudar para entender o que seria os objetivos (rs)... o que seria o meu papel, mas claro é uma honra que vocês gostariam que eu participasse! Então vamos... eu sempre queria que seja bem definida para eu não, para eu cumprir as expectativas é só isso, podemos discutir mais (rs)...

Fala de participante Nilva:

- É uma troca, né?

Fala da Tiffany:

- É verdade!

Fala do Oberdan:

- E a sua mãe? Quer falar um pouquinho. Fecha na matriarca, nós vamos já subir o rio.

QUINTO ÁUDIO

https://drive.google.com/file/d/16Fgb7b0QIVb7Amf9gpqZS_HMBLF0LBFk/view?usp=drive_sd

Fala do Oberdan:

- A senhora vai falar sobre como, como a senhora definiria a... como a senhora defini a cultura local, a cultura aqui de Igarapé Preto para a senhora, a senhora defini ela com?

Fala da participante Laurença Arnold:

- Agora como...

Fala do Oberdan:

- De sempre, né? Como a senhora é moradora daqui, pra senhora descrever, como a senhora descreveria a cultura de Igarapé Preto, como é viver aqui.

Fala da participante Nilva:

- A senhora vai falar o que a senhora acha da cultura, sua convivência aqui, como era que vocês, se vocês trabalhavam antes, como é que a senhora está vendo agora dá... dá convivência.

Fala do Oberdan:

- Da convivência do dia a dia com o povo, com os vizinhos, com a família, a relação com as outras comunidades, como a senhora percebe.

Fala de participante desconhecida (mãe):

- Eu acho assim, muita diferença, que antigamente no tempo do meu pai com a minha mãe era mais unido, eles tinham um grupo de serviço, um ajudava o outro, era companhia, era uma turma de homem, agora aquele que não tivesse um pedacinho de carne pra levar ou um peixe, levava farinha, outro já levava a carne, né? Ou o peixe e... (rs) .., levava até mucura (rs)...se pegava assava aquele moqueado levava para o serviço e agora, agora...

Fala do Oberdan:

- Mucurazinha assada com bacaba.

Fala da participante Laurença Arnold:

- E agora, se não tiver dinheiro, não faz o serviço, é porque, é, eu gasto muito, eu gosto de ajudar meu pessoal, e aí..., e aí não tá pronto, o nosso centro lá, aonde eu criei meus filhos, que eles eram 9, mas eu tenho 7, e aí eu deixei lá, nós deixemos, porque é...o marido saiu na vaidade, o pastor Marivaldo... o professor Raimundo o senhor conhece ele, né? A mãe do Alcino, conhece o Alcino? O delegado.

Fala do Oberdan:

- Sim, Conheço o Alcino! Ele é professor agora, né? Ele era delegado antes, ele ainda é?

Fa Fala da participante Laurença Arnold:

- Ele é delegado.

Fala da participante Márcia:

- Ele é escrivão agora, ele é pai da minha irmã.

Fala do Oberdan:

-Ele é escrivão, é? Pois é, o Alcindo deveria ser sobrinho o Alcindo, né? O Alcino é muito amigo nosso, ele fez faculdade de Pedagogia, não foi? Ele é professor! Ele é escrivão também? Eu achei que ele tinha saído da policia e tava só dando aula.

Fala de participante Márcia:

- É ele professor lá, mas só que ele é escrivão também, ele tem um única filha que é a minha irmã, mas só que não é registrada no nome dele, mas eu já sou registrada no nome do meu pai, minha mãe nunca teve marido os pais só engravidaram ela e ela que criou (rs)...junto com a minha vó.

Fala da participante Laurença Arnold:

- O Naldo....

Fala do Oberdan:

- A senhora era irmã do Bungu?

Fala da participante Laurença Arnold:

- Filha do Bungu...

Fala do Oberdan:

- Não, a senhora?

Fala da participante Laurença Arnold:

- Não, eu sou irmã da Diquinha, viúva dele.

Fala do Oberdan:

- Da mulher do Bungu, né? Da esposa do Bungu.

Fala da participante Laurença Arnold:

- Sim, da costureira.

Fala do Oberdan:

- Eu sou amigo do pessoal lá, do Rei, do Nenê.

Fala da participante Laurença Arnold:

- Pois é, a mãe deles é minha sobrinha, filha da minha irmã, aquela que mora lá...é ela mora lá pra cima.

Fala do Oberdan:

- A senhora tem quantos anos?

Fala de participante desconhecida (mãe):

- No meu documento tá de 82, mas agora que eu vou fazer dia 10 de agosto 81, mas no documento, né? Com esse negócio de política, né? Mudaram. Mas eu comemoro o mês de agosto dia 10... e aí ajudavam, um ajudava o outro, eu ia daqui lá pro Teó, até o Mané Rodrigues que é marido da minha sobrinha, eu ia ajudar eles a trabalharem pra lá, não carecia dinheiro, eu ia ajudar e agora se não tiver dinheiro pra pagar não sai o serviço.

Fala do Oberdan:

- A solidariedade mudou!

Fala da participante Laurença Arnold:

- Hum... e muito, um ajudava o outro, o pai desse aí, que cada um tinha um setor, aqui a gente chamava pirangada era o nome que de quem morava bem praí, e a vila dos Lopes ficava mais praí e Mimicada era lá pro Cupu já, tinha Mendada, tinha os Lopes, dos Lopes passava pros Mendada dos Mendadas era Mimicadas que a gente falava o pai deles aqui, o avô deles era José Gustavo, e eu trabalhava com eles pra sustentar os meus dois primeiros filhos, trabalhei muito.

Fala do Oberdan:

- A senhora tem quantos filhos mesmo?

Fala da participante Laurença Arnold:

- Eu é, era 9, mas morreu 3, um morreu já com 51 anos, ele morreu lá... atrás dessa igreja aí, ele tinha a casinha dele, ele não gostava de morar junto ele bebia muito, quando foi um dia que eu ia levar o café, ia levar o almoço dele quando ele não vinha

buscar eu ia levar, e aquele dia foi que eu não saia lá do nosso centro, que o nosso centro é uma área lá reservada, né? E aí... eu fui lá no centro, todo dia ia lá no nosso terreno nós tinha casa, agora que caiu a casa dele, quando ele vinha pra ir trabalhar lá, bonito lá é, e aí... que eu vim de lá, tinha uma serraria lá do pastor Antonio, eu dava pra duas serrarias, eu não alugava, eu dava, só porque eu queria ir todo dia pra lá, né? Tinha gente lá, e eu ia, eu ia só eu, chegava lá em casa eu ia pro igarapé tomava banho, ia lá pra dentro da casa mudava a minha roupa e vinha me bora, agora eu não vou, até a que eu não sei o nome dela, ela me perguntou por causa de visão...

Fala do Oberdan:

- Quem?

Fala da participante Laurença Arnold:

- Essa senhora aqui.

Fala do Oberdan:

- Tiffany!

Fala da participante Laurença Arnold:

- Por causa de visão, se eu sabia o que era, sabia... e eu não tinha medo, lá pro nosso centro, hum...parece muito, e aí... quando eu cheguei de lá que eu fui levar a janta dele, levei e quando eu cheguei lá ele tava morto, levantei ele, pus ele em pé, acho que não fazia hora que ele tinha morrido, levantei ele, ele tava atravessado por cima da rede dele, ele tava numa crise assim meio, mas ele bebia muito, levantei ele pus ele em pé, balancei o corpo dele assim, aí eu fui escorregando ele até ele sentou.

Fala do Oberdan:

-Tava morto já?

Fala da participante Laurença Arnold:

- Ele tava com 51 anos, mas naquele dia foi uma..

Fala do Oberdan:

- Ele morreu de que?

Fala da participante Laurença Arnold:

- Ele sofria de epilepsia, mas ele bebia muito, ele tomava remédio controlado, né? Não queria saber, e aí... nós morava lá, um ajudava o outro, nós no dia que tinha assim caça do mato, que era difícil comprado, feijão era só quando vem, né? Feijão do sul, feijãozinho nos colhia, né? Feijão da terra que planta, e aí... foi isso aí, matava caça, depois de dois filhos, que eu já era mãe de três filhos, uma morreu, e... arrumei um marido até nos casamos, matava caça, quando não tinha caça, no inverno a gente tirava castanha fazia aquele vinho de castanha, quando não tinha jeito de tarde a gente fazia a janta misturava aquele vinho fazia um mingau e olha, era a janta, e agora não, mas nós criava porco, pato, galinha sempre teve até agora... o pastor ele acha graça, hoje eu ia tá esperando ele que ele vem, aí ele traz pra mim açaí, mas eu não quero tomar açaí. Eu vou amanhã pra lá.

Fala do Oberdan:

- Pra Baião!

Fala de participante desconhecida (mãe):

- Pra Baião! Eu vou fazer exame amanhã, a Mara, filha do Índio, não sei se o senhor conhece?

Fala do Oberdan:

- Mulher do Índio?

Fala da participante Laurença Arnold:

- Lá da Tamira, filha do Estaleiro que falavam.

Fala do Oberdan:

- Sei, do mestre Lilico!

Fala da participante Laurença Arnold:

- Hum hum... a mulher do Índio aquele grandão é minha filha.

Fala do Oberdan:

- É?

Fala da participante Laurença Arnold:

- É, e aí...

Fala do Oberdan:

- A senhora conheceu Maria Tereza?

Fala da participante Laurença Arnold:

- Parece assim...

Fala do Oberdan:

- Que morava lá no mestre Lilico.

Fala da participante Laurença Arnold:

- Ela era a sua mãe?

Fala do Oberdan:

- Não, ela era parente nossa. Eu sou filho de Acapu, lá de Baião.

Fala da participante Laurença Arnold:

- Filho do Acapu?

Fala do Oberdan:

- É! A senhora conhece?

Fala da participante Laurença Arnold:

- E o Acapu ainda tá?

Fala do Oberdan:

- Tá!

Fala da participante Laurença Arnold:

- E tem aquela... Mariazinha é a irmã dele.

Fala do Oberdan:

- Não, esse aí é outro Acapu.

Fala da participante Laurença Arnold:

- É outro?

Fala do Oberdan:

- Meu pai é o que fazia festa, a irmã dele, as irmãs dele era Genoveva lá do Calados, a Juvência, eu sou neto da dona Pagoa, a senhora conheceu ela?

Fala da participante Laurença Arnold:

- É? Ela não existe mais?

Fala do Oberdan:

- Não! Já faleceu faz muito tempo já. O mestre Lilico que criou o papai boa parte foi criado lá, morava lá, eu sou sobrinho do Sabá que era marido da dona Maçó, lembra da dona Maçó?

Fala da participante Laurença Arnold:

- Lembro!

Fala do Oberdan:

- Sou sobrinho da dona Maçó! Tio Sabá faleceu esse ano passado, tem mais de ano já, pois é.

Fala da participante Laurença Arnold:

- Pois é, e aí... depois que os filhos se espalharam, o pastor Marivaldo foi pra Jarí, depois que o pai dele saiu, o pai dele tá deficiente aí, mora só, deu a doença nele, não fala, mas ele ainda anda, mas não fala, mora só ele, e aí... foi o jeito eu vim pra cá, mas eu... tenho muita saudade daquele meu centro, e lá é divisa daqui passa dois fora da divisa da vila, é...é lá nosso terreno é grande, ainda vai dá pra casa da farinhada (rs)...

Fala do Oberdan:

- Dá pra fazer! Pois é...

Fala da participante Laurença Arnold:

- É lindo aquele nosso centro, e aí...foi o jeito eu vim pra cá, agora que eu não fui mais, porque quando vem negócio de bandido de comércio, que vinha muita polícia pra qui tudo aqueles soldados, aí eu fiquei com medo já, que eles falavam que não era pra ninguém sair das suas casas, que eles topava e eles não iam escolher, porque se quem eles tavam atrás ficasse perto da gente, tempo desse eles mataram um bem aí nessa frente, a policia, aí eu parei de ir pra lá. Tá limpo lá! Assim com matinho que o meu filho que manda limpar,e aí eu falo aquela nossa área de terra lá não é pra ninguém tomar, um tempo adoeci me dava uma crise, era muita pedra na vesícula que tinha muito mesmo, agora já tinha, eu fiz, bati raio x aí, este ano agora não faz muito tempo, agora foi repeti um outro exame lá, tem só duas, tinha só duas, porque eu tô fazendo o meu remédio caseiro, e aí.. o foi o jeito, e quando dava a crise lá na quinta já tomei remédio, que o pastor Marivaldo tava me aconselhando, assim... pensando que eu tava preocupada de eu morrer, eu falei não a minha preocupação é porque eu ainda cortei, ainda não tá cortada a picada, o pico da divisa da terra, e quando foi um tempo desse eu fiquei abrindo a boca até..., aí já não queria mais, eu fui segurando na rede, até cheguei numa sacola que eu tinha umas folhas lá que peguei aquela folha, aí eu falei é Jesus! Dá não quero ir, porque dá não fiz o, o pico da divisa, daí eu contei pra ele e ele falou tô até com medo de fazer, eu disse, adoecer dá não se o pico da divisa não ta pronto.

Fala do Oberdan:

- Tem que fazer, né? Quando tiver boa a senhora vai lá fazer, ou orientar o pessoal pra fazer.

Fala da participante Laurença Arnold:

- (rs) Ele falou que ele tá com medo até de fazer..

Fala do Oberdan:

- A senhora vai fazer quando a senhora estiver bem, tando com saúde a senhora vai até pra lá pra ver o pessoal fazer.

Fala da participante Laurença Arnold:

- Mas... eu falei um dia desses com o Marivaldo... ele disse que a filha do vizinho... tem um que tá lá pro Mocajuba e a filha dele vem, e aí tem outro que ficou tomando conta, ele falou... falando besteira, ele não quer mais entregar pro dono, e aí... ela vem com juiz, advogado e não sei o que, aí eu conversando com ele, com o dono, com o Manduca, ele falou assim que não carece juiz, nem advogado basta nós dois, né? É isso aí.

Fala do Oberdan:

- Pra ir lá ver, né? Pois é, uma hora dessas que eu vier com tempo, nós vamos lá dar uma olhada.

Fala da participante Laurença Arnold:

- Quando?

Fala do Oberdan:

- Quando eu vier com tempo nós vamos lá, outro dia, vou lhe levar lá, tá? Pra dá uma olhada nessa terra.

Fala da participante Laurença Arnold:

- Hum hum... eutô assim porque tem muita gente de olho, né?

SEXTO ÁUDIO

<https://drive.google.com/file/d/16FNT4oWZ3mAC1hlsXA4GuwXJ52JH8vJB/view?usp=drivesd>

Fala do Senhor Narciso:

- Não tá interessado em se formar ele tem interesse de continuar sendo escravo mesmo, isso que é triste, mas está de parabéns por não ter desistido, porque eu já quero ser sincero com você eu quero desistir.

Fala do Oberdan:

- Já!

Fala do Senhor Narciso:

- Já! Eu só tô segurando, quero mais tá junto da minha velha aí.

Fala do Oberdan:

- Não nesse dia o senhor vai lá como alguém pra ver a reunião...

Fala do Senhor Narciso:

- Não, não, não é só a questão dessa reunião, uma reunião é uma situação, o problema eu venho aí, venho misturando e eu sei muito bem que quando você passa a assumir uma certa, certa posição, uma certa tarefa dentro do movimento você não pode ficar parado mais. Eu sou desse jeito, se eu assumo eu vou pra cima. E isso, tenho certeza, na hora que eu participar duma reunião. O tempo todo pra não assumir nada. Mas, sempre é chamado e eu não vou aceitar ser chamado mais. Não só pelo peso da idade quanto mais quem lida aqui é só nós dois mesmo, olha! Saíram e deixaram só nós dois, eles vem aqui só brincar com a gente, mas quem lida aqui é mesmo só nós dois, e eu acho o seguinte Oberdan, eu posso contribuir sim, dentro daquela maneira bem disposto, se vim aqui em casa...

Fala do Oberdan:

- Não, mas é justamente isso, né? Nesse dia ir lá, ouvir o que o que eles vão falar e de repente a hora que surgir, pra dar uma opinião, pra dar um entendeu? Uma orientação qualquer e a partir daí, eu vou tentar mais essa vez. Eu tenho conversado com a Nilva bastante inclusive, e aí a gente chegou nisso...

Fala do Senhor Narciso:

- A Nilva, Ela parece ser muito simples, muito de boa vontade assim né? Agora por trás da Nilva tem uns camarada lá que atrapalha que só como o seu amigo, o seu Djalma que só serve pra atrapalhar e isso eu não quero fazer. Eu não quero atrapalhar.

Fala do Oberdan:

- Pois é, eu vou fazer. Hoje foi muito produtivo. A Nilde estava lá, a Tiffany viu a conversa.

Fala do Senhor Narciso:

- **Porque essa questão de discurso do Goiano...(rs)**

Fala do Oberdan:

- Ele apareceu por aqui hoje, ele veio aqui hoje? Ele tá rodando aí, ele veio aqui?

Fala do Senhor Narciso:

- **Não! Ele promete de vim, mas ainda não veio. (rs)**

Fala do Oberdan:

- Ele atravessou, ele tá com... ele tá com um candidato aí.

Fala do Senhor Narciso:

- **Do PT, não sei o quê. Pois é, como eu ia te dizendo, esses camaradaeles acabam atrapalhando muito, sabe? Eles se colocam como superiores, eles se colocam como sábios e isso não deixa de atrapalhar de enganar. Queria até conversar contigo para dá uma atenção para as comunidades. Para as comunidades passam a participar, porque as comunidades não participam. Isso eu acho muito triste.**

Fala do Oberdan:

- Pois é. A gente vai tentar mobilizar a comunidade, nós vamos mobilizar.

Fala do Senhor Narciso:

- **Isso é bom, muito bom nunca saiu.**

Fala do Oberdan:

- Nós vamos tentar mobilizar a comunidade.

Fala do Senhor Narciso:

- **O Loca (Prefeito de Baião) não estruturou o departamento, chamei umas três vezes, sentamos, cobramos...**

Fala do Oberdan:

- Pois é seu Narciso eu sei que a Tiffany faz uma pesquisa, ela é jornalista.

Fala da Tiffany:

- Sobre a hidrovia. Vai ser ouviu falar desta hidrovia? Seria mais dragável, para a minha pesquisa eu estou entrevistando pessoas, lideranças sobre como vocês achamxxx a pesca, a vida da comunidade, mesmo a cultura da comunidade, tudo isso. O senhor queria perguntar? Desculpe porque é muito imprevisto, vai ser difícil, eu moro em Marabá é difícil chegar aqui então se for possível aproveitar o tempo e a carona seria muito bom pra mim então obrigada. O senhor Narciso, qual o seu sobrenome, por favor!

Fala do Senhor Narciso:

- Narciso Vieira Ramos!

Fala da Tiffany:

- Vieira Ramos? Então, o senhor é presidente da associação?

Fala do Senhor Narciso:

- Ex-presidente!

Fala da Tiffany:

- Ex-presidente! E por quantos anos você foi presidente da associação?

Fala do Senhor Narciso:

- A associação do quilombos, na verdade foi feito um trabalho longo.

Fala da Tiffany:

- Desculpa, eu não ouvi, foi por causa das galinhas (rs)

Fala do Senhor Narciso:

- Eu digo nosso, porque eu fui um dos iniciantes junto com o pessoal, nós fundamos a associação em 99, e eu naquelas alturas assumi o primeiro mandato, mandato era de 2 anos, e fiz a entrega em 2002... aí eu fiz a entrega e fiquei, sai 11 anos, aí retornei a direção da associação em 2013, em junho de 2013 e sai em março de 2020... hoje sou sócio da associação.

Fala da Tiffany:

- E o senhor nasceu nesse local?

Fala do Senhor Narciso:

- Nascido e criado aqui... são meus avós, um é descendente de africanos, né? Tomé Vieira.

Fala da Tiffany:

- Como?

Fala do Senhor Narciso:

- Tomé!

Fala da Tiffany:

- Tomé Vieira!

Fala do Senhor Narciso:

- Tomé Vieira que era pai do meu pai, e Saturnino que era o pai de minha mãe.

Fala da Tiffany:

- Saturnino!

Fala do Senhor Narciso:

- Maria, mãe de mamãe, era descendente de portugueses, aí aqui que eu nasci, me criei... eu não tive estudo porque a minha mãe era pobrezinha, ela não tinha recurso pra mim tirar daqui. Desliga essa televisão aí!

Fala da Tiffany:

- Obrigado, fica mais fácil entender o senhor. E o senhor foi criado aqui mesmo nessa terra?

Fala do Senhor Narciso:

- Não! No território porque na verdade, tem a comunidade de Umarizal que fica aqui próximo não sei se vocês passaram por lá, que tem hoje aproximadamente 400 famílias, mas o começo de tudo foi fora daqui da mata, na mata, no rio, até porque se eles

ficassem era mais fácil. Até o igarapé ficavam meus pais, moravam em um lugar aí chamado retiro, retiro de Umarizal, então...

Fala da Tiffany:

- E o igarapé onde eles se esconderam?

Fala do Senhor Narciso:

- Igarapé de Paxiubal

Fala da Tiffany:

- Paxiubal?

Fala do Oberdan:

- PAXIUBAL

Fala da Tiffany:

- Paxi...com u ou com o?

Fala do Oberdan:

- Com u

Fala da Tiffany:

- Por causa da escravidão. E os seus avós falaram da escravidão?

Fala do Senhor Narciso:

- A minha mãe que falava, mas já construtura da mãe dela, presenciava o sistema, presenciava o sistema passado, até hoje tem gente escravo, né? (rs)

Fala da Tiffany:

- (rs) Eu ouvi você falando antes. Então, a sua família não tem o registro, uma memória de ser escravo ou foi mais distante.

Fala do Senhor Narciso:

- Bom, foi muito mais distante porque, eu na verdade tenho referência das outras famílias, porque a minha família mesmo, como eu tô dizendo, a minha vó Silvana, ela era descendente de família portuguesa então naturalmente ela não era explorada nesse sentido aí, os ancestrais deles sofreram a escravatura com certeza, porque eles foram foragidos de Igarapé Mirim pra cá, Município de Igarapé Mirim, Município de Cametá... eles se embrenharam nessa mata...

Fala da Tiffany:

- Você falou do igarapé, o que foi a importância do Igarapé Mirim?

Fala do Senhor Narciso:

- Igarapé Mirim é um município que tem lá embaixo, né? E lá tinha já grandes títulos de propriedades, por ser uma ilha muito grande, né? Na época esses donos de engenhos tinham escravos e os escravos que não aceitaram mais, pegaram os comboios de botes e fugiram.

Fala da Tiffany:

- Pegaram os comboios de botes?

Fala do Senhor Narciso:

- Botes, botes era um meio de transportes deles, hoje é chamado de barcos, bem mais preparados, antes eram botes.

Fala da Tiffany:

- E a sua família falou que vocês foram de Igarapé Mirim ou de Cametá?

Fala do Senhor Narciso:

- Cametá!

Fala da Tiffany:

- Cametá! Eu estou fazendo esta pesquisa sobre o que o governo queria fazer aqui no rio, seria entre Marabá e Barcarena, só nesse trecho que eles estão agora, mas pode ser maior que isso, então eu tenho que levantar perto de Marabá, Itupiranga, quais empresas irão fazer a dragagem de Marabá até Itupiranga e também fazer a dragagem

total, tirando seixo, areia. E de Baião, seria entre Tucuruí e Baião, mas algumas pessoas pensam que o rio vai muito raso agora, então essa é a proposta. O senhor já ouviu falar dessa proposta?

Fala do Senhor Narciso:

- Já, já houve até movimentos por aí discutindo essa situação eu não participei, mas houve muitas pessoas lá em Cardoso do outro lado do rio onde foi discutida essa situação aí sabe?

Fala da Tiffany:

´- Eu fui nessa viagem (rs) em Cardoso

Fala do Senhor Narciso:

- Agora eu sinceramente eu não tenho detalhes, não tenho informação, né? Agora como ignorante aqui do mato eu acho que uma escavação do rio aí do leito vai prejudicar, porque a análise que a gente faz se tirar a terra de um lugar aí água vai ocupar, ela sai de cá, e isso vai provocar uma seca, nos igarapés e não vai haver onde os peixes procriar, este ano graças a Deus a água foi boa. Deu bastante peixe no Tocantins, mas já teve ano da gente não encontrar peixe no Tocantins, é uma situação muito complicada a barragem na verdade ela tem energia, aqui ta funcionando agora porque tem energia, mas a consequência negativa foi muito maior que o benefício. Tanta gente que sofreu com essa necessidade por causa do pescado porque dependia diretamente do pescado, hoje até que não, mas já morou muitas famílias, aí e que precisava da água, mas a água ficou poluída, uma água podre até hoje ninguém sabe do que era, assim também como o pescado, apesar de que melhorou a quantidade de pescado, mas certas espécie de peixes não existem mais depois do fechamento da barragem desapareceram definitivamente e até hoje não apareceram mais, então tudo isso é prejuízo para a população. E quando se fala em drenagem aí, eu não tenho nenhum conhecimento técnico, eu não tenho informações a respeito, mas creio eu que a população vai sentir o impacto dessa situação aí.

Fala da Tiffany:

- O senhor é pescador?

Fala do Senhor Narciso:

- Não, eu já fui pescador, mas sou aposentado como preguiçoso (rs)

Fala da Tiffany:

- Que bom! Que bom!

Fala do Senhor Narciso:

- Eu tenho a malhadeira aí, mas é só...

Fala da Tiffany:

- Os seus filhos são pescadores?

Fala do Senhor Narciso:

- Netos!

Fala da Tiffany:

- Eu visitei outras comunidades Itaperuçu, Campelo, Varginia, geralmente parece que eles pensam nas ilhas, que pescam diferentes, usam ferramentas diferentes, estratégias diferentes a do grande rio...

Fala do Senhor Narciso:

- É, realmente é.

Fala da Tiffany:

- É diferente! Então vocês também?

Fala do Senhor Narciso:

- É, mais é muito pouco, é que nem lá, só que lá a grande maioria das famílias depende da pesca, aqui é um pouco diferente tem menos quem depende diretamente da pesca, mas tem, tem Umarizal, mas tem Boa vista que é uma outra comunidade aí, que é 75% acredito que é só a pesca mesmo.

Fala da Tiffany:

- Tá ok, ok! Então seria um bom lugar para mim visitar Boa Vista (rs).

Fala do Oberdan:

- Qual o lugar?

Fala da Tiffany:

- Boa vista! Eles dependem mais da pesca lá. **Áh, Boa Vista, entendi. Então vocês dependem menos da pesca.**

Fala do Senhor Narciso:

- **É, a gente depende menos da pesca.**

Fala da Tiffany:

- **É mais uma renda de farinha...**

Fala do Senhor Narciso:

- **Na verdade é mais agricultura, sabe?**

Fala da Tiffany:

- **Agricultura!**

Fala do Senhor Narciso:

- **Peixe, apesar que os meninos vão pescar, mas só é para alimentação, ninguém comercializa.**

Fala da Tiffany:

- **Mas as pessoas pescam aqui?**

Fala do Senhor Narciso:

- **Pescam! Para alimentação...**

Fala da Tiffany:

- **E acho que eu, eu sou, como algumas pessoas tem falado, que há um problema do leito do rio secar e.**

Fala do Senhor Narciso:

- Olha, já existe realmente esse pensamento não sei a razão qual, mas o rio está bastante seco, vou usar o termo indireto, todos os pescadores percebem, quem anda de barco percebe, o rio está mais seco que antes.

Fala da Tiffany:

- Ah, sim! E são lugares, por exemplo, quando alguns peixes somem, os rios são secos eles não conseguem passar...

Fala do Senhor Narciso:

- Não, na verdade, é o peixe se defendendo, por exemplo, se o rio está seco o peixe vai procurar a parte mais funda, ele não vai ficar lá na parte seca, ele vai fugir para a parte mais funda pra se defender, com certeza baseado nisso as coisas vão piorando, ficando mais difícil.

Fala da Tiffany:

- Entendi, então vocês não pescam nas ilhas?

Fala do Senhor Narciso:

- Olha, depende da necessidade, as ilhas, por exemplo, agora não tem pesca nas ilhas, são nas ressacas, nos igarapés... porque a água ainda está grande nos igarapés, então agora a pesca é mais no rio, quando a água fica baixa no rio então aproveita para pescar nas ilhas porque aí a gente vai e pesca.

Fala da Tiffany:

- Então vocês não pescam muito nas ilhas, vocês pescam mais no rio grande.

Fala do Senhor Narciso:

- É! E nas ressacas.

Fala da Tiffany:

- Ressacas! Me desculpe o que é uma Ressaca?

Fala do Senhor Narciso:

- Ressaca! É uma espécie de um rio só que menor, é um rio de água que entra na ilha, mas ela não sai para o outro lado vai e volta.

Fala da Tiffany:

- Então esses ressacas estão dentro das ilhas?

Fala do Senhor Narciso:

- Isso!

Fala da Tiffany:

- Então vocês estão pescando nas ilhas.

Fala do Senhor Narciso:

- Porque pescar nas ilhas tem que se deslocar pra dentro das ilhas e a ressaca não vai e fica no rio sempre, sempre é o rio, ligado ao rio.

Fala da Tiffany:

- Então se fosse a ilha, aqui são os igarapés, vocês não entram no rio é isso?

Fala do Senhor Narciso:

- Agora não tem como pescar no igarapé, porque agora ainda está grande a água no igarapé não dá de pescar, porque para pescar no igarapé você tem que se deslocar para o igarapé. Então, por exemplo, a ressaca ela é larga ela vai finda logo e volta, ela não avança pra dentro da ilha.

Fala da Tiffany:

- A ressaca tem boto?

Fala do Senhor Narciso:

- Isso! Aonde o boto vai também pra ele comer o peixe (rs)

Fala da Tiffany:

- (rs) Eu ouvi, eu ouvi, mas o boto também ajuda, eu percebi porque eu vi alguns pescadores construir uma coisinha aqui na beira do rio, né? Então o boto puxa os peixes pra lá, então ele ajuda também.

Fala do Senhor Narciso:

- Ele empurra os peixes pra lá. Não ele ajuda, eu nunca malinei com boto porque eu pesquei, porque eu acho que o boto é um defensor, é porque se não é o boto, às vezes ele vai lá rasga a malhadeira e o pescador fica zangado porque o pescador quer acabar com o que tem, o boto não pode deixar acabar, ele tá certo tem que defender a parte dele também, ele precisa do peixe pra se alimentar e se acabar o peixe ele não vai se alimentar.

Fala da Tiffany:

- Verdade, verdade, então vocês tem que compartilhar.

Fala do Senhor Narciso:

- Compartilhar e proteger as coisas, não é? Não é só o boto que precisa, o homem também precisa.

Fala da Tiffany:

- Verdade, verdade, então vocês pescam mais nas ressacas... então vocês entram, tem canoa ou rabeta?

Fala do Senhor Narciso:

- Canoa, rabeta.

Fala da Tiffany:

- E quais peixes vocês pescam mais?

Fala do Senhor Narciso:

- Olha aqui as espéciesé pescada, tucunaré, curimatã, branquinha é..., corvina, cariuá

Fala da Tiffany:

- Como é? Cariuá?

Fala do Senhor Narciso:

- Cariuá, Beré

Fala da Tiffany:

- Como é?

Fala do Senhor Narciso:

- Beré!

Fala da Tiffany:

- Eu nunca ouvi falar desse peixe Cariuá ou beré. Já Pescada, Curimatã, Branquinha, Traíra, Cariuá ou Beré, o que mais?

Fala do Senhor Narciso:

- Mapará... essas espécies aí.

Fala da Tiffany:

- Muito obrigado, tem outras coisas que você queria falar sobre dragagem o que poderia acontecer.

Fala do Senhor Narciso:

É aquilo que eu disse eu não tenho conhecimento, assim técnico e nem informação mais precisa, aquilo que eu disse, eu acho que não vai ser bom pra nós, igual a questão da barragem aí que deixou consequências terríveis.

Fala da Tiffany:

- Sim! Então nós chegamos aqui ao fim de nossa entrevista, mas seria possível eu voltar aqui e falar com os pescadores com mais precisão?

Fala do Senhor Narciso:

- É possível sim, posso até dizer que depende é de você, né? O pescador tá se tu chegar lá ele te recebe.

Fala da Tiffany:

- Eu não quero chegar de imprevisto, Oberdan.

Fala do Oberdan:

- Não, a gente vem aqui! Eu vim mais hoje seu Narciso apresentar ela, que ela, foi uma coincidência a gente se reunir em uma coisa assim mais especifica minha, né? Aí ela se deslocou de lá eu achei importante ela passar aqui, né? Que aí ia ser.., como a pesquisa dela tende a se aprofundar aqui eu sempre digo, eu acho que o seu Narciso é um dos lideres mais importantes aqui da região...

Fala da Tiffany:

- Ele falou várias vezes hoje (rs)

Fala do Oberdan:

- Foi, falo várias vezes, e aí é assim, eu fiz essa ponte pra ti conversar com seu Narciso e a partir daí sair daí uma amizade, né?

Fala da Tiffany:

- (rs)

Fala do Oberdan:

- Entendeu, e daí o que puder contribuir, o que tiver de novidade pra poder encaminhar pra comunidade o que puder é importante. E aí já está feita a apresentação, as apresentações foram feitas, se vier de novo e se eu tiver livre eu venho te trazer aqui, não é seu Narciso? Eu venho aqui.

Fala do Senhor Narciso:

- A casa é nossa!

Fala da Tiffany:

- (rs) Tá! Obrigada!

Fala do Oberdan:

- Aliás, tu vem na reunião nossa de lá, no dia que a gente vai pra associação?

Fala da Tiffany:

- Qual dia? Nós podemos discutir.

Fala do Oberdan:

- Aí se tu vieres a gente passa com o seu Narciso aqui.

Fala da Tiffany:

- Tá bom!

Fala do Oberdan:

- Igual eu falei, eu quero que o seu Narciso vá olhar lá que depois que acabar nós vamos fazer uma reunião de avaliação, eu quero que o senhor avalie o que vai acontecer lá, eu preciso dessa avaliação sua, e a partir dessa avaliação é que nós vamos ter um parâmetro pra ver se as coisas acontecem ou não, entendeu? Se dá certo ou se não dá, porque é assim o senhor já está cansado e eu tô quase cansado já, mas ainda não, ainda não vou entregar os pontos.

Fala da Tiffany:

- (rs)

QUADRO CONCEITUAL

Este quadro que apresentamos é a tentativa de sistematizar em forma de tabela a uma visão geral e resumida de um conjunto de informações coletadas sob a forma de conceitos no intuito de organizar e simplificar informações que ao longo da pesquisa se mostraram complexas. Destacamos os conceitos mais importantes que se ressaltam do todo de informações coletadas e que permitem uma comparação fácil entre os diferentes sujeitos da pesquisa, a literatura decolonial. Este quadro sintético é para uso junto com os demais elementos que compõe nosso relatório, apresentações e defesa de Tese, para facilitar a compreensão e visualização dos dados apresentados.

CONCEITO	DEFINIÇÃO DOS SUJEITOS	TEORIA DECOLONIAL	COMENTÁRIO DO AUTOR
EDUCAÇÃO	Para Emanuele Rodrigues (2021) existe uma precariedade na educação local, “nós não vemos por parte das gestões a nível municipal, estadual a questão do investimento, nas zonas rurais, principalmente nas comunidades quilombolas, falando do nosso território. A educação pra gente é esse fator importante, onde o ser humano desenvolve suas habilidades, suas competências, sua formação, e isso é de suma importância aqui pra nós quilombolas, e claro, pode sim ser melhorada, trabalhando as particularidades que nossas comunidades tem, e nossas dificuldades, nossas competências, que são particulares, que são peculiares dos quilombolas, seu modo de vida e a sua forma de ver o mundo. Creio que a melhora só vai acontecer a	<p>Freire (1987) define a educação como um processo de conscientização e libertação, em que o educador e o educando são agentes ativos na construção do conhecimento e na transformação social. Segundo Freire, a educação deve ser crítica, dialógica e problematizadora, buscando a superação das desigualdades e a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.</p> <p>Fanon (1968) discute o papel da educação na construção das identidades coloniais e na resistência à opressão, ele enfatiza a necessidade de uma educação que ajude a descolonizar a mente e a rejeitar as ideologias opressivas impostas pelas potências coloniais. Fanon acredita que a educação deve ser uma ferramenta para a libertação e para a construção de uma nova sociedade</p>	No contato com a liderança passamos a compreender que a educação entre os quilombolas é um processo que valoriza a cultura, tradição e saberes locais das comunidades, é o que se pode apreender da fala da líder em destaque. Podemos entender que há uma tendência a se apontar para a possibilidade destes indivíduos adquirirem uma formação que respeita e contempla as especificidades de cada grupo. Inferimos que para que se atinja este patamar fundamental que, no caso da educação escolar quilombola, o processo seja conduzido por professores capacitados e com formação intercultural, capazes de dialogar com as culturas locais e trabalhar de forma integrada com as comunidades. Neste sentido, a educação quilombola deve ser

	<p>partir de maiores investimentos da parte dos responsáveis políticos, dos responsáveis pela gestão, da forma que a gente foi incluído nos planejamentos, no âmbito da educação, enquanto isso a gente vai ficando sempre na margem, gente tem escolas aqui bastante precárias, onde a gente não tem climatização, espaços apropriados, a falta da educação, da implantação quilombola, falta esse olhar de importância pras comunidades quilombolas pra poder ser melhorado”.</p> <p>Para Márcia Martins (2021), a educação começa dentro de casa, “é o que aprendemos lá dentro e o que mostramos fora dela”. Para ela “hoje em dia a educação é tudo na vida, a pessoa que tem educação ganha o mundo”.</p> <p>Para Claudilene da Rocha (2021), “a educação tem as raízes amargas, mas seus frutos são doces e um dos elementos principais na vida do ser humano”.</p> <p>Para Nilva Arnoud (2021), “educação é respeitar as pessoas, eu acredito que Educação não é só estudar e ter</p>	<p>livre de dominação.</p>	<p>compreendida como uma ferramenta para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, que respeite e valorize a diversidade cultural do país. Como definição ancorada na Decolonialidade a educação decolonial propõe romper com os modelos tradicionais de ensino que privilegiam o conhecimento eurocêntrico e ocidental em detrimento de outras perspectivas e saberes. A educação decolonial deve valorizar as histórias e culturas dos povos marginalizados, promovendo a igualdade e o respeito à diversidade cultural. O que coaduna com o que é definido pela nossa interlocutora. A educação decolonial deve buscar promover a formação de indivíduos críticos e conscientes, capazes de compreender as complexidades do mundo e atuar de forma transformadora na sociedade.</p>
--	--	----------------------------	--

	<p>conhecimento, é poder respeitar a opinião das pessoas, ouvir e depois responder, respeitar ainda que não concorde com a ideologia de cada um, já vi muitas pessoas formadas e ignorante e já vi muito analfabeto educado”.</p> <p>Para Diogo Machado (2021), “educação é a base do conhecimento, nós temos que buscar o que conhecimento, não só o conhecimento empírico mas também o universal de forma gradual. Hoje, muito dos nossos tem formação acadêmica bem avançada, mestrado, doutorado. Com isso, a educação proporciona esse avanço da nossa comunidade. A partir do momento que você tem um conhecimento, você vai em busca de reconhecer, e dentro desse reconhecimento há a possibilidade de passar pra outras pessoas e gerações”.</p>		
RACISMO	<p>Para Emanuele Rodrigues (2021), “o racismo é essa forma discriminatória, preconceituosa de ver o próximo, de julgar alguém pela cor da pele, principalmente falando do racismo pela população negra, a gente sente isso na pele, como comandante quilombola</p>	<p>Fanon (2008) define o racismo como um fenômeno social que cria hierarquias entre as raças, baseado em estereótipos e preconceitos, e que é utilizado para justificar a opressão e a exploração de grupos considerados inferiores. Segundo Fanon, o racismo não é apenas uma</p>	<p>Pelo que se percebe na fala da nossa interlocutora, o racismo é definido em sua forma mais clássica, como forma de opressão que afeta diretamente as comunidades quilombolas, que historicamente foram subjugadas e marginalizadas pelo sistema escravista.</p>

	<p>onde a maioria é da raça negra, tem raízes negras e a gente vê isso como um mal da sociedade, porque isso impede com que essa parcela significativa da população possa alcançar melhores condições de vida, melhores direitos e acaba sendo um fator prejudicial para que a igualdade aconteça”.</p> <p>Para Márcia Martins (2021), o racismo “é uma coisa muito cruel, que ela mesma já sofreu. E que não admite isso com ela e nem ninguém. E ela percebe que hoje em dia ainda temos muitas pessoas que chamam pessoas de preto de forma pejorativa. E que se um dia ela puder entrar em uma faculdade ela irá se apresentar com uma mulher preta que veio da comunidade”.</p> <p>Para Claudilene da Rocha (2021), “acredito que podemos combater o racismo, diminuir a pessoas cometer racismo não e a melhor forma de resolver nossos problemas, o racismo estruturas. Na maioria das vezes as pessoas nem percebem que cometeu racismo, já são práticas cotidianas”.</p> <p>Para Nilva Arnoud (2021), “o racismo é a desigualdade, por que vemos</p>	<p>questão individual, mas sim um sistema de poder que permeia todas as estruturas sociais e que deve ser combatido através da luta coletiva e da descolonização.</p> <p>Para Hooks (1984) o racismo é "qualquer movimento que tenha como objetivo transformar uma estrutura de poder que esteja em desacordo com nossas necessidades e interesses" (Hooks, 1984, p. 25). Esta pensadora enfatiza a necessidade de se engajar em movimentos sociais que buscam a transformação das relações de poder existentes, a fim de atender às necessidades e interesses dos grupos marginalizados.</p>	<p>É fundamental reconhecer a existência do racismo e trabalhar ativamente para combatê-lo, garantindo o acesso pleno dos quilombolas a seus direitos fundamentais e à igualdade de oportunidades.</p> <p>Na literatura decolonial o racismo é uma das principais formas de opressão que sustentam as estruturas coloniais presentes na sociedade atual. Ele afeta de forma desproporcional os grupos marginalizados, como os povos originários, os negros, as mulheres e a população LGBTQIA+. É fundamental reconhecer a existência do racismo e a necessidade de se trabalhar ativamente para combatê-lo, por meio de políticas públicas afirmativas e do empoderamento das comunidades quilombolas. Temos muito bem definido que o combate ao racismo é uma luta coletiva, que requer o envolvimento de todos os setores da sociedade.</p>
--	--	--	--

	bastante diferença entre as pessoas brancas e pretas em questão de emprego e oportunidades”.		
DIVERSIDADE	<p>Para Emanuele Rodrigues (2021), a diversidade “é essa mistura de várias cores, religiões, costumes, práticas, culturas, forma de viver, seria isso, e não muito diferente como falando a nível de país não é muito diferente quando a gente fala de comunidades quilombolas, nós somos diversos também, uma comunidade quilombola não é igual a outra e numa mesma comunidade quilombola a gente tem as diversidades, tem também a questão da variação da tonalidade da pele, a gente tem vários aspectos relacionados a alimentação, a culinária, a questão da religiosidade, as expressões das religiões dentro das nossas comunidades são diversas, as expressões culturais são diversas, a educação também ali da raiz é diversa, então a diversidade seria essa multiplicidade, essa diversidade de coisas”.</p> <p>Para Márcia Martins (2021), diversidade é “quando há diversos tipos de coisas, exemplos</p>	<p>Spivak (2010) define a diversidade como a presença de múltiplas perspectivas e vozes, incluindo aquelas que historicamente foram marginalizadas ou excluídas do discurso dominante. Para Spivak, é importante reconhecer e enfrentar essa diversidade, buscando formas de dar voz e agência às minorias e grupos subalternizados.</p> <p>Em Bhabha (1998) o conceito de diversidade é definido como: "Não um problema ou um objeto de conhecimento, mas uma condição do pensamento e da vida social em nossas culturas híbridas" (Bhabha, 1998, p. 212). Deste modo, a diversidade como uma condição fundamental de nossas culturas híbridas e complexas, que não pode ser reduzida a um mero objeto de conhecimento ou uma questão a ser resolvida. Em vez disso, ele enfatiza a necessidade de se compreender a diversidade como um aspecto inerente ao pensamento e à vida social contemporânea.</p>	<p>Nos diálogos com a liderança e no convívio com a comunidade quilombola da região podemos perceber que a diversidade é uma característica fundamental destas comunidades em todos os seus fazeres que possuem uma grande variedade de culturas, tradições e saberes. É importante ressaltar e ajudar a fomentar essa diversidade, criando espaços de diálogo, como é o caso das associações, para que haja o compartilhamento de conhecimentos entre as comunidades. É fundamental também promover o diálogo entre esta diversidade de culturas dentro das comunidades quilombolas.</p> <p>Na perspectiva decolonial a definição de diversidade está relacionada é uma das principais riquezas culturais do mundo, sendo essencial para a construção de uma sociedade justa e igualitária. É fundamental respeitar e tolerar a diversidade cultural em todas as suas formas, reconhecendo a importância de diferentes culturas e saberes para a construção de um mundo mais plural e democrático. O respeito à</p>

	<p>características pessoais como: cabelo, cor, os gostos rítmicos de cada um, igreja (já que onde mora há uma grande diversidade religiosa). Ela cita o samba de cacete, e as várias formas de sua dança, como, por exemplo, na comunidade do Umarizal”.</p> <p>Para Claudilene da Rocha (2021), temos vários tipos de diversidades, por exemplo; diversidade cultural”.</p> <p>Para Nilva Arnoud (2021), “acredito que se o ser humano tivesse mais amor no coração, ele poderia viver bem melhor, porque a diversidade de raça, de cor, de gênero, é como o mundo é. Então, se cada um fizesse a sua parte, tivesse respeito e amor no coração, nós viveríamos bem melhor. Eu acho que através dessa diversidade que temos no Brasil, nós viveríamos bem melhor. E talvez se as pessoas entendessem isso, não existiria o racismo, não existiria o preconceito”.</p> <p>Para Diogo Machado (2021), “na cabeça das pessoas tá bem claro, é que, ser bonito significa ser loiro, ter o cabelo liso, olhos claros, nariz fino e traços delicados, o eurocentrismo. Então o racismo se mostra pra gente</p>		<p>diversidade deve ser uma prática constante em todas as esferas da sociedade, promovendo a inclusão de todas as pessoas, independentemente de sua origem étnica, gênero, orientação sexual ou outras características pessoais.</p>
--	--	--	--

	<p>assim, é sempre dando conotação que tais indivíduos que pertencem a uma raça são ‘inferiores’, são ‘piores’, mas nós entendemos que não. Não somos melhores nem piores que outras pessoas, nós somos de uma raça, e dentro da nossa raça existem diversas pessoas com níveis de conhecimento diferente”.</p>		
CULTURA	<p>Para Emanuele Rodrigues (2021), a cultura “é esse conjunto de costumes, de tradições acumuladas durante anos, séculos por uma comunidade, por um território, e a cultura não é só as expressões artísticas que tem haver com dança, com a escrita, mas, ela também inter passa pelas expressões relacionadas a saúde, a forma como a gente cuida também na questão da cura, passa também pela questão da produção do nosso alimento, da forma como a gente cultiva a terra até a produção do alimento, e a forma como também a gente se alimenta, e a forma como a gente se relaciona também um com outro dentro das comunidades, a questão pessoal, o relacionamento pessoal de um com outro, também uma forma de expressão cultural, então esse acúmulo de costumes, de tradições e de expressões acumuladas durante o</p>	<p>Achebe (2009) define a cultura como um conjunto de valores, crenças, costumes e tradições que são compartilhados por um grupo social. A ênfase recai na importância da cultura na formação da identidade dos indivíduos e na organização das sociedades, mas também alertar para o perigo da cultura se tornar um instrumento de dominação e opressão.</p> <p>Em Bhabha (1998) a cultura é definida como: "Uma prática social, historicamente contingente, que produz sistemas simbólicos inspirados para a comunicação" (Bhabha, 1998, p. 1). Nesta definição, Bhabha destaca que a cultura não é uma essência fixa ou natural, mas uma prática social histórica e contingente que produz sistemas simbólicos que são alcançados para a comunicação.</p>	<p>Podemos perceber de maneira evidente que para nossa interlocutora a cultura de forma ampla é rica e diversa, assim como de forma específica a quilombola, envolvendo uma variedade de práticas e expressões artísticas, religiosas, culinárias, entre outras. Ela é fruto da resistência e da luta histórica dos quilombolas contra a escravidão e a opressão. É importante ressaltar que ao longo desta pesquisa podemos perceber que há sempre a percepção de um diálogo que sempre aponta para a necessidade de proteger e preservar a cultura quilombola como parte integrante do patrimônio cultural brasileiro, garantindo o seu reconhecimento e valorização social. É fundamental que a cultura quilombola seja compartilhada e difundida para além das comunidades, confiante para a construção de uma sociedade mais</p>

	<p>tempo e passada de geração pra geração”.</p> <p>Para Márcia Martins (2021), a cultura “se expressa no samba de cacete, o costume de plantar maniva, a colheita da mandioca para o preparo da farinha, os festivais quilombolas no mês de novembro onde é tratado a consciência negra”.</p> <p>Para Claudilene da Rocha (2021), “temos cultura Quilombolas, samba de cacete carimbó grupos músicas grupo de danças”.</p> <p>Para Nilva Arnoud (2021), a cultura “é umas das coisas assim que eu mais admiro, principalmente a nossa cultura, a cultura dos pretos. Gostaria de trazer para cá os projetos sociais através de oficinas e trazendo também junto a capoeira porque eu vejo que através da nossa cultura eu vejo que a gente pode tá tirando o foco dos nossos jovens da rua. Eu me emociono quando falo, porque sempre levo comigo uma música de um parceiro nosso chamado Raimundo que é lá do quilombo de Jutaí. A Digo assim, que eu sou preta, mas eu sou prioridade quero ser reconhecida pela minha identidade.</p>	<p>diversa e inclusiva.</p> <p>A cultura na perspectiva decolonial, como percebido em nossa referência, busca valorizar e dar espaço para as expressões culturais de grupos historicamente marginalizados, promovendo uma ruptura com as estruturas e ideias eurocêntricas que dominam a cultura ocidental. É fundamental que a cultura seja respeitada e valorizada em sua diversidade, contemplando uma ampla variedade de práticas e expressões artísticas, religiosas, culinárias, entre outras. Percebemos aqui um diálogo entre a definição de nossa interlocutora e a definição na literatura. A cultura é vista, neste sentido, como uma forma de resistência e luta contra a opressão e a desigualdade, promovendo a valorização e o empoderamento das identidades e culturas marginalizadas.</p>
--	---	--

	<p>Portanto, sou evangélica, mas eu respeito a cultura do meu povo”.</p> <p>Para Diogo Machado (2021), “o segmento da cultura quilombola é tão importante quanto a respiração. Todos os segmentos da nossa cultura são de fundamental importância para todos os quilombolas, é comum no nosso Quilombo a tentativa de resgatar a cultura de nossos ancestrais, por exemplo, quando pesquisamos algo e percebemos algo que não foi possível "criar" baseamos naquilo que já viveu nosso antepassado como várias culturas que permanece no quilombo e vem de nossos ancestrais. Temos como vertente a cultura ambiental e percebemos que ainda falta muita proteção pois é muito explorada, o que é muito prejudicial a nós quilombolas”.</p>		
COLONIZAÇÃO	<p>Para Emanuele Rodrigues (2021), “colonização é esse processo de tomada dos territórios por povos diferentes daqueles que o habitam, e nesse processo de colonização a gente consegue enxergar uma tomada também dos costumes, das tradições, e isso implica, modifica a forma como aquele povo originário daquele lugar vivia, ocorre uma transformação e uma</p>	<p>Césaire (2010) define a colonização como um sistema de dominação política, econômica e cultural em que uma potência estrangeira exerce controle sobre um território e seus povos nativos. Césaire criticou o impacto desumanizador da colonização, que viola os direitos humanos, culturas e ecossistemas, e subjuga as pessoas colonizadas.</p>	<p>Podemos entender na fala em destaque a colonização é apresentada como ação de opressão e violência a partir do olhar da liderança quilombola, e que a população negra foi subjugada e escravizadas durante séculos na história do mundo. É importante reconhecer a história de opressão e exploração que a colonização representou para os povos negros, desvalorizando e respeitando</p>

	<p>perda dos princípios ou daqueles valores enraizados a partir do momento em que é colonizado por um povo diferente, o povo originário acaba perdendo a essência ou sendo impedido de exercer a sua essência, isso de fato não ocorreu de forma mais eficiente, ainda bem, falando do povo negro e quilombola, mas sim, de certa forma foi prejudicial e ainda é prejudicial, mas acaba sim atrapalhando a forma de vida do povo originário daquele local por conta dessa colonização”.</p> <p>Para Claudilene da Rocha (2021), colonização “significa ocupação. O nosso quilombo foi ocupado de uma forma bem estratégica, os nossos ancestrais eram inteligentes e lutavam pela sua sobrevivência com muita resistência, por ocuparem espaço longe das grandes capitais até hoje o poder público não atua de forma atuante dentro do nosso Quilombo”.</p> <p>Para Nilva Arnoud (2021), a colonização “é muito complexa principalmente em nosso território quilombola porque há muitas pessoas ainda com espírito de individualismo”.</p>	<p>Para Mignolo (2003)“a colonização é o processo histórico-político que, no contexto moderno, começa com a conquista do continente americano pelos europeus em fins do século XV e que continua com a expansão do capitalismo europeu pelos quatro cantos do planeta" (Mignolo, 2003, p. . 28).Mignolo destaca que a colonização é um processo histórico-político que teve início com a conquista do continente americano pelos europeus no final do século XV e que continua com a expansão do capitalismo europeu pelo mundo.</p>	<p>sua cultura e história.</p> <p>A perspectiva decolonial é muito crítica da colonização europeia pelo mundo, em especial na América Latina, este processo representou uma das maiores violências históricas cometidas contra os povos originários e negros, subjugando suas culturas e impondo valores e ideias eurocêntricas. É fundamental promover a descolonização do pensamento e das estruturas sociais, questionando e desconstruindo as ideias eurocêntricas que ainda dominam a sociedade. Além de proteger e promover a autonomia e a identidade negra dentro das comunidades quilombolas, criando espaços seguros e livres de discriminação, e reconhecendo a importância da luta contra a colonização para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.</p>
--	---	---	--

	<p>Para Diogo Machado (2021), “a colonização do Brasil começou com a escravidão de negros da qual somos descendentes, muitas das comunidades quilombolas são descendentes desse povo escravo, tendo negros de diversas regiões da África. A colonização trouxe pessoas de muitas regiões, principalmente vindas da África para fugir da opressão escravista”.</p>		
LIDERANÇA	<p>Para Márcia Martins (2021), “É onde eu estou, em questão de posto, pois depois de 30 anos me doei a direção do Arqib e fiquei 4 anos na posição de coordenação da comunidade. Me sinto uma líder como minha tia Nilva que é presidente da Arqib”.</p> <p>Para Claudilene da Rocha (2021), “ser liderança pra mim não está sendo uma tarefa fácil, o serviço social exigem muito, tanto tempo como também você precisa tá preparado psicologicamente , são muita cobranças ,mas e satisfatório quando somos reconhecidos”.</p> <p>Para Nilva Arnoud (2021), sobre liderança: “Fácil não é! Pra você liderar em um território quilombola</p>	<p>Mignolo (1991) aborda a questão da liderança de modo a criticar as noções eurocêntricas defendendo a valorização das formas de liderança de outras culturas. Mignolo argumenta que a liderança não deve ser entendida apenas como uma posição de poder, mas como uma responsabilidade social e ética que envolve a escuta atenta, a empatia e a compreensão das diferentes perspectivas e necessidades dos liderados.</p> <p>Para Mohanty (2003) discute liderança a partir da importância de se pensar em lideranças que não sejam hierárquicas e centralizadas. Segundo Mohanty, a liderança pode ser entendida como uma prática política que valoriza a igualdade e a diversidade, e que busca promover a justiça social. Em vez de se concentrar</p>	<p>De acordo com a narrativa dos nossos sujeitos a liderança é fundamental para as comunidades quilombolas, pois é através delas que os desafios e demandas são identificados e os objetivos traçados são alcançados. Compreendemos que é importante que se promova e incentive a liderança dentro das comunidades quilombolas, posto que através disso podemos criar espaços de diálogo e formação de novas lideranças capazes de representar os interesses e necessidades das comunidades. A ferramenta para tal é a garantia da participação democrática e a inclusão de todos os membros da comunidade nas decisões e ações lideradas. Na literatura decolonial o conceito de liderança é tido como muito importante para a luta decolonial, pois é</p>

	<p>“você tem que aplicar as coisas como elas devem ser, porque muitos estão em um território quilombola, mas eles não sabem o que é ser quilombola. Ser líder não é tão fácil pra gente, mulher, quanto para os homens. Eu sofro muito com isso, muito preconceito, muito machismo da parte de alguns homens, achando que não somos capazes. Então é uma situação muito difícil, mas gratificante porque tu pode fazer alguma coisa pelo teu povo e essa é uma das melhores formas de tu fazer algo pelo seu povo, estando na liderança”.</p> <p>Para Diogo Machado (2021), “um líder não nasce pronto, ele será reconhecido pelo trabalho que vai está desenvolvendo ao longo do tempo diante de uma comunidade quilombola, tenho 4 anos de gestão na diretoria da comunidade quilombola, agora sou secretário de cultura pois percebemos que precisamos fortalecer a cultura do nosso território, é de fundamental importância trabalhamos com liderança”.</p>	<p>em indivíduos que ocupam posições de poder, a liderança valoriza a colaboração, a solidariedade e a construção de redes de apoio.</p>	<p>através dela que as ideias e práticas descolonizadoras são promovidas e fortalecidas. O incentivo para a que se funde novas lideranças negras e indígenas é bastante evidente, pois garante a participação democrática e a inclusão dos membros da comunidade nas decisões e ações lideradas, além de promover a descentralização do poder e a valorização de diferentes perspectivas e saberes.</p>
SER QUILOMBOLA	<p>Para Emanuele Rodrigues (2021), “falar de quilombo é falar da resistência, tem esse significado de</p>	<p>Munanga (999) define quilombola como uma pessoa descendente de africanos que se estabeleceram em</p>	<p>Na narrativa dos nossos sujeitos podemos perceber que “ser quilombola” significa pertencimento a</p>

<p>resistência, desde sua formação até os dias atuais, porque ele se formou a partir da resistência ao sistema daquele momento que era escravocrata, onde esses povos escravizados se juntavam num local pra fugir daquele sistema, e vale lembrar que o quilombo não era apenas formado por negros escravizados, mas também acolhia outra etnia que estava no momento que era os indígenas, onde havia esse compartilhamento daquele local, onde tu que era produzido e criado ali, mas o quilombo é essa palavra de resistência, tem esse significado pra gente, muito forte, quando digo que até os dias de hoje, porque até os dias de hoje a gente resiste e luta contra um sistema que não nos escraviza, mas também é um sistema racista, é um sistema que não nos inclui nas principais pautas e a gente segue resistindo e é um ambiente de compartilhamento, de vida em comunidade, nossas produções, nossas relações com o meio ambiente que é totalmente maravilhosa, a gente tem o meio ambiente como nossa fonte de renda e de vida, e esse é o significado de resistência”.</p> <p>Para Márcia Martins (2021), “ser quilombola é algo forte, pois lembra o</p>	<p>comunidades autônomas, chamadas quilombos, durante o período da escravidão. Ele destaca a importância dos quilombos na resistência e na preservação da cultura e da identidade dos africanos escravizados e de seus descendentes, e defende a valorização e o reconhecimento dessas comunidades como parte da diversidade cultural do país.</p> <p>Para Grada Kilomba o conceito de "quilombo" tem suma importância para e sua importância para a resistência negra. Segundo esta autora, ser quilombola é uma condição que se refere à experiência histórica da escravidão e à resistência negra contra a opressão colonial, é uma forma de afirmar a identidade negra e de resistir ao racismo estrutural presente na sociedade brasileira.</p>	<p>uma comunidade com uma história e cultura própria, que supera seus desafios e resiste à opressão ao longo do tempo. Chamamos atenção para a percepção de que estes sujeitos se colocam como agentes fundamentais na defesa de sua identidade e mantém viva a cultura e a história quilombola, reconhecendo-se como importantes na luta pela liberdade e igualdade dos povos negros em comparação com os demais. Ser quilombola neste sentido implica em lutar pela garantia de direitos e pela preservação de suas terras e dos recursos naturais comunitários, assegurando a continuidade da vida e da cultura locais. A literatura decolonial aponta para a atitude do “ser quilombola” atrelada a resistência à opressão colonial e lutar pela desconstrução das estruturas sociais que ainda perpetuam essa opressão. Implica em proteger e promover a diversidade cultural e a inclusão de todas as pessoas, independentemente de sua origem étnica, gênero, orientação sexual ou outras características pessoais.</p>
--	---	--

	<p>passado em que a mãe dela criou os 10 filhos, isso mostra que é força de resistência deles, para ela ser quilombola é ter esse sangue nas veias de seus antepassados”.</p> <p>Para Claudilene da Rocha (2021), “quilombo significa resistência, organização, amor, paz, tranquilidade, meu cantinho de reflexão”...</p> <p>Para Nilva Arnoud (2021), “a vida nos quilombos é cultura, é coletividade, amor ao nosso chão eu acredito que é basicamente isso”.</p> <p>Para Diogo Machado (2021), “os quilombos nascem por volta de 1875 quando Brasil e Paraguai viviam em guerra, o governo brasileiro ainda não tinha um exército, mas, havia grupos voluntários. Os navios vinham através do Rio Tocantins embarcar pessoas que moravam em pequenos povoados, e essas pessoas que saíam desses pequenos povoados, grande parte passaram a habitar em Igarapé Preto naquela época que hoje em dia é a principal comunidade do território quilombola. Outra comunidade mais antiga é a Igarapezinho, fundada por João José Ramalho e Agezelau que</p>		
--	---	--	--

	<p>vieram do município de Cametá do quilombo de Angapijó pra essa região. E a forma de sobrevivência era através do extrativismo como borracha, castanha do Pará e frutas que contribuíram na sustentação desse povoado, sendo, a caça e a pesca um dos principais produtos retirados para a alimentação”.</p>		
ÁFRICA	<p>Para Márcia Martins (2021), África “é um dos ‘países’ que foram mais escravizados que foi um dos lugares de onde mais veio os escravos, querendo ou não ainda existe a escravidão nesses locais embora não fosse para existir”.</p> <p>Para Claudilene da Rocha (2021), a África “foi de onde nossos ancestrais vieram, mais exato foram retirados de lá, eram Reis e rainha foram arrancados pra seres escravizado. A palavra África significa proeza e valentia”.</p> <p>Para Nilva Arnoud (2021), a África “é o lugar de onde saímos, acho que ela é a raiz de tudo de todos os nossos antepassados”.</p>	<p>Bernardino-Costa (2014) define a África como um continente diverso e plural, composto por diferentes povos, línguas, culturas e histórias. Ele destaca a importância de se superar as visões estereotipadas e monolíticas da África, que a funcionaram como um lugar exótico, atrasado ou homogêneo, e de se superar a riqueza e a complexidade das experiências africanas.</p> <p>Para Achille Mbembe (2013) "África" é um conceito construído ao longo da história colonial, que se refere a um continente geográfico, mas também a uma série de estereótipos e preconceitos. A ideia de uma África "exótica" e "selvagem" foi criada pelos colonizadores europeus como forma de justificar a exploração e a opressão dos povos africanos. Para Mbembe, é</p>	<p>Entre nossos sujeitos a é da África a origem e a história das comunidades quilombolas, que tiveram seus ancestrais trazidos para o Brasil como escravos. É fundamental respeitar a cultura africana, reconhecendo a sua importância na formação da cultura brasileira e na identidade das comunidades quilombolas. A promoção do intercâmbio cultural entre as comunidades quilombolas pode fortalecer a identidade e a autonomia destas. Na literatura decolonial a África representa um continente que sofreu com a colonização e exploração por parte de países europeus, tendo sua cultura e história subjugadas e apagadas. Percebe-se na Decolonialidade a importância em se desconstruir as ideias eurocêntricas que ainda dominam a sociedade, que</p>

	<p>Para Diogo Machado (2021), “foi palco de guerras incentivadas pelos portugueses e outros povos que adentraram escravizaram os povos negros e vendiam, na época em que escravismo era algo legal pelo fato de terem grandes canaviais no Brasil entre outras regiões e continentes. Eles conseguiam travar guerras ou colocar tribos umas contra as outras e usava a população como refém e vender em troca de algum bem material, também eram disputadas batalhas e o vencedor tinha direito de prender a população da outra tribo. Nenhum escravo veio por livre espontânea vontade e sim, por que eram feitos de reféns e servirem a escravidão”.</p>	<p>importante questionar essa construção e buscar novas formas de entender a história e a cultura africanas.</p>	<p>desvalorizam a cultura e a história africanas e que perpetuam a opressão colonial.</p>
DIÁSPORA	<p>Para Emanuele Rodrigues (2021), “confesso que eu tive pouco contato com a palavra Diáspora, mas eu sei exatamente o que significa. A Diáspora seria esse espalhamento dos povos da África, por exemplo, pelos diversos continentes, então eles foram retirados à força, ai houve essa dispersão pelo mundo, e um dos locais foi aqui no Brasil”.</p> <p>Para Márcia Martins (2021), na sua</p>	<p>Hall (2000) define diáspora como um processo histórico e social que se refere ao deslocamento forçado de populações inteiras de seus lugares de origem, seja por razões políticas, culturais ou culturais. Ele destaca a importância da diáspora na formação de identidades híbridas e transnacionais, que resultam da mistura e da troca de culturas e experiências, e que desafiam as noções essencialistas e fixações de identidade.</p>	<p>Apesar de ser um termo pouco conhecido entre nossos sujeitos, de maneira superficial a diáspora é definida como uma espécie de trajetória dos indivíduos das comunidades quilombolas, que foram arrancados à força da África e trazidos ao Brasil como escravos. Na literatura decolonial a diáspora representa a violência e a exploração que foram impostas aos povos africanos, sendo um símbolo da opressão colonial e da perda da</p>

	<p>comunidade “foi um lugar aonde os escravos vinham e se refugiavam, até hoje existe um igarapé que tem um pau lá que era só um caminho para eles virem e se esconderem para esses rumo. Aqui o Igarapé preto era conhecido como rio grande e aí era aqui onde eles vinham e se refugiavam pra cá daí tem mais lá em baixo no sitio da sua avó que também era um dos pontos onde eles iam se esconder, é assim mais ou menos a história do Igarapé Preto”.</p> <p>Para Claudilene da Rocha (2021), “diáspora é alegria, resgate. Por ser uma mãe, mulher preta e resistir todo o racismos estrutural e seguir de cabeça erguida com muito orgulho do que sou”.</p> <p>Para Nilva Arnoud (2021), sobre a diáspora, “vou responder por mim, eu moro no meu quilombo por amor a ele. Então eu gosto muito de trabalhar com doces e salgados, na cozinha, só que eu tenho um amor muito grande por esse lugar. Então, talvez algumas pessoas não saiam daqui por falta de oportunidades, mas eu acredito que outras estejam aqui por amor à essa terra, entende? Pessoas que gostam de</p>	<p>Para Gilroy(2012) a diáspora africana não pode ser compreendida apenas como um processo de distribuição geográfica, mas como um processo de criação de uma cultura negra transnacional que transcende as fronteiras nacionais. Gilroy argumenta que essa cultura negra é baseada em uma "dupla consciência" que surge da experiência da opressão racial e da luta por liberdade e igualdade.</p>	<p>identidade cultural.</p>
--	---	--	-----------------------------

	<p>tranquilidade, eu, por exemplo, gosto muito disso, pra mim, cidade grande é só pra passeio, sou quilombola mesmo, está no meu sangue, na minha raça, então é por amor mesmo”.</p> <p>Para Diogo Machado (2021), “para falar de diáspora vou colocar um fato evidente: nossos antepassados tinham pessoas com dom de curandeirismo, era muito fácil chegar em uma comunidade e que tivesse esses tipos de pessoas, mas o preconceito infelizmente foi algo muito forte. Por mais difícil que seja nós tentamos manter vivo essa cultura do curandeirismo, que é algo muito importante para garantia da espiritualidade da nossa comunidade, as pessoas que geralmente cultuavam não tinham tanto conhecimento teórico e sofriam muita discriminação e hoje temos somente uma pessoa que faz esse tipo de trabalho na nossa comunidade, e a tecnologia vem contribuindo para dispersão de nossas culturas dentro da própria comunidade”.</p>		
VIDA COMUNITÁRIA	Para Emanuele Rodrigues (2021), “gente enxerga essa importância, quando a gente fala da	Quijano (2005) discute a vida comunitária como um aspecto central da resistência e da luta contra a	Entre nossos sujeitos a vida comunitária é um dos pilares da identidade quilombola, onde a

	<p>formação dos quilombos onde seu juntamento visava também somar forças, não apenas o compartilhamento que é também esse significado da vida em comunidade, compartilhamento das produções, do modo de vida, da cultura, mas também agregar forças pra lutar contra o opressor, e essa é a importância, seja pras comunidades quilombolas, seja pra outras comunidades também urbanas, onde essa reunião, essa formação de comunidades é de suma importância para que a gente possa lutar pelos direitos onde todos da comunidade vão estar com o mesmo pensamento ou mesmo ideal e se torna mais fácil conquistar quando é uma comunidade toda, quanto maior o grupo, mais forte”.</p> <p>Para Márcia Martins (2021), a vida comunitária “é quando a gente participa dos eventos que ocorrem na nossa comunidade, dos eventos da igreja, da associação, de encontros e mutirão que têm na nossa comunidade”.</p> <p>Para Claudilene da Rocha (2021), “é respeitar os representantes da minha comunidade, sempre buscar melhorias,</p>	<p>colonização. Ele destaca a importância das comunidades indígenas e afrodescendentes na construção de formas alternativas de vida e de organização social, motivadas na solidariedade, na reciprocidade e na cooperação, e que desafiam as estruturas de poder colonial.</p> <p>ação e a exploração capitalista.</p> <p>Escobar (2018) discute a vida comunitária como forma de organização social baseada na reciprocidade, na interdependência e no cuidado mútuo entre os membros de uma comunidade. Essa forma de vida valoriza as relações de parentesco, a conexão com a natureza e a preservação dos saberes e tradições locais. Escobar argumenta que a vida comunitária é uma alternativa aos modelos dominantes de desenvolvimento que enfatizam o individualismo, a competitividade e a maximização dos lucros em detrimento da sustentabilidade e da justiça social. Segundo Escobar, a valorização da vida comunitária é fundamental para a construção de um mundo pluriversal, ou seja, um mundo onde as múltiplas formas de vida, conhecimento e práticas sociais são valorizadas e respeitadas. A vida comunitária é uma forma de</p>	<p>comunidade se organiza e se sustenta de forma coletiva, mantendo a cultura e os valores tradicionais. A vida comunitária se mostra como algo muito importante para a garantia de direitos e para a defesa das terras e dos recursos naturais das comunidades, assegurando a continuidade da vida e da cultura. Na literatura decolonial a vida comunitária é uma forma de resistência contra a individualização e o isolamento promovido pela sociedade capitalista, valorizando a coletividade e a solidariedade. A vida comunitária é importante para a promoção da diversidade cultural e para a inclusão dos indivíduos no grupo social.</p>
--	---	--	---

	<p>lutar sempre por política pública, levar o nome da minha comunidade com muito orgulho. A meta é que crescemos conhecimento, expectativa de dias melhores pro nosso Quilombo”.</p> <p>Para Nilva Arnoud (2021), “a vida comunitária, consegui ganhar dos meus amigos digamos que uma ‘cesta de quilombo’, com farinha, verdura, beiju de massa, tapioca. O espírito comunitário do quilombo é quando alguém falece e a comunidade se mobiliza, cada um leva uma coisa, um leva açúcar, outro leva café, outro leva arroz, pra ajudar aquela família que está em luto. É quando alguém adocece e nós passamos fazendo ‘vaquinha’ nas casas. É o quilombo se unir muitas vezes pra uma limpeza das ruas através das nossas coletas. E o quilombo ainda tem aquela questão, que já está se perdendo, mas a questão do multirão pra roçar. Essa é a vida comunitária no quilombo”.</p> <p>Para Diogo Machado (2021), “essa a questão da vida comunitária tá no sangue né, porque quando eu retornei em 2008 para 2009 aqui para morar na comunidade já de forma concursada, eu consegui chegar na comunidade de</p>	<p>resistência aos modelos hegemônicos de desenvolvimento e uma forma de construir alternativas mais justas e adequadas.</p>	
--	---	--	--

	<p>Igarapé Preto, vim pra minha comunidade de Igarapezinho, mas foi concursado pela comunidade de Igarapé Preto, para trabalhar na unidade de saúde do município de Oeiras do Pará. Encontrei aqui a sede ou encontrei aqui o título coletivo, somente o título coletivo da Associação Remanescente de Quilombo de Igarapé Preto a Baixinha e ARQIB, então eu passei 2008, 2009, 2010, eu só entrei para associação, para direção da associação em 2012 final de 2012 com a eleição que teve pra diretoria”.</p>		
IMPERIALISMO	<p>Para Emanuele Rodrigues (2021), “quando a gente estuda história, a gente tem esse conceito do imperialismo como os países, determinados continentes expandindo seus territórios e conquistando novos povos e nações, mas o ponto chave seria essa noção que o imperialismo tinha de superioridade sobre outros povos, de domínio, então principalmente o imperialismo europeu que dominava um determinado povo, um determinado país, mas empunha também a sua superioridade sobre aquele povo, impondo a religião, o costume do povo dominador sobre o</p>	<p>Said (1993) define o imperialismo como um sistema político, econômico e cultural que busca controlar e dominar outros povos e territórios, a fim de garantir vantagens e interesses para a metrópole. Ele destaca que o imperialismo não se restringe apenas às relações de poder entre as nações, mas também se expressa nas produções culturais, nas representações estereotipadas e exóticas dos povos colonizados, e na imposição de valores e normas ocidentais como ocidentais.</p> <p>Césaire (2010) define o imperialismo como "o conjunto de práticas políticas,</p>	<p>Para nossos sujeitos o imperialismo representa nosso processo de colonização, a dominação política e econômica de países poderosos sobre os outros povos e seus descendentes, incluindo as comunidades quilombolas. São visíveis os impactos do imperialismo na vida das comunidades quilombolas, que enfrentam a exploração de seus recursos naturais, a perda de terras, a violação de seus direitos e a opressão colonial. É importante destacar que tais comunidades e suas organizações têm resistido muito na luta contra o imperialismo, buscando a garantia de</p>

<p>dominado, não validando o que já tinha naquele local como cultura, como relação com o meio ambiente, então esse seria o ponto crítico, e a gente vê isso como algo negativo pros povos dominados”.</p> <p>Para Márcia Martins (2021), “imperialismo tem a ver com melhorias tecnológicas, melhoria de vida, e as ideias deles venham ser ouvidas, que não venha ser como os tempos antigos que eles não tinham essa voz que eles não tinha esse lugar de fala”.</p> <p>Para Claudilene da Rocha (2021), imperialismo “é uma dominação política cultural de dominação de um líder local, ainda no século 21 existem esses líder que imperam no nosso mundo, e trouxe muita consequência para o nosso país, são ratinhos que querem dominar o mundo e tomar os nossos recursos naturais”.</p> <p>Para Nilva Arnoud (2021), “sobre o imperialismo é o que acontecia desde antigamente no cenário da África o que faziam com nosso povo é algo revoltante, tiravam as pessoas de sua terra e traziam para um país pra ser</p>	<p>agressivas, militares e culturais utilizadas por uma nação para expandir seu poder e influência sobre outras nações ou territórios”. Este autor argumenta que o imperialismo é inerentemente violento e opressivo, pois busca submetê-lo e controlar os colonizados em nome do lucro e do poder. Ele também se destaca como o imperialismo europeu e a escravidão africana foram essenciais para o desenvolvimento do capitalismo e da modernidade ocidental.</p>	<p>seus direitos e a promoção de uma sociedade mais justa e igualitária. Para a literatura decolonial o imperialismo em sua definição obedece ao mesmo sentido de continuidade do processo de colonização que ainda se mostra como processo que se desenrola até os dias atuais.</p>
---	--	--

	<p>escravizados, eu as vezes fecho os olhos e imagino o quanto nossos antepassados sofreram”.</p>		
<p>EXPLORAÇÃO</p>	<p>Para Emanuele Rodrigues (2021), “é uma das consequências do imperialismo, é a parte do momento em que eles expandiam e descobriam novas nações e lugares, havia essa exploração, não só de recursos naturais, como minérios, vegetação, madeiras, mas também a exploração cultural, a exploração da mão de obra humana que aqui no Brasil foram o dos negros e indígenas, então eu vejo a exploração que tem um significado positivo em outros contextos, existem explorações sustentáveis, mas nesse contexto advindo do imperialismo, só conseguem ver conceitos negativos, a gente só consegue associar a questões negativas, principalmente quando a gente pensa no tanto de exploração que houve no contexto dos nossos antepassados negros e indígenas”.</p> <p>Para Márcia Martins (2021), exploração “tem a ver desde o desmatamento das áreas onde eles habitam e não só na região deles que a o desmatamento mas em diversas regiões quilombolas. Para ela se eles é</p>	<p>Mignolo (2003) discute a exploração econômica, cultural e epistêmica imposta pelos sistemas coloniais e como isso afeta as perspectivas dos povos colonizados. Mignolo analisa como o processo de colonização estabeleceu um sistema de exploração que marginalizou as culturas e saberes subalternos, e como a superação desse sistema requer uma transformação epistêmica e política.</p> <p>Em Rodney (2010) a discussão sobre exploração ocorre a partir da perspectiva econômica. Rodney argumenta, e isto nos serve de exemplo de exploração, que a África foi subdesenvolvida pelo colonialismo europeu, que explorou os recursos do continente africano em benefício próprio, em vez de promover o desenvolvimento econômico africano. Essa exploração foi fundamental para o desenvolvimento do subdesenvolvimento e da pobreza no continente africano. Ele examina as políticas coloniais encorajadoras e como elas foram projetadas para extrair recursos do continente, em vez de desenvolvê-lo.</p>	<p>Pelo que se percebe dos nossos sujeitos a exploração é uma realidade enfrentada pelas comunidades quilombolas, que muitas vezes são mantidas à exploração de seus recursos naturais, trabalho forçado e outras formas de opressão. Na literatura decolonial a exploração é uma das consequências da opressão colonial, onde os povos mais tolerantes e considerados são submetidos à dominação política, econômica e cultural por povos mais poderosos.</p>

	<p>desmatassem mais replantassem aquilo que foi arrancado o problema e o impacto não seria tão grande como é”.</p> <p>Para Claudilene da Rocha (2021), “nosso país foi tão explorado as maioria das nossas riquezas foram levadas pelos os europeus principalmente a exploração do pau Brasil, por ser uma planta também medicinal”.</p> <p>Para Diogo Machado (2021), a exploração “pode ser classificada em diversos fatores, por exemplo, exploração da mata, através da forma de cultivo, hoje utilizamos a queima de uma parte do campo para limpar a área para plantar, o que está errado, pois seria certo uma máquina para trabalhar na área de plantio pois a queima é muito prejudicial para nós, para uma visão do reflorestamento, a Amazônia é um exemplo de exploração pois na minha opinião a Amazônia não é uma área propícia ao plantio, e sim para preservação da mata”.</p>		
POLÍTICA	Para Emanuele Rodrigues (2021), “viver em comunidade já é um fato político, já é uma questão política, e a política visa organizar a vida em	Mbembe (2014) discute a relação entre política e colonialidade, argumentando que o pensamento político moderno é inseparável da lógica colonial de	Para os nossos sujeitos a política é um campo importante para a luta das comunidades quilombolas por seus direitos e pela promoção de uma

	<p>sociedade, as necessidades, os acontecimentos, as normas, só que de fato hoje ela é vista e é deturpada nesse significado de política, então ela não é só o fato de exercer o poder de voto ou eleger um candidato, mas a política é um contexto muito mais amplo, só que essa política precisa pensar e inserir todos, quando a gente fala que ela organiza a sociedade ela precisa dessa forma incluir tudo aquilo que forma a sociedade, todos os povos, todas as culturas e deve trabalhar em cima disso, para que todos tenham benefícios desse sistema político”.</p> <p>Para Márcia Martins (2021), “a política é a volta partido PT lula, ele diz que no governo atual eles são mais visto pelo governo. Que o governo precisa ajudar é ter essa nossa que as áreas quilombolas precisam de ajuda e apoio do governo para que eles venham ter uma qualidade de vida melhor”.</p>	<p>exploração e dominação. Ele propõe uma redefinição da política a partir da perspectiva dos colonizados, buscando superar as estruturas de poder colonial e construir novas formas de convivência e liberdade.</p> <p>Em Maldonado-Torres (2018) a política deve ser entendida a partir de uma perspectiva intercultural, que leve em conta as diversidades culturais e históricas e que busquem construir uma ética política baseada no respeito mútuo e no diálogo entre as diferentes tradições políticas. Este autor destaca a importância da descolonização da política, que implica em desnaturalizar as hierarquias e relações de poder que estruturam as sociedades coloniais e pós-coloniais.</p>	<p>sociedade mais justa e igualitária. Percebe-se, no entanto, que esta é associada a participação ativa no processo político, como na busca por representação em cargos públicos e participação de movimentos sociais e organizações civis que defendam seus interesses. Na literatura decolonial. A política é uma esfera importante para a luta contra a opressão colonial, onde os povos colonizados devem ser protagonistas de seu próprio processo político e buscar a autonomia e independência.</p>
--	--	---	---